

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

LUCIANA BUENO DE ALVARENGA FREIRE

**BELKISS SPENZIERI: UMA FOTOBIOGRAFIA
(1928-2005)**

**GOIÂNIA/GO
2018**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Luciana Bueno de Alvarenga Freire

Título do trabalho: Belkiss Spenziari: uma fotobiografia (1928-2005)

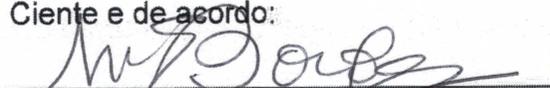
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 15 / 05 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

LUCIANA BUENO DE ALVARENGA FREIRE

**BELKISS SPENZIERI: UMA FOTOBIOGRAFIA
(1928-2005)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração:

- Culturas, Fronteiras e Identidades

Linha de Pesquisa:

- Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História

Orientadora:

- Prof^a. Dr^a. Maria Elizia Borges.

**GOIÂNIA/GO
2018**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Freire, Luciana Bueno de Alvarenga
Belkiss Spenziari: [manuscrito] : uma fotobiografia (1928-2005) /
Luciana Bueno de Alvarenga Freire. - 2018.
304 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Maria Elizia Borges.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História,
Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, fotografias, lista de figuras.

1. Fotobiografia. 2. Belkiss Spenziari. 3. Fotografia. 4. Nhanhá do
Couto. I. Borges, Maria Elizia, orient. II. Título.

CDU 004.3

Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Luciana Bueno de Alvarenga Freire**. Aos 10 (dez) dias do mês de maio de dois mil e dezoito (2018), com início às 14h30min, nas dependências da Faculdade de História, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Luciana Bueno de Alvarenga Freire**, cujo título foi **“Belkiss Spenziari: uma fotobiografia (1928-2005)”**. A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº023/18-PPGH, de 07 de maio de 2018, pelos seguintes Professores Doutores: **Maria Elizia Borges (Presidente)**, **Ana Rita Vidica Fernandes (FIC/UFG)**, **Sônia Maria de Magalhães (UFG)** e, como suplente, **Samuel de Jesus (FAV/UFG)**. Os Examinadores arguiram na ordem acima citada. Às 14h30 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido a candidata... aprovada.....

Profª. Dra. **Ana Rita Vidica Fernandes (FIC/UFG)** Ass.: Ana Rita Vidica
Decisão (aprovada.....)

Profª. Dra. **Sônia Maria de Magalhães (UFG)** Ass.: Sônia Maria de Magalhães
Decisão (aprovada.....)

Presidente da Banca Profª. Dra. **Maria Elizia Borges (UFG)**, Ass.: M. Borges
Decisão (aprovada.....)

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Marco Aurélio Fernandes Neves, secretário do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenadora: Fabiana de Souza Fredrigo
Profª. Drª. Fabiana de Souza Fredrigo

Secretário: Marco Aurélio Fernandes Neves
Marco Aurélio Fernandes Neves

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às instituições que me ajudaram – o Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS-GO), a Academia Goiana de Letras (AGL), o Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC), o Instituto de Cultura Bariani Ortêncio, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano) que, por meio de seu Programa de Incentivo à Qualificação (PIQ), me concedeu uma bolsa por três meses.

Devo também gratidão à minha orientadora Maria Elizia Borges, e à família da Belkiss Spenzieri, em especial, à valiosa contribuição da Maria Alice Rodrigues Siqueira, filha adotiva da musicista. E a todos os amigos da Belkiss que, procurados, fizeram questão de me atender.

Além deles, sou grata à minha família, que soube compreender o pouco tempo que tive para ela durante o período desta pesquisa e me apoiou profundamente em tudo que precisei. Aos que aqui não foram mencionados, deixo meu agradecimento geral, pois cada pessoa que contribuiu, direta ou indiretamente com este trabalho, deixou um laço de amizade que só começou a ser construído.

A fotografia (...) é uma transcrição livre e fragmentária de uma realidade, a partir de uma deliberação extremamente pessoal, de um interesse que pode ser apenas momentâneo por uma coisa ou pessoa, algo singelo ou corriqueiro que, resgatado de sua banalidade, ganha uma nova significação e pode, eventualmente, tornar-se uma síntese indicativa de uma realidade infinitamente mais complexa. (HUMBERTO, 2000, p. 57)

RESUMO

Este trabalho trata sobre a narrativa da história de vida da musicista goiana Belkiss Spenzieri, através da análise de suas fotografias, correlacionando-as com outras do mesmo período. Belkiss nasceu na Cidade de Goiás-GO em 1928 e, criada e incentivada pela sua avó, Nanhá do Couto, no campo da música, mudou-se para Goiânia-GO em 1940, quando deu seu primeiro recital em público, com apenas 12 anos. Em 1942, ela e sua avó foram para o Rio de Janeiro-RJ, a fim de que Belkiss pudesse estudar na Escola de Música da Universidade do Brasil. Em 1945, depois de se formar e do falecimento de sua avó, a musicista voltou para Goiânia para criar um Conservatório de Música em Goiás, como sempre fora o sonho de Nanhá. Assim, ela casou-se em 1946, teve dois filhos e, em 1956, criou o Conservatório de Música, mas o reconhecimento federal deste só se deu em 1959, com a autorização de Juscelino Kubitschek. Belkiss foi aclamada diretora do conservatório desde a sua fundação, até depois da sua integração com a UFG, ocorrida em 1960. E, assim, seguiu em sua carreira de professora e musicista, sempre pesquisando sobre a música brasileira e divulgando os compositores nacionais. Morreu em 2005, com 77 anos de idade, na cidade de Goiânia. Durante toda a sua vida, foi muito fotografada, aqui e no exterior. Por isso, o paralelo com esta fotobiografia se deu com a os fotógrafos que a fotografaram, e o modo de fazer retrato neste período da sua existência. Vários teóricos foram utilizados mas, durante a análise das fotografias, recebeu destaque a metodologia de Arthur Freitas (2004), sob os vieses das perspectivas social, formal e semântica, por ele propostas.

Palavras-chave: fotobiografia, Belkiss Spenzieri, fotografia, Nanhá do Couto

ABSTRACT

This study deals with the narrative of the life history of the Goianist musician Belkiss Spenzieri, through the analysis of her photographs, correlating them with other photos of the same period. Belkiss was born in the city of Goiás-GO in 1928 and she was raised and encouraged by her grandmother, Nanhá do Couto, in the field of music, she moved to Goiânia-GO in 1940, when she gave her first public recital at the age of 12. In 1942, her grandmother and she went to Rio de Janeiro-RJ, so that Belkiss could study at the School of Music of the University of Brazil. In 1945, after graduating and the death of her grandmother, the musician returned to Goiânia to create a Conservatory of Music in Goiás, as it had always been Nanhá's dream. Thus, she married in 1946, had two children and, in 1956, created the Conservatory of Music, but the federal recognition of it only occurred in 1959, with the authorization of Juscelino Kubitschek. Belkiss was acclaimed director of the conservatory from its foundation and after its integration with the UFG, in 1960. And so she continued her career as a teacher and as a musician, always researching Brazilian music and spreading the national composers. She died in 2005, aged 77, in the city of Goiânia. Throughout her life she was photographed, in Brazil and abroad. Therefore, the parallel with this photobiography was with the photographers who photographed her, and the way of doing portraiture in this period of her existence. Several theorists were used but, during the analysis of the photographs, the methodology of Arthur Freitas (2004) was highlighted, under the biases of the social, formal and semantic perspectives proposed by him.

Keywords: photobiography, Belkiss Spenzieri, photography, Nanhá do Couto

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Fotografia da Belkiss..... | 28 |
| Figura 2 – Fotografia do batismo à italiana em Caxias do Sul-RS..... | 29 |
| Figura 3 – Fotografia da Belkiss..... | 30 |
| Figura 4 – Fotografia de Pedro de Alcântara e D. Luís, filhos da Princesa Isabel..... | 32 |
| Figura 5 – Fotografia da família imperial..... | 32 |
| Figura 6 – Fotografia da Cidade de Goiás..... | 34 |
| Figura 7 – Fotografia de família..... | 35 |
| Figura 8 – Fotografia da família Bergstrom Lourenço..... | 37 |
| Figura 9 – Fotografia da Belkiss, em sua primeira comunhão..... | 38 |
| Figura 10 – Fotografia da Belkiss com sua avó, Nanhá do Couto..... | 41 |
| Figura 11 – Fotografia da Belkiss no Carnaval integrando o “Bloco dos Gatinhos”..... | 43 |
| Figura 12 – Fotografia do carnaval de rua na Cidade de Goiás na década de 1940..... | 44 |
| Figura 13 – Fotografia da Belkiss, condecorada como “Rainha dos Estudantes”..... | 46 |
| Figura 14 – Fotografia do interventor Pedro Ludovico Teixeira..... | 48 |
| Figura 15 – Fotografia do Venerando de Freitas Borges..... | 48 |
| Figura 16 – Fotografia da Ambrosina Bueno..... | 49 |
| Figura 17 – Fotografia da Belkiss, com Nanhá e Ceres..... | 49 |
| Figura 18 – Fotografia da Belkiss com sua irmã, Anunciata Orsini Spencieri..... | 52 |
| Figura 19 – Fotografia da Belkiss, aos 15 anos..... | 53 |
| Figura 20 – Fotografia oficial de formatura da Belkiss..... | 55 |
| Figura 21 – Fotografia de casamento de Belkiss e Simão..... | 59 |
| Figura 22 – Fotografia do casamento de Ruth e Sebastião Martins com os padrinhos..... | 61 |
| Figura 23 – Fotografia do casamento de Goianira e Daltro Cezar Lima..... | 61 |
| Figura 24 – Fotografia da Belkiss com seu filho Leonel..... | 64 |
| Figura 25 – Fotografia da Belkiss participando da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais..... | 65 |
| Figura 26 – Fotografia da Belkiss, com Simão e filhos..... | 67 |
| Figura 27 – Fotografia da Belkiss..... | 69 |
| Figura 28 – Fotografia da Goiandira do Couto..... | 71 |
| Figura 29 – Fotografia da formatura da 2ª turma de alunos da Belkiss no Instituto de Música da EGBA..... | 72 |
| Figura 30 – Fotografia da Belkiss com a Orquestra Sinfônica Feminina..... | 75 |
| Figura 31 – Fotografia da Belkiss ao lado de Juscelino Kubitschek..... | 76 |
| Figura 32 – Fotografia de Getúlio Vargas, ao centro..... | 78 |
| Figura 33 – Fotografia da Belkiss, dentre as “10 mais elegantes” de Goiânia..... | 79 |
| Figura 34 – Foto da Belkiss, durante recital..... | 81 |
| Figura 35 – Fotografia do duo Belkiss e Arnaldo Estrella..... | 86 |
| Figura 36 – Fotografia da Belkiss com o maestro Alceo Bocchino..... | 88 |
| Figura 37 – Fotografia da posse da Belkiss na Academia Nacional de Música..... | 90 |
| Figura 38 – Capa e contracapa do disco “Panorama da Música Brasileira para Piano”..... | 92 |
| Figura 39 – Fotografia do lançamento do LP “Panorama da Música Brasileira para Piano”.. | 93 |
| Figura 40 – Fotografia da posse da Belkiss como diretora do Instituto de Artes da UFG..... | 96 |
| Figura 41 – Fotografia da Belkiss Spenzieri, aos 48 anos..... | 100 |
| Figura 42 – Fotografia da Maria Luíza Póvoa da Cruz..... | 101 |
| Figura 43 – Fotografia de Ignacy Goldfeld..... | 101 |
| Figura 44 – Capa e contracapa do disco “Panorama da Música Brasileira para Piano II”..... | 102 |
| Figura 45 – Fotografia do lançamento do LP “Panorama da Música Brasileira para Piano II”..... | 103 |
| Figura 46 – Fotografia da Belkiss tocando na reinauguração do Teatro Goiânia..... | 106 |

| | |
|--|-----|
| Figura 47 – Fotografia da Belkiss com os netos Simone e André..... | 108 |
| Figura 48 – Capa e contracapa do disco “Belkiss Carneiro de Mendonça”..... | 112 |
| Figura 49 – Capa e contracapa do disco “Música de Câmara Brasileira 2” | 114 |
| Figura 50 – Fotografia da Belkiss com o Simão, comemorando o Natal | 115 |
| Figura 51 – Capa e contracapa do disco “Valsas de Camargo Guarnieri” | 117 |
| Figura 52 – Fotografia da Belkiss no lançamento disco “Valsas de Camargo Guarnieri” | 117 |
| Figura 53 – Fotografia da Belkiss com seus três netos..... | 121 |
| Figura 54 – Fotografia da Belkiss, com o embaixador Bayma Denis e Leonel..... | 122 |
| Figura 55 – Capa e contracapa do disco “O Piano Brasileiro/Séc. XIX” | 124 |
| Figura 56 – Fotografia da Belkiss, em casa, com a beca da AFLAG..... | 128 |
| Figura 57 – Fotografia da Belkiss com o Leonel..... | 131 |
| Figura 58 – Fotografia da Belkiss com sua filha, Maria Alice..... | 134 |
| Figura 59 – Capa e contracapa do CD “Panorama da Música Brasileira para Piano” | 135 |
| Figura 60 – Fotografia da Belkiss, no jardim do Palácio do Governo de Goiás | 137 |
| Figura 61 – Capa e parte interna do encarte do CD “Valsas & Sonata”..... | 138 |
| Figura 62 – Capa e parte interna do encarte do CD “Piano Brasileiro – Século XIX” | 139 |
| Figura 63 – Capa e parte interna do encarte do CD “Clair de Lune” | 140 |
| Figura 64 – Belkiss e Lauro Moreira, na Academia Brasileira de Música | 142 |
| Figura 65 – Belkiss, no dia da entrega da comenda da “Ordem do Mérito Anhanguera”..... | 144 |
| Figura 66 – Belkiss em missão cultural no Canadá, integrando a comitiva do governador .. | 145 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFLAG - Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás
AGEPEL – Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira
AGI – Associação Goiana de Imprensa
AGL – Academia Goiana de Letras
AIM – Academia Internacional de Música
APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CD – *Compact disc*
CEP-UFG – Comitê de Ética em Pesquisa da UFG
CFC – Conselho Federal de Cultura
EGBA – Escola Goiana de Belas Artes
EMIG – Eletro Mecânica Importadora de Goiás
FUNARTE – Fundação Nacional de Arte
IF Goiano - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano
IPEHBC – Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central
LP – *Long play*
MEC – Ministério da Educação
MIS-GO – Museu da Imagem e do Som de Goiás
PIQ – Programa de Incentivo à Qualificação
PUC-GO – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
RBC – Rádio Brasil Central
SBMC – Sociedade Brasileira de Música Contemporânea
SEDUCE – Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esporte
SELEGO – Sociedade Goiana de Cultura Latina do Estado de Goiás
UBEGO – União Brasileira de Escritores de Goiás
UCG – Universidade Católica de Goiás
UCSal – Universidade Católica de Salvador
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UnB – Universidade de Brasília
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE IMAGENS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INTRODUÇÃO.....12

CAPÍTULO 1

O DESPERTAR PARA UMA VIDA ARTÍSTICA (1928-1964)27

1.1. O aprendizado dos instrumentos musicais29

1.2. Em busca da profissionalização musical44

1.3. Uma musicista consciente de seus deveres familiares e profissionais57

1.4 Uma profissional empreendedora: o crescimento artístico de Goiânia71

CAPÍTULO 2

A CONSAGRAÇÃO DA CARREIRA (1965-2005)83

2.1. Atuação cultural84

2.2. Lançamento de discos e nascimento dos primeiros netos98

2.3. Novos discos e uma grande perda familiar116

2.4. Reconhecimento profissional nacional e internacional133

CONSIDERAÇÕES FINAIS148

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS152

SITES CONSULTADOS163

ANEXOS167

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa conta a história de vida da musicista Belkiss Spenziari Carneiro de Mendonça (1928-2005), utilizando suas fotografias como suporte principal de análise, contextualizando e discutindo as relações entre a produção fotográfica e os aspectos culturais e sociais que permearam sua trajetória. Além disso, é delineada a atuação dos fotógrafos, principalmente no Estado de Goiás, a partir da década de 1930, em função das fotografias a eles encomendadas. E, ainda, possibilita refletir sobre a importância das imagens fotográficas na reconstrução da história do sujeito fotografado.

Belkiss nasceu na Cidade de Goiás-GO em 1928 e foi criada e incentivada no aprendizado da música, desde pequena, por sua avó Maria Angélica do Couto Brandão, Nhanhá do Couto (1880-1945). Nhanhá criou-se em Ouro Preto-MG, e foi formada na área da música por seu pai, que era maestro e desejava uma carreira para a filha. Depois da morte do pai e mentor, ela conheceu um goiano e se casou com ele, tendo se mudado com o marido para a Cidade de Goiás, com apenas 20 anos. Lá teve três filhas e se esmerou em dedicar-se, não só à família, mas também aos serões musicais, à orquestra para a sonorização do Cinema Luso-Brasileiro, ao clube feminino “Caravana Smart”¹, aos ensaios e concertos beneficentes, às montagens de peças teatrais. No entanto, o ensino foi uma das suas missões mais representativas, alfabetizou adultos e crianças no interior, criou grupos orfeônicos, educou vozes, formou pianistas, em uma iniciativa avançada para a mulher da época. Ela até recebeu a “Medalha da Rainha Elisabeth”, conferida pelo Rei da Bélgica, em 1920 (Fonte: acervo familiar da Belkiss).

Na Cidade de Goiás, no século XIX, houve outras mulheres que souberam atuar de forma a reforçar o seu poder individual ou comunitário. Foi assim que, em 1812, Faustina Maria do Nascimento, uma mulher civil, se tornou administradora do Hospital Real Militar (AGE, 2014, p. 92-96). Pode-se deduzir que ela não tinha grandes recursos financeiros e, ao que parece, não pertencia a nenhuma família de prestígio da região. Além disso, em 1931, foi fundada nesta cidade a Federação Goiana para o Progresso Feminino, filiada à Federação Brasileira para o Progresso Feminino, do Rio de Janeiro-RJ, que visava à emancipação da mulher. A Federação Goiana foi presidida por Consuelo Caiado até 1933, mas com o argumento religioso utilizado pelos inimigos dos Caiado, “com a finalidade de esvaziar o

¹ O Clube “Caravana Smart” foi um grupo feminino criado por Nhanhá do Couto na Cidade de Goiás e que possuía extensa programação cultural, promovia festas de carnaval, bailes à fantasia, peças teatrais etc. (Fonte: acervo familiar da Belkiss).

movimento feminista e a liderança de Consuelo”, ela acabou deixando a Federação (FREITAS, L., 2009, v. 1, p. 486-488). Apesar de Consuelo pertencer à elite, a criação de uma federação feminista nesta época e lugar constata a atuação das mulheres na Cidade de Goiás em prol de sua emancipação política, social e econômica. Infelizmente, ao que parece, não há produção acadêmica específica sobre as mulheres que se destacaram no cenário goiano no século XIX.

Um pouco mais tarde, Belkiss, neta de Nanhá do Couto, contribuiu muito com a cultura goiana, tanto por ter co-fundado o Conservatório de Música em Goiânia-GO, em 1956, mais tarde anexado à Universidade Federal de Goiás (UFG), quando da sua fundação, em 1961, quanto por ter sido uma grande divulgadora da música brasileira no exterior. Destacou-se enquanto musicista, educadora, literata e, também, enquanto pessoa.

Esta fotobiografia surgiu como sugestão da orientadora desta dissertação, a professora Maria Elizia Borges, que chegou a conhecer pessoalmente a Belkiss Spenziari e imaginava que não havia uma história de vida dela já narrada, sendo que a discussão poderia se dar a partir das fotografias da musicista, uma vez que ela foi muito fotografada. Daí teve início a pesquisa para descobrir o que estava registrado e foram encontrados, nos acervos pesquisados, documentos esparsos, muito pouco organizados. Inicialmente, acreditava-se que se poderia encontrar, nos acervos dos principais jornais da cidade de Goiânia, grande parte das informações sobre a vida da musicista. No entanto, grande decepção se mostrou quando se descobriu que todos os arquivos estão fechados e inacessíveis para o público, mesmo para os pesquisadores. Ou seja, seria imprescindível encontrar outros acervos que dispusessem de jornais antigos arquivados. Portanto, novo levantamento foi feito, a fim de se tentar extrair o máximo possível de informações dos novos locais a serem pesquisados.

Assim, para esta pesquisa, as fotos da Belkiss foram utilizadas como fontes, já que ela foi muito fotografada, desde quando era bebê até sua morte. Foram encontrados, no total, 846 retratos da Belkiss (alguns desfocados, deteriorados ou sem informação alguma registrada), e aqui foram utilizados 41 deles, cerca de 5% do total, sendo que estes foram cronologicamente organizados e selecionados por ordem de relevância, entre os mais significativos para sua história de vida. Nesta seleção, também procuramos dar destaque aos fotógrafos, conhecidos ou não, que a retrataram. Desta forma, as fotografias encontradas foram feitas por fotógrafos profissionais e amadores, sendo que os profissionais, em sua maioria, pertenciam ao governo, à Divisão de Cultura da UFG, ou atuavam em estúdio, ou ao ar-livre, como os famosos “lambe-lambe”. Já os amadores a fotografaram principalmente no

ambiente doméstico. Obteve-se, também, a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da UFG (CEP-UFG), por meio do Parecer Consubstanciado (Anexo 1).

Ainda a título de fontes, foram feitas entrevistas orais com familiares e amigos, a fim de esclarecer dados que a documentação acessada não permitiu constatar e preencher lacunas de informação. Também foi imprescindível ler as reportagens escritas sobre ela publicadas em jornais e as informações contidas nas 302² crônicas escritas e publicadas por ela. No momento, estas crônicas foram lidas, mas não é possível deter em sua análise, pois requerem outro trabalho exclusivo, voltado a elas, e assim se poderá entender melhor o seu viés literário, já que suas crônicas trataram sobre a cultura goiana, música, hábitos familiares, casos de amigos, vultos importantes da história, entre tantos outros assuntos. Algumas dessas crônicas foram reproduzidas nos anexos, por contribuírem para a compreensão da sua fotobiografia.

Foram pesquisados os seguintes arquivos: o Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS-GO, integrando a Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte do Estado de Goiás), onde foram fornecidas 31 fotos, uma entrevista da Belkiss ao MIS transcrita (maio de 2001) e um vídeo sobre a artista (Título: “Belkiss Spenziéri – A Essência da Harmonia”; Data: 1998) ; o Instituto Bariani Ortêncio, onde foram encontrados 3 fotos da Belkiss, a 2ª edição do livro de crônicas da artista, “Andanças no Tempo”, publicado em 2006, duas crônicas escritas pelo Bariani e publicadas no jornal O Popular (em 03/02/1994 e 08/04/2005), onde ele a menciona, diversas revistas da época da atuação da Belkiss (1982 a 2006) e vários dos seguintes suplementos literários ou culturais dos jornais: O Popular (de janeiro de 1965 a novembro de 1980), Folha de Goiaz (de abril de 1966 a dezembro de 1978), Cinco de Março (de novembro de 1970 a maio de 1974), Oió (de fevereiro a dezembro de 1957) e o 4º Poder (de maio a dezembro de 1963); o Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC), em Goiânia, onde foram fornecidas 8 fotos da Belkiss, 25 fotos da família e uma edição do jornal Cinco de Março (dezembro de 1959).

Também se pesquisou a Academia Goiana de Letras (AGL), onde foram encontrados 3 fotos da Belkiss, 456 recortes de jornais³, entre crônicas publicadas por ela e reportagens sobre a artista e o acervo da sua família, onde foi possível o acesso aos seus

² Segundo entrevista de uma amiga da Belkiss, Maria Lucy da Veiga Teixeira (2017), as crônicas publicadas no jornal O Popular chegaram a 400, mas em função da impossibilidade de acesso aos arquivos do jornal, só conseguiu-se encontrar 302 crônicas, somando todos os locais pesquisados. No entanto, este número foi considerado bastante significativo.

³ Na medida em que esta vasta fonte primária for sendo utilizada, serão detalhadas as datas e especificados os jornais.

documentos pessoais, a revistas em que seu trabalho foi divulgado, guardadas por ela própria, a um volume organizado com suas atividades e realizações profissionais, a 3 volumes compilados referentes a concertos e recitais (sendo que outros 2 não foram momentaneamente encontrados), a um volume organizado com diplomas e certificados, a 2 volumes com 219 correspondências recebidas de músicos e artistas, a 801 fotos da Belkiss, 208 fotos de familiares, 4 fotos de locais significativos para ela, diversas fotos de amigos e um baú com vários recortes de jornais, fotos e documentos relacionados à sua avó, Nanhá do Couto, e ao seu avô, Manuel do Couto Brandão. Junto à família, também foram encontrados 8 discos gravados pela musicista, sendo 4 LPs e 4 CDs, além de outro CD, gravado pelo amigo Lauro Moreira com declamações de poemas, onde ela fez uma participação especial⁴.

No acervo familiar foram encontrados vários programas das apresentações feitas pela Belkiss, e eles foram aqui utilizados somente para confirmar a importância da sua atuação em favor da música brasileira. Assim, a partir de 1941, foram acrescentados programas e, desde então, percebe-se a quantidade de compositores brasileiros que ela tocava, divulgando-os. Nesta pesquisa, todas as fotos feitas pela autora partiram de documentos originais.

A partir do levantamento das fotografias, foi pesquisado o trajeto profissional e pessoal percorrido pela musicista, investigando as imagens por meio das perspectivas formal, social e semântica, propostas por Arthur Freitas (2004). Segundo ele, a abordagem formal aponta para o entendimento do domínio da técnica, ou seja, trata-se de uma percepção metodológica de isolar a imagem para tentar vê-la por si só. Já a dimensão social é um aspecto inalienável do fenômeno visual, apontando perguntas que tratam a imagem em sua condição de coisa: “onde anda?”, “por que anda por onde anda?”, “que série de efeitos provoca?” e “como funciona?”. Por último, a perspectiva semântica propõe que um “*observador concreto*” atribua significados às imagens de acordo com seus próprios valores e referências (FREITAS, A., 2004, p. 14). Esta metodologia foi considerada base desta investigação, por ter sido a que melhor se encaixou nos propósitos da pesquisa.

Por outro lado, Roger Chartier, ao abordar a noção de representação como importante para a história cultural, diz que “as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente

⁴ O acervo familiar da Belkiss foi pesquisado entre 10 de janeiro a 13 de abril de 2017, na cidade de Goiânia. Atualmente, encontra-se depositado na casa da Belkiss, onde é guardado por sua filha adotiva, Maria Alice Rodrigues Siqueira. Todo o acervo está desorganizado, exceto os volumes organizados em pastas, com suas atividades e realizações profissionais, os referentes a concertos e recitais, um com diplomas e certificados e os que contém correspondências recebidas de músicos e artistas. A maior parte do acervo pesquisado está preservada.

um estatuto e uma posição (...) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.” (CHARTIER, 1987, p. 23). Assim, justifica-se a compreensão de que Belkiss era uma profissional de destaque na sociedade brasileira e goiana e, por isso, foi tão fotografada, já que, naquela época, as pessoas eram pouco fotografadas. Ainda, a própria visualidade estaria de acordo com o modo de se fazer retrato a partir dos anos 1930.

Além disto, outro ponto se apresenta, tratado por Miriam Moreira Leite, que afirma que, para analisar as imagens, é preciso traduzi-las em palavras, o que “acrescenta à polissemia da imagem as ambiguidades provocadas pela alteração do código.” (LEITE, 1993, p. 16). Portanto, depreende-se que são necessárias palavras na análise das imagens; mas, como resultado, tem-se dois códigos distintos atuando juntos, o que deixa uma sombra de dúvidas quanto à sua interpretação.

Paralelamente a este pensamento, faz-se necessário atentar para a falta de inocência dos arquivos, como chama a atenção Derrida (2001, p. 12-13), quando narra que os *arkheions* gregos eram a “residência dos magistrados superiores”, onde os documentos oficiais eram depositados. E lá, os guardiões dos arquivos não cuidavam somente da segurança destes, mas tinham também o direito e a competência de interpretá-los. Apoiando-se neste conceito, pode-se concluir que:

O arquivo, seja de textos, seja de objetos, é fruto de operações políticas e de sentido. Mesmo aquele documento ou vestígio do passado que possa ter chegado até nós por puro acaso foi produzido no seu tempo obedecendo a intencionalidades, ou seja, as evidências em seu próprio tempo são fabricadas. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 25).

Daí analisar com cuidado metodológico as imagens da musicista goiana, considerando suas intenções ao se deixar fotografar e as circunstâncias que envolveram o fotógrafo no instante da foto, já que: “As sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas.” (GEERTZ, 2008, p. 213).

Como principais referenciais teóricos na área da fotografia, foram aqui utilizados os conceitos de Miriam Moreira Leite, onde a autora aponta várias questões relacionadas ao uso da fotografia histórica, considerada por ela como “toda aquela que nos chega às mãos pronta, tendo sido produzida há algum tempo, com relação ao momento em que é analisada pelo observador.” (LEITE, 1993, p. 15). Também foi importante explorar as ideias de Boris Kossoy, já que ele propõe fazer uma “arqueologia do documento fotográfico”, qual seja: a reconstituição do processo que gerou a fotografia e a verificação dos “elementos icônicos que compõem o *registro visual*”. (KOSSOY, 2001, p. 76).

Quanto à noção da imagem enquanto documento, André Rouillé (2009) diz que o *status* de documento foi adquirido devido a uma crença na imagem como prova, na impressão direta do referente. No entanto, entre o real e a imagem, “sempre se interpõe uma série infinita de outras imagens, invisíveis, porém operantes, que se constituem em ordem visual, em prescrições icônicas, em esquemas estéticos” (ROUILLÉ, 2009, p. 19). Para Jacques Le Goff, o historiador deve tomar cuidado ao extrair o documento do “conjunto dos dados do passado”, pois sua própria posição social é menos neutra do que a sua intervenção. E o “documento não é inócuo”, ele é resultado de uma montagem da história e da sociedade que o produziram (LE GOFF, 1992, p. 547). Já Boris Kossoy, concorda com ambos os autores acima, ao afirmar que a fotografia, por ter “gravado na superfície fotossensível o vestígio/aparência de algo que se passou na realidade concreta” deve ser tomada “também, como um *documento do real*, uma fonte histórica.” Mas o documento fotográfico, para o autor, não pode ser compreendido fora do processo de representação em que se originou (KOSSOY, 1999, p. 31). Para esta pesquisa uniram-se os conceitos de Rouillé e Le Goff, considerando a fotografia enquanto documento, sendo este compreendido sem a inocência dos meios que o produziram.

Ainda foi utilizada a publicação do artigo da Ana Maria Mauad (2002), em que ela trata sobre a fotografia e os ritos católicos na elite brasileira, e o livro de José de Souza Martins (2009), especialmente o capítulo em que ele discorre sobre a fotografia e a vida cotidiana. Já Roland Barthes (1984) faz várias “notas sobre a fotografia”, as quais foram bastante úteis neste trabalho, enquanto Bourdieu (1979) aborda a definição social da fotografia e Nelson Schapochnik (1998) fala sobre os álbuns de família. Já Entler (2012, p. 133) diz que “não há intenção ou codificação que livre a imagem de lacunas e sobreposições”. Coelho (2006) traz uma discussão sobre a fotografia profissional no Brasil e Dubois (2003) apresenta conceitos considerados importantes sobre a fotografia, dos quais também se serviu esta pesquisa.

Enquanto isso, Clément Chéroux (2013, p. 13) trata sobre a fotografia vernacular que, segundo ele, se situa fora do que é considerado “digno de interesse” pelas instâncias culturais. Sobre a fotografia amadora, Rouillé (2009, p. 41) diz que ela se deve ao “registro automático” da fotografia, “um procedimento radicalmente novo”, que fez com que a fotografia não sacrificasse nada, capturando tudo. Complementando estes conceitos, François Soulages (2010) diz que “a fotografia está do lado do artificial e não do real”, e ele traz uma discussão sobre o “isto foi encenado” na fotografia. Neste trabalho reunimos os conceitos acima, distinguindo a fotografia profissional da amadora.

Por outro lado, Eduardo França Paiva (2002) aborda a questão de como o historiador deve ler as imagens. Para ele, “a imagem, bela, simulacro da realidade, não é a realidade histórica em si, mas traz porções dela, traços, aspectos, (...) representações, dimensões ocultas, (...) induções, códigos, cores e formas nela cultivadas” (PAIVA, 2002, p. 18-19). Portanto, deve-se aprender a decodificar as imagens, usando de uma postura crítica. Já Koury (2008), discute sobre o emprego da fotografia como objeto de memória. Maria Eliza Linhares Borges (2003) afirma a importância da relação entre a fotografia e a história, enquanto Milton Guran (2002) trata sobre a linguagem fotográfica e suas implicações. Canclini (1983) fala sobre a fotografia como ideologia e Fabris (2009) discorre sobre a pose no retrato fotográfico. Sontag (1981) apresenta uma visão da função da fotografia no contexto social e Humberto (2000) compreende a fotografia como uma “poética do banal”. Todos estes assuntos se tornaram referenciais nesta pesquisa.

Outro ponto importante considerado foi a história do cotidiano e da vida privada, trazido por Del Priore (1997), que diz que “a história não é produto exclusivo dos grandes acontecimentos; ao contrário, ela se constrói no dia-a-dia de discretos atores que são a maioria” (PRIORE, 1997, p. 386). Ou seja, a contribuição na área musical da Belkiss ajudou a fincar os alicerces da música em Goiás, fazendo dela uma grande atriz no transcorrer de sua vida. Além disso, a autora também fala que, nas práticas femininas da vida privada se percebem as relações entre história e cotidiano. Assim, a emergência do capitalismo levou os homens a assumirem a esfera pública, enquanto a atuação da mulher se resumira à esfera privada. “Os homens aparecem inseridos nas relações de produção e as mulheres nas de reprodução, que são diretamente dedutíveis das primeiras” (PRIORE, 1997, p. 388-389). Neste caso, Belkiss foi uma exceção à regra em seu tempo, uma vez que seu marido sempre foi seu grande incentivador, e nunca se opôs a que ela trabalhasse fora de casa.

Entrecruzando estes conceitos, foram utilizados outros textos e autores, do campo da biografia: Jaques Revel (2010, p. 235-248), que trata do problema da biografia histórica; Sabrina Loriga, que afirma que “após um longo período de desgraça, durante o qual os historiadores se interessaram pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou hoje a ocupar um lugar central em suas preocupações.” (LORIGA, 1998, p. 225) e Pierre Bourdieu, pois ele constata que:

A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico; inicialmente, sem muito alarde, entre os etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos. Falar de história de vida é pelo menos pressupor - e isso não é pouco - que a vida é uma história [...]. (BOURDIEU, 1996, p. 183).

Já Contardo Calligaris (1998, p. 48) afirma que “a ideia de que a vida é uma história é moderna” e, por isso, deve ser organizada como uma narração. Ângela de Castro Gomes (2004, p. 7-24) trata sobre a escrita de si e da forma de se utilizar diários, correspondências, biografias e autobiografias como fonte histórica, enquanto Erving Goffman (1985) acredita que os indivíduos tentam controlar a impressão que os outros possam fazer deles, representando um papel em todas as situações que envolvam interação social. Philippe Levillain (1996) diz que a biografia histórica não tem como finalidade esgotar o absoluto do “eu” como já se pretendeu e ainda hoje se pretende. Para ele, “ela é o melhor meio (...) de mostrar as ligações entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade” (p. 176). Por outro lado, Michel Foucault (1992, p. 80) fala que “o autor deve apagar-se ou ser apagado em proveito das formas próprias aos discursos”. Ou seja, ele compreende que o discurso é mais importante do que o autor por si só. Peter Burke (1997) discorre sobre a biografia, desde o mundo antigo, e se refere às vidas “consideradas apropriadas para uma biografia” (p. 87).

Portanto, todos os autores acima creem que, atualmente, tratar sobre a história de vida de alguém é algo digno de atenção por parte da história, e é o que se propõe nesta pesquisa. Com relação à memória, recorreu-se a Paul Ricoeur (2007), já que, para este autor, a configuração de uma narrativa implica refiguração de uma experiência temporal. A narrativa reapresenta um tempo que, no caso da história, pressupõe um pacto com o passado. O texto do historiador tem, pois, uma pretensão de referir-se a um passado real, mas toda a estratégia narrativa de refigurar essa temporalidade já transcorrida envolve representação e reconstrução, ou seja, reinventar o tempo vivido no tempo da narrativa. Dessa forma, a narrativa é um terceiro tempo, situada nem no passado, nem no presente.

Nessa perspectiva, o tempo histórico é uma invenção, segundo Albuquerque Jr. (2007), ficção do historiador que, por meio de uma intriga, refigura imaginariamente o passado. Ricoeur (2007) admite a ficcionalização da história, presente na capacidade imaginária desta narrativa de construir uma visão sobre o passado e de se colocar como substitutiva a ele. Não é possível pensar a narrativa histórica sem esta dimensão ficcional, tanto de quem escreve, quanto de quem lê. É, pois, a representação que organiza os traços deixados pelo passado.

Logo, neste trabalho, a intenção foi reconstruir a narrativa da história de vida da Belkiss, assim como Ricoeur e Albuquerque Jr. propõem, ou seja, admitindo uma “ficcionalização da história”, “refigurando imaginariamente o passado”. Por ser esta uma

fotobiografia, optou-se por uma escrita que parte de fatos cronológicos, aliados às fotografias. Ainda, uma referência que alicerçou esta pesquisa foi o livro de Nádya Gotlib (2014), intitulado “Clarisse Fotobiografia”, que reuniu fotos e documentos da Clarice Lispector, em torno de sua biografia. O trabalho desta autora foi o resultado visual posterior à tese de livre-docência intitulada, “Clarice, a vida que se conta”, defendida em 1993, que associou os momentos mais significativos da vida da Clarice e da produção literária da escritora. Há, também, uma tese de doutorado intitulada “Fotobiografia: por uma metodologia da Estética em Antropologia”, de Fabiana Bruno, cujo enfoque foi reconstruir visualmente as histórias de vida de cinco pessoas idosas, dando ênfase às suas memórias. Para esta autora,

fotobiografia é, pensamos, esse esforço intenso de ordem arqueológica, essa tentativa de descobrir e, na medida do possível, desvendar, camada após camada, imagem após imagem – dentro, embaixo, em cima, nos arredores, nos entrecruzamentos de *figuras* de ordens múltiplas – traços e vestígios de emoções, sensibilidades, sentimentos, sempre, fragmentos da vida de uma pessoa ímpar (BRUNO, 2009, p. 80).

Com relação às pesquisas já feitas sobre a Belkiss Spenziari, até o presente momento, estão disponíveis dissertações na Escola de Música da UFG relacionadas à excelência da sua prática musical e pedagógica (NASCIMENTO, 2012); à evasão do curso de Música, abarcando toda a história do conservatório co-fundado pela Belkiss (CAPUZZO, 2016), e ao desenvolvimento da pedagogia vocal de canto, em Goiânia, no período em que Belkiss atuava no cenário musical goiano como professora e intérprete (FELIPE, 2013). Por isto este trabalho contribuirá complementando pesquisas realizadas com outros enfoques. Assim, espera-se que a sociedade possa compreender, se aproximar, criar intimidade e romper o silêncio que separa passado e presente. Pois, fazer História “é encarar com paixão, indignação e humor estes rostos descritos em poucas linhas de páginas amareladas. É trocar com eles um gesto de revolta, simpatia, de pena, de amor, de horror.” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 213).

Assim, as fotografias, memórias, entrevistas, imagens coletadas possibilitam pensar a conexão entre a fotografia e a musicista, percebendo esta relação na fronteira da subjetividade e da visualidade. Este trabalho foi elaborado de modo a analisar as fotografias da Belkiss, ao mesmo tempo em que sua vida é narrada. Para tanto, foi dividido cronologicamente em dois capítulos, sendo o primeiro de 1928-1964 e o segundo, de 1965 - 2005.

O primeiro capítulo, intitulado “O despertar para uma vida artística”, vai desde o nascimento da Belkiss, em 1928, até 1964, ano em que ela se apresentou por duas vezes no Rio de Janeiro. Nele, objetivou-se contar os marcos mais significativos da formação e da vida da musicista, utilizando, não somente fotos, mas também documentos, como programas de recitais e certidões de nascimento e casamento, além de tratar sobre os fotógrafos responsáveis pelas fotografias. Assim, foram utilizadas 21 fotos, escolhidas entre as mais marcantes para esta etapa da vida dela e analisadas, segundo as linhas teóricas aqui propostas.

Já o segundo capítulo, “A consagração da carreira”, inicia-se em 1965, quando, mais uma vez, ela fez um concerto de intercâmbio no Rio de Janeiro, até 2005, ano de sua morte. A intenção foi continuar abordando sua carreira, fazendo uso, além das fotos, de programas de concertos, capas de discos, matérias publicadas em jornais, cartas recebidas de artistas, tudo isto para explicar sobre os acontecimentos importantes para esta outra etapa da vida dela. Portanto, 20 fotos foram cuidadosamente selecionadas e analisadas, de acordo com os teóricos apontados nesta introdução.

Nos anexos, em geral, encontram-se reproduzidos programas de concertos, que reforçam a atuação da Belkiss no Brasil e no exterior e sua dedicação em divulgar os compositores brasileiros; cartas de artistas, que comprovam seu reconhecimento perante a comunidade cultural; crônicas escritas por ela, a fim de complementar dados de sua história de vida; documentos, que confirmam dados da fotobiografada, e uma entrevista dada por ela.

Como a Belkiss foi uma mulher avançada para a sua época, empreendedora das artes em Goiânia, pretende-se, deste modo, preencher uma lacuna histórica sobre a sua vida que, ao que parece, ainda não foi narrada tão detalhadamente. Mesmo que esta seja uma construção temporária, pois vários fatos ainda permanecem no olvido e necessitam de pesquisas futuras, que venham complementar esta narrativa.

As fotografias que se seguem são as que serão analisadas neste trabalho e que, vistas em sequência, revelam a construção de uma narrativa visual ou a biografia da Belkiss contada por imagens, além de se constituir num microcosmo da história da fotografia, a partir da percepção do uso da fotopintura, das poses nos álbuns de família, das fotos em estúdio, da inserção da espontaneidade no ato fotográfico e da fotografia de imprensa.



1928, Cidade de Goiás (atribuída)



1932, Cidade de Goiás (atribuída)



1933-1935, Cidade de Goiás



1936, Belo Horizonte



1938, Belo Horizonte



1939, Cidade de Goiás



1941, Goiânia



1940-1942, Goiânia



1942-1945, Rio de Janeiro



1943, Rio de Janeiro



1945, Rio de Janeiro



1946, Goiânia



1953, sem local



1954, Belo Horizonte



1954-1955, Goiânia



Início da década de 1950, Goiânia



1956-1958, Goiânia



1959-1961, Goiânia (atribuída)



1951-1954, Goiânia



1963, Goiânia



1964, Rio de Janeiro



1967, Goiânia



1968, Rio de Janeiro



1970, Rio de Janeiro



1971, Goiânia



1973, Goiânia



1976, Goiânia



1977, Goiânia



1978, Goiânia



1980, Goiânia



1983, Goiânia



1984 (atribuída), Goiânia



1985, Goiânia



1987, San José (Costa Rica)



1992, Goiânia



1994, Goiânia



1997, Goiânia



1999-2002, Goiânia



2002, Rio de Janeiro



2004, Cidade de Goiás



2005, Canadá

CAPÍTULO 1

O despertar para uma vida artística (1928-1964)

Belkiss⁵, conforme já foi dito, nasceu em 15 de fevereiro de 1928, na Cidade de Goiás, filha de Belmiro Spenzieri e Dianna Luíza do Couto Brandão Spenzieri, de acordo com sua certidão de nascimento (Anexo 2). Nesta época, o presidente do Estado de Goiás era Brasil Ramos Caiado (FERREIRA, 1980, p. 110-111). Houve eleições no dia 7 de setembro de 1928, quando a oposição queria derrubar os Caiado, mas se viu frustrada, pois as “estruturas de dominação” caiadistas ainda eram suficientemente fortes para não perderem as eleições (CHAUL, 1997, p. 170). Assim, foi neste ambiente de conflitos políticos que ela teve que ir crescendo e conhecendo a realidade local, enquanto se fortalecia como musicista.

Logo após seu nascimento, ainda bebê, foi morar com os avós maternos, Maria Angélica do Couto Brandão e Manoel Luiz do Couto Brandão, pois – segundo entrevista com o filho da musicista, Bruno Spenzieri (2017) – Dianna, a mãe da Belkiss, engravidara novamente pouco depois do parto, e ficou doente, o que dificultou que ela cuidasse da sua filha mais velha, Anunciata, e da Belkiss. Segundo esta última narrou em uma entrevista a um jornal, sua mãe até chegou a buscá-la, mas a avó e as tias ficaram muito tristes, então ela acabou voltando a morar com a avó novamente (SILVA, 2000, p. B-2).

Em 1928, provavelmente na Cidade de Goiás, Belkiss foi fotografada, por um fotógrafo não identificado, como se vê na Figura 1. Ela foi ofertada por Eurico Godói⁶, amigo da musicista, e faz parte de um álbum que ele mesmo montou e deu a ela de presente. Esta autora teve acesso ao álbum completo, na casa da família da fotobiografada. Sobre a fotografia anônima, Miriam Moreira Leite afirma que:

é única e jamais semelhante. É encontrada sem legenda e sem dedicatória e tem de se exprimir sem palavras complementares. Como não pode ser identificada, obriga os historiadores oficiais a aprender a olhar, a sentir e a captar com modéstia diante do acaso, que leva o invisível ao domínio do visível. (LEITE, 1993, p.164).

⁵ Seu nome de solteira era Belkiss Orsini Spenzieri e, depois de casada, passou a se chamar Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça. No entanto, neste trabalho ela será chamada apenas por Belkiss, por ser este seu nome artístico mais conhecido.

⁶ Eurico Calixto de Godói foi um engenheiro arquiteto que atuou em Goiânia entre os anos 1930 e 1980. Nasceu em 1925 em Vianópolis-GO e estudou na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde formou-se em 1951. Quando no Rio, aprendeu a apreciar concertos de música clássica com sua amiga, Belkiss Spenzieri. Voltou para Goiânia logo depois de formar-se e foi o primeiro arquiteto moderno da capital de Goiás. Faleceu em 1993, em Goiânia (OLIVEIRA, Simone B. Camargo de; CAIXETA, Eline M. M. Pereira, 2015).

Figura 1 – Fotografia da Belkiss



Autor não identificado, 1928 (atribuída), Cidade de Goiás (atribuída). Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Assim, tem-se que decifrar todas as incógnitas relativas a uma fotografia anônima. Este retrato, que possivelmente foi o primeiro dela, não parece ter sido feito em estúdio, já que é provável que ela estivesse sentada sobre uma estrutura de alvenaria. Foi feito em preto e branco e posteriormente colorido, provavelmente pelo avô da Belkiss, Manoel Luiz do Couto Brandão, que tinha o hábito de fazê-lo por prazer, segundo narrou a filha adotiva, por consideração, da musicista, Maria Alice Rodrigues Siqueira (2017). O enquadramento foi feito na vertical, colocando a criança em primeiro plano, centralizada, em posição 3/4, aproveitando a iluminação ambiente e emoldurando-a com o cenário, que pouco se mostra.

O bebê, com poucos meses de vida, sorri, sentado sobre a almofada, levemente posicionado e olhando inocentemente para a esquerda, com a mão esquerda na orelha. Somente a cabeça, o braço e mão esquerdos encontram-se visíveis, sendo que todo o restante está coberto por um vestido enfeitado com pequenas flores, bem elaborado, conforme a situação especial exigia. Não podemos afirmar se o formato de losango da foto foi uma escolha deliberada do fotógrafo ou se foi o amigo da Belkiss, Eurico, quem optou por recortá-la assim. Seria esta foto o marco do seu batismo? Sobre este ritual católico, Ana Maria Mauad (2002), afirma que:

Os rituais do batismo, da primeira-comunhão, da crisma e do casamento, na classe dominante brasileira, acompanham a tendência, inaugurada, na Europa do século XIX, de solenidade mundana. O aparato cerimonial na igreja é feito para deixar, para cada um desses ritos, uma lembrança indelével. Devidamente preservada pela imagem fotográfica (MAUAD, 2002, p. 204).

Por ser um rito tão antigo, pode-se verificar, na Figura 2, abaixo, o ritual de um batismo à italiana, em Caxias do Sul-RS, seguindo a tradição da época e do local, assim como a fotografia da Belkiss também o fez.

Figura 2 – Fotografia do batismo à italiana em Caxias do Sul-RS



Autor: Atelier Geremia, 1912, Caxias do Sul-RS. Fonte: PILAGALLO, 2012b, p. 46-47.

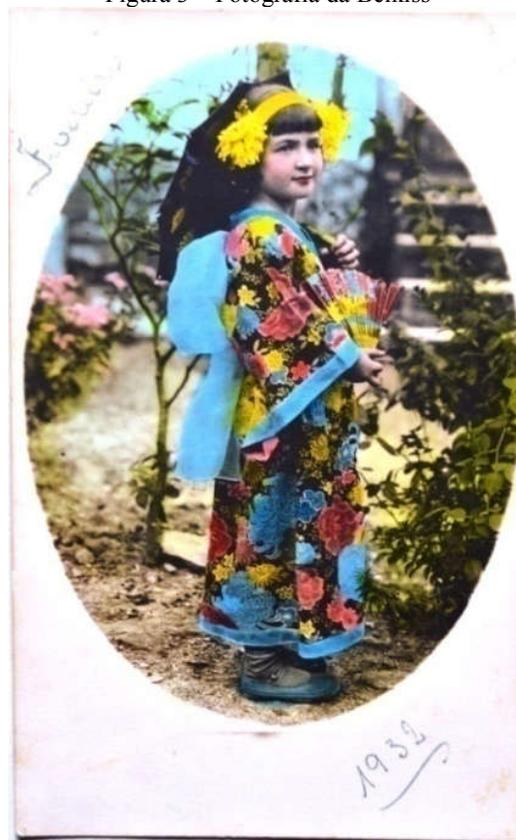
1.1- O aprendizado dos instrumentos musicais

Em 1930, o Brasil sentia na economia o reflexo da crise mundial de 1929. Assim, nas eleições nacionais de 1º de março de 1930, apesar da oposição estar articulada nacionalmente, mais uma vez “as forças dominantes se fizeram valer” e Júlio Prestes venceu com larga margem de votos, derrotando Getúlio Vargas. “Os opositoristas derrotados não estavam, porém, dispostos a aceitar as viciadas regras do jogo político (...). O tempo e as transformações sociais e econômicas exigiam alterações substanciais nas regras políticas (...)” (CHAUL, 1997, p. 172). Em função desta instabilidade política, aconteceu o golpe de Estado em 3 de outubro de 1930, que depôs o presidente Washington Luís, questionou a vitória de Júlio Prestes por suspeita de fraude e concedeu o governo a uma junta militar provisória (BIBLIOTECA...). Esta junta convidou Getúlio Vargas para tomar posse na Presidência da República, fato que se concretizou no dia 3 de novembro de 1930 (NETO, 2012, p. 466).

Em Goiás, houve então uma ruptura entre as oligarquias do sul e do sudoeste com as da capital, o que fez com que as oligarquias divergentes se juntassem à Aliança Liberal e chegassem ao poder em 1930, pela via armada (CHAUL, 1997, p. 174-175). Em 23 de dezembro de 1930, Pedro Ludovico Teixeira⁷ foi nomeado interventor do Estado por Vargas (FERREIRA, 1980, p. 124-135).

Diante deste contexto histórico complexo, a família da Belkiss se preocupava também com a educação da menina, oferecendo a ela tudo o que poderia alegrar uma criança pertencente a uma classe social abastada da Cidade de Goiás. Vê-se, então, a Figura 3, registrada em fevereiro de 1932, quando ela completava 4 anos, tendo sido possivelmente captada em sua cidade natal.

Figura 3 – Fotografia da Belkiss



Autor não identificado, fevereiro de 1932, Cidade de Goiás (atribuída). Fonte: acervo familiar da Belkiss.

⁷ Pedro Ludovico Teixeira nasceu na Cidade de Goiás em 1891. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e lá se formou em Medicina, só retornando ao Estado de Goiás em 1916, onde, na cidade de Bela Vista, começou a exercer sua profissão. Em 1917, mudou-se para Rio Verde-GO e, em seguida, casou-se com Gercina Borges Teixeira. Participou ativamente da Revolução de 1930, sendo que, com vitória dos revolucionários, foi designado interventor de Goiás. Em 1933, foi eleito governador e, com a decretação do Estado Novo, foi novamente designado interventor, em 1937. Após a queda de Getúlio Vargas foi destituído do poder, depois de 15 anos à frente do Estado. Em 1945, foi eleito senador, cargo do qual se desincompatibilizou para assumir novo mandato como governador, em 1951. Em 1954, elegeu-se senador, tendo sido reeleito em 1962. Exerceu este cargo até 1969 e faleceu em Goiânia, em 1979 (ABREU, 2001).

Esta fotografia foi feita em um jardim, utilizando a técnica preto e branco e, posteriormente, colorida, provavelmente pelo avô da musicista, assim como a imagem anterior. Pela qualidade da foto, parece ter sido realizada por um fotógrafo profissional, apesar de não ter sido feita em estúdio. O enquadramento escolhido foi vertical, com Belkiss em primeiro plano, mesclando-se ao jardim. A iluminação é natural e o fotógrafo optou por colocar uma moldura oval branca, que era comum, na época, para dar mais suavidade ao retratado (RIBEIRO, 2016, p. 105). Sobre a foto, foi grafado à caneta “Fevereiro” e “1932”. Como não há nenhuma menção sobre o fotógrafo, nem na frente nem no verso da foto, não é possível tratar sobre o mesmo.

Belkiss porta uma indumentária japonesa, cujo tecido é estampado com flores, com um grande laço nas costas. Seus cabelos estão ornamentados, ela segura um leque e usa meias e sapatos. Encontra-se voltada para a direita, em uma pose lateral, com olhar sereno, porém distante, como a refletir sobre o futuro. Sua boca não expressa um sorriso, mas parece demonstrar satisfação. Esta representação de japonesa estaria vinculada à sua festa de aniversário? Ou seria alguma comemoração da cidade? Poderia também ser uma fantasia de carnaval, considerando que foi tirada em fevereiro. Pode-se deduzir, portanto, que as figuras 1 e 3 são o começo do registro fotográfico desta criança, com a finalidade de preservar a memória, podendo ser classificado, então, como o início de uma coleção de fotos. Sobre a memória, Paul Ricoeur (2007) afirma que está associada à rememoração, mas também ao *reconhecimento* de uma coisa ausente, ou seja, nos dias de hoje, quando se olha estas fotos, se reconhece e se rememora algo ou alguém que já não está lá mais.

Outra fotografia que retratou crianças integra a coleção pessoal do Imperador D. Pedro II, contendo cerca de 30 mil imagens, e que podem levar a conhecer o mundo através delas (DE VOLTA..., 2003, p. 38-43). Trata-se da Figura 4, na qual se vê os filhos da Princesa Isabel, vestidos com roupas de marinheiro⁸, capturada por volta de 1882, em Porto Alegre-RS.

⁸ Em 1860, surgiu o estilo marinheiro, adotado nas escolas que treinavam rapazes para a Marinha. Tal estilo foi rapidamente absorvido pelas crianças burguesas, de ambos os sexos. “Para as meninas, no lugar da calça era usada a saia” (COSTA, 2016, p. 44).

Figura 4 – Fotografia de Pedro de Alcântara e D. Luís, filhos da Princesa Isabel



Autor: Balduin Röhrig, c. 1882, Porto Alegre. Fonte: DE VOLTA... 2003, p. 105.

Para Rubens Fernandes Júnior, a imagem fotográfica “sempre exerceu um poderoso fascínio sobre o homem”, o que justifica a paixão do Imperador pela fotografia e o fato de o monarca ter sempre um fotógrafo integrando sua comitiva em viagens internacionais (DE VOLTA..., 2003, p. 38-41). Algumas delas, tal como a Figura 5, representaram-no com sua família.

Figura 5 – Fotografia da família imperial



Autor: Otto Friedrich Wilhelm Karl Hees, 1889, Petrópolis-RJ. Fonte: KOSSOY, 2002, p. 172.

O acervo pessoal de D. Pedro II, um colecionador pioneiro no Brasil, é integrado pelas obras de importantes fotógrafos da história da fotografia universal, e assim ele criou uma memória visual bem diversificada, incluindo as 126 imagens de viagens da família imperial brasileira (BORGES, M. E., 2015).

Passado o Carnaval, “em 04 de julho de 1932, na cidade de Bonfim (atual Silvânia), Pedro Ludovico fez a primeira declaração pública sobre a mudança da capital (...)” (CHAUL, 1997, p. 200). Mas um acontecimento interrompeu os planos de Pedro Ludovico: a revolução constitucionalista de 1932, onde os revolucionários saíram vitoriosos.

Mas, tendo São Paulo deposto as armas em setembro e restabelecido o clima de normalidade em todos os recantos do País, o Interventor Pedro Ludovico foi ao Rio de Janeiro, onde a 1º de novembro de 1932 concedeu importante entrevista ao “Diário da Noite”, que estampou a manchete: “O ESTADO DE GOIÁS CONSTRUIRÁ EM 1933 A SUA NOVA CAPITAL”. (FERREIRA, 1980, p. 130).

Em 24 de outubro de 1933, foi lançada a pedra fundamental de Goiânia. Depois, em 1935, depois da volta do País ao regime constitucional, reuniu-se a Assembléia Constituinte do Estado de Goiás, que elegeu Pedro Ludovico Teixeira governador de Goiás. Então, em 20 de novembro de 1935, deu-se a instalação do Município de Goiânia (FERREIRA, 1980, p. 142). Assim aconteceu a transferência provisória da capital para Goiânia. Para prefeito da nova capital, foi nomeado Venerando de Freitas Borges⁹, que ficou no poder até novembro de 1945 (PREFEITURA de Goiânia).

Chaul (2009) afirma que Pedro Ludovico abraçou a ideia da mudança da capital como uma estratégia de sobrevivência política (CHAUL, 2009, p. 101). Complementando, Belkiss relatou, em crônica, que, quando foi anunciada a mudança da capital, imediatamente se dividiram as opiniões, na Cidade de Goiás, entre pró e anti-mudancistas, sendo que haviam aqueles que acreditavam que a mudança nunca se daria. Ela assim narrou sua reação: “Eu, menina, ouvia as apaixonadas opiniões, sem poder aquilatar ou mesmo compreender o porquê de tanta emoção.” Inclusive, seu avô, Manuel do Couto Brandão, era contra a transferência da capital, enquanto sua avó, Nhanhá, se

⁹ Venerando de Freitas Borges nasceu em Anápolis-GO em 1907, sendo que em, com quatro anos, mudou-se para Inhumas-GO, onde estudou até 1919. Foi estudar em São Paulo-SP em 1921, e lá permaneceu até 1926, quando formou-se em Contabilidade e se mudou para Uberaba-MG. Não tendo conseguido emprego, voltou para Inhumas. Com 20 anos de idade, foi para a Cidade de Goiás. Lá exerceu as funções de professor, taquígrafo e contador. Casou-se em 1928 e escreveu para diversos jornais locais. Em 1935, foi nomeado primeiro prefeito de Goiânia, permanecendo até 1945. Em 1950, foi eleito prefeito de Goiânia, onde governou até 1955. Faleceu em Goiânia em 1994, com 87 anos (ACADEMIA Goianiense...).

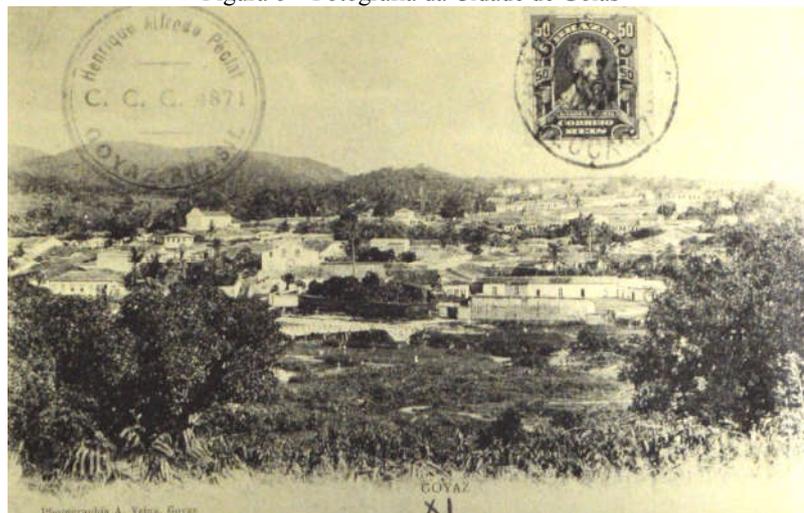
posicionou a favor, pois ela havia presenciado o surgimento da cidade de Belo Horizonte e, como capital do Estado, o progresso que Minas Gerais teve com tal medida. Os anti-mudancistas defendiam que os prejuízos seriam grandes demais para a antiga capital. Assim, causou uma grande comoção quando os órgãos estaduais de lá saíram, e muitos temeram o seu declínio (MENDONÇA, 24 out. 1999), conforme a musicista contou no Anexo 3.

Segundo Chaul (2009), Pedro Ludovico tinha diversos argumentos contrários à manutenção da Cidade de Goiás, enquanto capital de um estado em ascensão. E, depois da transferência da capital, o historiador acredita que Pedro Ludovico atuou para “sepultar” a velha capital (CHAUL, 2009, p. 103-110).

Em 1933, aos 5 anos de idade, morando na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado, Belkiss iniciou seus estudos de piano com a avó Nanhá do Couto e violino com Adelaide Rocha Lima (BORGES, M. H., 1999, p. 62), violinista sobre a qual não foram encontradas maiores informações. Nesta época, um dos estúdios existentes na Cidade de Goiás era o de Alencastro Veiga.

José Alencastro Veiga (1878-1951) nasceu na Cidade de Goiás em 25 de março de 1878 (O VILABOENSE). Segundo Boris Kossoy, foi comunicada a abertura do seu ateliê em julho de 1897, na Rua do Commercio, n. 7, no jornal A Republica (KOSSOY, 2002, p. 316). Estes foram os únicos dados encontrados sobre o referido fotógrafo. A Figura 6, abaixo, representa uma vista da Cidade de Goiás, feita por ele para um cartão postal, em meados de 1905.

Figura 6 – Fotografia da Cidade de Goiás



Autor: Alencastro Veiga, c.1905, Cidade de Goiás. Fonte: KOSSOY, 2002, p. 316.

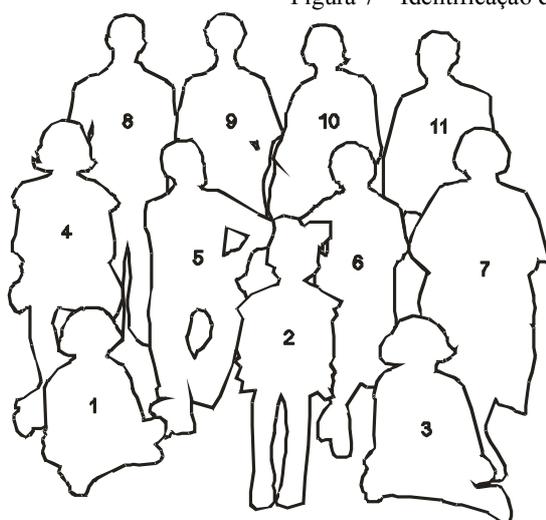
Já a Figura 7, é uma fotografia também tirada por Alencastro Veiga, na Cidade de Goiás. Mesmo em uma época de conturbações políticas, a família da Belkiss fez-se representar. No acervo pesquisado, não havia o registro da data da foto, mas, pela pouca idade dela (entre 5 e 7 anos), atribuiu-se tal imagem ao intervalo de 1933 a 1935.

Figura 7 – Fotografia de família



Autor: Alencastro Veiga, 1933-1935 (atribuída), Cidade de Goiás. Fonte: acervo IPEHBC.

Figura 7 – Identificação da fotografia de família



- 1- Nigel Guido Spencieri
- 2- Belkiss Orsini Spenzieri
- 3- Itabira Noletto Spencieri
- 4- Anunciata Orsini Spencieri
- 5- Manoel Luiz do Couto Brandão
- 6- Maria Angélica do Couto Brandão
- 7- Ceres do Couto
- 8- José de Alvarenga Peixoto
- 9- Hebe do Couto Alvarenga
- 10- Dianna Luíza do Couto Brandão Spenzieri
- 11- Belmiro Spenzieri

Autora: Luciana Bueno de Alvarenga Freire.

Esta foto foi capturada em preto e branco e sofreu uma “viragem em sépia”¹⁰, um recurso plástico muito usado nesta época. O enquadramento escolhido foi o horizontal, centralizando a família, que aparece em primeiro plano, enquanto que, ao fundo, vê-se um muro de pedras sobrepostas, como até hoje se encontra na Cidade de Goiás. A iluminação é natural. Sobre a foto, há uma marca em alto relevo do estúdio fotográfico onde se lê “Foto Alencastro Veiga” e “Goyaz”, o que comprova ser esta uma fotografia profissional.

Trata-se de uma fotografia tradicional de família que, segundo LEITE (1993, p.76), “poderia talvez ser tomada como um equivalente da memória coletiva, como a imagem fixada de um tempo que parou”. Belkiss, em pose frontal, usa uma cor nos lábios, está com os cabelos curtos e um laço branco amarrado no alto da cabeça. Além disto, veste um vestido branco curto, meias claras e sapatos escuros. Ela está sentada entre os avós, em uma pequena banquetta, enquanto seus irmãos Nigel Guido e Itabira Noleto estão sentados no chão sobre um tapete. Os avós e Belkiss ocupam o centro da cena, sendo que os avós estão sentados em poltronas, enquanto Ceres (tia da Belkiss) e Anunciata (irmã da Belkiss) estão sentadas em cadeiras. Atrás, estão dois casais, à direita, os tios Alvarenga e Hebe, enquanto que à esquerda estão os pais da Belkiss, Dianna e Belmiro. Ninguém na foto sorri, exceto Hebe.

Podemos observar que “nem todas as pessoas presentes na fotografia (...) dirigem o seu olhar ao fotógrafo e isso era um modelo europeu de composição de retrato individual que aparece inclusive, em composições fotográficas grupais no Brasil” (NASCIMENTO, S., 2012, p. 42). Ou seja, certamente o fotógrafo Alencastro Veiga, assim como outros fotógrafos brasileiros, se baseava em modelos europeus de representações de família. Segundo Miriam Moreira Leite (1993),

a fotografia permitiu que quase toda gente – não só os mais abastados – pudesse se transformar num objeto-imagem, ou numa série sucessiva de imagens que mantém presentes momentos sucessivos da vida, ou ter presente a memória. No caso das fotos de família, a tentativa é aprender a ler o conteúdo manifesto e conteúdo latente das fotografias e descobrir meios de transmitir essa aprendizagem. (LEITE, 1993, p. 75).

Assim, percebe-se que esta foto congelou a imagem dos familiares em um instante do tempo, e faz parte da memória da família da Belkiss. Ela, com as mãos sobre o colo e posicionada de frente, encara diretamente o fotógrafo. Provavelmente, todos estavam

¹⁰ A “viragem em sépia” ocorre quando a cópia ou o filme fotográfico sofre uma ação química, para que a fotografia se torne sépia. Informações obtidas junto ao Grupo Experimental de Fotografia – GEF 2004 – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (BITT-MONTEIRO).

seguindo uma orientação do fotógrafo. Teria ele pedido para que as crianças não sorrissem ou elas estariam somente cansadas de manterem a pose? Os homens estão de terno e gravata, enquanto as mulheres apresentam vestuário requintado. Esta foto seria uma reunião da família em comemoração? Teria sido realizada no fundo da casa do patriarca Belmiro, uma vez que se vê um muro atrás da família? Para Miriam Moreira Leite (1988, p. 28), esta foto se assemelharia ao “retrato pintado de família, característico do Renascimento”, que foi o precursor do retrato de família.

Além destes aspectos, deve-se considerar que “a reunião de três gerações em um único espaço sugere a ideia de permanência de valores, de continuidade da instituição família, sinônimo de estabilidade social” (BORGES, M. E. L., 2003, p. 56). Assim, tanto na fotografia da família da Belkiss, como nas outras fotos de famílias paulistas da virada do século, encontradas no livro de Míriam Moreira Leite (1993), as três gerações são retratadas, reforçando a tradição. A Figura 8, por exemplo, registra as várias gerações da família Bergstrom Lourenço, em 1909.

Figura 8 – Fotografia da família Bergstrom Lourenço



Autor não identificado, 1909, sem local. Fonte: LEITE, 1993, p. 108.

Segundo relato dos familiares e amigos, Belkiss foi morar com sua avó em Belo Horizonte-MG, não se sabe exatamente em que ano, mas, como há quatro retratos dela naquela cidade (aqui selecionamos dois), é possível afirmar que, de 1936 a 1938 elas estiveram lá. Ainda, corroborando tal informação, a amiga da musicista, Maria Lucy da Veiga Teixeira (2017), confirmou que, quando ambas eram pequenas e já tinham se tornado amigas na Cidade de Goiás, um tio da Maria Lucy foi levar a esposa que estava com tuberculose para tratar-se em Belo Horizonte, e lá se hospedaram em uma pousada que pertencia à Nhanhá do Couto, que lá estava, provavelmente acompanhada por sua neta.

Em Belo Horizonte, em 1936, aconteceu a “Exposição de Arte Moderna” ou “Salão do Bar Brasil”, que já foi uma transgressão por ter sido escolhido um bar para a exposição, negando os lugares tradicionalmente aceitos para a “experiência estética”. Na mesma época da Exposição, estava acontecendo o “Segundo Congresso Eucarístico Nacional”, que estava relacionado com a política dominante, uma vez que a cidade recebia as autoridades as mais representativas da igreja e do governo (VIEIRA, 1997, p. 149-151).

Na década de 1930, em Belo Horizonte, a Rua da Bahia era um excelente ponto comercial na cidade, naquela época, e haviam três comércios voltados para o mercado fotográfico, sendo que um deles era o Leterre (AUN apud CAMPOS, 2008, p. 164). Leterre havia sido um estúdio muito popular no Rio de Janeiro (KOSSSOY, 2002, p. 201), mas, em 1933, este ateliê anunciou seus serviços no jornal A Tribuna, de Belo Horizonte e é provável que tenha permanecido no mesmo endereço até 1938 (CAMPOS, 2008, p. 164).

Então, é possível que Belkiss e sua avó tenham ido até o n. 925 da Rua da Bahia para encomendarem os retratos, tanto em 1936, após sua primeira comunhão (Figura 9), quanto em 1938 (Figura 10), na Photographia Leterre. Com relação à primeira comunhão, Nelson Schapochnik (1998, p. 474) afirma que, muitas vezes, este rito se duplicava: “a primeira, chamada ‘pequena’ ou ‘privada’, feita na idade do discernimento, pelos sete anos; a segunda, denominada ‘solene’, realizada pelos doze ou treze anos”.

Figura 9 – Fotografia da Belkiss, em sua primeira comunhão



Autor: Photo Leterre, 29 de dezembro de 1936 (dedicatória), Belo Horizonte. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Este retrato foi atribuído a 29 de dezembro de 1936, de acordo com a data registrada no verso, sob uma dedicatória ao avô e à tia Ceres. Foi feito em preto e branco, produzido em estúdio, e o enquadramento escolhido foi o vertical, com iluminação frontal. Belkiss aparece em primeiro plano, em posição $\frac{3}{4}$, voltada para a direita, sendo que atrás se vê o cenário pintado, com escadaria e cortinas, muito comum nos estúdios da época.

No verso da foto, ela escreveu a seguinte mensagem: “Ao querido avô e tia Ceres¹¹ lembrança da neta e sobrinha Belkiss” e “Belo H.-29-12-1936”. Há também um código, supostamente do fotógrafo, grafado a carimbo: “16290”. Posteriormente, foi acrescentada a lápis a idade que tinha na foto: “8 anos”. Sobre a foto, há uma marca em alto relevo do estúdio fotográfico onde se lê “Photo Leterre”.

Segundo Brites (2000, p. 168), “fotografias de primeira comunhão incluíam trajes pomposos, semelhantes a roupas nupciais – vestido longo”. Ela veste roupas brancas, usa um véu decorado com flores e segura um terço nas mãos, sendo que está ajoelhada sobre um genuflexório de madeira escura, que forma uma cruz. Sob o véu, podemos ver um pouco do seu cabelo. Iconologicamente, depreende-se que era o dia de sua primeira comunhão, e ela foi até o estúdio de Leterre para registrar tal acontecimento.

Nos anos 1930, “documentar a primeira comunhão remetia (...) a uma dimensão de religiosidade a ser preservada”. Esta religiosidade “pressupunha identificar uma filiação, demonstrando não se tratar de uma criança qualquer” (BRITES, 2000, p. 167). Portanto, era hábito registrar fotograficamente este momento importante para a criança e também para a família. Belkiss fazia parte deste universo católico, e foi registrada em sua fé cristã. Sobre estas fotografias que remetem aos ritos religiosos da vida privada, Nelson Schapochnik afirma que:

Um aspecto surpreendente (...) é o fato de sua ambientação ser um simulacro do cenário sagrado. No exterior dos templos ou, ainda, nas moradas e nos estúdios fotográficos, os figurantes reiteravam os gestos, poses e trajes, expressando uma intenção operatória de reproduzir as imagens do culto. Provavelmente a ausência de retratos feitos no interior das igrejas deveu-se a problemas de ordem técnica

¹¹ Genealogia familiar da Belkiss:

- avós paternos: Genaro Spenzieri e Cecília Orsini Spenzieri
- tios paternos: nomes desconhecidos (nomes dos primos também desconhecidos)
- avós maternos: Manoel Luiz do Couto Brandão e Maria Angélica do Couto Brandão
- tias maternas: Hebe do Couto Alvarenga e Ceres do Couto (sem primos)
- pais: Belmiro Spenzieri e Dianna Luíza do Couto Brandão Spenzieri
- irmãos: Anunciata Orsini Spencieri, Nigel Guido Spencieri e Itabira Noletto Spencieri (SIQUEIRA, 2017)

(iluminação e deslocamento), mas também poderia traduzir a resistência da Igreja católica ao equipamento fotográfico e à apropriação do cenário sagrado para fins privados (...). (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 473).

Segundo Maria Eliza Linhares Borges, na época da difusão dos estúdios fotográficos nas grandes cidades do Brasil, os fotógrafos divulgavam a instalação de seus ateliês nos jornais, atraindo homens e mulheres que davam vazão às suas fantasias. A autora afirma que: “além do retrato individual, os fotógrafos ambulantes e os estúdios de fotografia se dedicavam à produção de álbuns de família, de grupos de profissionais, de amigos e dos álbuns das cidades” (BORGES, M. E. L., 2003, p. 51-54)

Kossoy afirma que, até a primeira década do século XX, no Estado de Minas Gerais havia 18 fotógrafos/estabelecimentos afins instalados (KOSSOY, 2002, p. 367-368). Já na década de 1930, nenhum ateliê fotográfico se instalou fora da zona urbana de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, o que significa que, ainda naquele momento, a fotografia feita em estúdios não era uma realidade dos moradores das periferias, pertencentes aos estratos inferiores (CAMPOS, 2008, p. 173). Assim, podemos deduzir que Belkiss e sua avó tinham condições de pagar um retrato fotográfico produzido em estúdio, uma vez que, nesta época, ir para o estúdio retratar-se não era uma prática acessível para a classe popular (POSSAMAI, 2006, p. 263-289).

Em Belo Horizonte, a partir do final dos anos de 1930, “a paisagem urbana da capital mineira se modificou, pois uma cidade construída para ser moderna não poderia se apegar a épocas passadas e seus respectivos estilos que, (...) tornam-se ultrapassados”. Portanto, a cidade experimentou um “processo de ‘renovação’, que destruiu seu perfil original, delineado desde fins do século XIX”, a fim de romper com o estilo predominante desde a criação da cidade, o Ecletismo¹² (BORBA, s.d, p. 37). Mesmo durante este período é possível que o ateliê de Leterre tenha permanecido na Rua da Bahia, onde Belkiss e sua avó foram tirar o seguinte retrato (Figura 10).

¹² Por volta de 1900, o panorama arquitetônico no Brasil não era nada animador, sendo que o Ecletismo, segundo Bruand (1997), floresceu nas grandes cidades brasileiras, consistindo em uma miscelânea de estilos históricos reunidos de forma arbitrária e que raramente eram dotados de algum valor estético. O Ecletismo dominou plenamente as construções particulares e as públicas e, somadas ao mau gosto que predominava na época, resultou em uma “série de horrores e fantasias arquitetônicas edificadas” (BRUAND, 1997, p. 33).

Figura 10 – Fotografia da Belkiss com sua avó, Nhanhá do Couto



Autor: Photo Leterre, 30 de setembro de 1938 (dedicatória), Belo Horizonte. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A foto acima foi atribuída a 30 de setembro de 1938, de acordo com a dedicatória do verso, escrita por Belkiss, onde se lê: “Á Vosinho com um [ilegível] de Belkiss” e “Belo-Horizonte – 30-9-1938”. O retrato foi feito em preto e branco e o enquadramento escolhido foi o vertical, com ela e sua avó, Nhanhá do Couto, centralizadas e em primeiro plano, destacando-se do cenário ao fundo do estúdio. A iluminação é frontal. Sobre a foto, foi grafado à caneta “1938” e há a marca em alto relevo do estúdio fotográfico onde se lê “Photo Leterre”.

Belkiss veste um vestido e sapatos brancos, tem um laço amarrado no alto da cabeça, com os cabelos soltos e batom nos lábios. Está em pé, posicionada de frente para o fotógrafo, com uma mão na cintura e a outra sobre o ombro de sua avó. Já Nhanhá, está sentada sobre uma cadeira coberta com um chale estampado, posicionada levemente para a direita e olhando para este lado. Ela veste um blazer, saia e sapatos pretos, sobre uma camisa

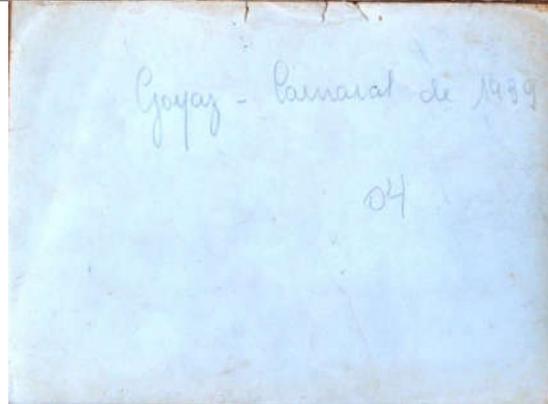
branca cuja gola tem babados, vestimenta esta considerada requintada para a época. Usa brincos e batom nos lábios, enquanto seus cabelos estão totalmente presos atrás. Está com as mãos sobre o colo. Quanto ao cenário de fundo, pintado, vêem-se vidraças, colunatas, cortinas e degraus, adornando o ambiente do estúdio.

Belkiss sorri, mirando o fotógrafo, no auge dos seus 10 anos, enquanto sua avó, aos 58 anos, mantém um semblante firme e sério, sem olhar para o autor da foto. Não se sabe se foi o fotógrafo quem pediu para Nanhá se sentar, ou se foi ela quem o requisitou, talvez porque já estivesse doente, ou porque o tempo de exposição fosse longo. Enfim, esta vivência da fotobiografada com sua avó, em Belo Horizonte, é um período nebuloso na história da família. Os descendentes atuais praticamente desconhecem fatos relevantes deste período. Isto se assemelharia à noção de “esquecimento”, trazida por Paul Ricouer (2007), uma vez que ele afirma que a dupla dimensão do passado, memória e história, se perde quando há esquecimento.

Em fevereiro de 1939, quando Belkiss e sua avó já estavam de volta à antiga capital, durante a comemoração do Carnaval¹³, foi produzida a Figura 11, apresentada à frente.

¹³ O Carnaval teve início na Antiguidade Clássica, desde os rituais dedicados a Dionísio, deus grego da embriaguez e da música, até os dias atuais, com os desfiles das escolas de samba. No Brasil, o Carnaval foi trazido pelos portugueses como festa de rua e seguiu rumo próprio (MADEIRA, 2011). Nas grandes cidades, tais como Rio de Janeiro e São Paulo, na década de 1920, havia os foliões e os corsos, sendo que estes últimos consistiam em desfilarem sobre automóveis enfeitados, atirando serpentinas e confetes. Esta prática perdeu a importância com a popularização dos carros em 1940. Em São Paulo, na década de 1930, o carnaval de rua era ligado à vida operária, e os “cordões” eram os operários que saíam fantasiados desfilando pela cidade. Nesta década, o desfile de blocos na capital paulista percorria um longo percurso. Já no Rio de Janeiro, o carnaval dos cordões, blocos e escolas carnavalescas ocupou as ruas por diversos anos, até a criação dos bailes em clubes no início da década de 1940, quando as pessoas pertencentes à classe alta e média deixaram o espaço público (PILAGALLO, 2012, p. 12-29). Na Cidade de Goiás, foram registradas atividades festivas relacionadas a brincadeiras populares como o “entrudo” e o “Zé-Pereira”, desfile de carros alegóricos, corso, apresentação de blocos e bailes à fantasia nos salões (SANTANA, 2006, p. 4).

Figura 11 – Fotografia da Belkiss no Carnaval integrando o “Bloco dos Gatinhos”



Autor não identificado, fevereiro de 1939, Cidade de Goiás. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

De acordo com o calendário de 1939, o Carnaval deste ano aconteceu no dia 21 de fevereiro, ou seja, Belkiss já havia completado 11 anos de idade, no dia 15 de fevereiro, quando a foto acima foi feita, e adotou uma pose frontal. Ela foi tirada em preto e branco, em estúdio, com enquadramento horizontal. No verso da foto, foi anotado, à caneta: “Goyaz – Carnaval de 1939” e “04”. Como não há nenhuma informação sobre a autoria da foto, poderíamos supor, por ela ter sido feita em estúdio, que possa ter sido realizada pelo Alencastro Veiga, uma vez que ele só viria a falecer em 1951, na Cidade de Goiás, e que ele era o único profissional do qual se tem notícia que atuou na antiga capital, naquela época.

Pode-se ver que Belkiss é a terceira, da direita para a esquerda, na fileira de cima. O fotógrafo optou por centralizar os integrantes do bloco, destacando-os do cenário ao fundo,

pintado e com cortinas. Um dos rapazes segura uma flâmula, que seria a identificação do “Bloco dos Gatinhos”, do qual a jovem participara. Enroladas em alguns dos colegas, vê-se serpentinhas. No chão, confetes, serpentinhas e flores pintadas. A iluminação é frontal.

Belkiss, assim como os outros, veste um vestido branco, com cinto, gorro, luvas e capa pretos, além de uma máscara preta com orelhas brancas. Ela usa também um colar preto e segura algo nas mãos que não é possível identificar apenas pela foto. Ela não sorri e olha diretamente para o fotógrafo. Estaria satisfeita com a foto ou em estar ali? Ou havia somente incorporado o personagem que representou durante o carnaval? Por esta foto podemos deduzir que ela e sua avó já haviam voltado para a antiga capital de Goiás.

Pode-se detectar, na Figura 12, que se segue, uma fotografia de carnaval de rua, sendo esta imagem do “Bloco da Banda de lá”, na Cidade de Goiás, tirada na década de 1940, na qual se percebe sujeitos com fantasias, percorrendo a cidade. Era hábito as pessoas se fazerem fotografar fantasiadas, assim como Belkiss e seus colegas, que foram até o estúdio a fim de registrar o momento.

Figura 12 – Fotografia do carnaval de rua na Cidade de Goiás na década de 1940



Autor não identificado, década de 1940, Cidade de Goiás-GO. Fonte: acervo de Nice Monteiro Daher (BARBOSA, 2017, p. 113).

Provavelmente, tanto na Cidade de Goiás, quanto em Belo Horizonte, e com o convívio diário com a avó musicista, Belkiss continuou se especializando no desempenho do piano. Quanto ao aprendizado do violino, os registros encontrados junto à família, ao longo de sua vida, com relação a este instrumento, não mencionaram que ela tenha continuado a tocá-lo, a não ser na ocasião de seu recital em Goiânia, em 1940.

1.2- Em busca da profissionalização musical

Nos primeiros dias do ano de 1940, Belkiss e Nanhá vieram para Goiânia, a fim de organizarem o primeiro recital dela, então com 11 anos de idade. Para auxiliá-la, ela procurou Jaime Câmara, na redação do jornal O Popular. Foi por ele bem orientada e quem lhe assegurou, inclusive, seus préstimos jornalísticos (MENDONÇA, 2004, p. 155), segundo ela narrou no Anexo 4. Já o Anexo 5 é a reprodução do convite distribuído pela musicista para o referido recital, que se realizou no dia 7 de janeiro de 1940, no “Liceu de Goiaz”, às “8 horas da noite”, em Goiânia.

Nesta noite, ela tocou piano, violino, recitou e cantou, obtendo, ao final, reconhecimento público (BORGES, M. H., 1999, p. 65-66). Sua amiga, Maria Luíza Póvoa da Cruz (2017), conta que foi nesta ocasião que se conheceram e ficaram amigas e que, também, foi no ano de 1940 que Belkiss mudou-se para Goiânia, acompanhada pelos avós e sua tia Ceres. Neste ano, Nanhá indicou os primeiros alunos de piano para a neta (SILVA, 2000, p. B-2), com certeza, por considerá-la capaz de atuar como professora, mesmo tendo somente 12 anos.

No dia 7 de agosto de 1940, Belkiss, dentre outros alunos selecionados do Liceu, recebeu Getúlio Vargas em sua visita à Goiânia, por ocasião da “Marcha para o Oeste”¹⁴ (MENDONÇA, 16 out. 2003), conforme pode-se verificar no Anexo 6. Desde então, ela teve uma vida repleta de compromissos sociais, concernentes com a sua idade, e de atividades artísticas.

Em 1941, ela pulou carnaval no Jóquei Clube de Goiás¹⁵ (BOAS..., 2004). Neste ano também tocou, de acordo com o Anexo 7, no “Festival Pró-vítimas da inundação do Rio Grande do Sul”, realizado em Goiânia e liderado por Gercina Borges Teixeira, então primeira dama do Estado, a fim de angariar fundos para enviar aos desabrigados pelas fortes chuvas no Sul. Segundo Belkiss, Gercina “convidou Nanhá do Couto, dinâmica e dedicada artista, para planejar e realizar uma apresentação lítero-musical” (MENDONÇA, 31 out. 1998). A programação¹⁶ do evento encontra-se no Anexo 8, na qual não foram registrados data e local.

¹⁴ A “Marcha para o Oeste” foi uma grande campanha oficial, ocorrida durante o governo do então presidente Getúlio Vargas, cujo objetivo era ocupar o vasto território dos estados de Goiás e Mato Grosso, por meio de uma colonização intensiva que seria o princípio da “arrancada do progresso” em direção à região amazônica (NETO, 2013, p. 298).

¹⁵ O Jóquei Clube de Goiás foi fundado em 1937. Naquela época, era um “local freqüentado pela elite goiana, onde ocorriam as principais festas da capital, bailes de formatura, carnavaís, matinês, réveillons, com música ao vivo e orquestras” (BERNARDES, 2011).

¹⁶ Os programas musicais apresentados neste trabalho estão aqui presentes como forma de reforçar a atuação musical da Belkiss. Não é um objetivo fazer a análise do teor artístico do conteúdo musical, e isto será deixado para outros que desejem aprofundar-se no assunto.

Este é o primeiro registro de programa em que a musicista tocou compositores brasileiros, acompanhando ao piano os cantores da noite. Ela também tocou o compositor Liza, em solo ao piano.

Ainda em 1941, Belkiss se fez fotografar no estúdio de Sílvio Berto, em Goiânia, quando foi eleita “Rainha dos Estudantes”, aos 13 anos de idade, pelos alunos da sua escola, o Liceu de Goiás. Ela foi escolhida espontaneamente pelos seus colegas¹⁷, segundo relato da sua amiga, Maria Luíza Póvoa da Cruz (2017). A Figura 13, aqui apresentada, pertence a esta ocasião de sua vida. Sílvio Berto (1908-2002) nasceu em 1908 em Milão, na Itália. Veio para o Brasil em 1913, tendo vivido no interior de São Paulo até a adolescência, quando foi incentivado por seu pai a aprender fotografia. Depois, foi para a cidade de São Paulo e, mais tarde, resolveu experimentar trabalhar em outras regiões do país. Chegou a Goiânia em 1936 e, em dezembro, Berto montou seu primeiro estúdio em Goiânia, na Rua Pires do Rio, no bairro de Campinas (PIONEIROS..., s.d., p. 40-41).

Figura 13 – Fotografia da Belkiss, condecorada como “Rainha dos Estudantes”



Autor: Sílvio Berto, 28 de dezembro de 1941, Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

¹⁷ Naquela época, as escolas tinham por hábito escolher a sua rainha, que concorria com as demais escolas. Era uma maneira também de arrecadar fundos para os estabelecimentos de ensino, pois cabia às candidatas a venda de votos. Confirmando esta afirmação, o Jornal do Paraná divulgou, em 1949, o concurso da “Rainha dos Estudantes” do Paraná, ocorrido neste ano. Lá, é mencionada a venda de votos, “adquiridos mediante a importância de um cruzeiro” (QUAL..., 1949, p.1).

Este retrato foi produzido no estúdio do respectivo fotógrafo. O enquadramento escolhido foi o vertical, sendo que Sílvio Berto centralizou Belkiss, colocando-a em primeiro plano, em posição frontal, e destacando-a do fundo, com iluminação também frontal. Ele assinou a foto no canto esquerdo inferior e, no verso, carimbou: “28 DEZ 1941”, “FOTO BERTO” e “Goiânia”.

A musicista usa um vestido claro cujo tecido leve de cima sustenta vários enfeites e babados. Seus cabelos estão presos atrás e, em cima da cabeça, vê-se uma coroa. Ela está usando batom, colar, luvas brancas, bracelete metálico, sandálias claras e a faixa onde se lê “Rainha dos Est(...)”. Ela segura a saia e olha diretamente para o fotógrafo, com um sorriso bem jovial e alegre, confiante quanto ao seu futuro. Aqui, ela parecia bem satisfeita com o título recebido. Quanto ao cenário de fundo, vê-se colunas pintadas, simulando o real.

Durante entrevista ao MIS (Anexo 9), Belkiss declarou à Stela Horta, a respeito do fotógrafo Sílvio Berto: “Eu me lembro de nós moços, querendo tirar retratos lá. (...) Quando eu fui rainha dos estudantes, foi lá que eu tirei o retrato. Quando eu toquei pela primeira vez um concerto e que eu vesti o primeiro vestido comprido foi lá” (MENDONÇA, 2001). Pode-se considerar o fotógrafo Sílvio Berto como referência da elite goiana, pois ele fotografou o interventor federal do Estado, Pedro Ludovico Teixeira; o primeiro prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges; o ex-superintendente do Departamento de Propaganda e Venda de Terras da Nova Capital, Sólon de Almeida, a ex-primeira dama, Ambrosina Bueno, dentre outros. Ele trabalhou em Goiânia de 1936 a 1973, e também teve uma série de fotografias que retrataram a construção e o desenvolvimento da capital, em imagens que são hoje históricas. Foi também o responsável pela “confecção de um álbum encomendado pelo então prefeito Venerando de Freitas, para registrar o início da cidade” (O FOTÓGRAFO..., s.d.). As Figuras 14, 15 e 16 são os retratos de várias das personalidades acima mencionadas, feitos por Sílvio Berto.

Figura 14 – Fotografia do interventor Pedro Ludovico Teixeira



Autor: Sílvio Berto, c. 1942, Goiânia. Fonte: O FOTÓGRAFO..., s.d.

Figura 15 – Fotografia do Venerando de Freitas Borges



Autor: Sílvio Berto, julho de 1942, Goiânia. Fonte: O FOTÓGRAFO..., s.d.

Figura 16 – Fotografia da Ambrosina Bueno



Autor: Sílvio Berto, 1949, Goiânia. Fonte: O FOTÓGRAFO..., s.d.

Já a Figura 17, abaixo, retrata Belkiss, sua avó Nanhá do Couto e sua tia Ceres segurando um cão, provavelmente no quintal da casa de Nanhá em Goiânia, por isto foi atribuída ao período de 1940 a 1942, já que elas se mudaram para Goiânia, em 1940.

Figura 17 – Fotografia da Belkiss, com Nanhá e Ceres



Autor não identificado, 1940-1942 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A iluminação é natural e, portanto, pode-se perceber, pelo ângulo da sombra projetada pela Nhanhá, que já era meio-dia ou bem próximo desta hora. O fotógrafo, o qual não se pôde identificar e que, provavelmente, era um amador, optou por enquadrar a cena horizontalmente, colocando Nhanhá na frente, mas deixando igualmente nítida a casa ao fundo, que era, certamente, uma conquista real na nova capital. Belkiss está em uma pose frontal, enquanto Ceres e Nhanhá estão em posição 3/4.

A musicista parece estar com cabelos curtos; além disso, veste uma blusa clara tipo “envelope”, com botões e saia escuros e sandálias. Nhanhá usa um blazer e saia claros, com sapatos escuros, e seus cabelos estão totalmente presos. Enquanto Ceres está com um vestido claro estampado, sapatos escuros, cabelos presos atrás e segura um cãozinho nos braços.

Nhanhá está sentada em uma cadeira, com olhar firme, mãos sobre o colo e não olha para o fotógrafo. Ceres está em pé, aparentemente olhando para o fotógrafo, mas não se pode afirmar que estivesse, pois, em função do sol forte no instante em que a foto foi capturada, há uma sombra sobre seus olhos. Belkiss está em pé, com as duas mãos apoiadas no espaldar da cadeira da avó, olhando levemente para a direita (podia estar olhando para o cãozinho). Esta fotografia faz parte de um álbum de fotografias que Eurico Godói, amigo da musicista, montou e ofereceu a ela. Sobre as fotografias de família, Dubois afirma que:

Com toda a certeza, o que confere tamanho valor a esses álbuns não são os conteúdos representados neles próprios, nem as qualidades plásticas ou estéticas da composição, nem o grau de semelhança ou realismo das chapas, mas sua dimensão pragmática, seu estatuto de índice, seu peso irredutível de referência, o fato de se tratar de verdadeiros traços físicos de pessoas singulares que estiveram ali e que tem relações particulares com aqueles que olham as fotos. Só isto explica o culto de que as fotos de família são objeto e que converte esses álbuns em espécies de monumentos fúnebres, *kolossoi*, múmias do passado (DUBOIS, 2003, p. 80).

Através destes álbuns, assim como na referida fotografia, também se pode observar como eram as primeiras casas construídas na cidade de Goiânia, que estava em pleno desenvolvimento econômico na década de 1940¹⁸, porém, poucas famílias tinham acesso à fotografia.

¹⁸ Entre 1940-45, a economia urbana de Goiânia esteve concentrada no setor industrial, no entanto, diversos setores também se destacaram, como a construção civil e outros. No período de 1945 a 1950, o setor industrial continuou sendo o principal setor econômico de Goiânia, mas houve, ainda, o crescimento do setor comercial da cidade, favorecido pelo comércio de imóveis (MACIEL, 2015, p. 37-38).

Em 12 de junho de 1942, Belkiss assistiu à peça intitulada “Colégio Interno”, apresentada pela Companhia de Eva Todor, na inauguração do Teatro Goiânia (MENDONÇA, 2004, p. 85), como ela narrou em crônica que consta no Anexo 10. Em 5 de julho do mesmo ano, a musicista acompanhou o Batismo Cultural de Goiânia¹⁹ (RIBEIRO, 2001).

Ainda neste ano, Nhanhá levou sua neta para o Rio de Janeiro, para que ela estudasse piano e demais matérias teóricas para ingressar no curso superior da Escola Nacional de Música²⁰, com o auxílio de uma bolsa concedida por Pedro Ludovico Teixeira (BORGES, M. H., 1999, p. 66-67). Quando elas chegaram ao Rio, seus amigos ofereceram um “*five o'clock tea*” na Confeitaria Colombo, como boas-vindas. Belkiss ficou maravilhada. Segundo ela, em 1894, a Colombo desempenhava um relevante papel por ser “ponto de reunião dos intelectuais de maior prestígio e renome. Estes ali encontravam ambiente propício ao lazer, confraternizando-se em alegres bate-papos (...)” (MENDONÇA, 2004, p. 254). É o que se verifica no Anexo 11.

Então se mudaram para o Hotel Inglês, em frente ao Palácio do Catete. Elas viam pelas janelas “a chegada pela manhã e a saída à noite do Presidente Getúlio Vargas, feita em carro aberto, acenando sorridente para o povo”. Para o Catete também ia a maioria dos estudantes, pois se localizava próximo às “escolas nacionais” e era um “bairro de velhas casas de cômodos, pensões e hotéis baratos” (MENDONÇA, 2004, p. 184), como se constata no Anexo 12. A Figura 18, que retrata Belkiss junto de sua irmã, Anunciata Orsini Spencieri, foi atribuída ao período entre 1942 e 1945, pois foi nesta época que Belkiss e sua avó moraram no Rio de Janeiro.

¹⁹ O Batismo Cultural de Goiânia foi um evento onde Goiânia foi “solenemente apresentada à nação”, no qual se deram missas, congressos e a visita de diversas autoridades. “Por certo, a aproximação com o regime estadonovista vislumbrava o esperado momento da redenção econômica, da inserção de Goiás nas instâncias decisórias nacionais” (SANDES e ARRAIS, 2014, p. 401).

²⁰ No Rio de Janeiro, o Conservatório de Música teve sua inauguração em 1848, tornando-se, com a Proclamação da República, Instituto Nacional de Música, em 1890. Mais tarde, em 1937, com a criação da Universidade do Brasil, passou a se chamar Escola Nacional de Música. Esta escola foi referência nacional e teve em seu quadro docente, importantes músicos e compositores brasileiros, como Francisco Mignone (regência), Lorenzo Fernandez (harmonia), José Siqueira (composição), Oscar Borgeth (violino), Iberê Gomes Grosso (violoncelo) e Arnaldo Estrella (piano) (ESCOLA...).

Figura 18 – Fotografia da Belkiss com sua irmã, Anunciata Orsini Spencieri



Autor não identificado, 1942-1945 (atribuída), Rio de Janeiro. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta foto foi realizada em preto e branco e o fotógrafo optou por enquadrar verticalmente as irmãs em primeiro plano, deixando a orla carioca ao fundo. É possível que tal imagem tenha sido registrada por um “lambe-lambe”, fotógrafo ambulante que tinha sua presença marcada nas praças e locais públicos das grandes cidades (KOSSOY, 1974, p. 5), tratando-se, portanto, de um fotógrafo profissional. A iluminação é natural e elas estão centralizadas, em uma posição 3/4. Com relação à pose, “captada através das lentes paralisa o movimento num ponto em que as fronteiras da cultura e da natureza se confundem” (CAÑIZAL, 2012, p. 111). Ou seja, as irmãs se encontram paralisadas, na pose em que escolheram na ocasião.

A musicista veste um vestido preto com pregas na saia e sapatos de salto alto brancos. Também usa os cabelos parcialmente presos atrás, batom nos lábios, relógio, brincos e colar claros e segura na mão da irmã. Anunciata usa um macacão branco, sapatos de salto alto escuros, batom, brinco, colar e os cabelos totalmente presos atrás. A irmã sorri, fechando os olhos como se o sol a estivesse incomodando, enquanto Belkiss também sorri, olhando para o fotógrafo. Estariam elas felizes por se reencontrarem e por conhecerem, juntas, o Rio de Janeiro, que já era intitulado de “Cidade Maravilhosa”? Para Canclini, “por sua capacidade de consagrar e solenizar, as fotos são instrumentos idôneos para que a família fixe seus

eventos fundadores e reafirme periodicamente sua unidade.” (CANCLINI, 1983, p. 162), o que sugere que esta foto possa ter sido feita com o intuito de criar uma ideia de união da família da fotobiografada.

Em agosto de 1942, após o anúncio da entrada do Brasil na II Guerra Mundial, Belkiss presenciou, no Rio de Janeiro, vários desconfortos surgidos: racionamento de alimentos, gasolina e eletricidade, além de ver amigos se preparando para partir para a guerra, em 1943. Segundo ela, “todos os habitantes do Rio de Janeiro, se quisessem ter direito a coupons para alimentação, tinham que se cadastrar. E filas intermináveis (sistema inaugurado àquela época) formaram-se, nos diversos bairros, para cumprir tal formalidade” (MENDONÇA, 2004, p. 191-193), como se pode ver no Anexo 13. Mesmo assim, ela conseguiu permanecer na cidade do Rio de Janeiro, incentivada pela avó, uma vez que o objetivo principal era ser aprovada e entrar para a Escola Nacional de Música. Ela e sua avó foram sozinhas para o Rio de Janeiro, o que reforça ainda mais a dedicação da matriarca, que deixou marido, filhas e alunos para trás, para apoiar a neta na capital federal. A Figura 19 foi atribuída a 5 de julho de 1943, em função da dedicatória escrita pela musicista, no verso da foto: “À minha tia Violeta todo o afeto de Belkiss” e “Rio, 5-7-43”.

Figura 19 – Fotografia da Belkiss, aos 15 anos



Autor: Foto Hollywood, 5 de julho de 1943 (dedicatória), Rio de Janeiro. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Este retrato foi feito em preto e branco, em estúdio, pelo Foto Hollywood, pelo que é possível depreender de sua assinatura na frente da foto, no canto inferior direito, bem como das seguintes informações presentes no verso, com um carimbo: “FOTO HOLLYWOOD”, além do endereço na Rua do Catete e do telefone do estúdio no Rio de Janeiro.

É provável que este estúdio tenha permanecido neste mesmo endereço até pelo menos 1953, quando foi publicado o seguinte anúncio no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, no dia 7 de abril de 1953, na seção “Empregos diversos”: “Fotógrafo – Precisa-se de um bom retocador de chapas. Tratar no Foto Hollywood: À rua do Catete, 295, 1º and.” (EMPREGOS..., 1953, p. 1). Foi neste endereço que Belkiss se fez fotografar, aos 15 anos. Segundo Boris Kossoy, até a primeira década do século XIX havia 43 fotógrafos/estabelecimentos afins no estado do Rio de Janeiro (KOSSOY, 2002, p. 369-370).

O fotógrafo optou por fazer um enquadramento vertical, usou iluminação frontal, com Belkiss em primeiro plano, destacando-se totalmente do fundo. Ela está em posição 3/4, voltada para a direita, provavelmente a pedido do fotógrafo. Veste uma roupa preta cujas golas são decoradas. Usa brincos, batom nos lábios e os cabelos parcialmente presos atrás. Na foto, só é possível ver o colo e rosto.

Pode-se apreender, pela indumentária e pelos cabelos cuidadosamente penteados e decorados, que a jovem musicista denota algumas marcas de seu *status* social, além da pele aparentemente delicada e macia. Ela sorri, deixando entrever dentes bem-cuidados. Poder-se-ia dizer que ela já era uma “moça feita”, conforme os valores da época. Esta fotografia foi feita para servir como elemento de distinção, como emblema social, então só poderia ter sido posada (MAUAD, 2002, p. 204). Nesta pose, com este tipo de iluminação, Belkiss se assemelha a uma atriz hollywoodiana e, podia ser que esta fosse a real intenção do fotógrafo.

Em fevereiro de 1944, ela foi aprovada com louvor na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, tendo sido a primeira colocada, dentre 120 candidatos. “Nhanhá do Couto, presente às provas públicas, demonstrou grande contentamento” (BORGES, M. H., 1999, p. 67). Por ter sido a primeira colocada, entrou logo no oitavo ano do curso daquela instituição de ensino (SPENCIERI..., 1944, p. 23). Em outubro deste mesmo ano, ela tocou na 3ª Audição de Alunos da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, conforme o programa (Anexo 14).

Foi nesta época de estudante que Belkiss se inscreveu no programa da Rádio Nacional intitulado “Calouros com orquestra”. Ela e sua avó estavam passando por dificuldades financeiras, e então pensou que seria uma boa oportunidade, uma vez que “os solistas vitoriosos recebiam a tentadora quantia de um conto de réis!”. Temendo ser descoberta por seus professores da Escola Nacional de Música, que não apreciavam música popular, nem programas de calouros, ela fez sua inscrição no programa de auditório sob o pseudônimo “Sílvia Orsini” e, depois de se apresentar pela primeira vez como solista de uma orquestra, ela foi a contemplada com o tão esperado prêmio (MENDONÇA, 2004, p. 185-186), de acordo com o Anexo 12.

Sua avó, Nhanhá do Couto, tinha um problema sério de saúde para a época, um megacólon e cirrose hepática, e por isto faleceu, em Goiânia, em 30 de setembro de 1945, aos 65 anos de idade (BORGES, M. H., 1999, p. 67-68). Logo depois, ainda em dezembro de 1945, Belkiss diplomou-se pela Universidade do Brasil (LEOBAS, 1998). A Figura 20 retrata este momento de sua vida, pois se trata da foto oficial de formatura, quando ela tinha 17 anos. Nesta cena, ela aparece “representada individualmente pelo uso da beca” e era um “momento majestoso que deveria ser convertido em objeto de lembrança” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 484).

Figura 20 – Fotografia oficial de formatura da Belkiss



Autor não identificado, 1945, Rio de Janeiro. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta foto tem uma capa cartonada, onde há a identificação do estúdio fotográfico: “FOTO ARTE” e algo mais, em letra cursiva, que parece ser a assinatura do fotógrafo, mas não pôde ser reconhecida. Além do nome do estúdio, constam o telefone e o seguinte endereço no Rio de Janeiro: “Rua do Passeio, 56 - S. 43” e “Ed. Mesbla”. Este edifício foi tombado provisoriamente pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, em 3 de agosto de 2000, por meio do Decreto n. 18837, por ser considerado um exemplar arquitetônico representativo da ocupação da cidade, e pela sua importância como marco na paisagem do bairro em que se encontra, juntamente com outros edifícios também tidos como relevantes arquitetonicamente (PREFEITURA do Rio de Janeiro).

Tal retrato foi feito em preto e branco, enquadrando Belkiss verticalmente e centralizando-a na cena. Ela está sentada sobre uma cadeira de espaldar alto, todo decorado, em uma posição 3/4. Segundo Roland Barthes (1984), “o que funda a natureza da fotografia é a pose” (BARTHES, 1984, p. 117). Ou seja, a pose que ela teria adotado naquele momento seria a principal característica desta fotografia. A iluminação é frontal e artificial. Ela veste uma beca de formatura e segura o capelo nas mãos. No pescoço, uma gravata borboleta decorada com rendas. Aparecem também o anel de formatura na mão esquerda e outro anel na mão direita, batom nos lábios e os cabelos parcialmente presos atrás.

A musicista não sorri, mas olha para o fotógrafo com olhar decidido e seguro. Para completar a pompa exigida nas formaturas da época, depara-se com o programa do recital oferecido pelas diplomandas da Escola Nacional de Música, realizado no Salão Leopoldo Miguez, em 30 de dezembro de 1945, do qual Belkiss fez parte (Anexo 15).

Depois de graduada em piano no Rio de Janeiro, ela foi aconselhada por seu professor Paulino Chaves a conversar com Villa-Lobos sobre seu dilema pessoal, pois ele poderia orientá-la a respeito dos procedimentos a serem tomados, caso ela optasse por ficar em Goiás. Ela não sabia se voltava para Goiânia para fundar o conservatório, como era o desejo de sua avó, ou se aceitava a bolsa com a qual havia sido contemplada, para estudar nos Estados Unidos. Villa-Lobos recebeu-a com paciência e generosidade e disse que ela devia fazer o que a consciência mandasse (BORGES, M. H., 1999, p. 91).

Em 1945, terminou a II Guerra Mundial, sendo que, no final do mesmo ano, depois da morte da avó e de passar pelos exames finais, Belkiss retornou a Goiânia, para a casa de seu avô, começando, a partir daí, sua luta para que a cidade tivesse um conservatório de música de reconhecimento federal (BORGES, M. H., 1999, p. 68).

Em outubro, ela já estava de volta à Goiânia, e foi justamente no dia 22, que a sociedade Pró-Arte de Goiás, a primeira sociedade cultural autônoma efetivamente organizada na capital (criada neste ano), fez sua primeira programação pública, que foi dedicada à recém-chegada do Rio de Janeiro. Constou de “uma exposição de esculturas de Brasil Grassini e José Neddermeyer, pinturas de Péclat de Chavanese [e] fotografias artísticas de Sílvio Berto”. Na segunda parte, houve números musicais e declamações (MENDONÇA, 7 nov. 2002), de acordo com a crônica reproduzida no Anexo 16.

Para a Belkiss, a vida no Rio de Janeiro parece ter sido um amadurecimento forçado, uma vez que precisou desenvolver sua habilidade musical sob rígido controle da avó e dos professores da Escola Nacional de Música, mas também teve que tornar-se adulta e decidir sobre os rumos da sua carreira e vida pessoal – tudo em pouquíssimo tempo. Além disso, o falecimento da avó nos últimos meses do curso da neta, fez com que sua vontade de que Goiás tivesse um conservatório de música fosse preponderante na decisão da musicista de voltar à Goiânia, ao invés de ir para os Estados Unidos.

1.3 – Uma musicista consciente de seus deveres familiares e profissionais

Em janeiro de 1946, Belkiss já estava de volta a Goiânia, aos 17 anos e foi procurar emprego como professora do Liceu, tendo tido que tratar com o médico Simão Carneiro de Mendonça que, na época, era Secretário de Educação e Saúde do Estado de Goiás. Foi neste ambiente político que ela conheceu Simão, e também assim que conseguiu sua nomeação como professora de música do Liceu, apesar de ser menor de idade. Além da nomeação, recebeu uma proposta de casamento por parte de Simão (BORGES, M. H., 1999, p. 92). Segundo a musicista, foram “seis meses de namoro e três de noivado” (SILVA, 2000, p. B-2).

Ela fez uma encomenda de um piano que vinha do Rio de Janeiro e, naquela época, o processo de entrega era demorado, pois vinha para a cidade vizinha de Goiânia, Anápolis, de trem de ferro, e, só depois, era trazido de caminhão para Goiânia. Neste ínterim, ela passou a estudar no Palácio do Governo, por gentileza da esposa do interventor do Estado, Filipe Xavier de Barros²¹. Nas palavras da musicista: “grande apreciadora de música, sabendo

²¹ Filipe Antônio Xavier de Barros nasceu em Taguatinga-GO em 1878 e iniciou carreira militar em 1897, no Rio Grande do Sul. Depois foi transferido para o Rio de Janeiro, onde concluiu os cursos de Engenharia e Estado-maior em 1907. Em 1929, depois de passar por todas as patentes do exército, foi condecorado general-de-brigada, tornando-se diretor e inspetor do Serviço de Intendência do Exército. Passou à reserva em 1940 e, por suas ligações com o general Eurico Dutra, foi nomeado interventor de Goiás, em janeiro de 1946. Tomou posse em fevereiro e procurou promover a abertura de estradas no norte do Estado e incentivar a vida cultural em

que eu estava sem o instrumento para estudar, ofereceu-me a utilização do Bechstein do Palácio. Inativo, corria o risco de estragar-se” (MENDONÇA, 2004, p. 109), segundo o Anexo 17.

Como retribuição à tal gentileza, Belkiss fez um recital de canto e piano, às 19h30, no dia 27 de fevereiro no Palácio das Esmeraldas, cujo programa-convite segue no Anexo 18. Já o Anexo 19 diz respeito a outro recital, também de piano e canto, realizado no Cine Teatro Goiânia, no dia 19 de março. No programa não consta o horário da apresentação, sendo que, neste recital e no do dia 27 de fevereiro, ela inseriu compositores brasileiros na programação. O Anexo 20 refere-se também a um programa-convite para um recital, mas este somente de piano e sem compositores brasileiros, realizado pela musicista, no dia 20 de agosto, às 20 horas, no Palácio das Esmeraldas. Este último foi a primeira homenagem que Belkiss e o Governo Estadual fizeram à sua avó, Nanhá do Couto, pelo seu aniversário natalício. Tal homenagem continuaria sendo prestada, todos os anos, sem interrupções. Vê-se, então, a facilidade dela em se encaixar na vida artística de Goiânia, respaldada pela política local.

No dia 9 de dezembro de 1946, a musicista casou-se com Simão na capela dedicada à N. S. Auxiliadora. A igreja foi demolida para dar lugar ao edifício Dom Abel. Antes de chegarem à igreja, passaram no estúdio de Sílvio Berto, “parada obrigatória de todos os noivos”, para as fotografias. Ela narrou em crônica que “foram improvisadas todas as etapas do casamento, que, à época, não se realizava à noite (...). Os convites fora feitos por telefone ou ‘de boca’, quando os parentes e amigos eram encontrados” (MENDONÇA, 2004, p. 75-76), de acordo com o Anexo 21. Segundo Ana Maria Mauad:

Dentre todos os ritos da vida católica, o de maior prestígio em termos de representação fotográfica, é o casamento. Esta celebração, a partir dos anos 40, passa a ter direito inclusive a um álbum próprio, no qual todos os momentos da cerimônia são retratados. (MAUAD, 2002, p. 204).

Depois das fotografias, ao chegarem à capela, quando o padre pediu as alianças para abençoar, perceberam que não haviam se preocupado com isto e o amigo José Tobias, que lá estava, correu até a sua joalheria e as levou para o casal (MENDONÇA, 2004, p. 76), segundo relatado em crônica (Anexo 21). Um fato incomum que representa bem o desprendimento do casal, que acabara de se constituir.

Goiânia. No entanto, os políticos locais lhe fizeram tamanha oposição que optou por pedir exoneração em setembro. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1961 (ABREU, 2001).

Desde 1942, Sílvio Berto havia transferido seu estúdio para o Centro de Goiânia, na Av. Araguaia (O FOTÓGRAFO..., s.d.). Em entrevista ao MIS (Anexo 9), Belkiss declarou, a respeito deste fotógrafo:

Como fotógrafo ele era o faz tudo, né? Porque, ele tinha um estúdio na Av. Araguaia, e tudo que você precisava documentar, era com o Berto. Então, no dia do meu casamento, antes de ir para a igreja, eu passei lá no estúdio do Sílvio Berto, para tirar um retrato, e as damas, os meninos, as crianças que acompanhavam o cortejo. Quer dizer, tudo era feito antes, porque não tinha esse serviço de fotografia no local. Então, era no estúdio. Quando a gente queria ir a um baile, que a gente queria documentar aquele momento, aquele vestido, a gente passava tarde da noite no Sílvio Berto, toda emperquitada, pra poder ser fotografada. (MENDONÇA, 2001)

Figura 21 – Fotografia de casamento de Belkiss e Simão



Autor: Sílvio Berto, 9 de dezembro de 1946, Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A Figura 21 foi encontrada dentro de um papel cartonado, com moldura e assinatura de Sílvio Berto e com uma capa onde está escrito “Lembrança de Nosso Casamento”. Reforçando esta ideia, Miriam Moreira Leite (1993, p. 111) afirma que o retrato

“não só torna pública uma relação como, com o passar do tempo, acaba se confundindo com o a lembrança do próprio casamento.”

Nesta época, Belkiss tinha 18 anos e o noivo, 37. O retrato foi feito em preto e branco, por um fotógrafo profissional, com enquadramento vertical, centralizando os noivos. A iluminação do estúdio foi projetada diagonalmente a partir da noiva, por isto percebe-se uma sombra diagonal atrás do noivo. Eles se sobrepõem ao cenário pintado do fundo, onde se vêem colunas decoradas.

A musicista, de frente para o fotógrafo, veste um vestido branco com cauda e, na cabeça, um véu rendado que vai até a cintura, preso no alto da cabeça por pequeninas flores brancas. Em seu buquê, também estão flores brancas. Segundo relato em crônica (Anexo 21), neste dia ela utilizava “trabalhado pelas habilidosas mãos de tia Ceres, um vestido de cetim duchesse, completado por um chale de renda sustentado por bonito toucado de flores de laranjeira, símbolo da felicidade conjugal” (MENDONÇA, 2004, p. 76). Não é possível visualizar os pés nem as mãos dela, que estão cobertos. Mas o braço esquerdo, provavelmente está atrás de Simão, enlaçando-o. Somente o rosto está visível, no meio de toda a paramentação. Ela usa batom e sorri, com certeza contente por este momento tão especial em sua vida.

Já Simão está voltado para a esquerda, provavelmente envolvendo-a com seu braço direito por trás da cintura dela. Ele veste um terno e sapatos pretos, camisa branca e gravata. Também olha para o fotógrafo, mas está sério. Estaria ele nervoso demais para sorrir ou sua própria personalidade o impediria de fazê-lo, mesmo no dia do seu casamento?

Para exemplificar a importância do registro fotográfico do casamento, tem-se a Figura 22, retratando um casamento no qual a noiva não parece estar muito satisfeita, realizado também em 1946, pela fotógrafa goiana Priscila Barbosa da Silva (1908-2007), provavelmente em Goiânia, onde era seu estúdio. Ela nasceu na cidade de Santa Cruz-GO e morou em Pires do Rio-GO e Anápolis. Veio para Goiânia em 1937, quando já era fotógrafa. Instalou o Foto Ideal na Rua Jaraguá, um estúdio muito simples, que teve de ser ampliado, na medida em que a clientela aumentava. Destacou-se por seu estilo singelo e também por ser mulher, em um mercado que, à época, era de maioria masculina nas fotografias em estúdio. Exerceu a atividade até 1970 (PIONEIROS..., s.d., p. 46-47).

Figura 22 – Fotografia do casamento de Ruth e Sebastião Martins com os padrinhos



Autora: Priscila Barbosa da Silva, 19 de agosto de 1946, Goiânia (atribuída). Fonte: PIONEIROS..., s.d., p. 50.

Ainda reforçando a presença histórica deste gênero de fotografia ao longo do século XX, tem-se a Figura 23, do fotógrafo goiano Aldorando Neves (1919-), que registrou o casamento de Goianira e Daltro Cezar Lima, em Goiânia, em 1951. Aldorando nasceu em Rio Verde e foi para a Cidade de Goiás em 1935 a convite de um tio, ajudar na transferência dos órgãos públicos para Goiânia. Trabalhou como auxiliar dos fotógrafos Sílvio Berto e Luiz Pucci (1919-1978), até abrir, em 1948, o Foto Neves, na Avenida 24 de Outubro, em Goiânia (PIONEIROS..., s.d., p. 64-65).

Figura 23 – Fotografia do casamento de Goianira e Daltro Cezar Lima



Autor: Aldorando Neves, 26 de dezembro de 1951, Goiânia. Fonte: PIONEIROS..., s.d., p. 67.

O Anexo 22 é a reprodução da certidão de casamento de Belkiss e Simão. Tal documento mostra que, depois de casada, ela passou a se chamar Belkiss Spenziere Carneiro de Mendonça (foi grafado um “e” erroneamente, e registrado “Spenziere”) e também declara como profissão dela “professora”. O casal passou a habitar na Rua 24, em frente ao Cine Teatro Santa Maria (MENDONÇA, 19 dez. 2003), segundo se verifica no Anexo 23.

Conforme contou em crônica (Anexo 24), ainda em dezembro de 1946, recém-casada, ela foi até a cidade de Luziânia, a fim de conhecer a família de Simão (MENDONÇA, 24 fev. 2000). Ao mesmo tempo, iniciou suas atividades artísticas em sua própria casa, conforme era costume da época. Maria Helena Borges afirma que:

Após o casamento, Belkiss deixou o Liceu e passou a dedicar-se apenas à escola particular de piano que montou em sua própria casa. Várias alunas com ela estudavam, preparavam-se, e faziam as provas de seleção e o curso superior em São Paulo ou Rio de Janeiro. Foi lecionando em casa que conseguiu formar o primeiro grupo, constituído pelas alunas Maria Lucy Teixeira (Fifia), Maria Luíza Póvoa da Cruz (Tânia) e Dalva Maria Pires Machado Bragança. Estava concluído o requisito mais importante para que se pudesse criar um conservatório em Goiás: com quatro professoras diplomadas, já era possível formar um corpo docente. (BORGES, M. H., 1999, p. 92).

Em 1947, a musicista organizou um coral, onde Henrique Baranowski (o Foto Henrique) atuou como baixo (MENDONÇA, 7 nov. 2002), como se atesta pelo Anexo 16. Henryk (1909-1980) nasceu na Polônia em 1909 e desde a adolescência já era fotógrafo. Em 1939, a Polônia foi invadida por tropas alemãs e da União Soviética, sendo que ele acabou sendo transportado para a Alemanha. Lá viveu por seis anos, tendo chegado a Goiânia em 1947. Aqui montou seu estúdio, na Avenida Goiás, n. 34, com equipamentos de alta qualidade (PIONEIROS..., s.d, p. 52-53).

Belkiss também fez uma apresentação individual, no dia 21 de junho de 1947, no Cine-Teatro Goiânia, às 19 horas, na qual ofereceu um concerto pianístico, em benefício da Matriz Provisória de Goiânia (Anexo 25). Pode-se ver neste programa que, no repertório tocado por ela, surgem cada vez mais compositores brasileiros, sendo que aqui aparecem Ernesto Nazaré, Brasília Itiberê e Eduardo Souto.

De acordo com relato em crônica (Anexo 26), no dia 1º de junho de 1948, a musicista tocou em um recital para angariar fundos para o Congresso Eucarístico Nacional, a ser realizado em Goiânia (MENDONÇA, 2004, p. 79), cujo programa-convite encontra-se no Anexo 27. O espírito beneficente da família da Belkiss está impregnado na trajetória de vida

deles há muito tempo, conforme se pode observar nestas suas apresentações musicais gratuitas.

Na área cultural, ainda em 1948, extinguiu-se a sociedade Pró-Arte, que havia sido originada em 1945, “do entusiasmo do arquiteto José Amaral Neddermeyer, que, ao seu redor, aglutinou intelectuais e artistas interessados na promoção e impulso da cultura” (MENDONÇA, 7 nov. 2002), de acordo com o Anexo 16.

No dia 2 de fevereiro de 1949, nasceu, na capital de Goiás, o primeiro filho da Belkiss, Bruno Spenzieri Carneiro de Mendonça, quando ela ainda tinha 20 anos de idade. Segundo Anexo 28, neste mesmo ano, ela e o marido construíram e se mudaram para a casa da Avenida Tocantins, no “Centro” de Goiânia, onde ela morou (MENDONÇA, 28 nov. 2004) até o fim de sua vida.

No final da década de 1940, a musicista foi autorizada pelo governador de Goiás, Jeronymo Coimbra Bueno²², a ir para o Rio de Janeiro e fazer os devidos estudos para a criação do conservatório de música. Então ela procurou novamente Villa-Lobos e, por ele auxiliada, elaborou um minucioso relatório que apresentou ao vice-governador que havia assumido o poder, Hosanah Campos Guimarães, constando todos os detalhes para a criação do conservatório, mas seu pedido não foi atendido em função de instabilidade política da época (BORGES, M. H., 1999, p. 92-93), talvez porque Hosanah só permaneceria no cargo por sete meses, de julho de 1950 a janeiro de 1951.

De acordo com relato em crônica (Anexo 29), em 1953, o avô da Belkiss, Manuel Luiz do Couto Brandão, ficou gravemente enfermo (MENDONÇA, 16 jun. 1998). No dia 11 de junho de 1953, nasceu, em Goiânia, o filho Leonel Spenzieri Carneiro de Mendonça. A Figura 24, foi atribuída a este ano e trata-se de uma fotografia do cotidiano, ou “fotografia vernacular, ingênua, que contém uma concepção popular (...) do cotidiano” (MARTINS, 2009, p. 46), mas que, entretanto, apresenta um momento único do indivíduo. Para Clément Chéroux (2013),

A fotografia vernacular se situa fora do que foi reconhecido até o momento como o mais digno de interesse pelas principais instâncias de legitimação cultural. Ela se

²² Jeronymo Coimbra Bueno nasceu em Rio Verde em 1910. Lá estudou até os 13 anos, quando foi para São Paulo cursar o ensino secundário. Em seguida, foi para o Rio de Janeiro, onde se formou engenheiro em 1933, pela Universidade do Brasil. Foi nomeado para a Superintendência Geral de Obras de Goiânia, em 1934, quando abriu, junto com seu irmão, a empresa Coimbra Bueno e Cia., que foi a responsável pelas obras da construção da nova capital de Goiás. Foi eleito, em 1947, governador do Estado de Goiás, permanecendo até 1950 neste cargo. Depois, em 1954, foi eleito senador para um mandato que durou até 1963. Em 1982, foi eleito deputado por Goiás e faleceu em 1996 (ABREU, 2001).

desenvolve em periferia do que faz referência, conta ou pesa, dentro da esfera artística. Esta situação excêntrica da fotografia vernacular sobre o mapa dos valores estabelecidos se explica principalmente porque ela não é rara nem tem qualidade. Quantitativamente, a vernacular representa, de fato, a parte mais importante da produção fotográfica. (CHÉROUX. 2013, p. 13, tradução da autora)²³.

Figura 24 – Fotografia da Belkiss com seu filho Leonel



Autor não identificado, 1953 (atribuída), sem local. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta foto foi feita em preto e branco, e o enquadramento escolhido foi o vertical. Não foi produzida em estúdio e a iluminação é a natural. Mãe e filho estão em primeiro plano, em uma pose frontal, mesclando-se aos degraus da escada, que saem do segundo plano e chegam até o primeiro. Vê-se Belkiss sentada de frente, segurando Leonel com o braço esquerdo. Ela está com cabelos curtos, usa um vestido claro e um colar metálico no pescoço, além de batom e uma aliança na mão esquerda. Já o bebê veste camiseta, short e meias claros e tem um boné na cabeça (não dá para afirmar se também usa sapatos).

A musicista encara diretamente o fotógrafo, que não se sabe quem é, sorrindo. Leonel sorri, olhando para o lado esquerdo. Ambos parecem felizes e tranqüilos. Como se

²³ Texto original: “*La photographie vernaculaire se situe également en dehors de ce qui a été jusqu’à présent reconnu comme le plus digne d’intérêt par les principales instances de légitimation culturelle. Elle se développe en périphérie de ce qui fait référence, compte ou pèse, dans la sphère artistique. Cette situation excentrée de la photographie vernaculaire sur la carte des valeurs établies s’explique principalement parce qu’elle est sans rareté et sans qualité. Quantitativement, le vernaculaire représente en effet la part la plus importante de la production photographique.*” (CHÉROUX, 2013, p. 13)

trata de uma fotografia do cotidiano, provavelmente feita por um fotógrafo amador, em função dos pés da Belkiss terem sido cortados no enquadramento e pela informalidade da cena, devem ser consideradas, algumas de suas características:

(...) os retratos amadorísticos apresentam-se eivados de imperfeições, em parte toleradas pela audiência familiar, que remetem para questões técnicas (fotos sombrias por causa da falta de luminosidade, desbotadas ou manchadas, fotos muito claras por causa da superexposição à luz, fotos borradas por causa do movimento da câmara ou das pessoas durante o disparo) e composicionais (linha do horizonte inclinada, cabeça ou membro amputado pela margem, descentralização da imagem) (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 472).

Em nível nacional, surgem os primeiros reconhecimentos à musicista, em função de sua atuação artística. No dia 10 de dezembro de 1954, ela participou como pianista solista²⁴ do 31º Concerto da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, regida pelo maestro Sérgio Magnani²⁵, em Belo Horizonte, no Teatro Francisco Nunes, como se verifica pelo programa do concerto (Anexo 30), e na foto que registrou o momento, a Figura 25. Esta imagem pode ser considerada uma fotografia performática, uma vez que mostra Belkiss em uma apresentação musical.

Figura 25 – Fotografia da Belkiss participando da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais



Autor não identificado, 10 de dezembro de 1954 (atribuída), Belo Horizonte. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

²⁴ Ser a pianista solista em um concerto da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais era, à época, uma atuação de grande vulto e significava que Belkiss estava sendo legitimada nacionalmente.

²⁵ Sérgio Magnani nasceu na Itália em 1914. Veio para o Brasil em 1950 e trabalhou como professor em Belo Horizonte. Posteriormente, assumiu a Sociedade Coral de Belo Horizonte. Na década de 1970 foi o regente dos “Concertos para a Juventude” e faleceu em 2001 (INSTITUTO...).

Atribuiu-se esta imagem a 10 de dezembro de 1954, pois, na pasta onde foi encontrada, estavam próximos a ela a notícia que saiu no jornal sobre o evento e o programa do concerto. Além disso, a foto foi encontrada colada sobre papel sulfite, formato A4 e, sob ela, estavam registradas, à mão: “Solista da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais” e “Regente: Sérgio Magnani”.

Esta foto, cujo autor não foi identificado, foi feita em preto e branco, com iluminação artificial frontal, estourando um pouco a luz nas cabeças das pessoas da platéia. É provável que ela tenha sido capturada por um fotógrafo profissional, já que eles normalmente eram chamados para registrar apresentações deste porte. O enquadramento escolhido foi o horizontal, centralizando Belkiss ao piano, em uma pose lateral, e tendo o fundo de palco atrás. O regente italiano não aparece na imagem.

A musicista, no auge dos seus 26 anos, está usando sapatos e um volumoso vestido brancos, sobre o qual há um ornamento. Todos os demais da orquestra estão vestindo preto, sendo que somente ela está de branco. Qual seria a razão desta diferença de cor entre a vestimenta dela e dos outros membros da orquestra? Não se sabe exatamente o porquê, mas talvez por ser ela a solista convidada. Ela está sentada de frente a um piano de cauda que toma boa parte da cena, e parece estar extremamente concentrada em sua interpretação.

Entre 1954 e 1955, quando Leonel tinha de 1 a 2 anos e Bruno, de 5 a 6 anos, Belkiss e Simão foram até o estúdio Foto Henrique, de propriedade do polonês Henryk Hipolit Baranowski. Em entrevista ao MIS, Belkiss falou sobre ele:

Foto Henrique também teve um papel importante como fotógrafo. Ele tinha um estúdio na Av. Goiás, no prédio da Eletromecânica Importadora de Goiás e de propriedade de Inacy Goldfeld. Então, a gente tirava muito retrato lá, o foto Henrique. Ele era um bom fotógrafo e quando ele chegou aqui em Goiânia em 47, ele inclusive fez parte de um coral, que eu organizei para uma festa no palácio. Ele tinha uma voz de baixo bonita. (...) Muitos retratos bonitos que eu tenho, e que a sociedade tinha na época, foram tirados pelo Foto Henrique. (MENDONÇA, 2001).

A Figura 26 corresponde ao retrato da família da Belkiss, capturado por este fotógrafo, em seu estúdio.

Figura 26 – Fotografia da Belkiss, com Simão e filhos



Autor: Henryk Baranowski, 1954-1955 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta foto foi feita em preto e branco e o enquadramento escolhido foi o vertical, sendo que todos adotaram uma pose frontal. Pela sombra percebida atrás de Simão, a iluminação foi feita de cima para baixo, diagonalmente, da esquerda para a direita, mas provavelmente também foi utilizado um foco de luz frontal. Toda a família foi centralizada, destacando-se do cenário ao fundo, que é simples. No verso da foto, há um carimbo onde se

lê: “FOTO HENRIQUE”, “Avenida Goiás, 34” e “GOIÂNIA – GOIÁS”. A imagem foi atribuída ao período entre 1954 e 1955, em função da idade das crianças na ocasião, já que nenhuma marcação de data foi registrada na própria foto.

Belkiss está sentada e veste um vestido claro, sendo que o tecido da parte de cima é todo trabalhado. Ela usa cabelos curtos, adotando um corte de época, chamado “*swirl wave*”²⁶, batom, colar e brincos de pérolas, além de um bracelete de metal no braço direito, cuja mão segura o braço direito de Leonel, em pé a seu lado, enquanto seu braço esquerdo perpassa a cintura dele. Segundo Nelson Schapochnik (1998, p. 482), “alguns retratos deixam mostrar estereótipos sobre os papéis masculinos e femininos. A atribuição de segurar o filho mais novo sempre competia à mãe”, como ocorre nesta cena.

Leonel, o filho menor, veste um casaco e short escuros, com detalhes em branco, na gola, nos bolsos e nos botões. Além disso, ele também porta uma camisa branca, por baixo do casaco, e uma gravata borboleta xadrez. Já Bruno, o filho maior, também em pé, ao lado do irmão, veste um casaco, camisa, short e meias, todos brancos, sendo que o único contraste aparece na gravata borboleta, que é preta. Simão surge, de pé, por trás de toda a família, usando terno e gravata escuros, com uma camisa branca por dentro. Ele apóia sua mão esquerda sobre o ombro de Bruno.

Belkiss e Bruno são os únicos da foto a sorrirem, sendo que Simão mantém seu semblante sempre sério e Leonel já parece cansado pelo tempo da pose. Pelos trajes sociais da época, esta fotografia provavelmente simbolizava um momento especial desta família. O fotógrafo optou por cortar todos os pés (nenhum deles aparece). Sobre este tipo de retrato de família, Nelson Schapochnik aponta que:

apresentam uma tendência para a reprodução da hierarquia entre pais e filhos, sendo comum os pais figurarem com destaque no primeiro plano, ocupando uma posição central em relação aos filhos. Marido e esposa podiam se alterar na composição vertical da imagem (com um deles em pé e o outro sentado), como também apareciam dispostos lado a lado.” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 480-481).

Ou seja, Simão estava disposto de pé, entre os filhos e a esposa, afirmando sua hierarquia de pai e marido, algo como o que aconteceu no século XV com a pintura, onde o retrato se desenvolveu “a fim de celebrar o senhor, para mostrar sua riqueza, seu luxo (...), para exaltar-lhe a virtude, as redes familiares, os empreendimentos, a vida, os hábitos (...)” (CASTELNUOVO, 2006, p. 36-37).

²⁶ “*Swirl wave*” era uma nova tendência no estilo de cabelo das americanas, e consistia em movimentos de ondas que se arrastavam em torno da cabeça, com o objetivo de conferir um toque de sofisticação e casualidade, misturando a elegância com um charme natural (SWIRL...).

Posteriormente, a Figura 27 foi feita no estúdio Foto Berto e foi atribuída ao início da década de 1950, pois, nesta imagem, Belkiss parece estar mais jovem, em comparação com as imagens do final da década de 1950. Desde 1947, Berto já havia anexado ao estúdio uma loja de produtos fotográficos e cinematográficos: A Fotográfica era a loja de serviços de fotografia mais completa do Estado (PIONEIROS..., s.d, p. 41).

O Foto Berto faz parte da memória coletiva de Goiânia, não somente por meio das fotografias lá produzidas, mas também pela disposição sempre renovada, das famílias pioneiras, de levar o próprio fato que ainda iria acontecer para ser registrado no estúdio. É como se qualquer acontecimento social necessitasse da chancela do Berto para que pudesse transcorrer normalmente! (O FOTÓGRAFO..., s.d.).

Segundo Tito (2008, p. 30-31), Sílvio Berto foi um dos pioneiros da fotografia em Goiânia e já tinha, então, se tornado um fotógrafo consagrado na capital, pois cultivava uma clientela de elite, que o procurava para registrar casamentos, batizados, fotos pessoais e de família, ao mesmo tempo em que viajava para o interior e fazia fotos para eventos sociopolíticos (O FOTÓGRAFO..., s.d.).

Figura 27 – Fotografia da Belkiss



Autor: Sílvio Berto, início da década de 1950 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Este retrato, apesar de não ter assinatura, teve sua autoria creditada a Sílvio Berto, pois foi encontrada outra cópia, já mais deteriorada, onde há a marcação do estúdio em alto relevo, em que se lê: “FOTO BERTO” e “GOIANIA”. Foi feito em preto e branco, com enquadramento na vertical, centralizando o rosto da Belkiss, ao mesmo tempo em que ela deslocou seu corpo em uma posição 3/4. Sua figura salta do fundo, que se torna abstrato. O foco está somente no rosto, por isto todo o restante fica “*flou*”, ou seja, perde a nitidez, com o objetivo de conferir mais suavidade à foto. A iluminação do estúdio provavelmente foi projetada de cima pra baixo, da direita para a esquerda, em função da sombra que se projetou abaixo do queixo, do lado esquerdo.

Ela está com cabelos curtos – semelhante ao corte de cabelos que Elisabeth Taylor adotou nos anos 1950 (CORPO) –, usa batom, colar com duas voltas e um broche preso na roupa. Veste uma roupa preta aparentemente rendada, pois permite ver através do tecido. Belkiss sorri, encarando diretamente o fotógrafo, com um broche em formato de uma pequena lira, afixado sobre a roupa, a reforçar sua estreita ligação com a música. Cabe também chamar a atenção para a “aura” desta foto, já que, para Walter Benjamim, “a aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto” (BENJAMIN, 1994, p. 174). Esta foto em *close*, ou seja, enquadrando o rosto e outros detalhes que o fotógrafo considerou pertinentes, teria sido tirada, antes ou depois de algum evento da musicista?

Na Figura 28, tem-se outra fotografia capturada seguindo este mesmo princípio, mas aqui em semi perfil. O objeto desta imagem é a artista plástica goiana Goiandira do Couto, produzida em meados de 1948 pelo fotógrafo Luiz Pucci (1919-1978). Luiz Pucci nasceu na Cidade de Goiás, onde entrou em contato com a fotografia. Estudou a técnica na cidade de Franca-SP e depois montou seu primeiro estúdio em Uberlândia-MG. Transferiu-se para Goiânia em 1945 e trabalhou com Sílvio Berto até montar o Pucci Foto, na Avenida 24 de Outubro. Mudou-se para a cidade de Inhumas em 1955, onde continuou trabalhando com fotografia, até sua morte (PIONEIROS..., s.d., p. 58-59).

Figura 28 – Fotografia da Goiandira do Couto



Autor: Luiz Pucci, c. 1948, Goiânia. Fonte: PIONEIROS..., s.d., p. 61.

Em janeiro de 1955, foi fundado o Instituto de Música da Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), sendo que esta escola já estava funcionando oficialmente desde 1954 (BORGES, M. H., 1999, p. 96) e que, lá, o ensino era privado. Em seguida, a musicista foi convidada a dirigir o Instituto de Música da EGBA, juntamente com Jean Douliez, e aceitou. Em outubro de 1955, o Instituto de Música separou-se da EGBA (BORGES, M. H., 1999, p. 102-104).

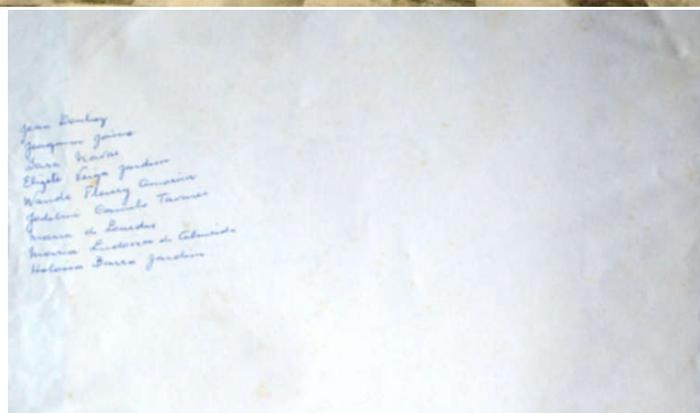
Vê-se que a família que Belkiss constituiu não limitou o seu envolvimento com suas performances, pelo contrário, o marido foi seu grande incentivador. Inclusive, já casada e mãe de dois filhos pequenos, ela foi a solista da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, no concerto em Belo Horizonte, o que representava uma postura avançada para a época.

1.4 – Uma profissional empreendedora: o crescimento artístico de Goiânia

Em janeiro de 1956, o Instituto de Música da EGBA passou a se chamar Conservatório Goiano de Música, que, em função da pouca arrecadação financeira, deveria ser mantido por uma fundação (BORGES, M. H., 1999, p. 111-112). E, para organizar os estatutos da Fundação, foi criada uma comissão que, durante reunião realizada no dia 30 de janeiro de 1956, designou a Belkiss diretora do Conservatório, “mas a luta para que esse conservatório tivesse reconhecimento federal continuava” (CAPUZZO, 2016, p. 50).

Como resultado das atividades da fotobiografada enquanto professora no Instituto de Música, desde 1955, quando ingressou no quadro de docentes da EGBA, foi encontrada a Figura 29, que registra a 2ª Turma de alunos formados naquele instituto.

Figura 29 – Fotografia da formatura da 2ª turma de alunos da Belkiss no Instituto de Música da EGBA



Autor não identificado, 1956-1958 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta foto é de autoria não identificada, foi feita em preto e branco e o enquadramento escolhido foi o horizontal, centralizando toda a turma. Provavelmente foi feita por um fotógrafo profissional, por se tratar de uma fotografia oficial de formatura. Nesta época, os fotógrafos que se encontravam ativos em Goiânia eram: Antônio Pereira da Silva (1897 – 1977), Haroutium Berberian (1905 – 1981), Alois Feichtenberger (1908 – 1986),

Silvio Berto (1908 – 2002), Priscila Barbosa da Silva (1908 – 2007), Henryk Hipolit Baranowski (1909 – 1980), Luiz Pucci (1919 – 1978), Aldorando Neves (1919 -), Benito Mussolini Bianchi (1923 -) e Hélio de Oliveira (1929 -) (PIONEIROS..., s.d.). Ou seja, pode ter sido qualquer um destes profissionais o autor desta fotografia.

Belkiss aparece em uma posição 3/4. A iluminação artificial, pelo que se pode perceber pela sombra das pessoas projetada na parede, foi feita de cima para baixo, diagonalmente, da esquerda para a direita. A imagem foi feita no local do evento, ou seja, no Jóquei Clube de Goiás, segundo depoimento da filha adotiva da musicista, Maria Alice Siqueira (2017). No verso da foto, estão registrados, à mão, os seguintes nomes: “Jean Douliez”, “Joaquim Jaime”, “Iara Navas”, “Elizete Veiga Jardim”, “Wanda Fleury Amorim”, “Jodelmi Camilo Tavares”, “Maria de Lourdes”, “Maria Ludovico de Almeida” e “Heloísa Barra Jardim”.

Pode-se depreender que estes nomes devem ser considerados da esquerda para a direita. Jean Douliez usa óculos e sapatos pretos, veste um terno claro, uma camisa branca e uma gravata estampada; Joaquim Jayme porta um terno, gravata borboleta e sapatos pretos, além de uma camisa branca; Iara Navas veste um vestido, sapatos e brincos brancos; Elizete Veiga Jardim está com um vestido acetinado e sapatos brancos; Wanda Fleury veste um vestido brilhoso com pregas no decote e sandálias claras; Jodelmi Camilo Tavares usa um colar e vestido branco; Maria de Lourdes está com um vestido escuro decorado com flores e folhas, além de brincos e sapatos escuros; Maria Ludovico de Almeida porta sandálias claras (não é possível identificar a indumentária dela nesta foto) e Heloísa Barra Jardim usa um vestido acetinado e sapatos escuros, brincos, anel na mão direita e pulseira no braço esquerdo.

Todos se encontram de pé na foto, menos Belkiss, que aparece sentada em uma cadeira, diante da turma, com semblante sério. Veste um vestido acetinado estampado. Usa batom, colar e sapatos de salto alto claros. Está com as mãos cruzadas, apoiadas sobre as pernas, enquanto seus pés também permanecem cruzados. Teria ela se sentado na frente dos alunos para assinalar que era a professora? A pompa do evento e seu registro sempre fez parte das formaturas dos conservatórios da época e, até hoje, o ritual se faz presente.

Belkiss “professora” não deixa de também atuar como musicista, considerando o seu concerto de piano, ocorrido no dia 20 de agosto de 1957, às 20 horas, no Jóquei Clube de Goiás, em homenagem à sua avó, Nanhá do Couto, como se pode ver no convite (Anexo 31).

Sabe-se que, em janeiro de 1959, após várias solicitações da Belkiss, foi autorizado o pedido de criação do Conservatório Goiano de Música, pelo então presidente Juscelino Kubitschek (BORGES, M. H., 1999, p. 117), que governou de 31 de janeiro de 1956 a 31 de janeiro de 1961. O próximo passo para ela era criar uma orquestra. Jean Douliez já havia criado a Orquestra Sinfônica de Goiás, então ela sugeriu que o Conservatório criasse uma Orquestra Sinfônica Feminina, a primeira do Brasil, uma vez que havia poucos alunos homens (BORGES, M. H., 1999, p. 117).

Daí, segundo depoimento da amiga da musicista, Maria Luíza Póvoa da Cruz (2017), professoras e alunas foram aprender a tocar novos instrumentos, além do piano, para poderem integrar a orquestra. Belkiss aprendeu a tocar violoncelo. Assim, no dia 7 de setembro de 1959, a Orquestra Sinfônica Feminina, regida pelo maestro Jean Douliez, fez sua primeira apresentação (BORGES, M. H., 1999, p. 118). Logo depois, a Revista O Cruzeiro, do Rio de Janeiro, publicada em 11 de junho de 1960, fez uma matéria completa e divulgou a existência da Orquestra, sob o título “52 saias e boa música” (Anexo 32).

Conforme noticiado, “52 saias” compunham a orquestra, sendo esta a segunda Orquestra Sinfônica Feminina do mundo (FRANCO, 1960, p. 38-41). Para se ter uma ideia da importância daquela revista, à época, segue um breve histórico:

Lançada em 1928, *O Cruzeiro* só contava com um fotógrafo em seus quadros, até a entrada de Jean Manzon, em 1943. Com ampla liberdade de ação, e seguindo o modelo da revista norte-americana *Life*, Manzon transformou a revista, mudando não apenas o estilo e o espaço ocupado pelas fotografias, mas também a própria maneira de se fazer as matérias. Investindo nas grandes reportagens, abrindo espaço para as fotografias, a revista passa a apresentar, em tom aventureiro, o Brasil para a classe média nacional. A valorização e glamurização do fotógrafo aventureiro foi uma estratégia de marketing de revistas como a americana *Life* e também foi utilizada em *O Cruzeiro*. Essa estratégia acabou por dar aos fotógrafos autonomia e respeito profissional inéditos naquele Brasil das décadas de 40 e 50. O sucesso do novo estilo da revista dos *Diários Associados*, empresa de Assis Chateaubriand, foi estrondoso (...). (COELHO, 2006, p. 84).

O fato de uma equipe da Revista O Cruzeiro ter vindo até Goiânia para noticiar a criação da Orquestra Sinfônica Feminina remete a um *glamour* ainda não experimentado até aquele momento. A Figura 30 retrata uma das apresentações da referida orquestra e foi atribuída ao período de 1959 a 1961, uma vez que este foi o curto período de existência do grupo, já que as moças começaram a noivar e a se casar, tendo tido que deixar a orquestra, segundo Borges, M. H (1999, p. 119).

Figura 30 – Fotografia da Belkiss com a Orquestra Sinfônica Feminina



Autor não identificado, 1959-1961 (atribuída), Goiânia (atribuída). Fonte: acervo MIS-GO.

A foto acima foi feita em preto e branco e o enquadramento foi o horizontal. O corte escolhido pelo fotógrafo foi aplicado logo abaixo das pernas dos que estão na frente (talvez por não dispor de espaço suficiente para todo o enquadramento que desejava fazer). É provável que ele tenha optado por centralizar Belkiss e o maestro, que aparecem em uma pose frontal, mas teve que deslocar seu foco a fim de englobar o restante da orquestra, que estava ao fundo. A iluminação artificial é frontal, mas a foto mostra uma iluminação além da do fotógrafo, que era possivelmente a do próprio local onde se apresentavam. É provável que este registro tenha sido feito por um fotógrafo profissional, que normalmente era convidado para fotografar eventos, mas que aqui não pôde ser identificado.

Ela foi tirada em algum lugar onde a orquestra se apresentava, não se sabe precisar exatamente aonde, mas pode-se deduzir que tenha sido em Goiânia. Pois, apesar de terem recebido vários convites para se deslocarem pelo Brasil, o único aceito foi para um concerto realizado em praça pública, em Belo Horizonte, como parte das homenagens que foram prestadas a Juscelino Kubitschek (BORGES, M. H., 1999, p. 118). Pode-se ver, na frente, a musicista e, à sua direita, o maestro Jean François Douliez, cumprimentando-a, provavelmente ao final do espetáculo, pois eles adotaram uma postura típica do final de apresentações, quando os músicos se voltam frontalmente para o público. Do lado direito do maestro e do lado esquerdo da Belkiss, aparecem as moças que compunham a orquestra, as quais não sabemos identificar pelos nomes.

A musicista tem entre 31 e 33 anos de idade, novamente bem vestida e penteada, com um adorno em volta do pescoço. Está vestindo uma roupa reluzente, que deixa à mostra somente mãos e antebraço, além do pescoço e rosto. Ela apresenta um sorriso alegre e seguro,

parecendo satisfeita com o sucesso do trabalho que vinha realizando na área musical em Goiânia e feliz pela vitória que representou, após muitas tentativas fracassadas, a autorização de funcionamento do Conservatório Goiano de Música.

No dia 21 de abril de 1960, a cidade de Brasília-DF foi inaugurada pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Como Belkiss estava doente, as professoras Maria Lucy da Veiga e duas outras docentes do Conservatório levaram um ofício para o próprio presidente, na nova capital da República, solicitando a integração do Conservatório à UFG, e conseguiram um despacho favorável, segundo relato da Maria Lucy da Veiga (2017). Assim, no mês de dezembro, o Conservatório passou a fazer parte da UFG (BORGES, M. H., 1999, p. 123).

A Figura 31, segundo depoimento da Maria Luíza Póvoa da Cruz (2017), foi feita em Goiânia. Atribuiu-se ao período de 1961 a 1964, pois a gestão do Colemar Natal e Silva na Reitoria da UFG foi de 1961 a 1964 (UFG), enquanto que o mandato do Juscelino como presidente foi de 1956 a 1961 e, em seguida, como senador por Goiás, de 1961 a 1964. Assim, é provável que este encontro tenha se dado neste intervalo, ou seja, entre 1961 e 1964, período em que também estava no governo do Estado de Goiás, Mauro Borges Teixeira. Trata-se de uma foto com intenção política, já que eles poderiam estar oficializando a incorporação do Conservatório de Música pela UFG. Segundo Gisèle Freund (1983), a fotografia pode ter esta função política, quando o fotógrafo visa destacar algum personagem historicamente importante, por vontade própria ou a pedido de quem o contratou.

Figura 31 – Fotografia da Belkiss ao lado de Juscelino Kubitschek



Autor não identificado, 1961-1964 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta foto foi tirada em preto e branco e o enquadramento escolhido foi o horizontal, com Belkiss em uma posição 3/4. Considerou-se este registro como profissional, em função da importância do encontro, que normalmente era captado por um fotógrafo profissional contratado pelo Palácio do Governo. A iluminação artificial foi feita de cima pra baixo, da esquerda para a direita. Não havia nenhuma anotação quanto à data, ao fotógrafo nem às pessoas que aparecem na foto, então só foi possível reconhecer visualmente Juscelino Kubitschek, em pé; o reitor da UFG, Colemar Natal e Silva, do lado esquerdo de Juscelino; o então governador de Goiás, Mauro Borges Teixeira, do lado esquerdo de Colemar, e Belkiss, diretora do Conservatório, do lado direito do então presidente do Brasil ou senador por Goiás. O outro homem, sentado ao lado do Mauro Borges, não pôde ser identificado.

Há uma mesa retangular no centro da foto, com alguns papéis, uma pequena agenda, dois copos e uma garrafa de vidro sobre ela. Todos os homens estão usando terno, gravata e sapatos escuros. Belkiss é a única mulher presente e segura um lápis ou caneta na mão esquerda, apesar de ser destra e não canhota. Ela está sentada sobre uma cadeira, do lado direito da cena, usando um vestido escuro brilhoso, colar de pérolas e sapatos de salto alto pretos, olhando languidamente para Juscelino. Seria esta fotografia a representação simbólica da integração do conservatório pela UFG?

A Figura 32, que se segue, também tinha uma intenção política, assim como a anterior. Certamente, em sua época, visava dar destaque à figura do presidente Getúlio Vargas, sendo homenageado, quando de sua visita a Goiânia. Seu autor foi o fotógrafo português Antônio Pereira da Silva (1897-1977), nascido em Lisboa. Veio para Goiás na década de 1920, tendo passado pelas cidades de Orizona e Pires do Rio. Mudou-se para Goiânia em 1933, e aqui trabalhou atendendo a “reportagens sociais”, registrando eventos e fatos políticos, como a vinda de Getúlio para Goiânia. Trabalhou no ramo da fotografia até a década de 1950 (PIONEIROS..., s.d., p. 10-11).

Figura 32 – Fotografia de Getúlio Vargas, ao centro



Autor: Antônio Pereira da Silva, c. 1940, Goiânia. Fonte: PIONEIROS..., s.d., p. 13.

Em 1961, o compositor Camargo Guarnieri (1907-1933) veio a Goiânia, a convite dos formandos do Conservatório, e ficou encantado ao ver Belkiss tocar. Aí começou a amizade entre eles, que teve como consequência uma série de participações do compositor em Goiânia (MORAIS, 1998, p. A-36).

Percebe-se que a musicista era solicitada a se apresentar com grupos musicais de outros lugares do Brasil, levando-se em consideração a sua atuação ao piano, no dia 30 de dezembro de 1962, com o Quarteto do Rio de Janeiro, em Goiânia, patrocinado pela UFG, como se verifica no programa (Anexo 33). Aqui, surgem no repertório tocado por ela, os brasileiros Villa-Lobos e Francisco Braga.

Aos poucos, Belkiss foi se tornando uma referência de mulher para o Estado de Goiás, considerando que, no dia 30 de janeiro de 1963, com seus 34 anos de idade, foi eleita dentre as “10 mais elegantes” de Goiânia, conforme apresentou o cronista Roberto Ferreira no programa de TV “Rádio Club”. A Figura 33 comprova este momento de *glamour* da sociedade goiana. Percebe-se claramente que este título vem somado, não só à elegância pessoal da musicista, mas à sua projeção advinda dos eventos artísticos que ela realizava em Goiânia e em outras partes do país.

Figura 33 – Fotografia da Belkiss, dentre as “10 mais elegantes” de Goiânia



Das "10 mais elegantes"
 - programa de T.V. Rádio
 Club - apresentação
 do cronista
 Roberto Ferreira
 dia 30 de janeiro de 1963

Autor não identificado, 30 de janeiro de 1963, Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta foto foi feita em preto e branco, e o enquadramento escolhido foi o horizontal. Atribuiu-se a autoria desta imagem a um fotógrafo profissional, por se tratar de um estúdio de televisão, onde normalmente só profissionais credenciados teriam acesso. Belkiss e as demais mulheres estão em segundo plano, em uma pose frontal, sendo que em primeiro plano aparece o cronista. No centro da cena, uma mesinha em cima de um tapete e, à esquerda, uma lareira, sobre a qual se vê um telefone preto. Sobre a lareira e acima das cabeças das mulheres, há quadros decorativos. A iluminação do estúdio de gravação é artificial e, provavelmente, multifocal. No verso da foto, está escrito, à mão: “Das '10 mais elegantes' – programa de T.V. Rádio Club – apresentação do cronista Roberto Ferreira” e “dia 30 de janeiro de 1963”.

Segundo narrou Maria Luíza Póvoa da Cruz (2017), em entrevista concedida a esta autora, da esquerda para a direita, estão: Belkiss, Stela Berocan, Teresa Sabino, Maria Luíza Póvoa da Cruz e Nancy Bose, que eram personalidades conhecidas na sociedade da época. O apresentador veste um smoking preto, enquanto a fotobiografada usa um vestido brilhoso, sapatos de salto alto claros e colar de pérolas, tendo as mãos e os pés cruzados; Stela Berocan veste um vestido preto de uma alça só, usa pulseiras e os cabelos totalmente presos atrás; Teresa Sabino está com um vestido preto com broche, pulseira e sapatos de salto alto pretos, com cabelos formando um coque atrás; Maria Luíza Póvoa da Cruz porta um vestido escuro com um ornamento no decote e usa sapatos de salto alto claros e Nancy Bose veste um vestido claro e sapatos de salto alto escuros, enquanto os cabelos estão totalmente presos atrás. Todas as mulheres estão sérias, provavelmente atentas às palavras do cronista.

A musicista Belkiss também passa a ser solicitada para tocar em eventos que extrapolam a área especificamente musical, como apresentar-se na abertura do “XV Congresso de Gastreterologia”, ocorrido no dia 17 de julho de 1963, em Goiânia (Anexo 34). Aqui, uma vez mais, os compositores brasileiros ganham peso no programa musical oferecido por ela, onde se vê Mignone, Villa-Lobos, Lorenzo Fernandez e Camargo Guarnieri.

Já no mês seguinte, em 20 de agosto de 1963, ela fez um recital de piano em homenagem à sua avó, Nanhá do Couto, por esta ser considerada a pianista pioneira e incentivadora das artes na Cidade de Goiás e em Goiânia. E, no dia 5 de setembro, tocou piano no recital em comemoração ao Dia da Pátria. Ambos os eventos aconteceram no auditório do Conservatório de Música da UFG. Com os filhos crescidos e com o Conservatório da UFG em pleno funcionamento, a musicista pôde atender convites para tocar em outras cidades do Brasil. Como exemplo, ela realizou um recital na cidade de Vitória-ES, no dia 29 de outubro de 1963, às 20 horas, conforme consta no programa (Anexo 35).

Em 1964, teve início a Ditadura Militar, por meio de um golpe que derrubou o presidente eleito João Goulart. Mesmo diante de um cenário político tão conturbado, Belkiss continuou se apresentando Brasil afora: em janeiro, na Televisão Tupi do Rio de Janeiro; em março, os solos de piano na TV Anhanguera, em Goiânia, tendo recebido, na ocasião, o “Troféu Planalto” (BALANÇO..., 1965, p. 1) e o concerto de intercâmbio na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 4 de novembro, conforme se

pode atestar pelo convite-família (Anexo 36). Nesta última oportunidade, ela tocou os compositores brasileiros Nepomuceno e Guarnieri.

Ainda em 1964, não se sabe exatamente em que data, a musicista se apresentou em um recital no Rio de Janeiro, como demonstra a Figura 34. Tal fotografia é de autoria de Alois Feichetenberger (1908-1986), fotógrafo austríaco nascido em 1908, que veio para o Brasil em 1925 e estabeleceu-se em São Paulo. Fez suas primeiras fotos no Brasil durante uma expedição no Pantanal. Em 1936, veio para Goiânia, convidado para registrar as obras da cidade. Posteriormente, serviu no exército alemão como oficial fotógrafo durante a Segunda Guerra Mundial e só voltou para Goiânia em 1960. Trabalhou até adoecer, em 1986. Sua principal máquina era uma “*Leica*” antiga (PIONEIROS..., s.d., p. 34-35).

Esta foto pertence ao acervo do MIS-GO, onde a legenda original a remete à década de 1970, mas, como foi encontrada outra cópia, no acervo da família, colada sobre papel sulfite, formato A4, na margem do qual está anotado, à mão, com caligrafia que lembra a da Belkiss: “Recital – Rio de Janeiro” e “1964”, foi considerada a data de 1964 neste texto.

Figura 34 – Foto da Belkiss, durante recital



Autor: Alois Feichtenberger, 1964, Rio de Janeiro. Fonte: acervo MIS-GO.

Esta fotografia foi tirada em preto e branco, o enquadramento escolhido foi o vertical, a iluminação artificial foi projetada de frente, levemente da esquerda para a direita. A musicista, ao piano, está em primeiro plano, em uma pose lateral, sendo que, atrás, só se vê a

sombra projetada sobre o fundo de palco no qual ela se apresentava. Para Fabris (2009, p. 45), o retrato fotográfico “herda do retrato pictórico a preocupação com o modelo luminoso e com a tradução do relevo espacial, o que lhe permite condensar numa única imagem os traços distintivos da fisionomia e os atributos sociais da personalidade”.

Ela usa colar e um vestido comprido estampado, com um laço de fita atrás. Está sentada sobre uma banquetta preta e diante de um piano do qual só vemos a frente. Belkiss, por volta de seus 36 anos, está concentrada em sua atuação musical, dedilhando o piano, seu fiel amigo. É possível que ela tenha convidado o fotógrafo, então residente em Goiânia, para registrar este momento importante, no Rio de Janeiro. Teria a musicista encomendado esta fotografia com o intuito de publicá-la?

No transcorrer destes anos, depara-se com muitas fotografias da menina Belkiss que, aos poucos, foi se tornando moça e mulher. Dentro da formação familiar da época ela se faz representar como aquela menina que integra a elite da Cidade de Goiás; se faz registrar dentro das convenções religiosas; demonstra a intimidade com sua avó Nanhá do Couto; participa de eventos sociais; de eventos familiares; e torna-se motivo de registro individual e coletivo à medida que se torna reconhecida como a musicista oficial da cidade de Goiânia. Assim, quando ela vai ao estúdio, para ser fotografada, ela dá de si uma imagem já previamente preparada, assim como conclui Pierre Bourdieu (1979):

Em uma palavra, ante o olhar que fixa e imobiliza as aparências, adotar a postura mais cerimonial, é reduzir o risco de incapacidade e estranheza de dar ao outro uma imagem de si “preparada”, ou seja, definida de antemão. Do mesmo modo que o respeito pela etiqueta, a frontalidade é um meio de que alguém possa efetuar por si mesmo sua própria objetivação: dar de si uma imagem a partir de regras, é uma maneira de impor as normas da própria percepção. (BOURDIEU, 1979, p. 129, tradução da autora)²⁷.

Ratificando esta afirmação, percebe-se, após a análise de cada um das imagens deste capítulo, que ela está sempre bem produzida, de acordo com a ocasião em que é retratada, se vestindo dentro dos parâmetros sociais de cada época. Por tudo isso, pode-se afirmar que ela era uma representante da elite social e cultural da Cidade de Goiás e de Goiânia.

²⁷ Texto original: “*En una palabra, ante a mirada que fija e inmovilliza las apariencias, adoptar la postura más ceremonial, es reducir le riesgo de la inhabilidad y de la torpeza y dar al otro una imagen de si “preparada”, es decir, definida de antemano. Del mismo modo que el respeto por la etiqueta, la frontalidad es un medio de que uno efectue por sí mismo su propia objetivación: dar de si una imagen a partir de reglas, es una manera de imponer las normas de la propia percepción.*” (BOURDIEU, 1979, p. 129)

CAPÍTULO 2

A consagração da carreira (1965-2005)

Neste período, 21 anos da vida da Belkiss foram vividos durante a Ditadura Militar, instituída no Brasil em 1964 e tendo fim somente em 1985. Durante este intervalo, no qual sucessivos governos militares tiveram vez, vários atos institucionais foram publicados, retirando os direitos previstos pela Constituição de 1967. Assim, com o Ato Institucional n. 5, publicado em dezembro de 1968, por exemplo, foram suspensos o *habeas corpus*, os direitos políticos e restringido o exercício de qualquer direito público ou privado, entre outros itens abarcados (PORTAL...).

Vários artistas, intelectuais e quaisquer cidadãos que fossem considerados contra o governo, foram sequestrados, torturados, mortos ou exilados. Muitos músicos foram presos e outros se viram obrigados a sair do país. Tais episódios aconteceram com diversos representantes da música popular brasileira, como Geraldo Vandré²⁸, Caetano Veloso²⁹ e Chico Buarque³⁰, para citar alguns (MEMÓRIAS...). Belkiss, no entanto, não sofreu perseguição política nesta época, segundo sua amiga Maria Lucy da Veiga Teixeira (2017). Provavelmente por já se encontrar inserida nas políticas culturais, tendo sido, inclusive, financiada pelo Estado em diversas turnês. Ela parece ter continuado sua carreira, ao que se nota, sem interrupções.

É claro que ninguém estava a salvo das proibições e limites impostos pela Ditadura, mas ela continuou seu trabalho de divulgação da música brasileira, no Brasil e no exterior. De acordo com Coelho (2006, p. 92), “com o apoio dos militares, a indústria cultural brasileira atingiu a maturidade entre as décadas de 60 e 70. O mercado publicitário se expandiu e a televisão se tornou o principal veículo de entretenimento e informação”.

²⁸ Geraldo Vandré nasceu em João Pessoa-PA em setembro de 1935. Cantor, compositor, poeta e advogado, autor da composição “Pra não dizer que não falei das flores”, que se tornou ícone da resistência estudantil ao regime militar. Por isto, decidiu partir para o exílio em 1968, depois do Ato Institucional n. 5. Voltou ao Brasil em 1973, mas teve sua carreira artística interrompida. Hoje é octogenário e mora em São Paulo (MEDEIROS e MEMÓRIAS...).

²⁹ Caetano Veloso é cantor e compositor, nascido em agosto de 1942, em Santo Amaro da Purificação-BA. Em 1965, mudou-se para o Rio de Janeiro e lançou seu primeiro LP em 1967. Foi preso pela Ditadura Militar em dezembro de 1968 e libertado em fevereiro de 1969, tendo sido coagido a se confinar em Salvador-BA e, depois, exilado em Londres (Inglaterra) até agosto de 1971, quando voltou ao Brasil. Continuou sua produção musical e é, atualmente, consagrado artista brasileiro (CAETANO...).

³⁰ Chico Buarque de Hollanda é músico, dramaturgo e escritor que nasceu no Rio de Janeiro em junho de 1944. Sua família mudou-se para Roma (Itália) em 1953 e, em 1954, estavam de volta ao Brasil, passando a residir em São Paulo. Lançou seu primeiro compacto em 1965 e mudou-se para o Rio em 1966. Depois do Ato Institucional n. 5, em dezembro de 1968, foi detido para prestar depoimento sobre suas ações consideradas “subversivas ao sistema”. Em 1969, se auto exilou na Itália, tendo voltado ao Brasil em 1970. Seguiu sua carreira artística sempre vigiado e censurado, até o fim da Ditadura Militar, em 1985. Depois, continuou sua produção e atua, ainda hoje, como artista (CHICO...).

2.1- Atuação cultural

Mesmo diante de um cenário político extremamente complexo, em 9 de novembro de 1965, às 21 horas, Belkiss deu um concerto de intercâmbio na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. É o que se vê no Anexo 37, sendo que na segunda parte do programa ela executou somente autores cariocas. No dia 27 de janeiro de 1966, em Goiânia, durante o “II Congresso Nacional de Medicina Tropical”, ela fez um recital de piano, conforme é possível conferir pelo programa da apresentação musical (Anexo 38). Aqui ela tocou compositores estrangeiros, sendo que o único brasileiro foi Ernesto Nazareth.

Em 18 de fevereiro de 1966, às 21 horas, em São Paulo, a musicista atuou como solista da Orquestra Sinfônica Municipal, regida por Camargo Guarnieri (Anexo 39). Na capa do material de divulgação do Teatro Municipal de São Paulo lê-se “Temporada - 1966”, no entanto, no interior da publicação, lê-se “São Paúão, 18 de fevereiro de 1965”. Percebe-se aí dois erros na grafia, sendo um no nome da cidade de São Paulo e o outro no ano que, ao invés de ser 1966, foi grafado 1965. Depreende-se que o ano era, na verdade, 1966, tanto pela capa do impresso, quanto por uma anotação feita à caneta com uma caligrafia que lembra a da Belkiss: “18/02/66”. Além disso, há um anúncio das “Casas Pernambucanas” publicado no material de divulgação do Teatro, que diz: “1966”, “Fevereiro chegou!”.

No dia 28 de fevereiro, Guarnieri escreveu à musicista, contando-lhe, em correspondência, sobre o sucesso da apresentação deles em São Paulo. A este respeito, o maestro contou que eles receberam duas críticas, que foram positivas, sendo, uma delas, a do Caldeira Filho. Guarnieri afirmou que: “é preciso que se saiba que o Caldeira Filho é o nosso melhor crítico e ele disse coisas boas a seu respeito” (Anexo 40). Deduz-se que ele estivesse se referindo ao famoso crítico musical João Caldeira Filho, que atuava no jornal O Estado de São Paulo, à época (ACADEMIA Brasileira...).

Em 16 de abril, Belkiss atuou como júri do “1º Concurso Nacional de Música” de Belo Horizonte. Em agosto, recebeu a “Medalha Eleazar de Carvalho”, da União Brasileira de Escritores (UBE), em louvor “à sua arte”. No mês de outubro, participou da comissão julgadora do “1º Festival Goiano de Música Popular Brasileira”. Também participou do júri do “VII Concurso Nacional de Piano”, realizado pela Ordem dos Músicos do Brasil, no Rio de Janeiro.

No âmbito cultural, em 1966, foi criado o Conselho Federal de Cultura (CFC), comprovando uma estratégia dos militares de valorizar a cultura nacional (SILVA, 2008, p. 178). O início de suas atividades ocorreu no início de 1967. O objetivo da criação do CFC era institucionalizar a ação do governo no setor cultural, centralizando as decisões através de um grupo de intelectuais. O Conselho constituía-se em quatro câmaras: artes, letras, ciências humanas, patrimônio histórico e artístico nacional e mais uma que tratava de legislações e normas. Uma de suas prioridades era criar secretarias e conselhos no nível estadual (MAIA, 2008, p. 89-98). Assim, em 1967, foi criado, em Goiás, o Conselho Estadual de Cultura, um órgão com atribuições normativas e deliberativas, além de fiscalizadoras, e que visa promover a gestão democrática da cultura em Goiás (SECRETARIA...).

No dia 7 de abril de 1967, a musicista fez um recital de piano em homenagem à Conferência Distrital do Rotary Internacional, no Conservatório de Música da UFG. Em 17 de abril, às 20h45, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, realizou-se a “Noite de Goiás”, onde várias musicistas goianas se apresentaram, sendo, uma delas, a Belkiss, que tocou Kabalewsky (Anexo 41).

Já no exterior do país, em 2 de junho de 1967, ela ofereceu um concerto de intercâmbio luso-brasileiro, organizado pela Pró-Arte, na Sala de Concertos do Conservatório Nacional, em Lisboa, às 21h45 (Anexo 42). Tocou vários autores brasileiros, divulgando-os pela primeira vez no exterior, de acordo com os registros encontrados. Em 19 de junho de 1967, ela se apresentou na Casa do Brasil, em Madrid (Anexo 43), sendo que a programação foi praticamente idêntica à executada em Lisboa.

De volta ao Brasil, no dia 20 de agosto de 1967, a musicista fez um recital de piano em homenagem à sua avó, Nhanhá do Couto (JORGE, 1968). Em 17 de setembro, às 21 horas, Belkiss e Arnaldo Estrella³¹ fizeram um recital a dois pianos, por ocasião do “1º Festival de Música Erudita”, organizado por ela, em Goiânia. O programa do Festival, realizado entre os dias 6 e 17 de setembro, está reproduzido no Anexo 44. A Figura 35, que se segue, fixou este momento em que eles se reuniram para tocar, durante o “I Festival de Música Erudita”. Seu autor é desconhecido e ela foi atribuída à data encontrada no programa

³¹ Arnaldo Estrella foi um dos maiores pianistas brasileiros e também professor da Escola de Música da UFRJ. Nasceu no Rio de Janeiro em 1908 e formou-se no Instituto Nacional de Música em 1930. Em 1947, ingressou como docente da Escola de Música da UFRJ, onde atuou até 1969. Integrou um duo com a esposa, a violinista Mariuccia Iacovino, e o Quarteto da Guanabara, que, além do casal, era constituído pelo violista Frederico Stephany e Iberê Gomes Grosso. Exerceu também crítica musical e faleceu em Petrópolis, em 1980 (ESCOLA...).

do Festival. Percebe-se, ao longo deste ano, que Belkiss se apresentou em diversos locais no Brasil e na Europa, demonstrando um crescente interesse do público pelo seu trabalho.

Figura 35 – Fotografia do duo Belkiss e Arnaldo Estrella



Autor não identificado, 17 de setembro de 1967 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A fotografia acima foi tirada em preto e branco, e o fotógrafo optou por um enquadramento horizontal, centralizando Belkiss na cena, em posição 3/4. Em primeiro plano, vê-se a musicista, sendo que, em segundo plano, está Arnaldo Estrella. Atrás deles, professores, alunos e convidados se misturam ao fundo. A iluminação é artificial e frontal, sendo que além do foco de luz do fotógrafo há também a iluminação ambiente. É provável que a fotografia tenha sido feita por um fotógrafo profissional local, que normalmente era convidado para registrar eventos desta natureza.

Belkiss usa um vestido comprido todo drapeado, solto nas costas, com detalhes bordados na cintura. Ela está com os cabelos curtos, parcialmente presos atrás, compondo um perfeito penteado. Arnaldo veste um fraque escuro sobre camisa, gravata e colete brancos. Atrás da musicista, do lado esquerdo, está Maria Luíza Póvoa da Cruz, e Simão, marido da Belkiss, que é o primeiro da direita para a esquerda. As demais pessoas não foram identificadas.

A musicista tinha, então, 39 anos de idade e, certamente, estava muito orgulhosa por poder tocar com o consagrado pianista Arnaldo Estrella. Seu sorriso de contentamento deixa evidente a alegria e satisfação em fazê-lo. No entanto, deve-se considerar o que coloca Entler:

A imagem não é a resposta única, sequer múltipla, oferecida ao olhar que interroga o passado, mas um elemento constitutivo da própria pergunta que nos move e que, desde o passado, não cessa de ser formulada. Ela não preenche as lacunas da memória. Ela apenas detém o olhar numa de suas beiradas, ajudando a dar impulso ao salto que leva o olhar ao passado, por caminhos que nunca são contínuos e lineares. (ENTLER, 2012, p. 144).

Ou seja, segundo este autor, não se deve buscar todas as respostas relativas ao passado em uma imagem, pois só se tem acesso a uma parte das informações e, portanto, pode ser perigoso querer extrair tudo de uma fotografia, sendo que, certamente, restarão lacunas a serem preenchidas ao se observar e analisar uma imagem, como no caso desta.

Em 21 de novembro de 1967, o Conservatório de Música e a Faculdade de Artes da UFG unem-se e passam a chamar-se Instituto de Artes da UFG, sendo que Belkiss continuava fazendo parte de seu corpo docente (CAPUZZO, 2016, p. 51).

No dia 8 de setembro de 1968, às 10 horas, a musicista foi a solista em um concerto da Orquestra Sinfônica Nacional, regida pelo maestro Alceo Bocchino³², apresentada pela Rádio Ministério da Educação (MEC), no Rio de Janeiro, no programa “Concertos para a Juventude”³³, na TV Globo (Anexo 45). Belkiss foi a solista da primeira parte, tocando somente Bach e Liszt, sendo que Villa-Lobos foi executado por outra pianista. A apresentação dela foi noticiada duas vezes, pelo jornal Correio da Manhã, no Rio de Janeiro, nos dias 6 e 8 de setembro de 1968. Ambas as edições noticiaram que o programa começaria com o “Prelúdio em mi bemol menor do Cravo Bem Temperado, de Bach (...)” e o “Concerto n. 1 para piano e orquestra, de Liszt, com a solista Belkiss Carneiro de Mendonça” (OS 32..., 1968, p. 3 e DOMINGO..., 1968, p. 10).

³² Alceo Bocchino nasceu em Curitiba-PR em novembro de 1918, graduou-se no Conservatório Paranaense de Música e se estabeleceu no Rio de Janeiro em 1946. Foi maestro de diversas orquestras, professor e viveu até abril de 2013, no Rio (ACADEMIA Brasileira...).

³³ “Concertos para a Juventude” foi um programa de TV, exibido pela TV Globo, que teve início em 1965 e esteve no ar por 21 anos. Visava romper com as barreiras entre a música erudita e o público em geral, apresentando pequenos concertos ao vivo. Depois, passou a exibir obras completas dos grandes mestres da música clássica. Produziram-se também programas especiais, com o intuito de incentivar a cultura do Brasil e a formação de grupos folclóricos, além de bandas no interior do país. Na década de 1970, foram realizados concursos que revelavam novos talentos (MEMÓRIA...).

Foi nesta ocasião que ela se deixou fotografar, por um fotógrafo não identificado do Rio de Janeiro, como se pode ver na Figura 36. Esta foto pertence ao acervo do MIS-GO, que forneceu uma legenda considerada por esta autora como incorreta, uma vez que afirma que a data de registro de tal fotografia teria se dado na década de 1980, enquanto tem-se a programação do concerto que comprova a data de 1968.

Figura 36 – Fotografia da Belkiss com o maestro Alceo Bocchino



Autor não identificado, 8 de setembro de 1968 (atribuída), Rio de Janeiro. Fonte: acervo MIS-GO.

Esta foto, feita em preto e branco, provavelmente foi realizada por um profissional que trabalhava na emissora de TV. Segundo Kossoy (2001, p. 36), “Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”. Ou seja, o fotógrafo captou uma cena do real, fixando-o em uma fração de tempo, e este instante veio a se revelar por meio desta fotografia, cujo enquadramento é horizontal, com Belkiss e o maestro em primeiro plano. Em segundo plano, vê-se a orquestra, sendo que, atrás, percebe-se o fundo de palco. A iluminação artificial, por ser de um estúdio de TV, é multifocal.

A musicista usa um vestido e sapatos de salto alto pretos, além de um colar de pérolas de três voltas, um bracelete metálico no braço esquerdo e um buquê de flores envolvido em papel celofane transparente amarrado com fita na mão direita, sendo as flores

seguradas de cabeça para baixo, pelos caules. O vestido deixa à mostra os braços e parte das pernas. Os cabelos estão curtos e perfeitamente arrumados. Enquanto isso, o maestro Bocchino usa terno, gravata e sapatos pretos, além de uma camisa clara. Ele mantém o dedo da mão esquerda levemente em riste, enquanto a mão direita segura seus óculos. Os cabelos dele também estão penteados com esmero para trás.

Belkiss, em uma posição 3/4, olha para frente, mas não diretamente para o fotógrafo. Já o maestro olha para baixo. Ela tinha exatos 40 anos neste momento e, a julgar pelo sorriso de satisfação, com certeza estava feliz por ter sido convidada a tocar no Rio de Janeiro, na Orquestra Sinfônica da Rádio MEC.

No dia 10 de setembro de 1968, ainda no Rio de Janeiro, Belkiss e Wanda Fleury, às 18h30, fizeram um recital a dois pianos, cujo programa-convite encontra-se no Anexo 46, que demonstra que elas só executaram um compositor brasileiro, Camargo Guarnieri, sendo que os demais foram estrangeiros. De 6 a 17 de outubro, realizou-se o “II Festival de Música Erudita” em Goiânia, no Conservatório de Música da UFG, no qual a musicista atuou na coordenação. Durante o evento, Belkiss e Wanda Fleury fizeram um recital a dois pianos, no dia 16 de outubro, às 21 horas (Anexo 47), no qual se percebe que a programação foi idêntica à tocada por elas no Rio de Janeiro.

Entre os dias 2 e 9 de agosto de 1969, aconteceu o “1º Concurso Nacional de Piano do Estado de Goiás”, organizado pela musicista. No dia 7 de abril de 1970, às 17 horas, ela tomou posse na cadeira n. 40 da Academia Nacional de Música³⁴, no Rio de Janeiro, juntamente com outras duas professoras e um maestro. Ela afirmou ter se sentido “lisongeadas e orgulhosas pelas provas de simpatia e apreço manifestadas pelos amigos”, em função de sua nomeação na Academia (MAGALHÃES, 1970, p. 5). O programa-convite da solenidade está no Anexo 48. A Figura 37, à frente, cujo autor é anônimo, pertence a este momento de sua vida, quando ela estava no auge dos seus 42 anos. Foi atribuída ao dia 7 de abril de 1970, em função de termos encontrado no acervo da família o diploma da Academia Nacional de Música e a programação do evento.

³⁴ A Academia Nacional de Música foi fundada em 23 de fevereiro de 1967, no Rio de Janeiro, e funcionou na Escola de Música da UFRJ. No entanto, em fevereiro de 2015 transferiu sua sede para a Academia de Música Lorenzo Fernandez. Possui 81 cadeiras, normalmente ocupadas por membros vencedores de um concurso extremamente exigente (ACADEMIA Nacional...).

Figura 37 – Fotografia da posse da Belkiss na Academia Nacional de Música



Autor não identificado, 7 de abril de 1970 (atribuída), Rio de Janeiro. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A fotografia acima foi feita em preto e branco e o fotógrafo optou por enquadrar horizontalmente a cena, centralizando a Belkiss, que está em uma posição 3/4. Em primeiro plano, estão a musicista e seus colegas, sendo que, atrás, é possível visualizar o fundo do salão “Leopoldo Miguez”, onde ocorreu a solenidade. A iluminação artificial é frontal. Esta fotografia parece ter sido captada por um fotógrafo profissional, já que o registro de eventos solenes comumente era feito por profissionais contratados para este fim. Com relação à pose adotada pelos circunstantes, Annateresa Fabris diz que

a pose é, portanto, imagem da pessoa, não do sujeito, imagem que a fotografia irá situar claramente no âmbito do artifício, quer pelo uso de recursos técnicos próprios, que estabelecem balizas seletivas na continuidade espacial e na sequência temporal, quer pela possibilidade de dar vida a inúmeras máscaras, que transformam o sujeito primitivo não apenas em pessoa, mas em verdadeira construção ficcional. (FABRIS, 2009, p. 157).

Ou seja, a imagem posada tende para o artificial, concedendo “máscaras” diversas aos sujeitos, a fim de que construam sua própria história, como nesta fotografia. A musicista está sentada sobre uma cadeira, usa vestido preto acima dos joelhos, sapatos de salto alto

pretos, além de um colar de pérolas, pulseira no braço direito e, sobre os ombros, as insígnias dos acadêmicos da Academia Nacional de Música. Está com os cabelos curtos e armados e suas mãos estão unidas, dedos enlaçados sobre as coxas. Todas as suas colegas acadêmicas estão vestindo, além das insígnias acadêmicas, roupas escuras compridas, provavelmente um uniforme estabelecido para elas, salvo uma delas, que, assim como a Belkiss, está usando um vestido acima do joelho. Há somente um homem entre as colegas da musicista, que porta um terno cinza, gravata e sapatos pretos, além de uma camisa branca. Era, provavelmente, o maestro Oswaldo Cabral, que também tomou posse na ocasião.

A musicista está olhando para o lado e está sentada ao lado de sua amiga Maria Luíza de Mattos Priolli, de óculos com lentes escuras. Pelo seu sorriso contido, não é possível afirmar que estivesse feliz, no entanto, por ser este um momento tão significativo em sua carreira, é provável que estivesse se sentindo reconhecida por seu longo trabalho na área musical.

Reforçando esta noção de reconhecimento público, sua posse foi noticiada pelos seguintes jornais do Rio de Janeiro: Diário de Notícias, no dia 4 de abril de 1970, e pelo Tribuna da Imprensa, no dia 6 de abril. O Diário de Notícias publicou o seguinte: “(...) Belkiss Spenciere Carneiro de Mendonça toma posse na Academia Nacional de Música. Grandes pianistas do Brasil estarão presentes na recepção que, por este motivo, lhe será oferecida na residência da professora Maria Priolli (...)” (DOMINGUES, 1970, p. 6). Enquanto isso, o Tribuna da Imprensa noticiou somente a posse dos acadêmicos, mencionando o nome de cada um e a programação do evento (MÚSICA..., 1970, p. 2). Pela recepção organizada na casa da professora e amiga da Belkiss, percebe-se a importância deste acontecimento, não só para a própria musicista, como para a sociedade daquela época.

Em 9 de novembro, ela foi empossada membro efetivo da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), na cadeira n. 6, na Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, em Goiânia (ACADEMIA Feminina, 1970, p. 23). Ainda em novembro de 1970, organizou e participou do “III Festival de Música Erudita do Estado de Goiás”, que teve início no dia 17 de novembro. Este fato foi notícia no jornal O Popular, do dia 15 de novembro, em Goiânia (FLASH..., 1970).

No dia 26 de junho de 1971, aconteceu, dentro da programação da “VIII Conferência Nacional de Jornalistas Profissionais”, um recital da Belkiss, às 19 horas, no Conservatório de Música da UFG, no qual ela tocou vários autores brasileiros. É provável

que, nesta ocasião, ela tivesse gravado seu primeiro LP, “Panorama da Música Brasileira para Piano”, já que no verso da programação deste recital o disco é mencionado (Anexo 49).

Este disco também é notícia no jornal carioca Tribuna da Imprensa, em junho de 1971, na matéria intitulada “Um piano bem brasileiro”:

Recebemos da Copacabana um disco da pianista brasileira Belkiss Carneiro de Mendonça. Essa pianista natural de Goiás, apresenta um bom programa de música brasileira, em excelentes interpretações. É uma pianista que possui ótima técnica e tem grande sensibilidade. Pianista consagrada, tanto no Brasil quanto na Europa, é, hoje, o maior vulto musical de Goiás, onde exerce o cargo de diretora e titular da Cadeira de Piano do Conservatório de Música da Universidade Federal de Goiás. Neste disco temos um programa bem selecionado (...). Recomendamos este disco com empenho, tanto pelas brilhantes execuções desta pianista, quanto pelo programa de alta qualidade. (BRACONNOT, 1971, p. 9).

A capa do disco “Panorama da Música Brasileira para Piano” não menciona a data da gravação, mas na contracapa já é citada a publicação “Apreciação Musical”, de 1971, assim, é possível concluir que o disco não fora lançado antes desta data. A Figura 38 é a reprodução da capa do disco acima referido, cujo lançamento, em função das informações aqui reunidas, foi concedido ao ano de 1971.

Figura 38 – Capa e contracapa do disco “Panorama da Música Brasileira para Piano”

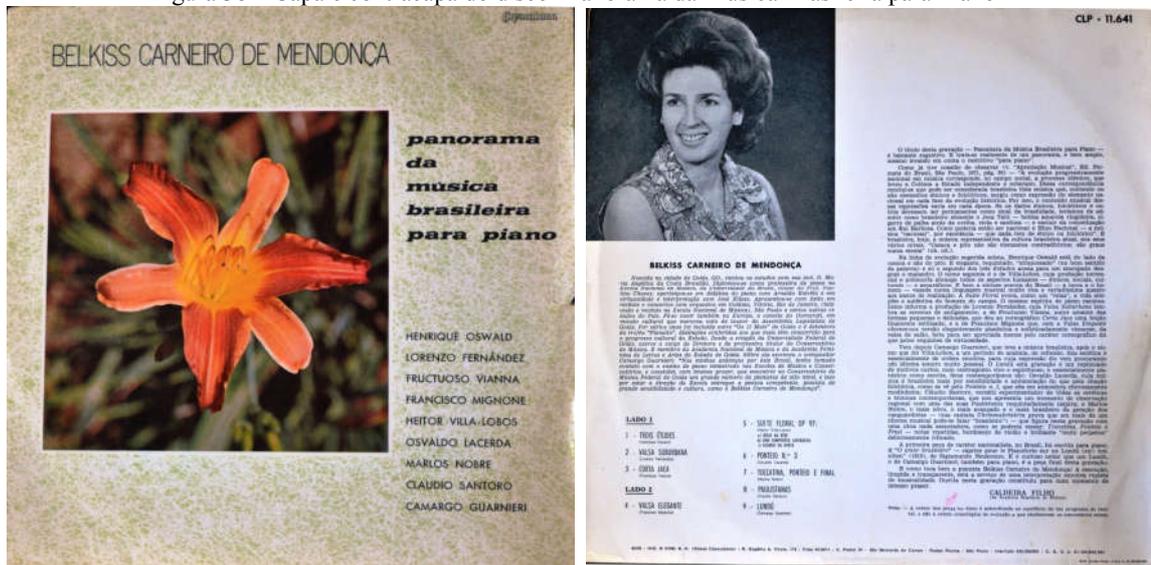


Foto da autora, 1971 (atribuída), gravado em São Paulo. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Portanto, a Figura 39, a seguir, cujo autor não foi identificado, foi atribuída a 1971, quando do evento de lançamento do disco, em Goiânia.

Figura 39 – Fotografia do lançamento do LP “Panorama da Música Brasileira para Piano”



Autor não identificado, 1971 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Para este retrato em preto e branco, o enquadramento escolhido foi o vertical, colocando Belkiss do lado direito da foto. Ela e as demais mulheres adotaram uma posição 3/4. É provável que tenha sido feita por um fotógrafo profissional, normalmente requisitado exclusivamente para registrar o momento. A iluminação artificial é frontal, levemente da esquerda para a direita, como se pode perceber pela sombra projetada atrás das cabeças das senhoras. Em primeiro plano, vê-se a musicista e as mulheres, além da ponta de uma mesa coberta com um forro branco. Atrás delas, há uma moldura de madeira maciça, provavelmente emoldurando um espelho. Sobre o retrato, Ana Maria Mauad afirma:

(...) o que realmente define o retrato na fotografia é o senso de individualidade e de diferença que a imagem expressa. Não basta enquadrar um rosto, ou uma pessoa; é necessário distingui-la das demais, da multidão, atribuir-lhe um valor que, ao diferenciá-la como ser humano, a identifica como um sujeito social. A diferença entre mostrar e revelar, ou fazer uma foto e tirar uma foto, implica a negociação do fotógrafo com o fotografado sobre o valor atribuído à pose, no confronto de olhares (...). O retrato pode ser só de rosto ou de corpo inteiro. Quanto mais a parte desse corpo ficar exposta, tanto maior será a possibilidade de historicizá-la. (MAUAD, 2008, p. 41-42).

Portanto, como este retrato mostra o corpo todo das fotografadas, percebe-se que Belkiss está usando um vestido comprido em tecido cintilante, com mangas bufantes e gola

em “V” e que os sapatos foram feitos do mesmo tecido. Ela usa ainda colar e bolsa brilhantes, está com os cabelos curtos e bem penteados, e mantém as mãos entrelaçadas, unidas na altura da cintura. A primeira mulher, da esquerda para a direita, está com um vestido comprido, colar e segura nas mãos o disco da musicista. A mulher do meio usa um vestido comprido, brincos, broche, sapatos de salto alto, fita na cintura e segura, na mão esquerda, uma bolsa e também o mesmo disco. Assim, é possível concluir que o fato de ambas as senhoras terem o disco da musicista em suas mãos, faz com que tal imagem possa ser historicizada, de acordo com o conceito apresentado de Ana Maria Mauad.

Belkiss encara o fotógrafo e expressa um sorriso franco no rosto, nos seus prováveis 43 anos de idade. Com certeza, estava satisfeita por mais esta realização no campo profissional, se consolidando cada vez mais como musicista e intérprete. Comprovando esta reconhecimento, tem-se uma correspondência do compositor Marlos Nobre³⁵, enviada do Rio de Janeiro a ela, no dia 7 de julho de 1971, onde ele elogia a música dele interpretada por ela, e se diz seu admirador. Assim ele a cumprimentou: “Parabéns sinceros e que alcance cada vez mais êxito que sua arte merece” (Anexo 50).

Na noite de 6 de agosto, ela tocou piano, dentro da programação do “*Mardi Musical*”, no Rio de Janeiro. De agosto a outubro de 1971, participou dos trabalhos do “Ciclo de Estudos sobre segurança nacional e desenvolvimento”, realizado em Goiânia, pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. O fato foi notícia até no Rio de Janeiro, onde o Diário de Notícias publicou: “FREQUENTANDO o curso da Escola Superior de Guerra, realizado em Goiânia, as Sras. Belkiss Carneiro de Mendonça (...) e Lena Castelo Branco (...). No Rio, a entrada de mulheres ainda é vetada em curso da ESG” (DOMINGUES, 19 ago. 1971, p. 8). Isto mostra, mais uma vez, que a musicista se destacava enquanto mulher, em um cenário onde o mundo produtivo ainda era de maioria masculina.

Mais um exemplo desta “liberdade” dela, sendo requisitada e atendendo a convites para se apresentar em diversos locais no Brasil, foi que, em 1º de setembro, Belkiss fez um recital no Teatro Carlos Gomes, às 17 horas, em Vitória, intitulado “Música para Jovens”. No dia 2 de outubro, fez um concerto em Brasília, na Sala Martins Pena, às 21 horas. O Anexo 51 refere-se ao programa desta apresentação musical. Na segunda parte do recital, ela tocou praticamente só compositores brasileiros.

³⁵ Marlos Nobre é pianista, maestro e compositor, nascido em Recife-PE em 1939. Seus estudos começaram no Conservatório Pernambucano de Música, mas incluiu, posteriormente, cursos na Argentina e nos Estados Unidos. Hoje é reconhecido e premiado no mundo todo por sua atuação artística (ACADEMIA Brasileira...).

Outra notícia publicada no jornal Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, no dia 26 de setembro, foi sobre o “IV Festival de Música Erudita do Estado de Goiás”: “marcado para 6/17 de outubro, (...) com a presença de GUIOMAR NOVAES, ARNALDO ESTRELA e outras glórias. Tudo isso organizado por BELKISS CARNEIRO DE MENDONÇA (...) – uma ‘hostess’ de primeira grandeza” (CLÁUDIA, 1971, p. 8). De 15 a 21 de novembro, aconteceu a “Semana Universal do Músico”, em Anápolis, sendo que o recital de gala da musicista aconteceu no dia 21, às 20 horas, no Salão Nobre do Colégio Auxilium.

Em abril de 1972, ela participou do “Encontro em Goiás das Academias de Letras do Brasil”, ocorrido em Goiânia, na qualidade de convidada especial e colaboradora. No dia 21 de abril, foi eleita e empossada membro do Conselho Estadual de Cultura, “um órgão normativo em questões culturais”, criado já havia sido há alguns anos, mas só então se instalou e entrou em funcionamento, tendo Belkiss feito parte dos primeiros 12 conselheiros (INSTALADO..., 1972). Também neste dia, tocou no “1º Concerto Sinfônico da Polícia Militar de Goiás”, realizado no Cine Teatro Goiânia. Em São Paulo, no dia 27, a musicista recebeu a “Medalha Brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães”, concedida pela Sociedade Geográfica Brasileira, “em consideração aos seus méritos pessoais e dedicado culto à história pátria brasileira”.

No mês de julho, entre os dias 24 e 30, ministrou um curso intitulado “A Vida e a Obra de J. S. Bach”, no Instituto de Música da Universidade Católica de Salvador (UCSal), em Salvador. Em 3 de setembro, foi a solista da Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros do Estado da Guanabara, no “33º Concerto da Sociedade Artística Villa-Lobos”, realizado em Petrópolis, às 16h30, no teatro “Mecanizado do Quitandinha”, integrando a “Temporada do Sesquicentenário”. No dia 7 de setembro, já em Goiânia, a musicista recebeu a “Medalha do Sesquicentenário”, concedida pelo presidente da Comissão Estadual do Sesquicentenário, em reconhecimento à colaboração prestada durante as comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil.

No dia 10 de agosto de 1973, às 20 horas, no Salão Nobre do Conservatório de Música, Belkiss foi empossada diretora do Instituto de Artes da UFG, de acordo com o convite reproduzido no Anexo 52. Portanto, a Figura 40, cujo autor era membro da Divisão de Cultura da universidade, foi atribuída ao dia 10 de agosto de 1973, em função do convite expedido pela Reitoria, convidando para a solenidade, e por ter sido encontrada outra foto

desta mesma série, em cujo verso estava anotado, à mão: “Posse como Diretora do Instituto de Artes”.

Figura 40 – Fotografia da posse da Belkiss como diretora do Instituto de Artes da UFG



Divisão de Cultura da UFG, 10 de agosto de 1973 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta fotografia foi feita em preto e branco e o fotógrafo escolheu enquadrar a cena horizontalmente. Belkiss, em posição 3/4, está em primeiro plano. Em segundo plano, o reitor Farnese Dias Maciel e o assistente que segura o microfone. Atrás estão, sentados à mesa guarnecida com flores, da esquerda para a direita, o vice-governador de Goiás, Ursulino Tavares Leão e o ex-reitor, Colemar Natal e Silva. A iluminação é artificial e frontal, projetada da esquerda para a direita, como se pode verificar pela sombra projetada na parede.

No verso da foto há um carimbo da UFG, que identifica a autoria profissional da foto dada a um fotógrafo da Divisão de Cultura. Posteriormente, foi anotado, com letra de outra pessoa: “Local? Evento? DATA?”. O fotógrafo atuou como mediador cultural ao “traduzir em imagens técnicas sua experiência subjetiva frente ao mundo social”, se orientando para conduzir seu “arco de ação”, de acordo com o vínculo profissional que possuía naquele momento (MAUAD, 2008, p. 37).

A musicista veste um blazer claro com um broche fixado na lapela do seu lado esquerdo. Ela segura com a mão direita uma bolsa, apoiada sobre a mesa. Usa brincos e está com os cabelos curtos e arrumados. Atrás dela, uma bandeira do Estado de Goiás, o assistente de óculos e o reitor Farnese, provavelmente lendo o discurso de posse da Belkiss. Sentados, o vice-governador olhando para o lado direito da foto, e o ex-reitor olhando em direção à ela.

Ela demonstra um olhar meditativo, como a refletir na dimensão da tarefa que lhe era confiada. A fotobiografada tinha, na ocasião, 45 anos de idade, e já era consagrada no meio artístico e também na esfera acadêmica, sendo esta gestão à frente da Diretoria do Instituto de Artes uma de suas últimas.

De 9 a 15 de outubro de 1973, ocorreu a “VI Semana do Professor”, em Goiânia, sendo que a musicista fez um recital no dia 12, às 20 horas, no Conservatório de Música da UFG. No dia 22 de outubro, em Salvador, aconteceu o programa inaugural do “I Concurso Nacional de Piano”, realizado no Auditório do Instituto de Música da UCSal. Ela foi a pianista solista da apresentação musical. No dia 12 de dezembro de 1973, recebeu, no Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do ministro de Estado da Educação e Cultura, a “Medalha Comemorativa do Centenário de José Plácido de Castro”.

Em 14 de março de 1974, Belkiss recebeu o diploma de Livre-Docência³⁶ da UFG, por seu trabalho intitulado: “A Invenção: história, forma e estética”. O jornal Diário da Manhã, de Goiânia, noticiou que ela publicou um livro de mesmo nome (BARBOSA, 2005). De 9 a 14 de setembro foi membro do júri do “Concurso Nacional de Piano Maria Luíza Priolli”, promovido pela Academia de Música Lorenzo Fernandez, no Salão Leopoldo

³⁶ Livre-docência é um título concedido no Brasil por uma instituição de ensino superior, mediante concurso público aberto, desde 11 de setembro de 1976, apenas para pesquisadores que possuam, no mínimo, título de doutorado. Antes desta data, o acesso à prova era facultado a qualquer um, desde que já tivesse título de mestrado ou doutorado (BRASIL, Lei n. 5.802, de 11 de setembro de 1972; BRASIL, Lei n. 6.096, de 5 de setembro de 1974 e BRASIL, Decreto-lei n. 465, de 11 de fevereiro de 1969).

Miguez, no Rio de Janeiro. O Anexo 53 reproduz parte do material de divulgação do concurso.

Em 28 de setembro, novamente em Goiânia, a musicista tocou na “Noite de Arte” do Instituto de Artes da UFG, em homenagem ao Centenário da Instalação do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás. No dia 26 de outubro, tocou no recital de abertura do “II Concurso Nacional de Piano” da UCSal, em Salvador.

Percebe-se que a atuação da Belkiss na cultura em Goiás foi muito significativa, e que ela, mesmo tendo de cumprir seus papéis sociais de mãe e esposa, no seio da família, não deixou de participar ativamente como musicista de diversas apresentações no Brasil e no exterior. Lançou um disco, recebeu 4 medalhas, tocou em 22 concertos/recitais, coordenou 5 festivais, foi membro de júri em 5 concursos/festivais, tomou posse na Academia Nacional de Música e na Academia Feminina de Letras de Goiás, ministrou cursos, foi empossada membro do Conselho Estadual de Cultura, dirigiu o Instituto de Artes, conquistou o título de livre-docência, que virou um livro, além de manter-se ativa também na docência. Acredita-se que ela carregava o mesmo entusiasmo e desprendimento ao se apresentar no Rio de Janeiro, fora do país ou em Goiânia, por exemplo.

2.2 - Lançamento de discos e nascimento dos primeiros netos

Em janeiro de 1975, Belkiss recebeu o título de “Doutor em Música”, pela UFG. E, de agosto a outubro, participou como estagiária do “I Ciclo de Estudos sobre Integração e Desenvolvimento”, realizado em Goiânia pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. No dia 16 de novembro, ainda na capital, aconteceu o “2º Concurso Nacional de Música do Estado de Goiás – Jovens Talentos”, onde a musicista foi uma das pianistas acompanhadoras convidadas.

A convite do Ministério das Relações Exteriores, cujo ministro à época era Antônio F. Azeredo Silveira, ela fez uma série de recitais pela Europa em 1976, em missão cultural do governo brasileiro (JORGE, 1976). Também neste ano, a musicista gravou em várias rádios européias: Rádio Suisse Romande, em Genebra (Suíça), na Rádio Nederland (Holanda), na Rádio Difusão Portuguesa, em Lisboa (Portugal), na Rádio BBC, em Londres (Inglaterra) e na Rádio Nacional de Viena (Áustria) (TROFÉU..., 1977, p. 3).

No dia 22 de abril, ela fez um concerto na Embaixada brasileira, em Paris (França), às 20h30, com um programa contendo só compositores brasileiros (Anexo 54). No

dia 28 de abril, às 20h15, fez um recital de piano na Sala Diligentia, em Haia (Holanda), conforme se apreende do Anexo 55, que já demonstra um repertório misto, com compositores brasileiros, um alemão e um russo.

Em maio, proferiu a conferência “A Música Brasileira” na cidade de Parma (Itália), a convite do diretor do Conservatório Arrigo Boito, e fez recitais no Ibero Club, em Bonn (Alemanha), na Sala Verdi, em Parma, na Famiglia Artística Milanese, em Milão (Itália), no Auditório Dell’IILA, em Roma (Itália), na Casa do Brasil, em Madrid (Espanha), no Auditório do Orfeão da Covilhã (Portugal) e no Teatro Lethes de Faro, no Algarve (Portugal) (TROFÉU..., 1977, p. 3).

Em todos os programas de concertos encontrados, percebe-se que, em algumas cidades ela optou por um programa semelhante ao de Paris, só com compositores brasileiros e, em outras, selecionou compositores de diferentes nacionalidades, como ocorreu na Holanda.

No dia 28 de junho, o compositor Osvaldo Lacerda³⁷, de São Paulo, escreveu à Belkiss agradecendo o fato de ela o haver incluído na sua programação executada no exterior e parabenizou-a pela divulgação da música brasileira (Anexo 56). Quando já estava de volta a Goiânia, em junho, proferiu a conferência “A Música Brasileira”, na Universidade Católica de Goiás (UCG), atual Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Em agosto, fez recital a dois pianos em homenagem à Nhanhá do Couto. Em julho, recebeu o diploma de membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, na cadeira n. 2, cuja patrona é a sua avó, Maria Angélica do Couto Brandão. Em setembro, fez recital a dois pianos no “V Festival de Música e Artes Plásticas do Estado de Goiás”, sendo que também coordenou o evento. Em novembro, coordenou o “3º Concurso Nacional de Música do Estado de Goiás” (TROFÉU..., 1977, p. 3). Depois de retornar da Europa, todas as participações da musicista em eventos e o diploma recebido se deram na capital de Goiás.

Ainda em novembro de 1976, Belkiss se deixou fotografar pelo Henrique Baranowski, o Foto Henrique em Goiânia. É o que se vê na Figura 41, em cujo verso há um carimbo identificando o fotógrafo: “Foto Henrique”, “GOIÂNIA-GO” e NOV. – 1976”.

³⁷ Osvaldo Lacerda foi pianista e compositor brasileiro, nascido em São Paulo em 1927 e falecido, também em São Paulo, em 2011. Estudou composição com Camargo Guarnieri e também com outros músicos nos Estados Unidos. Escreveu livro, ganhou troféu e foi premiado em diversos concursos de composição pelo Brasil (ACADEMIA Brasileira...).⁴³

Figura 41 – Fotografia da Belkiss Spenzieri, aos 48 anos



Autor: Henryk Baranowski, novembro de 1976, Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A fotografia acima foi feita em preto e branco, em estúdio, e o enquadramento escolhido foi o vertical, centralizando Belkiss, que adotou uma posição 3/4. Em primeiro plano, está somente a musicista, sendo que o fundo aparece em cor monocromática, sem exibir maiores detalhes. A iluminação é artificial e parece ter dois focos de luz, um frontal e outro diagonal, de cima para baixo. Para Milton Guran, “fotografia é luz e, por conseguinte, sombra, que é o que dá volume e profundidade plástica a uma imagem. A intensidade, o tipo e a direção da luz são fatores determinantes para o resultado de uma foto” (GURAN, 2002, p. 29).

Ela veste uma roupa com tecido estampado, com babados na gola. Está com os cabelos curtos e perfeitamente arrumados. Encara diretamente o fotógrafo, na plenitude de seus 48 anos. Com certeza, para ela, o ano de 1976 foi muito significativo, em função das diversas atividades que empreendeu na Europa.

O autor desta fotografia, Henrique Baranowsky, ao chegar em Goiânia, em 1947, conquistou os goianienses por sua competência profissional e também por ser alegre e sociável, pois gostava de música e atuou em um coral organizado pela Belkiss. Segundo a opinião de alguns fotógrafos, ele tinha o melhor equipamento da cidade, então era comum ser contratado pela elite de Goiânia, tendo, inclusive, sido chamado pelo então governador, Coimbra Bueno, para uma sessão de fotografias no Palácio. Ele atuou em seu estúdio até o final da década de 1970, pois adoeceu e teve que deixar a profissão (PIONEIROS..., s.d, p.

52-53). Percebe-se sua competência enquanto fotógrafo nas fotos de Maria Luíza Póvoa da Cruz e de Ignacy Goldfeld. Na Figura 42, tem-se o registro do casamento desta (conhecida como “Tânia”), que se casou com Waldemiro Saraiva da Cruz Neto. Na fotografia mencionada, só aparece a noiva que, na época, já era amiga da Belkiss.

Figura 42 – Fotografia da Maria Luíza Póvoa da Cruz



Autor: Henryk Baranowski, 4 de setembro de 1951, Goiânia. Fonte: PIONEIROS..., s.d., p. 55.

Já na Figura 43, vê-se a fotografia de Ignacy Goldfeld, também feita pelo referido fotógrafo. Ignacy foi um empresário polonês que, em 1942, fundou em Goiânia a Eletro Mecânica Importadora de Goiás (Emig), uma modesta loja de rádios e materiais elétricos (GOVESA...). Foi também Ignacy que cedeu alguns cômodos de sua propriedade para que Henrique Baranowsky instalasse seu estúdio, na Av. Goiás, n. 34 (PIONEIROS..., s.d, p. 52-53).

Figura 43 – Fotografia de Ignacy Goldfeld



Autor: Henryk Baranowski, c. 1947, Goiânia. Fonte: PIONEIROS..., s.d., p. 57.

No dia 16 de dezembro de 1976, às 20 horas, no Auditório da Faculdade de Educação da UFG, em Goiânia, Belkiss fez um recital de piano, integrando o “Programa de Arte de 1976”, organizado pela Secretaria de Educação e Cultura de Goiás.

Em 1977, recebeu o troféu “Tioco”, pelo destaque nas artes em 1976 (JORGE, 1977). Este troféu era concedido anualmente pela União Brasileira de Escritores de Goiás (UBEGO), para aquelas pessoas que se destacavam “nos diversos setores das artes: literatura, música, teatro, cinema, artes plásticas etc.” (TROFÉU..., 1977, p. 3). Foi noticiado que, no dia 29 de abril, às 20 horas, no Palácio do Governo do Estado de Goiás, em Goiânia, Belkiss fez um recital de piano e lançou seu LP “Panorama da Música Brasileira para Piano II” (BELKISS..., 1977, p. 1), cuja capa e contracapa encontram-se na Figura 44, que se segue.

Figura 44 – Capa e contracapa do disco “Panorama da Música Brasileira para Piano II”

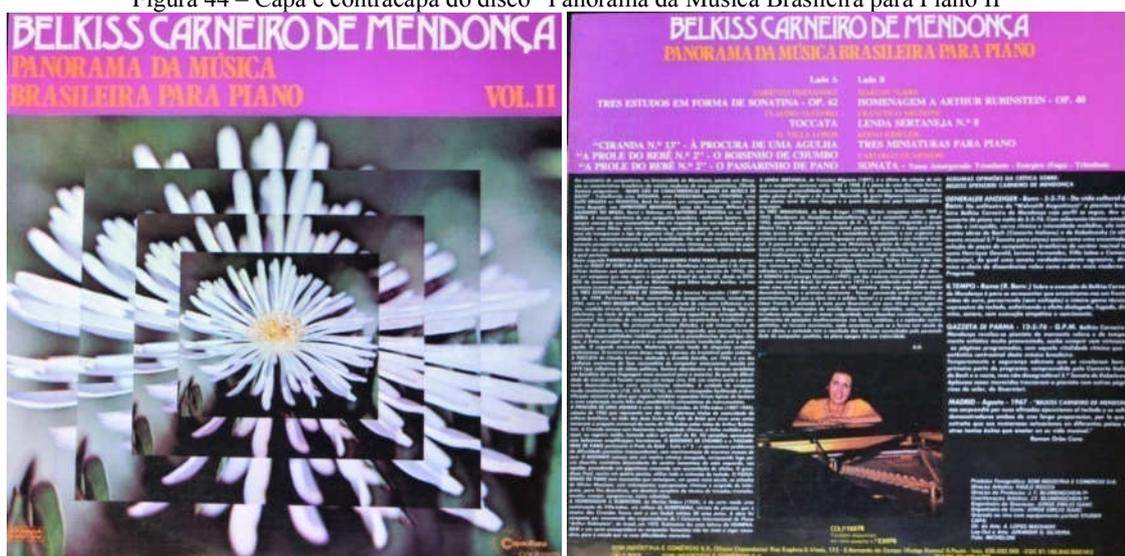
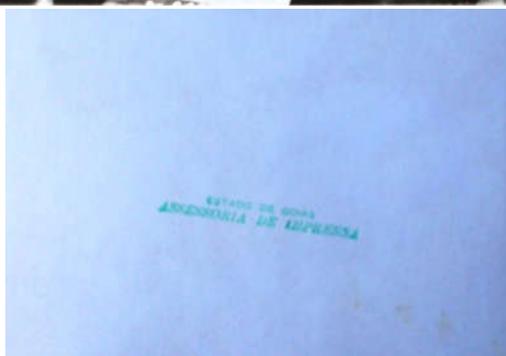


Foto da autora, 1977, gravado em São Paulo. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Já a Figura 45 pertence à noite de lançamento do referido disco e foi atribuída à data mencionada na notícia. Esta foto foi encontrada dentro de um envelope pardo, sobre o qual está anotado a lápis, com letra que lembra a caligrafia da musicista: “Lançamento 2º Panorama”. Além disso, no verso da foto, há um carimbo com os dizeres: “ESTADO DE GOIÁS” e “ASSESSORIA DE IMPRENSA”.

Figura 45 – Fotografia do lançamento do LP “Panorama da Música Brasileira para Piano II”



Assessoria de Imprensa do Estado de Goiás, 29 de abril de 1977 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A fotografia acima foi feita em preto e branco, sendo que o fotógrafo, membro da Assessoria de Imprensa do Estado de Goiás, optou por um enquadramento horizontal, encaixando Belkiss no canto direito inferior da foto, em uma pose lateral. Em matéria de importância, ela está em primeiro plano, sendo que em segundo plano, ficaram os homens e mulheres ao seu redor. Ao fundo, aparecem vários convidados, mesclando-se com as paredes decoradas do Palácio. A iluminação é artificial e a do fotógrafo é frontal, mas além desta, o próprio ambiente dispunha de focos de luz de cima para baixo. Para Boris Kossoy,

A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos. (KOSSOY, 2001, p. 36-37)

Assim, este autor acredita que o registro de uma cena pode revelar aos “espectadores ausentes” o testemunho visual do que de fato ocorreu, como se vê nesta fotografia. Belkiss está sentada, com uma roupa clara de mangas compridas. Ela está recebendo exemplares do seu disco para autografá-los sobre uma superfície lisa e escura. Da esquerda para a direita, tem-se: um homem não identificado, a primeira-dama do Estado, Lúcia Vânia, o então governador de Goiás, Irapuan Costa Júnior, de óculos, e demais pessoas que não puderam ser identificadas.

A musicista sorri para todos e todos sorriem para ela. Estaria ela concedendo autógrafos apoiada em alguma parte do piano de cauda? Ela tinha 49 anos, acabava de lançar seu segundo disco e sua primeira neta estava para nascer. Com certeza, estava difícil conter a alegria. Para reforçar seu contentamento, é provável que, neste dia, já tivesse recebido a carta escrita pelo compositor Francisco Mignone³⁸, no dia 16 de abril, e remetida a ela, dizendo que foi uma “agradável surpresa” para ele, saber que ela o havia incluído no seu disco “Panorama da Música Brasileira para Piano II”. Ele afirmou também acreditar que “essa inclusão, no meio de tantos gênios da nossa música, possa dar um pouco mais de difusão e divulgação” à sua “humilde produção pianística” (Anexo 57). Com certeza, esta correspondência comprova a estreiteza de laços que Belkiss mantinha com os compositores brasileiros.

Corroborando a afirmação acima, em 3 de maio, o compositor Marlos Nobre, do Rio de Janeiro, escreveu à musicista agradecendo-a pela “excelente gravação” feita da música dele “Homenagem à Rubenstein”, e que consta no último disco lançado por ela em abril. Ele diz que ela “compreendeu perfeitamente o espírito da obra e a realizou com impecável técnica pianística”. Também a parabenizou pelo “trabalho imprescindível de dinamização musical em Goiás” (Anexo 58). No dia 13 do mesmo mês, Cláudio Santoro³⁹ escreveu da Alemanha para dizer que a gravação da sua “Toccata”, foi uma “excelente interpretação” feita pela musicista,

³⁸ Francisco Mignone foi pianista, compositor, regente e professor. Nasceu em São Paulo em 1897. Diplomou-se no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, sendo que depois estudou na Itália, com bolsa concedida pelo governo estadual. Ainda na Europa, passou um tempo compondo na Espanha. De volta ao Brasil, reencontrou Mário de Andrade, cuja orientação nacionalista ajudou Mignone a reajustar esteticamente sua obra. Radicou-se no Rio de Janeiro em 1933, onde se tornou professor do Instituto Nacional de Música (hoje Escola de Música da UFRJ). Sua obra é extensa e abrange diversos gêneros. Faleceu no Rio de Janeiro em 1986 (ACADEMIA Brasileira...).

³⁹ Cláudio Santoro foi compositor e regente, nascido em Manaus-AM em 1919. Mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar violino em 1932, onde participou da fundação da Orquestra Sinfônica Brasileira, em 1940. Foi estudar música em Paris, com bolsa concedida pelo governo francês, em 1945. Voltou ao Rio em 1950, onde trabalhou em diversas rádios. Na década de 1950, fez vários concertos pela Europa, onde também gravou algumas de suas obras. Em 1962, fundou o departamento de música da UNB. Após o golpe de 1964, mudou-se para a Alemanha sendo que, em 1978, voltou ao seu posto na UNB. Recebeu condecorações diversas no Brasil e no exterior, e faleceu em Brasília em 1989 (ACADEMIA Brasileira...).

e disse que achava bom “ter uma gravação para mostrar” por lá “outra faceta da nossa música” (Anexo 59). No dia 16, o compositor Osvaldo Lacerda, de São Paulo, enviou correspondência cumprimentando-a “pela sonoridade bela, pela interpretação efusiva, pelo fraseio sempre interessante, e pelo valioso repertório que escolheu” (Anexo 60). Tudo isto vem reforçar, ainda mais, a proximidade da Belkiss com os compositores cuja obra ela interpretava, demonstrando uma crescente admiração deles pelo trabalho dela.

No dia 8 de maio de 1977, nasceu a neta da musicista, Simone Carneiro de Mendonça, filha de seu filho Bruno, e de sua nora Lilian. No dia 20 de junho, Belkiss recebeu a “Medalha Águia”, concedida pelo Lyceu de Goiás, “pelos assinalados serviços prestados à causa da educação em Goiás”. Em 21 de junho, o compositor Almeida Prado⁴⁰, de Campinas-SP, escreveu a ela, ocasião em que afirmou, sobre o disco recém-lançado que “sua interpretação realça os contornos mais importantes de cada obra, dando uma vida e vigor extraordinários” e realça que “a música brasileira ganha assim, maior importância com o seu disco”. Classificou a atuação da Belkiss como “um trabalho seríssimo, que merece todo o apoio aqui e no exterior” (Anexo 61). No dia 29 de julho, ela participou da organização do “IV Concurso Nacional de Música do Estado de Goiás”, em Goiânia.

Continuando sua atuação musical Brasil afora, no dia 2 de outubro, em Juiz de Fora-MG, tocou piano no “180º concerto da Pró-Música”, realizado às 21 horas, no Centro Cultural Pró-Música de Juiz de Fora. No dia 12 de outubro, na Sala de Concertos da Escola de Música de Brasília, às 20 horas, deu um recital e lançou seu disco “Panorama da Música Brasileira para Piano II”. No dia 17 de outubro, em Salvador, ela realizou o concerto de abertura do “III Concurso Nacional de Piano”, às 20 horas, no Instituto de Música da UCSal.

Já em 21 de outubro, na cidade de Petrópolis, no Teatro Mariano, às 21 horas, foi a recitalista do “95º concerto”, dentro da programação da Sociedade Artística Villa-Lobos. Depois, em Goiânia, de 29 de outubro a 20 de novembro, aconteceu o “VI Festival de Música e Artes Plásticas do Estado de Goiás”, sendo que ela tocou piano no dia 4 de novembro, às 21h30. Entre os dias 28 de novembro e 2 de dezembro, atuou como júri no “Concurso Nacional de Piano Camargo Guarnieri”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Ainda em 1977, Belkiss foi a escolhida pela Funarte para a 1ª etapa da Rede Nacional de Música (ACONTECIMENTOS..., 1978, p. 3).

⁴⁰ Almeida Prado foi pianista, compositor e professor brasileiro. Nasceu em Santos-SP, em 1943 e faleceu em São Paulo em 2010. Estudou com grandes personalidades da música e despontou como compositor em 1969, quando uma composição sua venceu o primeiro prêmio de um festival. Com este dinheiro, foi para a Europa complementar seus estudos. Voltou ao Brasil e, em 1974, foi nomeado professor da Universidade de Campinas. Ministrou diversos cursos e, ao longo de sua carreira, foi premiado nacional e internacionalmente (ACADEMIA Brasileira...).

Entre os dias 4 de janeiro e 4 de fevereiro de 1978, na Escola de Música de Brasília, ela atuou como professora, durante o “III Curso Internacional de Verão de Brasília”. Durante o curso, fez um concerto a dois pianos com Wanda Fleury, no dia 17 de janeiro e, no dia 20, tocou piano em um recital de música de câmara.

Em março, entre os dias 15 e 29, houve uma intensa programação artística no Teatro Goiânia, com o intuito de marcar sua reinauguração. Margot Fonteyn, primeira bailarina do “Royal Ballet”, de Londres, foi convidada a se apresentar, bem como o corpo de baile da Associação de ballet do Rio de Janeiro. Segundo a musicista, durante o mês de março, pelas manhãs, antes da reinauguração do Teatro Goiânia, ela amaciava o novo piano, enquanto Margot Fonteyn a agradecia pelo belíssimo fundo musical, já que a bailarina se exercitava na barra no mesmo horário (MENDONÇA, 2004, p. 62-64), de acordo com o Anexo 62. Antes da reforma, nos anos de 1950, Belkiss contou que o teatro só era usado para a exibição de filmes, e já tinha o piso danificado e goteiras, pois estava arrendado a uma companhia particular (MENDONÇA, 2004, p. 205-207), como se pode conferir no Anexo 63.

A musicista se apresentou no dia 22 de março, como demonstra a Figura 46, à frente, cujo autor não está identificado. Esta foto foi encontrada colada sobre papel sulfite, formato A4 e, sob ela, estava registrada, à mão: “Durante o Concerto de Reinauguração do Teatro Goiânia”.

Figura 46 – Fotografia da Belkiss tocando na reinauguração do Teatro Goiânia



Autor não identificado, 22 de março de 1978, Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta fotografia foi feita em preto e branco e o enquadramento escolhido foi o horizontal, situando a Belkiss no lado direito da imagem, voltada para a esquerda. Em primeiro plano, estão a musicista, em posição 3/4, e o piano do teatro, sendo que, em segundo plano, está a platéia. A iluminação artificial é frontal, mas havia outra fonte de luz, mais cálida, do próprio teatro.

Ela usa um vestido com tecido transparente estampado com flores e folhas, com mangas drapeadas. Também está com um colar e os cabelos curtos e bem penteados. Encontra-se sentada em uma banquetta escura, tocando no piano de cauda *Steinway & Sons*, cuja escolha e aquisição ela mesma empreendeu, indo até São Paulo, a pedido do governador da época, Irapuan Costa Júnior.

Belkiss mantém a cabeça baixa, olhando com segurança para o piano, no auge dos seus 50 anos. Toda a platéia parece admirá-la enquanto ela, tranquilamente, dedilha o piano, seu fiel companheiro. Mas cabe atentar para o fato, trazido por Entler (2012, p. 144) de que “o passado não é algo resolvido, pronto para ser recuperado por uma fotografia bem feita e um olhar bem instrumentalizado. Apesar disso, a fotografia nos convida sempre a encontrar o vínculo com uma realidade que a originou, mesmo que pouco tenha a dizer sobre ela (...)”. Isto significa que o passado não está todo contido em uma fotografia, mesmo que ela tenha sido feita por um profissional, e esteja sendo analisada por um olhar preparado.

No dia 9 de junho de 1978, a musicista fez um recital na Sede do Clube do Exército, em Brasília. Logo depois, no dia 27, já no Rio de Janeiro, ela fez um duo com Wanda Fleury na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Salão Leopoldo Miguez, às 17 horas. Em 26 de setembro, no Auditório da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal-RN, às 20 horas, ela realizou um recital, integrando a programação da Rede Nacional de Música. No dia 27, em Fortaleza-CE, tocou em um recital no Auditório do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, às 20h30. Em 29 de setembro, no Theatro 4 de Setembro, no Piauí, às 21 horas, apresentou-se em mais um recital de piano.

No dia 12 de novembro de 1978, nasceu o segundo neto da Belkiss, André Spenziari Carneiro de Mendonça, também filho de Bruno e Lilian. Ainda em 1978, foi criada oficialmente a Fundação Cultural de Goiás e noticiada pelo jornal *O Popular* do dia 14 de janeiro de 1979, em Goiânia, que esta estava “sob a presidência de Belkiss Carneiro de Mendonça, um nome certo escolhido num momento certo, de agrado geral e que deveria

permanecer como peça essencial numa engrenagem que mal começou a se movimentar” (ACONTECIMENTOS..., 1979).

Entre os dias 9 de janeiro e 9 de fevereiro de 1979, na Escola de Música de Brasília, a musicista atuou como professora, durante o “IV Curso Internacional de Verão de Brasília”. Ao longo do curso, ela também participou do recital “Música de Câmara para Metais e Piano”, executando piano no dia 27 de janeiro, às 21 horas.

Verifica-se na Agenda Cultural da Fundação Cultural de Goiás para o mês de fevereiro de 1979, que ela tocou no dia 6 de fevereiro, no Teatro Goiânia, às 21 horas, fazendo parte do evento intitulado “Música para Metais e Piano”. Ainda em 1979, integrou o júri do “V Concurso Nacional de Música do Estado de Goiás” (DADOS..., 1979, p. 6). No dia 4 de outubro, recebeu um diploma por sua participação no “V Encontro de Corais das Escolas Técnicas (ENCORET)”, realizado em Goiânia.

Em março de 1980, já com 52 anos, Belkiss se fez ou se deixou fotografar com seus netos, por um autor não identificado na pesquisa, como se vê na Figura 47. Esta data foi atribuída em função da revelação da foto que, segundo consta no canto inferior direito da imagem, foi: “mar 80”.

Figura 47 – Fotografia da Belkiss com os netos Simone e André



Autor não identificado, março de 1980 (revelação), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta fotografia foi tirada com filme colorido, e a opção de enquadramento foi a horizontal, centralizando a avó, junto de seus netos, Simone (à esquerda) e André (à direita), que aparecem todos em primeiro plano, em uma pose frontal. Em segundo plano, está o jardim que, provavelmente, era o da casa da Belkiss, e onde a luz era a natural. Para Milton Guran (2002), “a fotografia em preto-e-branco representa a realidade, enquanto a fotografia em cores pretende imitá-la”. Para ele, sempre teremos mais empatia com as fotos coloridas do que com as em preto-e-branco (GURAN, 2002, p. 19). Atualmente, tal afirmação ainda é verdadeira, uma vez que a foto colorida apresenta um retrato mais “objetivo” da realidade, mostrando a aparência das coisas, enquanto “as imagens em preto e branco produzem um efeito de estranhamento que visa destacar a *essência* do real” (PULS) ou, seja, permitir ao outro uma interpretação da cena retratada. Neste caso, quem teria escolhido o tipo de filme a ser utilizado aqui?

A musicista veste uma blusa de tecido estampado, usa relógio no braço esquerdo, e está sentada em um banco branco. Ela está com os cabelos curtos e segura seus netos sobre o colo. Simone veste uma blusa branca com detalhes estampados na gola e nas mangas, e usa pequenos brincos. Já André está com uma camiseta clara e segura nas mãos um carrinho branco.

Belkiss e Simone sorriem abertamente, enquanto André mira os olhos curiosos para a câmera. Simone está olhando para cima, enquanto sua avó encara diretamente o fotógrafo, certamente muito orgulhosa de seus netos, com quem sempre conviveu diariamente. Sobre a fotografia de família, Bourdieu (1979) afirma que:

A fabricação e a contemplação da fotografia de família supõem a colocação entre parênteses de todo julgamento estético, uma vez que o caráter sagrado do objeto e a relação sacralizante que o fotógrafo mantém com ele foram baseadas para justificar, incondicionalmente, a existência de uma imagem que não quer para expressar, em suma, a exaltação de seu objeto e que alcança sua perfeição quando cumpre perfeitamente esta função. (BOURDIEU, 1979, p. 137, tradução da autora)⁴¹.

Assim, supõe-se que o autor desta foto tenha sido um fotógrafo que integrava o círculo familiar, e a relação que ele mantinha com os fotografados era próxima. Mas percebe-se que o objeto na fotografia de família é sagrado, tal como Bourdieu (1979) afirma e, o mais

⁴¹ Texto original: “*La fabricación y la contemplación de la fotografía de familia suponen la puesta entre paréntesis de todo juicio estético puesto que el carácter sagrado del objeto y la relación sacralizante que el fotógrafo mantiene con él basian para justificar, incondicionalmente, la existencia de una imagen que no quiere expresar, en definitiva, sino la exaltación de su objeto y que logra su perfección cuando cumple perfectamente esta función.*” (BOURDIEU, 1979, p. 137)

importante era congelar no tempo este momento, capturado da família e exaltado, independente de qualquer juízo estético.

No dia 20 de agosto de 1980, no Teatro Goiânia, em comemoração ao 100º aniversário de nascimento da Nhanhá do Couto, foi realizado um concerto da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (USP), onde Belkiss atuou como pianista solista, regida por Camargo Guarnieri. Em 23 de agosto, em São Paulo, o mesmo concerto se repetiu, tendo a musicista como pianista solista da Orquestra Sinfônica da USP, no Anfiteatro desta universidade. No dia 29, em Goiânia, desta vez no Anfiteatro da Faculdade de Educação da UFG, durante o “Encontro Arte e Educação”, ela tocou no “Recital de Música Brasileira”.

Em 6 de outubro, dando início à uma turnê pelo exterior, financiada pelo governo brasileiro, Belkiss e Antônio Guerra Vicente⁴² tocaram em duo de piano e violoncelo, em Paramaribo (Suriname), e escolheram uma programação mista, com compositores italiano, alemão e brasileiros, como é possível verificar pelo programa do concerto (Anexo 64). Já no dia 11 de outubro, eles estavam em Georgetown (Guiana), onde apresentaram o mesmo programa acima mencionado mas, desta vez, no National Cultural Centre, às 20 horas. No dia 14, o concerto em duo foi em Manágua (Nicarágua), no Teatro Ruben Dario, às 19 horas, mas neste não ficou registrada a programação. A musicista narrou, durante entrevista ao jornal Opção Cultural de Goiânia, dificuldades sofridas na América Latina, em função de problemas políticos internos. Segundo ela, no Suriname, por exemplo, o avião em que chegou foi cercado por metralhadoras: “Chegamos no momento de um golpe no país”. Na Nicarágua, ela tocou várias vezes, “no período tempestuoso das guerrilhas. Para não haver problemas, o carro da embaixada hasteava uma bandeirinha do Brasil” (SILVA, 2000, p. B-1). Posteriormente, em 22 de outubro, se apresentaram em San Pedro Sula (Honduras), no Centro Cultural Sampetrano, às 19h30, onde a programação foi idêntica às anteriores.

No dia 23 de outubro, o duo fez uma programação diferente em Tegucigalpa (Honduras), na Escuela Nacional de Musica, às 17 horas. Desta vez, optaram somente por compositores brasileiros (Anexo 65). Em 24 de outubro, eles tocaram novamente em

⁴² Antônio Guerra Vicente é violoncelista e professor, que nasceu no Rio de Janeiro em 1942. Diplomou-se em violoncelo pela Escola de Música da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Aperfeiçoou-se em Paris e, depois, voltou ao Brasil e integrou a Orquestra Sinfônica Brasileira, no Rio de Janeiro. Depois, mudou-se para Brasília, onde fundou a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro e foi professor da UNB. Apresentou-se como solista e camerista em mais de 30 países das Américas. É, também, membro fundador do Trio de Brasília, e do Quarteto de Brasília, com os quais recebeu diversos prêmios (AGÊNCIA...).

Tegucigalpa, mas desta vez no Teatro Nacional Manuel Bonilla, às 20 horas. Desta segunda apresentação não ficou registrado o programa executado por eles.

Em 27 de outubro, eles se apresentaram no Centro de Estudios Brasileños, na Cidade do México, sendo que o programa foi só com compositores brasileiros, quase o mesmo tocado em Honduras. No dia 28, o duo tocou, também na Cidade do México, no distrito de Alvaro Obregón, na Iglesia de San Jacinto. Não foi encontrado o registro da programação musical adotada na ocasião. Em 30 de outubro, às 20 horas, Belkiss e Guerra Vicente tocaram, também no México, no Teatro de Loteria Nacional, um programa com compositores mistos, idêntico ao executado no Suriname.

No dia 4 de novembro, em Lima (Perú), no Auditório do Colégio Santa Úrsula, às 20 horas, eles apresentaram um programa com compositores mistos, o mesmo tocado no Suriname. No dia 5, ainda em Lima, mas no Auditório da Embaixada do Brasil, apresentaram outra programação, só com compositores brasileiros, a mesma tocada no Centro de Estudios Brasileños, na Cidade do México.

No final desta turnê de um mês de Belkiss e Guerra Vicente, podemos concluir que eles se projetavam pelas Américas, uma vez que foram solicitados a tocar em tantos países, divulgando a música brasileira. Já de volta ao Brasil, em 12 de novembro, eles tocaram em duo de piano e violoncelo, no Auditório da UFG, durante o “9º Festival de Música e Artes Plásticas do Estado de Goiás”, uma programação só com compositores brasileiros, igual à tocada em Lima, na Embaixada do Brasil.

Em 1980, Belkiss comprou seu primeiro piano de cauda, um *Steinway*, por sugestão de Guarnieri, e foi até São Paulo com seu filho Bruno para buscá-lo (WANDER, 2005, p. 3). Ainda neste ano, ela lançou seu livro “A Música em Goiás” (JORGE, 1980), que se constituiu no resultado de pesquisas iniciadas em 1967, com o intuito de coletar dados sobre a música produzida em Goiás (ESTUDOS..., 2000). Esta primeira edição foi lançada pela Gráfica e Editora Líder/Fundação Cultural de Goiás. O livro trata da história da música no Estado de Goiás, sendo que ela investigou e inventariou atividades artísticas, grupos musicais, documentos e personalidades, indo do período colonial até a data da publicação.

Ainda este ano, Belkiss lançou o LP “Belkiss Carneiro de Mendonça”, que, na verdade, era uma solicitação da gravadora para que ela registrasse peças mais conhecidas do grande público (NASCIMENTO, 2012, p. 61), como se pode conferir pela Figura 48. Não se sabe exatamente em que mês isto se deu, porque não foram encontrados outros documentos que confirmem a data exata. Só se tem a contracapa do disco que menciona o ano de 1980 como o da gravação.

Figura 48 – Capa e contracapa do disco “Belkiss Carneiro de Mendonça”



Foto da autora, 1980, gravado em São Paulo. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

No dia 12 de janeiro de 1981, durante o “VI Curso Internacional de Verão de Brasília”, Belkiss e Guerra Vicente se apresentaram em duo novamente, no “1º Concerto”, na Sala de Concertos da Escola de Música de Brasília, às 20h30, sendo que o programa foi só com compositores brasileiros, o mesmo apresentado na UFG no dia 12 de novembro do ano anterior. Em 23 de janeiro, a musicista tocou piano no “11º Concerto”; no dia 26, se apresentou no “16º Concerto” e, no dia 30, no “26º Concerto”, todos eles integrando a programação do curso.

Em 24 de maio, o duo tocou em um recital, na “Temporada de 1981 – 4º concerto”, na Sala de Concertos da Escola de Música de Brasília, às 20 horas. No dia 21 de agosto, o “Quarteto da Guanabara” (conjunto oficial do Teatro Municipal do Rio de Janeiro) se apresentou no Auditório da UFG, em comemoração ao 101º aniversário de nascimento da Nanhá do Couto, sendo que a Belkiss foi a pianista solista do recital.

No dia 11 de setembro, ela fez um recital de piano no Teatro Nacional de Brasília, na Sala Martins Penna, utilizando, no programa, compositores brasileiros e peruanos (estes pela primeira vez ouvidos no Brasil). Em 24 de setembro, a musicista, desta vez sozinha, iniciou mais uma turnê de apresentações pelo exterior com o apoio do governo brasileiro, e deu um concerto de piano em Lima (Peru), no Auditório da Embaixada do Brasil, com a mesma programação apresentada em Brasília. No dia 29, em Tegucigalpa (Honduras), na Escuela Nacional de Musica, às 19 horas, ela se apresentou no Salón de Concertos, tocando somente compositores brasileiros.

Em 6 de outubro, Belkiss voltou à Cidade do México, e tocou em um concerto de piano no Auditorio Bruno Mascanzoni, no Instituto Mexicano del Petroleo, situado no distrito Gustavo A. Madero, às 19h15, se servindo de compositores de diferentes nacionalidades. Dia 7, no distrito de Alvaro Obregón, apresentou um programa intitulado “Musica Brasileña para Piano”, na Sala Chopin, às 21 horas. Ainda na Cidade do México, deu um concerto no Auditorio Shop, no dia 8, às 19 horas, no distrito de Cuauhtémoc, desta vez com compositores de diferentes nacionalidades.

Já nos Estados Unidos, a musicista foi até o Conservatório de Música da Universidade do Missouri, na cidade do Kansas, para se apresentar, no dia 13 de outubro, no White Recital Hall, às 19h30, tocando compositores alemão, russo e brasileiros. Em 15 de outubro, foi a vez da Universidade do Alabama, em Birmingham (Estados Unidos) recebê-la em seu Bell Theatre, às 20 horas, tocando somente compositores brasileiros.

De volta ao Brasil, ela fez parte do júri do “V Concurso Nacional de Piano”, promovido pelo Instituto de Música da UCSal, realizado de 26 a 31 de outubro em Salvador. Em Goiânia, publicou a 2ª edição do livro “A Música em Goiás”, pela Editora UFG, e no dia 21 de dezembro, participou da “Noite de Autógrafos”, organizada pela universidade no Hotel Umuarama, às 20h30.

Em 15 de fevereiro de 1982, Bruno Kiefer, compositor e autor do livro “A História da Música Brasileira”, escreveu à Belkiss, de Porto Alegre, agradecendo o envio da segunda edição do livro “A Música em Goiás”, parabenizando-a pelo trabalho reunido na obra e afirmou que “esta obra será de consulta obrigatória para quantos lutam aqui na área da musicologia brasileira” (Anexo 66). Em Goiânia, a musicista foi condecorada com a “Medalha Tiradentes”, concedida pelo Governo do Estado de Goiás, no dia 21 de abril, pelos “relevantes serviços prestados à Polícia do Estado de Goiás”.

No dia 15 de maio, foi lançado o LP “Música Brasileira 2”, em Brasília, do qual ela participou gravando uma faixa, a Sonata n. 1 para violoncelo e piano, de Camargo Guarnieri, em duo com Guerra Vicente. Isto é o que se pode deduzir pelo Anexo 67, no qual, além das músicas gravadas, há um convite para o lançamento do disco, no dia 15 de maio. A Figura 49 é a reprodução da capa e contracapa do LP “Música Brasileira 2”, no qual Belkiss registrou uma faixa. A gravação do disco foi atribuída a 1982, em função da data acima mencionada expressa no convite.

Figura 49 – Capa e contracapa do disco “Música de Câmara Brasileira 2”



Foto da autora, 1982 (atribuída), gravado em Brasília. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Durante o “I Encontro dos Conselhos Estaduais de Cultura das Regiões Centro-Oeste/Norte”, no dia 28 de maio de 1982, às 20 horas, a musicista se apresentou tocando piano, em Goiânia. Em Salvador, ela atuou em um recital em benefício da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), no dia 12 de julho, às 17 horas, no Auditório Sílvio Deolindo Frões. Ainda no nordeste, desta vez em Maceió-AL, tocou na Sede do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, às 20h30.

Em 20 de agosto, já em Goiânia, às 20h30, no Auditório da UFG, ela participou do “Recital a dois pianos”, organizado em comemoração ao 102º aniversário de nascimento da Nanhá do Couto. Ainda neste ano, visitou o Museu de Arte de São Paulo (MENDONÇA, 04 maio 2000), de acordo com o Anexo 68.

No Natal de 1982, Belkiss e seu marido Simão se deixaram fotografar, segundo relato da filha Maria Alice Siqueira (2017), e é o que se percebe na Figura 50, que se segue, cujo autor não foi aqui identificado. A revelação da foto foi feita em janeiro de 1983, como é possível identificar pela marca no canto inferior direito da imagem: “jan 83”.

Figura 50 – Fotografia da Belkiss com o Simão, comemorando o Natal



Autor não identificado, dezembro de 1982 (revelação em janeiro de 1983), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A fotografia acima, colorida, teve seu enquadramento na horizontal. É provável que tenha sido obra de algum membro da família. Belkiss aparece em pose frontal para o fotógrafo, enquanto Simão adotou em posição 3/4. Em primeiro plano, está a mesa, repleta de “comes e bebes” natalinos. Em segundo plano, encontram-se esposa e marido, sendo que atrás, estão a escada de madeira maciça e a porta metálica branca. Há também um cão no chão, do lado direito da imagem, ao lado de uma cadeira de madeira com assento vermelho. Além disso, há o braço de alguém apoiado sobre o espaldar metálico de uma cadeira, do lado esquerdo da foto. Pela forte sombra atrás da cabeça da Belkiss, deduz-se que o fotógrafo se utilizou de luz artificial frontal. Além desta iluminação, havia a luz do próprio ambiente, uma vez que se percebe que era noite, pela falta de iluminação natural que deveria emanar através da porta metálica.

A musicista veste uma blusa estampada em preto e branco e está com os braços cruzados sobre a mesa. Simão usa uma camisa escura estampada, e mantém a mão esquerda sobre a direita, ambas apoiadas na mesa. O ar da Belkiss parece preocupado, pois ela, em seus 54 anos, estava ajudando o marido a enfrentar uma leucemia. Talvez, por isto mesmo, tivessem aproveitado este momento para reforçar sua união, já que, para Sontag (1981, p. 19), “da fotografia, cada família constrói uma crônica – retrato de si mesma – uma coleção portátil de imagens que testemunha sua coesão”. Simão, na foto, já aparentava o desgaste físico trazido pela doença. Era óbvio que o esboço de um sorriso da Belkiss era só uma tentativa de disfarçar a sua real preocupação. Mal sabiam os dois que este seria seu último Natal juntos.

No dia 21 de fevereiro de 1983, por complicações relacionadas à doença de Simão, ele veio a falecer no Hospital São Lucas, fundado por ele mesmo. Belkiss ficou meses emocionalmente abalada com a perda do marido. Possivelmente, nesta época, a musicista devia rever fotografias suas com ele, tais como a Figura 50. Segundo Koury (2008), uma coleção de fotos normalmente é “manuseada em momentos de busca de afetos, positivos ou negativos, que recomenda para situações felizes ou não tanto, mas, próximas da felicidade na distância que as fotos aproximam sem, contudo, trazê-las de volta” (KOURY, 2008, p. 164). Portanto, Belkiss certamente se utilizava das fotografias para se sentir mais próxima do ente querido recém-partido.

Apesar das dificuldades, em 14 de julho de 1983, a musicista foi a pianista solista em uma apresentação da Orquestra do Teatro Nacional de Brasília, realizada no próprio teatro, na Sala Martins Penna, às 21 horas. Depois, foi membro do júri do “VI Concurso Nacional de Piano”, promovido pelo Instituto de Música da UCSal e que aconteceu de 24 a 29 de outubro, em Salvador. No dia 28 de outubro, em Goiânia, recebeu do Grêmio Litero-Teatral Carlos Gomes uma “Homenagem especial – Glorificação da arte”, na qualidade de “Pioneira da Música em Goiânia”.

Em novembro, tocou durante a “I Semana de Música no Centro-Oeste”, realizada entre os dias 22 e 26 em Brasília. Em 1983, aposentou-se na UFG (LEOBAS, 1998). No cenário político nacional, foi neste ano que teve início o movimento das “Diretas Já”, que consistiu em uma grande reivindicação popular pelas eleições diretas para a presidência da República, frustrada em sua primeira tentativa, como emenda constitucional, e só tendo obtido êxito com a Constituição de 1988 (BIBLIOTECA...).

Este período foi de grande realização profissional para a Belkiss enquanto musicista. Ela tocou em diversos lugares no Brasil, fez várias turnês pelo exterior, nas Américas. Também gravou em rádios européias, sempre divulgando a música brasileira. Além disto, lançou dois discos, participou de outro, escreveu um livro, que foi resultado de anos de pesquisa. Teve dois netos, que pareceram coroar sua satisfação pessoal. No entanto, teve que conviver com o triste fato da perda do marido, que sempre fora seu incentivador.

2.3 – Novos discos e uma grande perda familiar

Apesar de todas as dificuldades recém-enfrentadas, em 1984, foi noticiado que Belkiss lançou seu LP “Valsas de Camargo Guarnieri” e deu autógrafos nos jardins do Palácio do Governo do Estado de Goiás, acompanhada pelo compositor (BELKISS..., 1984). A capa e contracapa do LP estão reproduzidas na Figura 51, sendo que, na contracapa, identifica-se um depoimento do músico Mozart de Araújo a respeito do disco, da Belkiss e, também, do Guarnieri, datado de abril de 1984. Por isso e pela notícia publicada no jornal, foi atribuída a esta data a gravação e o lançamento do disco.

Figura 51 – Capa e contracapa do disco “Valsas de Camargo Guarnieri”



Foto da autora, 1984 (atribuída), gravado no Rio de Janeiro. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A Figura 52, cujo autor não pôde ser identificado, foi capturada no Palácio do Governo na noite de lançamento do referido LP, em 1984.

Figura 52 – Fotografia da Belkiss no lançamento disco “Valsas de Camargo Guarnieri”



Autor não identificado, 1984 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta fotografia foi tirada em preto e branco, apesar do uso da fotografia em cores já estar difundido naquela época, e o enquadramento escolhido pelo fotógrafo foi o horizontal, colocando Belkiss no lado direito da cena. Ela está em primeiro plano, falando ao microfone, enquanto que, em segundo plano estão sentados, da direita para a esquerda: o então prefeito de Goiânia, Nion Albernaz, a primeira-dama de Goiânia, Geralda Albernaz, a primeira-dama do Estado de Goiás, sra. Iris de Araújo Rezende Machado, e Camargo Guarnieri. As demais pessoas presentes não foram identificadas. A musicista está em pose lateral. A iluminação é artificial e frontal, sendo que, além do foco de luz do fotógrafo, há também a iluminação ambiente do Palácio. Poder-se-ia supor que esta imagem tenha sido capturada por um fotógrafo oficial do Palácio do Governo, uma vez que o lançamento ocorreu neste local.

Belkiss usa um vestido comprido preto (próprio às concertistas), óculos, colar de pérolas e relógio no braço esquerdo. Ela lê e segura os papéis em suas mãos, falando ao microfone que está preso em um suporte. No microfone lê-se: “RBC”, que significa Rádio Brasil Central, a rádio oficial do Governo Estadual. Guarnieri olha para alhures e está vestindo casaco e camisa brancas, sendo a calça e a gravata pretas. A sra. Iris está usando roupa e calçados brancos e olhando para a musicista, enquanto a Geralda veste roupa e sapatos mais escuros e olha em outra direção. O prefeito, Nion, está de terno e sapatos pretos, gravata estampada, camisa branca e olhando em direção à Belkiss. Do lado direito desta há uma mesa com forro branco.

A musicista tinha, provavelmente, 56 anos de idade, na noite de lançamento deste disco. A presença do maestro Camargo Guarnieri demonstra a ligação de amizade que os dois desenvolveram ao longo dos anos de trabalho juntos, o que, é provável, a tenha estimulado a gravar um disco só com valsas de autoria dele. Como ela está posicionada de lado e concentrada no que estava lendo ou discursando, não é possível analisar a feição de seu rosto, então só é facultado imaginar como ela estava se sentindo neste momento. Apesar da perda do marido no ano anterior, ela conseguiu dar a volta por cima e continuar suas atividades profissionais, inclusive, dedicando-se à gravação de um novo disco. Isto indica que ela tinha força de vontade e determinação suficientes para superar as dificuldades e prosseguir com seu trabalho.

Entre os dias 25 e 27 de junho de 1984, durante o evento “Encontro com Guarnieri”, realizado pela Universidade de Brasília (UnB), na capital federal, Belkiss participou como debatedora, nos dias 25 e 26, no Auditório Dois Candangos da UnB. Em 20

de julho, em comemoração ao 77º aniversário de Anápolis, deu um concerto de piano, às 21 horas, no Anfiteatro do Centro Administrativo.

No Rio de Janeiro, o poeta Carlos Drummond de Andrade⁴³, em 9 de setembro, escreveu uma carta à musicista na qual elogiou seu LP de valsas de Camargo Guarnieri, dizendo ser uma “primorosa interpretação, de alta sensibilidade e apuro técnico impecável”. Também disse que o disco estava proporcionando “grandes alegrias” em sua casa e terminou afirmando sua admiração por ela (Anexo 69). Em 10 de setembro, o compositor Luiz Cláudio de Castro⁴⁴, também do Rio, escreveu parabenizando-a pela “perfeita execução das valsas do compositor Camargo Guarnieri”, e afirmando que a sua arte já estava “consagrada (...) por nomes importantes da crítica nacional e internacional” (Anexo 70). No dia 16, a pianista Eudóxia de Barros⁴⁵ e o compositor Osvaldo Lacerda escreveram uma carta, a fim de cumprimentarem “pela beleza do som, pela sensibilidade e fidelidade da interpretação”, dizendo que seu disco tinha também um valor documentário, capaz de revelar a beleza das “valsas” aos que as desconhecem (Anexo 71). O que, uma vez mais, reforça o reconhecimento da atuação profissional da Belkiss entre os artistas brasileiros.

Entre os dias 21 e 23 de setembro, ela participou do “16º Festival de Artes – GREMI”, promovido pelo Clube dos Trinta de Inhumas e obteve menção honrosa na área de música. No Rio de Janeiro, no dia 29 de outubro, e em São Paulo, no dia 30, foi a pianista solista em um espetáculo promovido pela Funarte intitulado “Mestres da Música Brasileira”, onde ela tocou somente obras de Camargo Guarnieri, em homenagem ao compositor. No dia 22 de dezembro de 1984, nasceu o terceiro neto da Belkiss, Eduardo Carneiro de Mendonça, também filho do Bruno e da Lilian.

⁴³ Carlos Drummond de Andrade foi poeta, contista e cronista. Nasceu em Itabira do Mato Dentro-MG, em 1902, e morreu em 1987, no Rio de Janeiro. Mudou-se com a família para Belo Horizonte em 1920, onde, em 1923, ingressou na Escola de Odontologia e Farmácia, concluindo o curso dois anos depois. Sem interesse pela profissão, passou a ocupar o cargo de redator em vários jornais. Publicou inúmeras obras, foi premiado e reconhecido nacionalmente (CARLOS...).

⁴⁴ Luiz Cláudio de Castro foi cantor e compositor. Nasceu em Curvelo-MG, em 1935, e morreu em Guaratinguetá-SP, em 2013. Começou a tocar cavaquinho aos sete anos e formou-se pela Escola Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira profissional, na música, em 1949, integrando o Trio Trovadores do Luar, se apresentando na Rádio Inconfidência de Belo Horizonte. Em 1952, lançou seu primeiro disco, sendo que, ao longo de sua vida, fez grande sucesso e recebeu premiações diversas (RECANTO...).

⁴⁵ Eudóxia de Barros é pianista e nasceu em São Paulo em 1937. Em 1953, entrou para a Orquestra Sinfônica Brasileira, na qual foi admitida por concurso. Entre 1954 e 1957, prosseguiu seus estudos em Paris, sendo que, ao voltar, em 1959, foi aluna de Guilherme Fontainha, Camargo Guarnieri e Osvaldo Lacerda. Aperfeiçoou-se nos Estados Unidos entre 1965 e 1967, ocasião em que também ministrou aulas. Depois, foi estudar na Alemanha, entre 1969 e 1970. Deu recitais em vários locais no mundo e, no Brasil, foi a solista de inúmeras orquestras. Foi contemplada com prêmios por sua atuação artística e, em 1982, casou-se com Osvaldo Lacerda, com quem fundou o Centro de Música Brasileira em São Paulo (ACADEMIA Brasileira...).

A partir do ano de 1985, quando acabou a Ditadura Militar, consolidou-se um período neoliberal relativamente às políticas culturais brasileiras. O governo começou a atuar como gestor e financiador da cultura. Com o fim da ditadura, o mercado teve espaço para produzir cultura, contribuindo com a indústria cultural brasileira. Assim, as leis de incentivo tornaram-se os maiores financiadores de projetos na área (PINTO, 2011, p. 45).

Mesmo diante deste complexo cenário político, em 16 de julho deste ano, Belkiss tocou em duo de piano e violino com Moisés Mandel⁴⁶, na Sala Funarte, em Brasília. Em outubro, ela foi empossada membro catedrático da Academia Internacional de Música (AIM), no Rio de Janeiro. Seu patrono era Paulino Chaves⁴⁷. Já em Salvador, foi membro do júri do “VII Concurso Nacional de Piano”, realizado pelo Instituto de Música da UCSal, entre os dias 21 e 26 de outubro.

Em novembro, no dia 16, na Cidade de Goiás, recebeu a “Medalha Veiga Valle⁴⁸”, na área de História, “por sua relevante contribuição ao patrimônio cultural e à comunidade vilaboense”, concedida pela Organização Vilaboense de Artes e Tradições. Em dezembro, ela se fez fotografar junto de seus três netos, com sua casa já enfeitada para o Natal. Segundo sua filha, Maria Alice Siqueira (2017), ela gostava de fazer fotos familiares nesta época, a título de registro ou para enviar a parentes. A Figura 53, que se segue, capturada por um autor não identificado, provavelmente um membro da família ou um amigo próximo, retrata um desses momentos.

⁴⁶ Moisés Mandel foi um violinista que nasceu em Natal, em 1932, e faleceu no Recife-PE, em 2012. Foi para o Recife em 1945, ocasião em que estudou violino no Conservatório Pernambucano de Música. Foi o primeiro violinista a integrar a Orquestra Sinfônica da Bahia. Anos depois, morou em Brasília, onde atuou na Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional e como diretor da Escola de Música da UnB. No exterior, trabalhou como professor convidado em Portugal, e tocou como solista em orquestras de diversos países. Voltou ao Recife em 1994, onde atuou na Orquestra Sinfônica do Recife até 2010 (PREFEITURA do Recife).

⁴⁷ Paulino Chaves foi pianista, compositor, regente e professor. Nasceu em Natal, em 1883. Estudou no Conservatório de Leipzig (Alemanha) de 1899 a 1902 e de 1913 a 1914. Voltou ao Brasil em 1903 e foi nomeado professor do Instituto Carlos Gomes em Belém-PA. De 1910 a 1913, mudou-se para Manaus, onde assumiu a cadeira de professor da Escola Normal do Amazonas. Em 1914, ao retornar da Alemanha, voltou para Belém, onde fundou diversas instituições musicais. Dois anos depois, criou o Quarteto Beethoven, para divulgação da música de câmara. Em 1927, mudou-se para o Rio de Janeiro, dando continuidade à sua intensa atividade artística. Foi nomeado professor do Instituto Nacional de Música e faleceu no Rio de Janeiro em 1948 (ACADEMIA Brasileira...).

⁴⁸ Veiga Valle foi um escultor e dourador, que nasceu em Pirenópolis-GO, em 1806 e faleceu na Cidade de Goiás, em 1874. Não se sabe qual foi sua formação artística, mas o fato é que ele iniciou sua produção de imagens sacras em 1830. Mudou-se para a Cidade de Goiás, então capital do Estado, em 1841, a convite do presidente da província, para trabalhar nos altares da matriz da cidade. Na década de 1860, também foi vereador, juiz municipal, major da Guarda Nacional e deputado. Continuou produzindo até 1870 (ENCICLOPÉDIA...).

Figura 53 – Fotografia da Belkiss com seus três netos



Autor não identificado, dezembro de 1985, Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A fotografia acima foi feita em preto e branco. A opção de enquadramento foi horizontal, centralizando Belkiss e o neto Eduardo (sentado sobre o piano), sendo que André (ao violino) e Simone (ao piano) ficaram do lado esquerdo da foto. A avó e os netos se encontram em primeiro plano, sendo que em segundo plano estão o piano e a árvore natalina sobre uma mesinha decorada com presépio. Ao fundo, vêem-se cortinas e, sobre a cabeça da musicista, há um pomposo lustre. A pose da Belkiss e dos meninos é frontal, sendo que Simone está de costas para o fotógrafo. A iluminação é artificial e frontal, mas provavelmente a iluminação do ambiente também devia estar acionada.

A musicista usa batom, um vestido comprido estampado, levemente transparente, acinturado e com babados na gola. Ela está com brincos, colar e um bracelete metálico no braço esquerdo. Eduardo veste roupa, meias e sapatos brancos. Ele mostra o dedo indicador em riste, acompanhando a melodia executada pelos irmãos. Já André veste uma camisa escura com calça e relógio brancos, e olha para o violino que está tocando. Simone aparece sentada sobre uma banqueta, com vestido branco e, no alto da cabeça, um laço de fita branca. Ela está de costas, concentrada no piano que está dedilhando. Sobre a fotografia, François Soulages afirma que “pode-se pensar que toda foto é teatralizante” e que é preciso considerar que “isto foi encenado” (Soulages, 2010, p. 74). Portanto, pode-se pensar que esta foto teria sido encenada, já que todo o ambiente foi minuciosamente preparado e os personagens desenrolaram uma cena que seria a desejável de se comunicar na imagem. O cenário já estava

preparado para o Natal, mas as posições ocupadas pelos netos e pela avó, e a atuação das crianças, compuseram a teatralização almejada.

Na fotografia, Belkiss encara diretamente o fotógrafo, possivelmente refletindo, na companhia dos netos, sobre seus 57 anos vividos. Afinal, ela teve uma grande perda, mas também ganhou três presentes: Simone, com 8 anos, André, com 7 e Eduardo, que estava completando seu 1º ano naquele mês. Poderia ser esta a razão também para o desejo da musicista em passar a mensagem de sucesso, por meio da fotografia, cuidadosamente pensada, ao lado dos netos executando música.

Em 20 de março de 1987, em Belém, ela recebeu a “Medalha Cultural Antônio Tavernard”, concedida pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará. Já no mês de abril deste ano, a convite do Itamarati, visitou, acompanhada por seu filho Leonel, vários países da América Central, onde, como Embaixatriz da Cultura, apresentou peças de Villa-Lobos, em comemoração a seu centenário, e também fez palestras sobre a vida e a obra do compositor. Segundo a publicação Brasil Ilustrado, “Belkiss recebeu manifestações elogiosas da imprensa dos países visitados, tendo sido muito aplaudida pelo público” (BELKISS..., 1987). Na Figura 54, ela aparece em frente ao Teatro Nacional da Costa Rica, junto de Leonel e o embaixador, Bayma Denis, após a apresentação da musicista, no dia 3 de abril, na cidade de San José. A foto é de autoria não identificada.

Figura 54 – Fotografia da Belkiss, com o embaixador Bayma Denis e Leonel



Autor não identificado, 3 de abril de 1987, San José (Costa Rica). Fonte: acervo MIS-GO.

Esta fotografia foi registrada em cores, e o enquadramento escolhido pelo fotógrafo foi o horizontal, colocando em primeiro plano de importância a Belkiss, ao lado dela, o embaixador do Brasil na Costa Rica, Bayma Denis, a mulher que está à esquerda dele e a placa registrando o concerto. Em segundo plano, está outra mulher não identificada e Leonel. Atrás, vê-se a porta de acesso ao local e as paredes externas do teatro. Todos estão em posição frontal. Pela sombra atrás das cabeças, é possível afirmar que a iluminação é artificial e frontal. Tende-se a presumir que esta imagem tenha sido registrada pelo fotógrafo oficial da Embaixada ou outro contratado para registrar o evento ocorrido no teatro.

A musicista está com um vestido em duas cores e usa maquiagem no rosto, brincos, colar, cinto e bolsa, além de segurar um buquê de flores que teria recebido ali mesmo. Seus cabelos estão curtos e perfeitamente arrumados. Já o embaixador usa um terno escuro lustroso, camisa branca e gravata estampada. Ele olha para o fotógrafo e tem a mão esquerda apoiada sobre a barriga. A senhora do lado esquerdo dele veste um casaco e saia cinzas, usa bolsa e olha para o lado direito. Seria ela sua esposa? Enquanto isso, a mulher atrás do embaixador veste roupa branca e olha para frente. Leonel está com calça jeans, camisa branca e tem os olhos voltados para o lado esquerdo.

Belkiss encara o fotógrafo, sorrindo, e parece estar muito satisfeita com o resultado da sua apresentação. Sobre as possibilidades da fotografia, Maria Eliza Linhares Borges afirma que: “ao possibilitar o constante desejo de eternizar a condição humana, por certo transitória, a imagem fotográfica (...) reúne e separa homens e mulheres, informa e celebra, reedita e produz comportamentos e valores. Comunica e simboliza. Representa.” (BORGES, M. E. L., 2003, p. 37). Isto significa que, provavelmente, neste caso, esta fotografia tenha sido captada para registrar a passagem da musicista pela Costa Rica, comprovando sua atuação internacional em prol da divulgação da música brasileira.

Sabe-se também, que seu filho Leonel, que aparece nesta imagem, costumava acompanhá-la nas viagens ao exterior, a fim de ajudá-la com a organização dos concertos (SILVA, 2000, p. B-1). Aos 59 anos, Belkiss ainda parece guardar consigo o frescor da juventude, constantemente renovado em sua paixão pela música.

No dia 3 de abril de 1987, a musicista deu um concerto de piano interpretando obras de Villa-Lobos, no Teatro Nacional e, no dia 6, fez uma conferência intitulada “*Música Brasileña para Piano*”, no Auditório de Música U.C.R., ambos na Costa Rica.

De volta ao Brasil, entre os dias 12 e 15 de maio, tomou parte como congressista do “XV Congresso Soroptimista Internacional da Região da América do Sul”, realizado em

Goiânia. Soroptimistas são mulheres que buscam o melhor desempenho para si e para outras mulheres, sendo comumente líderes na sociedade em que vivem (SOROPTIMIST). É provável que Belkiss se considerasse uma soroptimista, uma vez que ela buscava sempre se aprimorar e era uma mulher que gozava de certa liberdade e liderança.

Em 1987, ela lançou o LP “O Piano Brasileiro - Século XIX” (duplo). Nele, interpretou “diversos compositores selecionados por ela depois de dois anos de pesquisas” (RAZUK, 2000, p. 7). Como não há nenhuma comprovação exata desta data, atribuiu-se a gravação ao mês de agosto, já que há um texto de Ronaldo Miranda sobre o disco impresso na contracapa do LP, datado de agosto de 1987. A capa e contracapa do disco estão na Figura 55.

Figura 55 – Capa e contracapa do disco “O Piano Brasileiro/Séc. XIX”



Foto da autora, 1987 (atribuída), gravado no Rio de Janeiro. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Em agosto, com o apoio do governo brasileiro, Belkiss fez um recital em Assunção (Paraguai), em homenagem aos 450 anos de fundação desta cidade, na Sala Villa-Lobos do Centro de Estudos Brasileiros, às 19 horas. No dia 27 de agosto, às 19 horas, em Cochabamba (Bolívia), a musicista deu um concerto de piano, em homenagem ao centenário de Villa-Lobos, no Teatro Acha.

Em 30 de agosto, já em Bogotá (Colômbia), tocou piano na Universidade Nacional da Colômbia, no Auditório León de Greiff, às 11 horas, mais uma vez, em homenagem ao centenário de Villa-Lobos. No dia 31, em Medellín (Colômbia), às 19h30, atuou em um recital, no Teatro Metropolitano de Medellín.

Dando continuidade às homenagens, em 3 de setembro, ainda na Colômbia, desta vez na cidade de Santiago de Cali, a musicista se apresentou na Sala Beethoven, às 19h15. Segundo Lauro Moreira (2017), amigo da Belkiss, ela deu um concerto no dia 7 de setembro, no Teatro Colón, em Buenos Aires (Argentina), onde interpretou a Fantasia do Hino Nacional Brasileiro. Já na capital do Equador, Quito, deu concertos nos dias 9 e 10 de setembro, na Fundación Guaysamin.

Tendo voltado ao Brasil, em Inhumas, ela integrou a mesa julgadora de música do “19º Festival de Artes – GREMI”, realizado entre os dias 18 e 20 de setembro e promovido pelo Clube dos Trinta de Inhumas. Depois, foi membro do júri do “VIII Concurso Nacional de Piano” da UCSal, em Salvador, entre os dias 19 e 24 de outubro, além de ter tocado no recital de abertura do concurso, no dia 19. No dia 15 de novembro, de volta à Europa, fez um recital intitulado “*El piano clasico brasileño en el siglo XX*”, em Barcelona (Espanha), na Casa del Metge, às 21 horas.

Na cidade de São Paulo, em 6 de fevereiro de 1988, Lina Pires de Campos⁴⁹, compositora e pianista, enviou correspondência à Belkiss, cumprimentando-a, em relação ao seu LP “O Piano Brasileiro/Séc. XIX”, “tanto pela execução primorosa, quanto pela importância da divulgação de obras tão interessantes e tão pouco conhecidas” e disse que este é “um lindo trabalho em prol da nossa música e dos nossos compositores” (Anexo 72). Já em Belém, o compositor e pianista Waldemar Henrique⁵⁰ também escreveu uma carta, no dia 9 de

⁴⁹ Lina Pires de Campos foi compositora, pianista e professora, que nasceu em São Paulo, em 1918, e faleceu também em São Paulo, em 2003. Foi aluna de grandes mestres do piano e da composição no Brasil e, depois, estudou no Conservatório Musical João Gomes e no Conservatório Benedetto Marcello, no qual recebeu medalha de ouro. Venceu prêmios e concursos e publicou diversas obras. Foi professora titular de Piano e de Pedagogia Musical Aplicada ao Piano na Universidade São Judas Tadeu (ENCICLOPÉDIA...).

⁵⁰ Waldemar Henrique foi compositor e pianista e nasceu em Belém em 1905. Passou sua infância no Porto (Portugal) e retornou a Belém com 13 anos, quando começou seus estudos musicais. Em 1929, ingressou no

fevereiro, falando de sua “sincera impressão” e parabenizando-a pelo lançamento do seu último LP. Ele teceu grandes elogios à interpretação musical dela, tendo-a classificado como “insigne intérprete, cujo virtuosismo nos recompensa e a coloca entre os mais admirados mestres do divino instrumento” (Anexo 73).

Em 20 de março, Amaral Vieira⁵¹, compositor e pianista, de São Paulo, escreveu à musicista dizendo ter apreciado a “altíssima qualidade” das gravações. Segundo ele, foi “um prazer indescritível a aproximação com o nosso repertório do passado, infelizmente esquecido de todos” e disse que ela “prestou à música brasileira um serviço inestimável” (Anexo 74). Também de São Paulo, no dia 31, a pianista Eudóxia de Barros e o compositor Osvaldo Lacerda, uma vez mais, redigiram uma carta a ela, elogiando o seu último disco, afirmando que o repertório foi bem escolhido e que possibilitou “conhecer algumas obras e autores pouco divulgados” (Anexo 75). Todas estas manifestações por parte de compositores e artistas demonstram o quanto o trabalho da Belkiss estava sendo bem recebido no meio artístico e cultural brasileiro.

Já no exterior do país, no dia 11 de setembro, na cidade de Rosário (Argentina), às 19 horas, a musicista fez um recital só com compositores brasileiros no Museo Municipal de Bellas Artes Juan B. Castagnino.

No dia 25 de março de 1989, a mãe da Belkiss, Dianna Luíza do Couto Brandão Spenzieri, faleceu em decorrência de complicações causadas por um atropelamento, ocorrido meses antes, segundo narrou sua filha, Maria Alice Siqueira (2017). Ainda em 1989, entre 26 e 30 de junho, na cidade de Anápolis, a musicista participou da “I Semana de Palestras Interessantes” e “I Noite de Música e Poesia de Anápolis/89”, que aconteceram no Auditório da Biblioteca Pública Municipal Zeca Batista.

Conservatório Carlos Gomes e, em 1933, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde aprofundou o estudo da música. Trabalhou em rádios, teatros e cassinos no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Realizou excursões por todo o Brasil e também no exterior. Em 1949 e 1955, com o comissionamento do Itamaraty, realizou apresentações artísticas na França, Espanha, Portugal e, em 1953 e 1954, no Paraguai, Uruguai e Argentina. Até 1967, trabalhou no Departamento de Cultura e no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, sendo que, depois, voltou para Belém, onde dirigiu o Teatro da Paz. Faleceu em sua cidade natal, em 1995 (ACADEMIA Brasileira...).

⁵¹ Amaral Vieira é compositor e pianista, nascido em São Paulo em 1952. Aos 12 anos, estreou como solista da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal de São Paulo e, em 1967, foi estudar no Conservatório de Paris (França), com bolsa do governo francês. Em 1969, foi para a Alemanha estudar na Escola Superior de Música de Freiburg, também com bolsa do governo local. Depois seguiu para Londres, em 1974, com o apoio do Conselho Britânico, para ter orientação com Louis Kentner e, em 1977, voltou ao Brasil. Recebeu prêmios em reconhecimento ao seu trabalho no mundo todo, já que suas turnês fora do Brasil abrangeram inúmeros países, tendo viajado, inclusive, a convite do Ministério das Relações Exteriores (ACADEMIA Brasileiro...).

Em abril de 1990, ela foi a presidente da comissão julgadora do “VII Concurso Biental de Piano Paulo Giovanini”, promovido pelo Conservatório Musical Santa Cecília, em Araçatuba-SP. Já em Goiânia, participou do “I Festival de Outubro do Lilian Centro de Música”, realizado entre os dias 1 a 6 de outubro, no Teatro Goiânia, sendo que ela tocou em duo de piano e violino com Moisés Mandel. No dia 28 de novembro, eles tocaram juntos novamente, mas, desta vez, na Embaixada de Portugal, em Brasília, às 21 horas, durante o “Sarau Luso-Brasileiro Música e Poesia”. Durante o sarau, também foram selecionados e interpretados poemas pelo diplomata Lauro Moreira.

No dia 10 de janeiro de 1991, em Goiânia, a musicista tocou durante o “Concerto de Verão”, que aconteceu no Teatro Goiânia, às 20h30. Em fevereiro, novamente em Brasília, Belkiss e Moisés Mandel tocaram em duo, em um recital intitulado “Os Instrumentistas”, na UnB, às 12h30, no Auditório do Departamento de Música. Depois, no Rio de Janeiro, em 4 de junho, ela proferiu a conferência “Visão panorâmica da música brasileira”, às 17h30, integrando a “Jornada de Atualização de Conhecimentos Artísticos”, promovida pela Academia Nacional de Música, na Escola de Música da UFRJ. E, no dia 26 de junho, ela tocou novamente em duo com Moisés Mandel, durante o concerto “Encontros Musicais”, promovido pelo Clube Internacional de Brasília, na Sala Martins Penna, do Teatro Nacional Cláudio Santoro, às 21 horas, na capital federal.

Em 31 de janeiro de 1992, em Goiânia, Belkiss recebeu o diploma “Mérito da Goianidade”, concedido pela Associação Goiana de Imprensa (AGI), em função do “reconhecimento público à sua efetiva participação na construção da história e do desenvolvimento de Goiás, dignificando as suas origens e o sentimento de goianidade”. Em fevereiro, segundo a filha Maria Alice Siqueira (2017), ela se permitiu ser fotografada por seu filho Bruno, usando a beca da AFLAG, conforme se vê na Figura 56. Tal foto foi encontrada dentro de um envelope de revelação de um laboratório fotográfico, onde consta a data “25-02-92”, como a do recebimento do filme para revelação. Por isto tal mês e ano foram atribuídos a esta foto.

Figura 56 – Fotografia da Belkiss, em casa, com a beca da AFLAG



Autor: Bruno Spenziari, fevereiro de 1992 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta fotografia foi feita em preto e branco pelo Bruno, um fotógrafo amador, que optou por enquadrar verticalmente sua mãe, centralizando-a em uma posição 3/4. Ela está em primeiro plano, enquanto que, atrás, só é possível ver os azulejos decorados da varanda da casa da musicista, enquanto que, detrás da cabeça dela, surge no alto, junto da parede, a base de uma luminária. A luz é natural.

Ela está usando batom e brincos, além da beca da AFLAG, com suas respectivas insígnias acadêmicas. Ela sorri com satisfação, talvez por ser seu filho o fotógrafo, ou, quem sabe, por estar completando, naquele mês, 64 anos de idade. Teria sido este retrato produzido com o intuito de propagar sua imagem? Sobre o retrato, Maria Eliza Linhares Borges (2003) afirma que:

Dentre as modalidades da linguagem fotográfica, o retrato pode ser visto como uma porta de acesso privilegiada – embora existam outras igualmente importantes – para percebermos a natureza polissêmica e híbrida da imagem fotográfica. Parte significativa da fotografia, profissional e/ou amadora, passou pela confecção de retrato de indivíduos cujo desejo era transcender os muros do anonimato erigidos pelo ritmo acelerado e voraz da modernidade. Desde cedo o retrato fotográfico se coloca como uma prova material da existência humana, além de alimentar a memória individual e coletiva de homens públicos e de grupos sociais. (BORGES, M. E. L., 2003, p. 40-41)

Por certo, o retrato pode ter significados e motivações diversas e tem servido tanto para tirar os indivíduos do anonimato, como diz BORGES, M. E. L. (2003), quanto para reforçar a imagem dos que já eram conhecidos, como era o caso da Belkiss. A intenção da fotografia, aqui, podia ser a de manter a memória individual e coletiva do que a musicista já representava, naquele momento, para a cultura em Goiás.

Em abril de 1992, no dia 9, em Belo Horizonte, ela tocou em duo com Moisés Mandel, no Auditório da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), às 18h30. De volta a Goiânia, durante o “Recital Comemorativo do Cinquentenário do Batismo Cultural e do Teatro Goiânia”, no dia 3 de julho, a musicista e Moisés Mandel tocaram em duo no referido teatro, às 20h30.

Já na Europa, na Alemanha, na cidade de Heidelberg, no dia 19 de setembro, Belkiss ministrou uma conferência tratando sobre os compositores brasileiros, às 17 horas. Em 9 de outubro, às 21 horas, de volta ao Brasil e mais uma vez em duo com Moisés Mandel, se apresentou durante um concerto promovido pelo Conselho Cultural Thomas Jefferson, realizado no Auditório da Casa Thomas Jefferson, em Brasília. No dia 12, em Araçatuba, ministrou o curso “A Música Brasileira”, durante a “II Semana de Música Erudita de Araçatuba”.

Em 23 de outubro, em Goiânia, o Grão-Mestre e o Chanceler da Ordem Pedro Ludovico Teixeira, conferiram o grau de “Grã-Cruz” daquela ordem à Belkiss, em vista dos “relevantes serviços prestados ao povo e à comunidade goianiense”. Tal fato demonstra um reconhecimento até mesmo da Maçonaria ao trabalho da musicista, mas pode ser também porque seu avô, Manuel do Couto Brandão, pertenceu à ordem maçônica.

Em dezembro, no dia 23, palestrou na Coordenação de Cultura da Fundação Municipal de Esporte e Cultura, em Anápolis. Foi também em dezembro de 1992, que o primeiro presidente eleito pelo voto popular, Fernando Collor, renunciou ao cargo, em função de escândalos de corrupção que geraram um processo de *impeachment* contra ele (BIBLIOTECA...).

No dia 13 de janeiro do ano de 1993, Camargo Guarnieri faleceu em São Paulo (ENCICLOPÉDIA...). Em Goiânia, foi celebrada uma missa de 7º dia em sua intenção, no dia 19, provavelmente encomendada pela Belkiss, que era sua grande amiga. No dia 18 de março, em Brasília, a musicista fez um concerto na Embaixada do Canadá. Em abril, no dia 28, no

Rio de Janeiro, tocou em um recital de piano, durante o evento de inauguração do Auditório Brasil-Canadá, no Museu Histórico Nacional.

Entre os dias 2 e 8 de agosto, em Goiânia, ocorreu o “1º Seminário de Música de Câmara de Goiás”, no Centro Cultural Gustav Ritter. Assim, integrando a programação do seminário, Belkiss tocou em trio de piano, violoncelo (Guerra Vicente) e clarineta (José Botelho), no dia 5, às 19 horas; no dia 6, às 19 horas, tocou em duo de piano e violino com Leopold La Fosse; no dia 7, às 17 horas, tocou com vários grupos de violas, violoncelos, metais, cordas e percussão e, no dia 9, no Teatro Goiânia, às 20h30, tocou no encerramento do seminário. Já na Cidade de Goiás, sua cidade natal, ela tocou em duo com Moisés Mandel, no Teatro São Joaquim, no dia 17 de agosto.

Em setembro, no dia 3, a musicista tocou em duo, novamente com Mandel, durante o “Recital comemorativo do 123º aniversário da cidade de Ipameri”, no Salão do Jôquei Clube, às 20h30, em Ipameri-GO. Depois, entre os dias 24 e 26, integrou a mesa julgadora de Música, durante o “XXV Festival de Artes – GREMI”, promovido pelo Clube dos Trinta de Inhumas. Em Goiânia, entre os dias 5 e 7 de outubro, proferiu uma conferência durante o “II Seminário Nacional de Literatura e Crítica”, promovido pela UFG. No dia 10 de outubro, também em Goiânia, ela tomou posse como membro efetivo da Academia Goiana de Letras, na cadeira n. 31, cuja patrona foi Eurídice Natal e Silva.

Na Espanha, em Barcelona, em novembro, Belkiss fez um recital de piano intitulado “*Panorama del Piano Brasileño*”, durante a “*I Quincena de la Culura Brasileña*”, promovida pelo Consulado do Brasil e o “*Encuentro de Artes, Ciencias e Humanidades*”, incentivada por seu amigo e cônsul-geral do Brasil em Barcelona, Lauro Moreira (2017), segundo entrevista concedida por este.

Em 1994, a musicista foi eleita presidente da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea (SBMC), para uma gestão com duração até o ano de 1997 (REVISTA da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, 1996). Posteriormente, o compositor Marlos Nobre, do Rio de Janeiro, escreveu à fotobiografada, parabenizando-a pela eleição, dizendo ele ser esta uma escolha “felicíssima”. Ele assim afirmou: “ninguém melhor do que você, admirável interprete e verdadeira lutadora pela divulgação da nossa música, para dirigir uma entidade dessas” (Anexo 76). Esta correspondência está sem data, mas pela idade que o compositor afirma que sua filha tinha no dia em que escreveu a carta (um ano e sete meses), conclui-se que ela foi redigida em 1994, já que foi encontrada uma reportagem em que afirma

que, no dia 1º de janeiro de 2012, sua única filha teria 18 anos (PIANISTA..., 2012). Tal fato reforça o reconhecimento da artista em âmbito nacional.

Ainda este ano, Belkiss participou, em Estocolmo (Suécia), do evento “*World Music Days 1994*”, promovido pela SBMC, já que ela era a presidente da seccional brasileira da entidade internacional, que congrega músicos do mundo inteiro. Depois foi descansar em Paris com o filho Leonel (NA EUROPA, 1994).

Depois de retornar ao Brasil, no dia 28 de julho de 1994, a musicista tocou em um recital de piano e violino, com Moisés Mandel, na Embaixada de Portugal, em Brasília. Entre os dias 3 e 6 de novembro, na cidade de Montes Claros-MG, participou do “3º Concurso Nacional de Piano” do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez. De volta a Brasília, em 18 de novembro, às 21 horas, no Auditório da Casa Thomas Jefferson, Belkiss e Moisés Mandel tocaram novamente juntos.

Em dezembro, ela se fez ou se deixou fotografar ao lado do seu filho Leonel. A Figura 57, cujo autor não foi aqui identificado, revelada em janeiro de 1995, segundo consta no canto inferior direito da imagem – “JAN 95” – retrata este momento. Apesar de ter sido revelada em janeiro, atribuiu-se que ela na verdade pertencia ao mês de dezembro de 1994, em função de outra foto que faz parte do mesmo conjunto desta, e onde a musicista aparece com a mesma roupa e acessórios, comemorando a virada de ano com as amigas.

Figura 57 – Fotografia da Belkiss com o Leonel



Autor não identificado, dezembro de 1994 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Tal fotografia, feita em cores, enquadrava verticalmente a cena. O fotógrafo centralizou mãe e filho, deixando-os em primeiro plano. A musicista adotou uma pose frontal, enquanto Leonel está em posição 3/4. Em segundo plano, estão o pequeno móvel à esquerda da Belkiss; o que parece ser uma campainha de sinos, atrás do filho, e a porta de madeira à direita dele. A iluminação artificial do fotógrafo é frontal, e não se percebe outra no ambiente.

Ela está sentada sobre uma cadeira de madeira e veste um vestido longo cor de goiaba, usa batom vermelho, cabelos curtos, brincos, colar de pérolas, relógio e mantém as mãos cruzadas, apoiadas sobre uma das pernas. Já Leonel aparece em pé, com a mão direita apoiada no espaldar da cadeira onde a mãe está sentada, e usa camisa branca, calça azul marinho, gravata estampada, cinto e sapatos pretos.

A musicista demonstra um ar de satisfação, com 66 anos, ao lado do seu filho querido. Leonel aparenta um sorriso sereno. Mas eles sequer imaginavam que este seria o último *réveillón* que passariam juntos. É provável que esta fotografia tenha se tornado objeto de memória, já que a fotografia “é uma das formas modernas que melhor encarna certo prolongamento das artes da memória” (KOURY, 2008, p. 164).

Logo no início de 1995, Belkiss descobriu que seu filho Leonel tinha leucemia. Segundo ela, foram oito meses de luta contra o câncer. Como não encontraram nenhum doador na família compatível para a doação de medula óssea para o Leonel, a saída encontrada pelo Hospital Albert Einstein, em São Paulo, foi o transplante de células retiradas de um cordão umbilical. Assim, no dia 2 de setembro, com as células trazidas pelo diretor do New York Blood Center, o chileno Pablo Rubenstein, Leonel foi submetido ao transplante, que, àquela época, era um método extremamente avançado. No entanto, a reação do seu filho à cirurgia não ocorreu como o esperado e, sobre o assunto, ela afirmou: “Vivi (...) em 1995, todos os lances felizes e trágicos dessa notável descoberta que, no entanto, não pôde impedir o fim de nossa grande esperança.” (MENDONÇA, 02 set. 2004). Ver o Anexo 77. Segundo relato concedido pela filha Maria Alice Siqueira (2017), ele faleceu em 24 de outubro.

Depois disso, em entrevista a esta autora, o amigo da musicista, Lauro Moreira (2017), afirmou que Belkiss ficou muito abalada emocionalmente, mas, como havia assumido o compromisso de realizar um concerto no Teatro Goiânia, em homenagem aos 60 anos da Organização Jaime Câmara, ela foi, a fim de honrar o que havia sido acordado meses antes. Chegando ao palco, teve um “branco” e, logo, desmaiou. Foi levada desmaiada para o hospital. Então, chegou à conclusão de que não poderia mais se apresentar, enquanto não

estivesse bem. Segundo Lauro, deste em dia em diante, ela ficou anos sem tocar piano em público.

Em 1996, entre os dias 15 e 18 de agosto, ela participou como expositora no debate “Políticas Culturais na área de Música”, em Goiânia, integrando o “II Fórum Goiano sobre Cultura”.

Vê-se que Belkiss continuou se apresentando no Brasil e no exterior. Gravou mais um disco, teve seu terceiro neto e passou a ser reconhecida por vários artistas brasileiros, que comumente trocavam cartas com ela, demonstrando a admiração e o respeito pelo seu trabalho na área da música. Mas o que ela não podia esperar era perder seu filho caçula Leonel, em decorrência da leucemia. Deste golpe ela demorou muito para se recuperar.

2.4 – Reconhecimento profissional nacional e internacional

Em 1997, Lauro Moreira (2017) afirmou ter gravado seu CD duplo intitulado “Mãos Dadas”, que foi uma seleção de poemas de diversos países de língua portuguesa, para o qual Belkiss registrou, em sua própria casa, uma curta introdução para o poema de Castro Alves. Neste ano, como presidente da SBMC, ela promoveu o “Encontro Nacional de Compositores - Goiânia 97” (BERNARDES, 2005). No dia 14 de agosto, recebeu o título de membro do Conselho Honorífico do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, concedido pela Sociedade Goiana de Cultura.

Em 29 de setembro, em Goiânia, a musicista recebeu uma homenagem especial da Escola de Música da UFG, em “reconhecimento aos relevantes serviços prestados, com dedicação” àquela unidade de ensino. No mês de outubro, entre os dias 12 e 19, foi a presidente da comissão julgadora do “Concurso de Piano da UFG – Seletiva Latino Americana do Gina Bachauer International Piano Competition”, realizado na Escola de Música da UFG.

Em 25 de outubro, no Rio de Janeiro, ela recebeu o título de conselheira da Academia Internacional de Música, “por serviços prestados em prol da cultura e das artes”. No dia 4 de novembro, foi agraciada com a “Comenda Professor Colemar Natal e Silva”, da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, “como personalidade que projeta a cultura e as artes de Goiás, nacional e internacionalmente”.

Em 12 de dezembro, Belkiss apresentou seu CD duplo “Panorama da Música Brasileira para Piano”, durante o recital do “37º aniversário da UFG”, no Auditório da Faculdade de Educação, em Goiânia. Também no mês de dezembro, segundo a filha Maria Alice Siqueira (2017), a família se reuniu para trocar presentes (provavelmente um “amigo secreto”), na loja “Mercado de Artes”, de propriedade dos filhos Bruno e Leonel, tendo sido esta conduzida somente por Bruno, após o falecimento do irmão. A Figura 58, que se segue, de autor não identificado, mostra este momento. No seu canto inferior direito, está grafado: “DEZ 97” e “Fujioka”, ou seja, este foi o mês em que a foto foi revelada.

Figura 58 – Fotografia da Belkiss com sua filha, Maria Alice



Autor não identificado, dezembro de 1997 (revelação), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

A fotografia acima foi feita em cores, e o fotógrafo optou por um enquadramento horizontal, centralizando Belkiss e Maria Alice, que aparecem em primeiro plano. A mãe adotou uma posição 3/4, enquanto sua filha está em pose frontal. Em segundo plano, aparecem o ambiente da loja e um homem não identificado. A iluminação do fotógrafo é artificial e frontal, além da luz que certamente já havia na loja.

A musicista está do lado esquerdo da imagem, enlaçando sua filha por trás das costas, com o braço esquerdo, enquanto apóia a mão direita sobre o ombro dela. Veste uma roupa clara, estampada, e usa batom, relógio no braço esquerdo e óculos pendurados por um cordão, preso ao pescoço. Já Maria Alice usa uma camiseta cor de rosa bordada e óculos, e segura nas mãos um presente que ganhou.

Belkiss, aos 69 anos, olha para baixo enquanto cumprimenta a filha, sorrindo efusivamente. Esta também sorri e ambas parecem aproveitar o momento de alegria e descontração familiar. Segundo Nelson Schapochnik, “na série de retratos em que predomina uma perspectiva dessacralizada da vida familiar, comparecem as fotos dos filhos e da família”, além das festas anuais (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 479). Portanto, era hábito da família da musicista se fazer fotografar nas comemorações anuais, tais como esta.

Em Curitiba, entre os dias 22 e 24 de janeiro de 1998, Belkiss participou como membro das mesas-redondas com a pesquisa “Considerações sobre a música em cidades goianas”, durante o evento “Oficina de Música – XVI”, realizado pela Fundação Cultural desta cidade.

De volta a Goiânia, no dia 5 de março, ela recebeu o título de “Destaque Cultural”, entregue pela Secretaria de Cultura de Goiânia e pelo Aroeira Restaurante e Bar, durante a 12ª edição do “Sarau Noites Goianas”. No dia 11 de abril, também na capital, na Fundação Jaime Câmara, se deu o lançamento da coluna “Crônicas e outras histórias”, escrita pela musicista para o jornal O Popular (Anexo 78).

Nesta mesma fundação, no dia 4 de maio, às 20 horas, ela foi homenageada pela Escola de Música da UFG e pela fundação e, na ocasião, foram lançados o seu CD duplo “Panorama da Música Brasileira para Piano” e o vídeo “Belkiss Spenzieri – A Essência da Harmonia”. O Anexo 79 é o programa desta noite de homenagens. Já a Figura 59 refere-se à capa e contracapa do CD “Panorama da Música Brasileira para Piano”, uma remasterização dos dois LPs de mesmo nome, possibilitada por um projeto da UFG, atribuído a 1998, em função do programa da noite em que o CD foi lançado.

Figura 59 – Capa e contracapa do CD “Panorama da Música Brasileira para Piano”



Foto da autora, 1998 (atribuída), remasterizado pela UFG. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Em 14 de maio, Belkiss recebeu a “Medalha do Mérito Legislativo Pedro Ludovico Teixeira”, a maior honraria concedida pela Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, “pelos relevantes serviços prestados a este Estado”. O jornal O Popular publicou a reação da musicista, ao receber a homenagem: “esta medalha é uma prova de amizade e reconhecimento do meu trabalho”. A deputada autora do projeto da homenagem cumprimentou-a, “enaltecendo o seu trabalho em favor da musicalidade goiana” (BELKISS..., 1998). Ainda no mês de maio, a musicista e José Mendonça Telles receberam do Grande Oriente do Estado de Goiás, o troféu “Pelicano”, um incentivo à cultura e seus promotores (MENDONÇA, 16 jun. 1998), conforme Anexo 29. O evento de entrega aconteceu no dia 28, no Palácio Maçônico Nassari Gabriel (TROFÉU, 1998).

Entre 14 e 17 de junho, Belkiss foi a musicóloga convidada a participar da reunião, ocorrida na Universidade de Évora, em Portugal, da “Comissão Bilateral Luso-Brasileira”, na qual seu amigo e ministro Lauro Moreira coordenava o lado brasileiro e que organizou reuniões para o planejamento das comemorações do 5º Centenário da chegada dos portugueses no Brasil (MENDONÇA, 05 jul. 1998), segundo se vê no Anexo 80. Em Goiânia, no mês de agosto, no dia 15, ela recebeu o “Prêmio Laços da Cultura”, da Sociedade Goiana de Cultura Latina do Estado de Goiás (SELEGO), “por seus relevantes serviços prestados à cultura nacional na categoria de Música”.

De 13 a 15 de novembro, foi a presidente da banca de piano do “2º Concurso Internacional Honorina Barra”, em Curitiba (PONTO..., 1998). Ainda este ano, Belkiss, o artista plástico Amaury Menezes e os escritores Yêda Schmaltz, Isabel Câmara, Miguel Jorge e José Mendonça Telles integraram o júri do “Prêmio Multinacional Estadão 98”, que visava projetar e estimular aqueles que produziam “transformações em nosso processo cultural, independentemente do campo de atuação” (PRÊMIO, 1998).

De 10 a 14 de novembro de 1999, a musicista participou do júri e ministrou o curso “*Master Class* de Piano” durante o “3º Concurso Internacional Honorina Barra de Piano, Canto e Música de Câmara”, em Curitiba (CHEGA..., 1999). Já no dia 13 de dezembro, em Goiânia, ela recebeu o título de “Personalidade Goiana do Século”, outorgada pelo jornal O Popular.

Provavelmente, entre 1999 e 2002, Belkiss concedeu ser fotografada no jardim do Palácio do Governo de Goiás, pois, segundo contou a filha Maria Alice Siqueira (2017), a Figura 60 teria sido feita durante o primeiro mandato do governador Marconi Perillo.

Figura 60 – Fotografia da Belkiss, no jardim do Palácio do Governo de Goiás



Autor não identificado, 1999-2002 (atribuída), Goiânia. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Nesta fotografia, em cores, cuja autoria foi aqui atribuída ao fotógrafo oficial do Governo de Goiás, ele escolheu enquadrar Belkiss verticalmente, centralizando-a e deixando-a em primeiro plano. Em segundo plano, vê-se o jardim do Palácio. Ela adotou uma pose frontal. Para Míriam Moreira Leite (1988, p. 30), “a pose, ainda que dissimulada, é quase inseparável do retrato. Já se disse que o retrato é uma representação de alguém que sabe que está sendo fotografado”. Portanto, neste momento, a musicista estaria se permitindo ser representada, por meio da fotografia. A iluminação é natural, mas pode ser que o fotógrafo tenha complementado com uma luz artificial frontal, para desfazer pontos de sombra.

Ela veste uma roupa azul com bolinhas brancas e usa brincos dourados, colar de pérolas com duas voltas e batom. Está com os cabelos curtos e bem penteados. Belkiss devia ter entre 71 e 74 anos. Ela sorri confiante para o fotógrafo e, em sua maturidade, esbanja satisfação.

No dia 13 de março de 2000, ela recebeu a “Comenda Berenice Teixeira Artiaga”, concedida pela Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, “em reconhecimento de seu trabalho em prol da maior participação da mulher na vida política e social do Estado de Goiás”. De acordo com o jornal *Opção*, outras personalidades femininas de destaque que também receberam a medalha foram: Eli Creusa Nascimento, Jane Gabriela Sebba e a vereadora Olivia Vieira (DIA..., 2000).

Ainda em março, no dia 30, Belkiss proferiu palestra sobre a mulher na música do Brasil, integrando o ciclo “Mulheres”, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, realizado na Fundação Jaime Câmara, em Goiânia. Para a musicista, em entrevista concedida ao jornal O Popular, até o século passado, quando a mulher optava por uma carreira musical, enfrentava muitas dificuldades. “A ideia era que de que, feita essa escolha, as corajosas teriam uma vida improdutiva. A atividade era considerada uma verdadeira aberração para o sexo feminino”. Além disso, ressaltou que “a dificuldade da mulher para se impor na área musical foi infinitamente maior do que nas outras artes, pois elas enfrentavam também a oposição da família. Era preciso muita dedicação para conseguir se projetar (CONTRIBUIÇÃO..., 2000).

Em maio, foi noticiado que Belkiss lançou seu CD “Valsas & Sonata”, de Camargo Guarnieri, uma remasterização do seu LP de valsas de Guarnieri, acrescido da sonata, e o CD duplo “Piano Brasileiro – Século XIX”, uma remasterização do antigo LP com o mesmo título. Ambos os CDs foram editados pela Paulus (RAZUK, 2000, p. 7). A Figura 61 refere-se à capa e a uma parte interna do encarte do CD “Valsas & Sonata”, enquanto que a Figura 62 ilustra a capa e o interior do CD “Piano Brasileiro – Século XIX”. Eles foram atribuídos ao ano 2000 em função da notícia publicada no jornal.

Figura 61 – Capa e parte interna do encarte do CD “Valsas & Sonata”

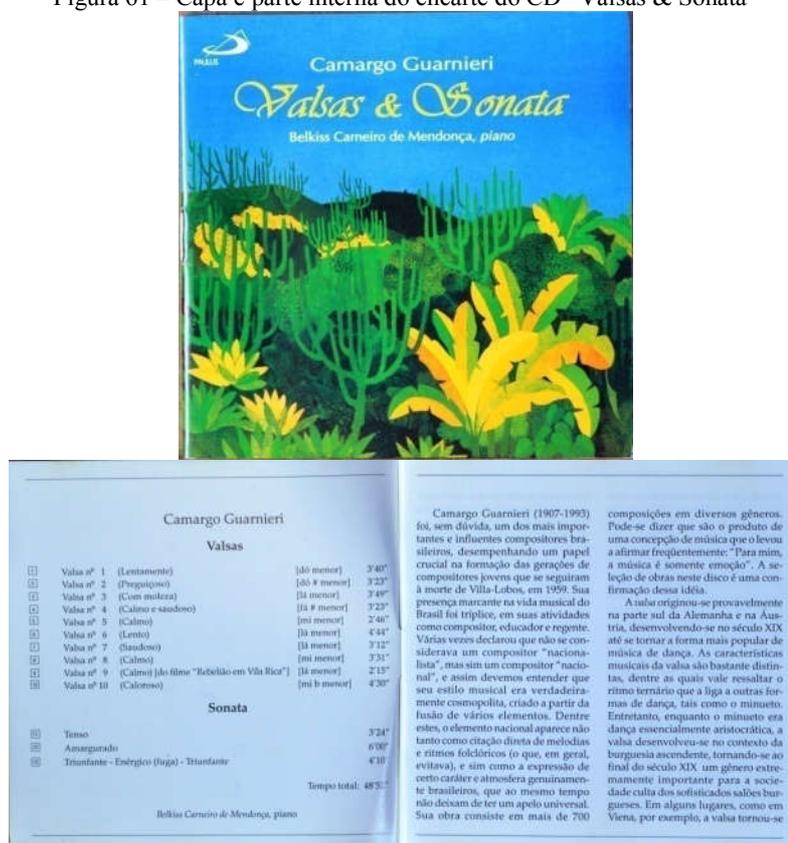


Foto da autora, 2000 (atribuída), remasterizado pela Paulus. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Figura 62 – Capa e parte interna do encarte do CD “Piano Brasileiro – Século XIX”

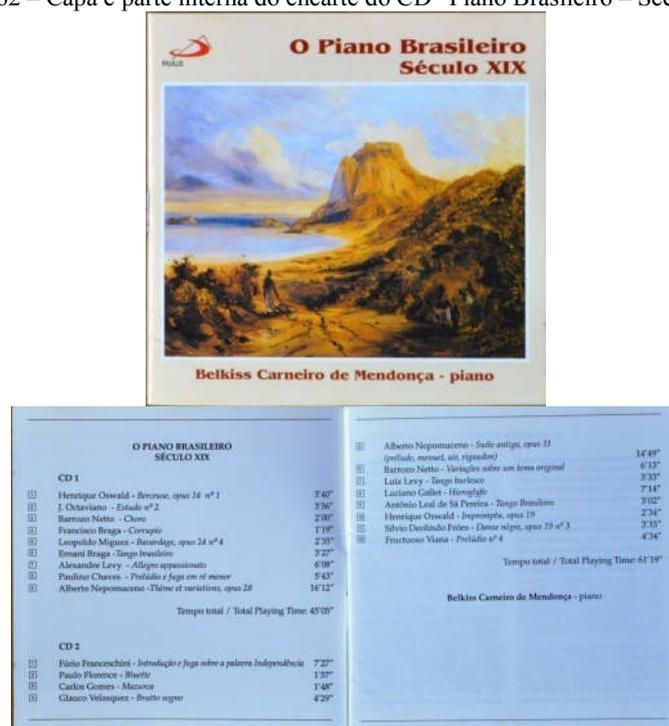


Foto da autora, 2000 (atribuída), remasterizado pela Paulus. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

No mês de julho, a musicista começou a ter aulas de informática, pois havia ganhado um *notebook* de Natal da sua nora Lilian, e ainda não tinha tido coragem de enfrentá-lo, por falta de quem lhe ensinasse (MENDONÇA, 18 ago. 2000), segundo o Anexo 81.

Em dezembro de 2000, Belkiss ministrou aulas em Rabah, no Marrocos, a convite do embaixador Lauro Moreira (VÔO, 2000). Ela lá permaneceu por 41 dias e afirmou que plantou “uma sementinha da produção musical brasileira” na capital, Rabah (MENDONÇA, 02 jan. 2001), como é possível verificar no Anexo 82. Segundo Lauro Moreira (2017), ela esteve no ano 2000 no Marrocos por duas vezes, sendo a primeira por 20 dias e a segunda, por 41 dias. Ele a convidou a dar uma aula magna no Conservatório de Música do Marrocos mas, ao chegar lá, ela se deparou com um curso de cinco dias, que seu amigo havia preparado sem lhe contar a verdadeira extensão do compromisso que assumira. Ela ministrou o curso, que foi muito bem recebido pelos alunos e pela direção do conservatório. Depois, ele solicitou que ela fizesse um recital lá e, de tanta insistência, ela acabou concordando. Esta foi, então, sua primeira efetiva apresentação em público, depois da morte de seu filho Leonel, ou seja, após 5 anos, e foi um grande sucesso. Depois desta apresentação, segundo Lauro, ela passou a ensaiar piano em casa e disse que, como seu amigo havia “inoculado este vírus” da música nela novamente, ela havia resolvido voltar à prática do instrumento.

No dia 9 de abril de 2001, Belkiss tocou na abertura do evento “Goiás: Patrimônio para a Humanidade”, ocorrido no Rio de Janeiro. Foi uma exposição organizada pela Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira (AGEPEL), na qual o trabalho de artistas plásticos, escritores e músicos goianos pôde ser conferido até 3 de maio (MARIA, 2001, p. 7). Em junho, no dia 1º, ela recebeu o título de “Excelência ao Mérito”, da Academia Internacional de Música, também no Rio de Janeiro, “por serviços prestados em prol da cultura e das artes”. Ainda em junho de 2001, a musicista fez parte do júri do concurso nacional “Talentos do Piano Amador”, realizado em Brasília, do qual ela sentiu grande prazer em participar, por ali se encontrarem reunidos “candidatos de diferentes profissões (...), mais pelo prazer de tocar, do que propriamente de competir” (MENDONÇA, 04 jul. 2001), como narrou no Anexo 83.

Em 2001, foi noticiado que Belkiss lançou o CD “Clair de Lune” (MARTINS, 2001/2002), que foi a remasterização do LP “Belkiss Carneiro de Mendonça”, onde ela havia gravado uma seleção de obras românticas, mas agora acrescido da Sonata n. 3, de Kabalevski, registrada durante uma apresentação que ela fez no White Recital Hall da Universidade de Missouri – Kansas City (Estados Unidos). A capa e uma parte do encarte do CD podem ser conferidas na Figura 63 e, apesar de se encontrarem sem data, o lançamento foi atribuído ao ano de 2001, em função da referida notícia publicada no jornal.

Figura 63 – Capa e parte interna do encarte do CD “Clair de Lune”



Foto da autora, 2001 (atribuída), remasterizado. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

No dia 16 de janeiro de 2002, a musicista proferiu a palestra “A Música em Goiás”, na Escola de Música e Artes Cênicas da UFG, em Goiânia. Em 18 e 19 de fevereiro, ela gravou um disco e produziu um *Master Class*, em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo: “10 Improvisos e 10 Momentos de Camargo Guarnieri” (Anexo 84). Como também estava nesta cidade, registrando as músicas inéditas do Guarnieri, na Sala São Paulo, Lauro Moreira (2017), que estava produzindo seu CD “Manuel Bandeira – Um poeta em Botafogo”, aproveitou para pedir à Belkiss que gravasse peças do Guarnieri para serem intercaladas com os poemas que ele, Lauro, declama na 2ª parte do disco.

Em Goiânia, no dia 8 de março, a musicista concedeu a palestra “O pioneirismo da mulher na música em Goiânia nos idos da fundação da capital”, na AFLAG. Em 9 de abril de 2002, foi a patronesse da Colação de Grau dos Concluintes dos cursos de Educação Artística e Bacharelado em Música da UFG (Anexo 84).

Segundo o Anexo 85, ela foi convidada a organizar, junto às acadêmicas representantes de Goiás na Academia Nacional de Música, um grande evento, que ocorreu nas noites de 9 e 10 de maio, no salão da Congregação da Escola de Música da UFRJ, para mostrar a cultura musical goiana. Belkiss contou que, a ela coube, “como ‘testemunha ocular’, relatar a formação musical de nossa cidade” na noite do dia 9. Já a segunda noite do evento foi dedicada exclusivamente à Cidade de Goiás, “mostrando-a merecedora do título de Patrimônio da Humanidade, recentemente adquirido” (MENDONÇA, 20 jun. 2002).

Em maio, a musicista publicou o artigo “Quando Mário salvou Guarnieri do fogo” na Revista “Brasiliana” nº 11, da Academia Brasileira de Música. No dia 17 de maio, ela tomou posse como membro efetivo da Assessoria do Conselho de Cultura do Grande Oriente do Estado de Goiás, no Salão Nobre do Palácio Maçônico Nasserri Gabriel, em Goiânia. Também na capital goiana, em 26 de junho, foi empossada como conselheira da UBEGO. No mês de julho, no dia 25, ela foi eleita para a cadeira 17 da Academia Brasileira de Música, tendo sido cumprimentada, por telefone, por toda a diretoria da entidade. No dia 26 de setembro, tomou posse na Academia Brasileira de Música, no Rio de Janeiro (Anexo 84).

A Figura 64, de autoria não identificada, foi encontrada dentro de um envelope pardo, sobre o qual se lê, anotado a lápis, com caligrafia que lembra a da Belkiss: “Lauro” e, à caneta, com letra de outra pessoa: “Para Srª Belkis”. Não tinha data registrada, mas foi atribuída ao dia 26 de setembro de 2002, por ter sido este o da sua posse na referida Academia.

Figura 64 – Belkiss e Lauro Moreira, na Academia Brasileira de Música



Autor não identificado, 26 de setembro de 2002 (atribuída), Rio de Janeiro. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Este retrato foi feito em cores. O fotógrafo enquadrava verticalmente a cena, centralizando Belkiss e Lauro e colocando-os em primeiro plano, ambos em posição 3/4. Em segundo plano, estão uma pequena mesa redonda coberta por um forro verde e branco, um quadro com o desenho de uma mão afixado sobre a parede, uma bandeira vermelha presa em um mastro e um objeto de metal sobre o chão. A iluminação é artificial e diagonal, incidindo da esquerda para a direita.

A musicista veste blusa e saia estampados com azul e preto, usa batom vermelho, brincos dourados, colar de pérolas duplo, e uma bolsa preta com alça dourada. Ela abraça seu amigo de lado, enlaçando-o com o braço direito, enquanto sua mão esquerda é segurada pela dele. Lauro usa um terno e gravata escuros e lustrosos, camisa branca, sapatos pretos e óculos, enquanto passa seu braço esquerdo pelas costas da Belkiss e a segura firmemente com a mão direita.

Ela demonstra estar completamente feliz com esta nova conquista, a de uma cadeira na Academia Brasileira de Música, ao lado de Lauro, seu grande amigo. Os dois encaram o fotógrafo, sorridentes. Com 74 anos, ela mais uma vez estava sendo reconhecida nacionalmente. Aqui, podemos concluir que “toda imagem conta uma história”, assim como o afirma Peter Burke (2004, p. 175), uma vez que a narrativa visual desta imagem registra justamente este momento em que Belkiss está na Academia Brasileira de Música, onde recebe as congratulações de seu amigo.

Em 21 de outubro, a musicista fez uma apresentação de três fotógrafos-músicos no Projeto “Pioneiros da Fotografia em Goiânia” do MIS, no Salão do Museu Zoroastro Artiaga. No dia 7 de novembro, ela coordenou as comunicações de presidentes de Institutos Históricos e Geográficos, no “Encontro dos Institutos Históricos do Brasil”, ocorrido em Goiânia (Anexo 84).

Em 4 de dezembro, recebeu o título de “Professora Emérita da UFG”. Segundo a nota publicada no jornal O Popular, de Goiânia, ela recebeu “emocionada os aplausos de Milca Severino, reitora da UFG, durante a solenidade” (O POPULAR, 2002). Ainda em dezembro, entre os dias 12 e 13, ela foi convidada, pela direção da Escola de Música e Artes Cênicas do Paraná, para integrar a comissão julgadora do “1º Concurso de Piano Profª Edna Habith” (Anexo 84). Em 2002, prefaciou o livro “A música para violoncelo e piano de Camargo Guarnieri”, de Paulo César Rabelo (MÚSICA, 2002).

Em fevereiro de 2003, ela gravou em São Paulo um CD com músicas infantis e inéditas de Guarnieri, cedidas pela viúva do compositor à pianista. De acordo com a matéria publicada no jornal Diário da Manhã, “Belkiss teve o privilégio de ser a primeira musicista a gravar um disco na exclusiva Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica Estadual de São Paulo, (...) atualmente a melhor do Brasil em qualidade sonora”. Outro disco já havia sido gravado em dezembro de 2002, sendo que ambos fariam parte de uma coleção organizada pela gravadora Master Class, com apoio da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, com lançamento previsto ainda para 2003 (BEZERRA, 2003, p. 3). No entanto, algo aconteceu, que não foi noticiado, pois os discos não foram lançados neste ano, nem tampouco pela Secretaria da Cultura de São Paulo.

No mês de junho, Belkiss recebeu a dedicatória de sua amiga Mariuccia Iacovino, “a dama do violino” e viúva do pianista Arnaldo Estrella, do concerto realizado no Teatro Goiânia, em uma de suas últimas turnês pelo Brasil (LONGO, 2003). Em 2003, ela tomou posse como vice-presidente da AGL, no biênio 2003-2005 (ANO..., 2004, p. 223).

No dia 26 de julho de 2004, a musicista recebeu a comenda da “Ordem do Mérito Anhanguera”, concedida pelo Governo do Estado de Goiás, na Cidade de Goiás. Sua nomeação oficial se deu pelo Decreto n. 5.977, de 22 de julho de 2004, do Gabinete Civil da Governadoria Estadual. A Figura 65, à frente, cujo autor não está identificado, foi atribuída a 26 de julho, por ter sido esta a data oficial do recebimento da comenda.

Figura 65 – Belkiss, no dia da entrega da comenda da “Ordem do Mérito Anhanguera”



Autor não identificado, 26 de julho de 2004 (atribuída), Cidade de Goiás. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

Esta fotografia, colorida, foi realizada provavelmente pelo fotógrafo oficial do Governo de Goiás, que escolheu enquadrar Belkiss horizontalmente, centralizando-a em posição 3/4, em primeiro plano. Em segundo plano, estão diversas pessoas então presentes no evento na Cidade de Goiás. A iluminação é natural.

A musicista veste uma blusa rosa, por cima de outra estampada, com um detalhe de amarração na gola. Usa batom, brincos e colar de pérolas, e está com os cabelos curtos, bem penteados. Ela sorri, olhando para o fotógrafo, sintonizada com a homenagem que lhe era prestada em sua cidade natal, aos 76 anos de idade.

Compreenderia ela que este instante captado pelo fotógrafo congelaria sua imagem em um espaço e tempo determinados? Humberto (2000, p. 45) afirma, que “fotografar é reduzir parte dessa complexidade [do olhar] a um momento de tempo e a uma fração de espaço, confinando em um plano uma realidade existente, agora representada pela ordenação deliberada de uma linguagem”.

Em 2004, Belkiss ficou entre os 10 finalistas no “Prêmio Nacional Jorge Amado de Literatura e Arte”, do Governo da Bahia, tendo sido seu nome indicado pelo então presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, José Mendonça Telles, que amealhou adesões de instituições culturais em torno de sua indicação, sem que ela soubesse (MENDONÇA, 30 jul. 2004), de acordo com o Anexo 86. Em agosto, a musicista foi

homenageada por Fernando Passos Cupertino⁵², em um dos três CDs lançados por ele de música clássica, uma vez que o incentivou a compor. Uma das faixas foi interpretada por ela (WANDER, 2004). Em 2004, recebeu o “Troféu Jaburu 2004” (REVISTA Goiás Cultura, 2006, p. 18) e lançou seu livro “Andanças no Tempo”, pela Agepel. Em 28 de outubro, proferiu a palestra “Elpenor de Oliveira - 60 Anos de estréia literária e publicação de Folhas Caídas”, na AGL (PALESTRA..., 2004).

Em junho de 2005, Belkiss integrou a comitiva do Governador do Estado de Goiás, em missão cultural, e tocou piano na Embaixada do Brasil, em Paris. Depois seguiram para o Canadá, onde ela esteve com professores do Conservatório de Música de Montreal, foi convidada e aceitou participar de um *Master Class* que iria ocorrer em 2006 (GOMES, 2005). Nesta ocasião, ela se deixou fotografar, no Canadá, como se pode ver na Figura 66, adiante.

Figura 66 – Belkiss em missão cultural no Canadá, integrando a comitiva do governador



Autor não identificado, junho de 2005 (atribuída), Canadá. Fonte: acervo familiar da Belkiss.

⁵² Fernando Passos Cupertino é médico e compositor, nascido em Goiânia em 1959. Seus estudos de música e canto tiveram início na Cidade de Goiás, com a regente do Coro da Catedral de Sant’Ana. Tal convivência o levou a começar escrevendo músicas sacras. Na década de 1970, enquanto se graduava em Medicina na UFG, freqüentou o Instituto de Artes, onde aprofundou seus conhecimentos em Harmonia e Contraponto. De 1984 a 1998, atuou ativamente como organista da Catedral de Sant’Ana. A partir de 2002, com grande incentivo das professoras Belkiss Spenzieri e Consuelo Quireze passou a dedicar-se intensamente à escrita para piano e música de câmara. Desde 2003, atua com Consuelo Quireze em um duo que se dedica à divulgação da música de câmara brasileira, tendo eles se apresentado no Brasil e no exterior. Em 2004, lançou três CDs, sendo que, a partir de 2005, passou a tomar aulas de composição com o professor e compositor Osvaldo Lacerda. Em 2009, conclui seu Mestrado em Música pela UFG (OPUS...).

Esta fotografia foi tirada em cores, possivelmente pelo fotógrafo oficial que pertencia à comitiva do governador, o qual escolheu um enquadramento horizontal, colocando a musicista à direita da cena, em pose frontal. Em primeiro plano, vê-se, da esquerda para a direita, o secretário de Cultura de Goiás, Nasr Chaul, o então governador estadual, Marconi Perillo, e a Belkiss. Atrás deles, janelas, cortinas, uma poltrona aveludada junto do que parece ser uma pequena mesa e um quadro afixado à parede. A iluminação é artificial e frontal, sendo que além do foco de luz do fotógrafo provavelmente havia uma luz ambiente.

Belkiss usa um vestido azul-esverdeado, com detalhes de cetim preto. Ela está com os cabelos curtos, penteados para trás. Usa batom, brincos e um bracelete metálico em seu braço esquerdo. Chaul veste um terno preto sobre camisa branca e gravata colorida. Do lado esquerdo da musicista está Marconi Perillo, usando um terno azul quadriculado, camisa branca, gravata azul com bolinhas brancas e calças pretas.

Nenhum deles olha para o fotógrafo. Para onde estariam direcionando seu olhar? Belkiss já tinha 77 anos de idade e, provavelmente estava se sentindo reconhecida e valorizada, por integrar a comitiva do governador durante a missão cultural no Canadá. Mais uma vez, ela estava apoiando e sendo apoiada pelo governo local da época, reforçando seu entrosamento político com tais personalidades. Para Annateresa Fabris, “a fotografia é um atestado de presença, é a contingência absoluta, que testemunha a identidade e a condição civil de uma pessoa.” (FABRIS, 2009, p. 46). Ou seja, por meio desse registro fotográfico, torna-se possível depreender a condição social da musicista.

No dia 27 de junho de 2005, Belkiss sofreu um AVC isquêmico ao acordar, em sua residência, em Goiânia, e teve que ser encaminhada à UTI do Instituto de Neurologia desta cidade. Ela também foi membro da Academia Feminina de Letras e Artes do Planalto e da Sociedade de Música Brasileira (PONCIANO, 2005).

No dia 29 de junho de 2005, a musicista passou por cirurgia no Hospital Neurológico de Goiânia e reagiu bem (BELKISS..., 2005). No dia 14 de julho de 2005, os familiares realizaram um missa pela sua saúde (ARANTES, 2005). No dia 23 de julho de 2005, ela deixou a UTI e foi para o apartamento do hospital (ESTÁVEL..., 2005). No dia 17 de agosto de 2005, teve alta do hospital e foi se recuperar em casa (WANDER, 2005).

Em agosto de 2005, Lauro Moreira lançou o CD “Manuel Bandeira, o Poeta em Botafogo”, onde o poeta declama vários de seus poemas, intercalados com músicas de Guarnieri inéditas, gravadas na Sala São Paulo, pela Belkiss (BORGES, R., 2005).

No dia 19 de setembro de 2005, ela precisou ser reinternada na UTI do Hospital Neurológico, tendo ficado em casa somente por 15 dias (BERNARDES, 2005). No dia 17 de novembro de 2005, Belkiss faleceu no hospital. O velório foi no Cemitério Jardim das Palmeiras e o sepultamento do Cemitério Santana, em Goiânia (BEZERRA; BORGES, 2005, p.1). No dia 23 de novembro de 2005, foi realizada a Missa de 7º Dia, na Igreja da Paróquia São José (MISSA..., 2005).

Neste ano, Lauro Moreira (2017) e a musicista haviam combinado de fazer uma turnê pelo Brasil, a fim de lançar o disco “Manuel Bandeira – Um poeta em Botafogo”, mas como ela faleceu antes, ele adiou a turnê, e teve que fazê-la sem sua amiga.

Em dezembro de 2007, foram lançados pela Agepel três CDs gravados pela Belkiss, com o título: “O Piano de Guarnieri”, reunindo 64 composições tocadas por ela (NETO, 2007). Deduz-se que estas tenham sido as músicas gravadas em dezembro de 2002 e fevereiro de 2003 em São Paulo e que, por razões ignoradas, não foram lançadas à época.

Percebe-se que a musicista conquistou a admiração e o respeito de todos os que conheceram o seu trabalho, ao longo desta etapa da sua carreira. Ela escreveu três livros, gravou discos, depois remasterizados em CDs, apresentou a música brasileira no Brasil e no exterior por diversas vezes e foi reconhecida por vários artistas, que em geral se manifestaram por cartas.

Neste capítulo, foram salientadas as homenagens que ela recebeu e o quanto seu nome passou a ser referência na área musical. Talvez por isto, a Belkiss tenha sido inúmeras vezes convidada para participar de eventos como membro do júri, por exemplo. Já no âmbito familiar, teve três netos, no entanto, perdeu o marido e o filho caçula para a leucemia. Tudo isto foi narrado através de fotografias, pois “fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social” (KOSSOY, 2001, p. 156). Desta forma, foi possível rememorar a vida da Belkiss, servindo das fotografias e analisando sua atuação individual e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia, ao longo do tempo deste estudo, a partir da Revolução de 1930 até os anos 2000, foi produto da modernidade e seu principal lugar de divulgação sempre foram os centros urbanos. No início do século XX, os fotógrafos não tinham um status muito elevado e, dentre os profissionais, poucos trabalhavam para a imprensa, mas já existia um “número expressivo nas casas comerciais onde além da revelação de fotografias e da venda de produtos e equipamentos fotográficos, produziam cartões-postais, retratos, fotos de casamentos e famílias (...)” (COELHO, 2006, p. 81).

Já no primeiro governo de Getúlio Vargas, que foi de 1930 a 1945, a fotografia no Brasil passou por muitas mudanças. Uma delas tem a ver com a chegada de uma grande leva de imigrantes, vindos da Europa para escapar de perseguições políticas e étnicas sofridas em seus países (COELHO, 2006, p. 81). Alguns destes eram ou tornaram-se fotógrafos. Em Goiás, tivemos alguns casos como o do Henryk Baranowsky, que chegou a Goiânia em 1947 e já exercia o ofício fotográfico na Polônia, e Antônio Pereira da Silva, nascido em Lisboa e que chegou neste Estado como fotógrafo ambulante.

Pelo que se constatou nesta dissertação, em Goiás, os fotógrafos profissionais que fotografaram a Belkiss foram: Alencastro Veiga, Sílvio Berto, Henryk Baranowsky e Alois Feichtenberger (a convite, fotografou-a no Rio de Janeiro), além dos fotógrafos que não puderam ser aqui identificados, sendo que alguns pertenceram à Assessoria de Imprensa do Estado de Goiás e à Divisão de Cultura da UFG.

Assim, pode-se dizer que esta pesquisa mostrou a atuação dos principais fotógrafos em Goiás, a partir de 1930, e também perpassou pela produção deles, nesta época em que a fotografia adquiriu cada vez mais importância, sendo que, no final de década de 1970 foi criado o Instituto Nacional da Fotografia da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE). Houve, pela primeira vez no país, o reconhecimento por parte do governo da autonomia da linguagem fotográfica (COELHO, 2006, p. 95-96). No entanto, percebe-se que faltam estudos acadêmicos sobre a atuação mercadológica e social dos fotógrafos, bem como da abrangência econômica de seus estúdios.

Deste modo, poder-se-ia afirmar que a contribuição da fotografia para reconstruir a memória da musicista Belkiss Spenziari foi essencial. Partiu-se, assim como Miriam Moreira Leite (1993, p. 81), do “pressuposto de que a imagem fotográfica tem significados evidentes, aparentes e latentes, perceptíveis após um primeiro olhar, que lhe conferem uma comunicação instantânea, capaz de dispensar mediações”. Pretendeu-se verificar a natureza, o

direcionamento social e os elementos que constituíam as fotografias analisadas, a fim de ampliar as possibilidades de interpretação destas imagens. As escolhas teóricas e as metodologias utilizadas se deram no sentido de tentar “filtrar o calor” desta história de vida, de modo a não ter a “boca queimada”, como Gomes (1998, p. 125) sugere que deva ser feito.

Nas fotografias que retratam sua infância e adolescência, percebeu-se que Belkiss era proveniente de uma situação social privilegiada, e que tais imagens visavam criar uma memória familiar. Já na sua fase adulta, ela é representada como uma profissional de sucesso, uma musicista e educadora com espírito nacionalista, já que um dos seus principais objetivos, ao longo desta fase, foi divulgar a música brasileira, a julgar pelos discos que gravou.

Foi uma artista consagrada que se apresentou no Brasil e no exterior, gravou discos, escreveu livros, artigos especializados e crônicas para jornais, tendo sido nomeada membro das grandes academias de música e letras do Brasil e até da Academia Internacional de Música, como reconhecimento, além das fronteiras nacionais, de sua importância para a música, apesar de ela nunca ter estudado ou morado fora do país. Recebeu inúmeras homenagens e prêmios, além de ter participado de bancas das mais renomadas universidades.

Então, pode-se dizer que uma biografia sobre a Belkiss já era esperada há muito tempo, já que o próprio Jornal de Goiânia, publicado na 2^a quinzena de novembro de 2005, elogiou suas crônicas, dizendo que elas significavam uma grande contribuição à cultura de Goiás, e afirmou: “certamente seus colegas de Academia não se descuidarão também de escrever sua biografia, por tratar-se de uma vida dedicada ao aprimoramento da arte, principalmente a música, via da qual projetou Goiás além fronteiras” (AS CRÔNICAS..., 2005). Este posicionamento do jornal a favor da biografia da musicista reforça as teorias sobre o tema, explanadas na Introdução, de que contar a história de vida de alguém pressupõe que a vida é uma história (BOURDIEU, 1996, p. 183), e também de que o indivíduo ocupa, hoje, lugar central em nossas preocupações (LORIGA, 1998, p. 225).

Já a fotobiografia, no conceito trazido por Fabiana Bruno (2012, p. 91-100), pode ser compreendida como uma “imagem-memória”, ou seja, como um conjunto de fotografias guardadas em armários, por exemplo, pode levar pessoas idosas a pensar de maneira singular sobre a vida. Nesta pesquisa, a fotobiografia da Belkiss se deu com outro enfoque, mas também foi feita uma associação da imagem com a memória da musicista, utilizando suas fotografias e fontes diversas na construção da narrativa.

Em função de sua importância para o Estado de Goiás, foi instituído pela Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esporte (SEDUCE) o “Ano Cultural Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça”, compreendido entre 15 de fevereiro de 2017 e 15 de

fevereiro de 2018, em homenagem à sua data de aniversário (DAYRELL, 2017), sendo que ela completaria 80 anos em 2018.

Neste trabalho foram selecionadas 41 fotografias, como já foi dito anteriormente, para traçar a fotobiografia da musicista. Mas, se outras imagens tivessem sido escolhidas, qual poderia ter sido o resultado visual? E também, percebe-se, por exemplo, que, apesar da Belkiss ter viajado muito ao exterior, nos acervos pesquisados não foram encontradas fotografias dos seus momentos como “turista” nestes países, mas somente de suas apresentações. Teria ela apreciado se outras imagens tivessem sido registradas de sua passagem por tais locais? O único que informou ter fotos dela durante passeios no exterior foi seu amigo Lauro Moreira (2017), mas infelizmente não foi possível neste trabalho explorar tal acervo, sendo que o ex-embaixador afirmou que poderá ser acessado no futuro. Teria Belkiss apreciado que outras imagens também ficassem para a posteridade? Talvez como a narradora-personagem, do romance autobiográfico “O Amante”⁵³, de Marguerite Duras, em que ela se questiona, em determinado ponto do término de suas férias e retorno ao pensionato:

Ela poderia ter existido, uma fotografia poderia ter sido tirada, como outra, em outro lugar, em outras circunstâncias. Mas não o foi. O motivo era muito insignificante para isso. Quem teria essa idéia? A fotografia só seria tirada se fosse possível prever a importância deste acontecimento em minha vida, aquela travessia do rio. Ora, no momento em que aconteceu, mesmo sua existência era completamente ignorada. Só Deus sabia. Por isso essa imagem, e nem podia ser de outro modo, não existe. Foi omitida. Foi esquecida. Não foi destacada, não foi registrada. (DURAS, 2003, p. 12).

Se Marguerite soubesse que aquele momento seria tão significativo em sua vida, teria tirado uma fotografia. Do mesmo modo, se Belkiss soubesse que tais imagens seriam importantes para a história – ao menos, para a sua história – teria ela registrado ou pedido para que fossem registradas outras ou diferentes fotografias?

Portanto, há que se considerar as fotografias que não foram tiradas, que podem ser aqui chamadas “não-fotografias”. Certamente, não foram registradas imagens com conotação negativa – momentos de tristeza, doenças ou desentendimentos, por exemplo –, assim como, na atualidade, este registro também não acontece. No entanto, mesmo que no acervo pesquisado não tenham sido encontradas imagens que retratassem falhas na personalidade da

⁵³ “O Amante”, de Marguerite Duras, foi escrito em 1984 e narra a vida familiar e afetiva da própria autora, que, aos 15 anos, na Indochina, enquanto frequentava um pensionato, em função de dificuldades financeiras, acabou se envolvendo com um chinês rico, com quem se iniciou sexualmente. Ele passou a amá-la, mas ela não correspondeu a este amor. A relação deles terminou quando ela partiu para a França.

fotobiografada, pela natureza humana é sabido que elas existiram, pois todos são dotados de falhas e imperfeições.

Certamente, essa fotobiografia aponta somente um caminho entre vários outros que poderiam ter sido seguidos, então, que as idéias aqui apresentadas não sejam consideradas definitivas, pois apenas convidam ao debate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de et al (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

AGE, Mônica de Paula Pereira da Silva. **O Hospital Real Militar: saúde e enfermidade em Villa Boa de Goyaz (1746-1827)**. 2014. 66 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

ALBUQUERQUE JR., Durval. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 23-79.

BARBOSA, Raquel Miranda. **Muito além das telas douradas: cidade e tradição em Goiandira do Couto (1960-2001)**. 2017. 358 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

BARTHES, Roland. **A Câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.

BERNARDES, Marina Nahas Dafico; CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira (Orientadora). Jóquei Clube de Goiás: documentação e história em busca do resgate memorial. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG, 8., 2011, Goiânia. **Anais...** Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/MARINA_N.PDF. Acesso em: 8 ago. 2017.

BORBA, Denísia Martins. Cidade: lugar de trânsito da memória. In: **Projeto Corredor Cultural Rua da Bahia: Educação Patrimonial e Memória Urbana**. s/l, s/d. p. 2-21; 35-68. Disponível em: <http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000103.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2017.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

BORGES, Maria Elizia. Três encantamentos do Brasil com a arte funerária italiana. In: **Anais do XXXV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2015, p. 239-249.

BORGES, Maria Helena Jayme. **A música e o piano na sociedade goiana (1805-1972)**. Goiânia, FUNAPE, 1999.

- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 183-191.
- _____. La definición social de la fotografía. In: **La fotografía: un arte intermedio**. México: Nueva Imagem, 1979. p. 107-148.
- BRITES, Olga. **Crianças de revistas (1930/1950)**. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.26, n.1, p.161-176, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000100011>. Acesso em: 26 jun. 2017.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- BRUNO, Fabiana. **Fotobiografia: por uma metodologia da estética em Antropologia**. 2009. 351 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- _____. Uma antropologia das “supervivências”: as fotobiografias. In: SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 91-106.
- BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 83-98, jul. 1997. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038>>. Acesso em: 12 dez. 2017.
- _____. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. Disponível em: <http://minhateca.com.br/f.mayboroda/Hist*c3*b3ria/Peter+Burke/BURKE*2c+Peter.+Testemunha+Ocular,563705521.pdf>. Acesso em: 02 mai 2017.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. In: **Estudos Históricos**. CEPEDOC/FGV, v.11, n. 21, Rio de Janeiro, 1998.
- CAMPOS, Luana Carla Martins. **Instantes como este serão seus para sempre: práticas e representações fotográficas em Belo Horizonte (1894-1939)**. 2008. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Fotografia e ideologia: lugares-comuns. In: **Comunicação & sociedade: revista semestral de estudos de comunicação**, São Paulo: Cortez Editora, ano V, n. 9, p. 156-164, jun. 1983.
- CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. Uma foto familiar: aprisco de emoções e pensamentos (Anotações delirantes sobre a [a] sombrografia). In: SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 107-132.
- CAPUZZO, Maria José Martins. **A evasão no curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal de Goiás**. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

- CASTELNUOVO, Enrico. Retrato e sociedade na arte italiana. In: **Retrato e sociedade na arte italiana: Ensaio de história social da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 13-101.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1987.
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- _____. Goiânia: a capital do sertão. In: **Revista UFG**. Goiânia, ano XI, n. 6, p.101-110, jun. 2009.
- CHÉROUX, Clément. **Vernaculaires: essais d'histoire de la photographie**. Cherbourg-en-Cotentin: Le Point du Jour, 2013.
- COELHO, Maria Beatriz R. de V. O campo da fotografia profissional no Brasil. In: **Varia História**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 22, n. 35, jan./jun. 2006, p. 79-99.
- COSTA, Neusa Maria Rocha da. **História da moda infantil e sua evolução até o século XXI**. 2016. 51 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de fora, 2016.
- CRUZ, Maria Luíza Póvoa da. **Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça: depoimento** [27 mar. 2017]. Entrevistadora: Luciana Bueno de Alvarenga Freire. Goiânia: 2017.
- DE VOLTA à luz: Fotografias nunca vistas do Imperador. São Paulo: Banco Santos; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2003. p. 38-49.
- DEL PRIORE, M. História do cotidiano e da vida privada In: CARDOSO, C. F., VAINFAS, R. (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. p. 376- 398.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico** e outros ensaios. Tradução Marina Appenzelier. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- DURAS, Marguerite. **O amante**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- ENTLER, Ronaldo. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios. In: SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 133-150.
- FABRIS, Annateresa. O retrato fotográfico: índice de identidade nacional? A pose pausada. In: **Fotografia e arredores**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009. p. 45-61; 157-161.
- FELIPE, Mábia Regina Aires Mendes. **A escola de canto lírico em Goiânia: fundamentos e práticas pedagógicas**. 2013. 215 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

FERREIRA, Joaquim Carvalho. **Presidentes e governadores de Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 1980. 174 p. (Coleção Documentos Goianos, 5)

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

FREITAS, Arthur. História e Imagem Artística: por uma abordagem tríplice. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v. 2, n. 34, p. 3-21, 2004. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2224/1363>>. Acesso em: 11 out. 2016.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. **Poder e paixão: a saga dos Caiado**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009, v. 1.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1983.

GASTAMINZA, Félix. La fotografía como objeto desde la perspectiva del análisis documental. In: AGUAYO, Fernando e ROCA, Lourdes (Orgs.) **Imágenes e investigación social**. México: Instituto Mora, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: idem(org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. pp.7-24.

GOTLIB, Nádya Batella. Clarice Fotobiografia. 3ª ed. atual. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

HUMBERTO, Luis. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Fotografia como objeto de memória: produto técnico e suporte ideológico na conformação do homem ocidental. In: **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 7, n. 20, p. 160-176, ago. 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 141-184.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia**. Rio de Janeiro: Secret. Mun. de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1990, 144 p., (Biblioteca Carioca). Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/biblioteca_carioca_pdf/avenida_presidente_vargas.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2017.

LORIGA, Sabrina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-249.

MACIEL, Dulce Portilho. Empresas de Goiânia: contribuição ao estudo da história econômica da cidade. In: **Goiânia em Mosaico: visões sobre a capital do cerrado**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015. p. 27-48.

MADEIRA, Maria Angelica Brasil Gonçalves. **Carnaval: festa utópica e pagã**. [S.l.], 04 mar. 2011. Seção Cultura. Disponível em: <<http://unb2.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=374>>. Acesso em: 21 set. 2017.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 33-62.

MAUAD, Ana Maria. Imagens de passagem: Fotografia e os ritos da vida católica da elite brasileira, 1850-1950. In: LIMA, Lana Lage da Gama; CIRIBELLI, Marilda Corrêa; HONORATO, Cezar Teixeira; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (Orgs). **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002. p. 193-206.

_____. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. In: **ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte**. Uberlândia: Editora da Universidade de Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 33-50, jan./jun. 2008.

MENDONÇA, Belkiss Spenzieri Carneiro de. **Andanças no tempo**. Goiânia: Agepel, 2004.

_____. **Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça: depoimento** [15 maio 2001]. Entrevistadora: Stela Horta. Goiânia: Museu da Imagem e do Som de Goiás, 2001. Entrevista concedida ao Projeto Pioneiros da Fotografia em Goiânia.

MENDONÇA, Bruno Spenzieri Carneiro de. **Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça: depoimento** [10 de jan. e 28 mar. 2017]. Entrevistadora: Luciana Bueno de Alvarenga Freire. Goiânia: 2017.

MOREIRA, Lauro Barbosa da Silva. **Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça: depoimento** [29 mar. 2017]. Entrevistadora: Luciana Bueno de Alvarenga Freire. Goiânia: 2017.

NASCIMENTO, Ana Léia Nunes de Moraes do. **Belkiss Spenziari Carneiro de Mendonça e o Improviso n. 2 de Camargo Guarnièri**: uma interpretação pedagógica e interpretativa. Goiânia, 2012; 66f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Goiás.

NASCIMENTO, Sebastião Valério Silveira do. **A criança na fotografia**: o retrato da infância na primeira metade do século XX em Belém do Pará (1900 a 1950). Belém, 2012; 113f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação). Universidade Federal do Pará.

NETO, Lira. **Getúlio (1882-1930)**: dos anos de formação à conquista do poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NETO, Lira. **Getúlio (1930-1945)**: do governo provisório à ditadura do Estado Novo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

O FOTÓGRAFO Sílvio Berto. Goiânia: Agepel, s.d. (Cadernos de Fotografia do MIS, v. 2).

OLIVEIRA JÚNIOR, Antônio R. de. Fotografia e História: interfaces, processos de investigação e práticas metodológicas. In: **Boletim/publicação do Grupo de Estudos do Centro de Pesquisa de Arte & Fotografia do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo**, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 79-83, 2007.

OLIVEIRA, Simone B. Camargo de; CAIXETA, Eline M. M. Pereira. Eurico Godoi: a construção da cultura moderna em Goiânia. In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO, 4., 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/arqdoc2015/artigos/pdf/122.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra. **Cotidiano**: um dia na vida de brasileiros. São Paulo: Folha de São Paulo, 2012. 64p. (Coleção Folha. Fotos Antigas do Brasil: v. 11).

_____. **Festas populares**: uma celebração de sons e movimentos. São Paulo: Folha de São Paulo, 2012. 64p. (Coleção Folha. Fotos Antigas do Brasil: v. 6).

PINTO, Muriel. **A construção da identidade missioneira no Rio Grande do Sul e as políticas culturais no sul do Brasil**. 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2011.

PIONEIROS da fotografia em Goiânia. Goiânia: Agepel, s.d. (Cadernos de Fotografia do MIS, v. 3).

POSSAMAI, Zita. O circuito social da fotografia em Porto Alegre (1922-1935). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 263-289, jan./jun. 2006.

REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: **História e historiografia**: exercícios críticos. Curitiba: Editora UFPR, 2010. p. 235-248.

RIBEIRO, Rafaella Sudário. **As caixas de memórias de Marilda de Godói**: arquivo, visualidade dos corpos e poder (1889-1969). 2016. 206 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2007.

ROUILLE, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Ed. SENAC, 2009.

SANDES, Noé Freire; ARRAIS, Cristiano Alencar. A historiografia goiana entre dois tempos: Goiás e Goiânia. **OPSIS**, Catalão, GO, v. 14, n. 1, p. 397-412, jan./jun. 2014.

SANTANA, Francis Marques Otto de Camargo. Abram alas para estes carnavais: reconstruindo o carnaval de Vila Boa à nova capital Goiânia. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2006, Porto Seguro. **Anais...** Porto Seguro: ABANT, 2006. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2037/francis%20santana.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2018.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 423-512. (História da vida privada no Brasil, v. 3)

SILVA, Mônica Martins da. **A escrita do Folclore em Goiás**: uma história de intelectuais e instituições (1940-1980). 2008. 321 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SIQUEIRA, Maria Alice Rodrigues. **Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça**: depoimento [2017]. Entrevistadora: Luciana Bueno de Alvarenga Freire. Goiânia: 2017.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Editora Arbor, 1981.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia**: perda e permanência. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. p. 63-81.

TEIXEIRA, Maria Lucy da Veiga. **Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça**: depoimento [8 fev. 2017]. Entrevistadora: Luciana Bueno de Alvarenga Freire. Goiânia: 2017.

TITO, Keih Valéria. **Memória e identidade de um bairro**: Campinas sob as lentes de Hélio de Oliveira. 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

VIEIRA, Ivone Luzia. Emergência do Modernismo. In: RIBEIRO, Marília Andrés; SILVA, Fernando Pedro da (Org.). **Um século de história das artes em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: C/Arte, 1997. p. 114-167.

FONTES

Matérias em jornais e revistas

ACADEMIA Feminina se empossa amanhã. **O Popular**, Goiânia, 08 nov. 1970. Suplemento Literário, p. 23.

ACONTECIMENTOS Importantes. **O Popular**, Goiânia, 08 jan. 1978. Suplemento Cultural, p. 3.

ACONTECIMENTOS Importantes - 1978. **O Popular**, Goiânia, 14 jan. 1979. Suplemento Cultural.

ANO 2003. **Revista da AGL**, p. 223, dez. 2004.

ARANTES, Thiago. Pela saúde de Belkiss. **Diário da Manhã**, Goiânia, 14 jul. 2005.

AS CRÔNICAS e a biografia de Belkiss merecem livros. **Jornal de Goiânia**, Goiânia, 2^a quinzena 2005.

BALANÇO Artístico Literário de Goiás em 1964. **O Popular**, Goiânia, p. 1, 10 jan. 1965.

BARBOSA, Licínio. Belkiss – a melodia interrompida. **Diário de Manhã**, Goiânia, 03 dez. 2005.

BELKISS lança este mês um novo LP. **O Popular**, Goiânia, 24 abr. 1977. Suplemento Cultural, p. 1.

BELKISS no centenário de Villa-Lobos. **Brasil Ilustrado**, mar./abr. 1987.

BELKISS, novo disco. **Revista Oásis**, Goiânia, out. 1984.

BELKISS reage bem à cirurgia. **O Popular**, Goiânia, 30 jun. 2005.

BELKISS recebe homenagem. **O Popular**, Goiânia, 15 maio 1998.

BERNARDES, Lucielle. Silêncio da música. **Diário da Manhã**, Goiânia, 18 nov. 2005. Caderno Cidades.

BEZERRA, Valbene. Obras inéditas e toque pessoal. **O Popular**, Goiânia, 10 fev. 2003. Magazine, p. 3.

BEZERRA, Valbene; BORGES, Rogério. Sonata do adeus. **O Popular**, Goiânia, 18 nov. 2005. Magazine, p. 1.

BOAS lembranças. **Tribuna do Planalto**, Goiânia, 29 fev./06 mar. 2004.

BORGES, Rogério. A pianista e o poeta. **O Popular**, Goiânia, 30 ago. 2005.

BRACONNOT, L. P. Um piano bem brasileiro. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 9, 21 jun. 1971.

DADOS sobre o V Concurso Nacional de Música do Estado de Goiás. **O Popular**, Goiânia, 23 set. 1979. Suplemento Cultural, p. 6.

CHEGA à 3ª edição o Concurso Honorina Barra. **O Popular**, Goiânia, 04 ago. 1999.

CLÁUDIA, Maria. Aos Domingos. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 8, 26 set. 1971.

CONTRIBUIÇÃO da mulher à música brasileira. **O Popular**, Goiânia, 30 mar. 2000.

DAYRELL, Alba. Pianista educada para galgar o mais alto patamar no mundo da música. **Diário da Manhã**, Goiânia, 28 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.dm.com.br/opiniao/2017/11/belkiss-ilustre-musicista.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

DIA da Mulher. **Jornal Opção**, Goiânia, 19/25 mar. 2000.

DOMINGO é de notícias. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 8 set. 1968. 6º Caderno, p. 10.

DOMINGUES, Heron. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 6, 04 abr. 1970.

_____. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 8, 19 ago. 1971.

EMPREGOS diversos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 1, 07 abr. 1953. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19530407&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 27 set. 2017.

ESTÁVEL, Belkiss deixa UTI. **O Popular**, Goiânia, 25 jul. 2005.

ESTUDOS Publicados. **O Popular**, Goiânia, 30 abr. 2000.

FLASH Sociedade. **O Popular**, Goiânia, 15 nov. 1970. Suplemento Cultural.

FRANCO, José. 52 saias e boa música. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, p. 38-41, 11 jun. 1960.

GOMES, Margareth. Belkiss Mendonça permanece internada. **O Popular**, Goiânia, 29 jun. 2005.

INSTALADO o Conselho de Cultura. **Folha de Goiaz**, Goiânia, 23 abr. 1972.

JORGE, Miguel. Acontecimentos. **O Popular**, Goiânia, 10 abr. 1976. Suplemento Cultural.

_____. Acontecimentos. **O Popular**, Goiânia, 20 fev. 1977. Suplemento Cultural.

_____. Acontecimentos. **O Popular**, Goiânia, 29 nov. 1980. Suplemento Cultural.

_____. Balancete Artístico Literário de 1967. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 2, 07 jan. 1968.

KOSSOY, Boris. O Fotógrafo ambulante: a história da fotografia nas praças de São Paulo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 nov. 1974. Suplemento Literário, p. 5.

LEITE, Miriam Moreira. Fotografia e História. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 7, n. 39, p. 24-32, jan./fev. 1988.

LEOBAS, Cristiano. Belkiss. **Diário da Manhã**, Goiânia, 26 jul. 1998.

LONGO, Malu. Dama do violino. **O Popular**, Goiânia, 17 jun. 2003. Magazine.

MAGALHÃES, Carlos Fernando. Academia Brasileira de Música. **Folha de Goiaz**. Goiânia, p. 5, 26 abr. 1970.

MAIA, Tatyana de Amaral de. O patrimônio como expressão da nacionalidade: a função do Estado no setor cultural. **Políticas Culturais em Revista**, nº 1, 2008. Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: < <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3192/2302>> Acesso em: 05 de mar. de 2018.

MARIA, Géza. Arte Goiana em exposição no Rio. **O Popular**, Goiânia, 09 abr. 2001. Caderno 2, p. 7.

MARTINS, José Eduardo. A excelência da interpretação. **Opção Cultural**, Goiânia, 30 dez. 2001/05 jan. 2002.

MENDONÇA, Belkiss Spenzieri Carneiro de. “Árvore do papel”. **O Popular**, Goiânia, 04 maio 2000. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Cadernos de fotografia. **O Popular**, Goiânia, 07 nov. 2002. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Goiânia em outros tempos. **Diário da Manhã**, Goiânia, 28 nov. 2004.

_____. Goiânia, fruto de uma decisão acertada. **O Popular**, Goiânia, 24 out. 1999. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Importante intercâmbio luso-brasileiro. **O Popular**, Goiânia, 05 jul. 1998. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Justa premiação. **O Popular**, Goiânia, 30 jul. 2004. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Nosso embaixador em Marrocos. **O Popular**, Goiânia, 02 jan. 2001. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. O ‘Pelicano’. **O Popular**, Goiânia, 16 jun. 1998. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Presença de Goiás. **O Popular**, Goiânia, 20 jun. 2002. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Relembrando imagens. **O Popular**, Goiânia, 24 fev. 2000. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Saudosos tempos (1). **O Popular**, Goiânia, 19 dez. 2003. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Uma data sempre lembrada. **O Popular**, Goiânia, 16 out. 2003. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Uma experiência diferente. **O Popular**, Goiânia, 04 jul. 2001. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Uma noite filantrópica. **O Popular**, Goiânia, 31 out. 1998. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. 'Um dia ainda chego lá!'. **O Popular**, Goiânia, 18 ago. 2000. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

_____. Vã esperança. **O Popular**, Goiânia, 02 set. 2004. Caderno 2, Crônicas & outras histórias.

MISSA de 7º dia. **Diário da Manhã**, Goiânia, 22 nov. 2005.

MORAIS, Antônio Lisboa. **Revista Opção**, Goiânia, p. A-35-A-36, 20/26 dez. 1998.

MÚSICA dá posse para os quatro acadêmicos. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 2, 6 abr. 1970.

MÚSICA. **Opção Cultural**, Goiânia, 15 a 21 dez. 2002.

NA EUROPA. **Ponto de Vista**, Goiânia, 30 out./05 nov. 1994.

NETO, João Camargo. O piano de Belkiss e Guarnieri. **Tribuna do Planalto**, Goiânia, 15 dez. 2007.

O POPULAR. Goiânia: 05 dez. 2002.

OS 32 anos da PRA-2. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 set. 1968. 3º Caderno, p. 3.

PALESTRA na AGL. **O Popular**, Goiânia, 28 out. 2004.

PIANISTA e compositor Marlos Nobre, Embaixador do Femusc. **OCP News**, Jaraguá do Sul, 1 jan. 2012. Disponível em:
< <https://ocponline.com.br/pianista-e-compositor-marlos-nobre-embaixador-do-femusc/>>.
Acesso em: 10 abr. 2018.

PONCIANO, Gustavo. Musicista está em UTI. **Diário da Manhã**, Goiânia, 28 jun. 2005.

PONTO Cult. **Ponto de Visita**, Goiânia, 02/08 ago. 1998.

PRÊMIOS. **Jornal Opção**. Goiânia, 29 mar./04 abr. 1998.

QUAL a mais bela estudante do Paraná? **Jornal do Paraná**, Londrina, p. 1, 18 ago. 1949.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/830240/per830240_1949_00952.pdf>. Acesso em: 27 set. 2017.

RAZUK, Leonardo. Técnica e emoção ao piano. **O Popular**, Goiânia, 13 maio 2000. Caderno 2, p. 7.

REVISTA Goiás Cultura. Goiânia: 2006, p. 18.

REVISTA da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea. Goiânia: n. 3, 1996.

RIBEIRO, Hellen. E o troféu Persona vai para... **Segunda Seção**, Goiânia, 22/28 out. 2001.

SILVA, José Maria e. A bandeira da música. **Opção Cultural**, Goiânia, p. B-1-B4, 7/13 maio 2000.

_____. Entre gênios da música. **Opção Cultural**, Goiânia, p. B-1, 14/20 maio 2000.

SPENCIERI Belkiss Orsini. **Revista Oeste**, Goiânia, p. 23, maio 1944.

SWIRL Hair Style Is New Trend. **Lake Charles American-Press**, Lake Charles, Louisiana, p. 16, 31 ago. 1955. Disponível em: <<https://www.newspapers.com/newspage/3343570/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

TROFÉU. **Opção Cultural**, Goiânia, 31 maio/06 jun. 1998.

TROFÉU Tioco. **O Popular**, Goiânia, 27 mar. 1977. Suplemento Cultural, p. 3.

VÔO. **O Popular**, Goiânia, 05 dez. 2000.

WANDER, Edson. Jóias de uma virtuose. **O Popular**, Goiânia, p. 3, 20 nov. 2005.

_____. O médico e a música. **O Popular**, Goiânia, 14 ago. 2004.

_____. Para lembrar Nhanhá. **O Popular**, Goiânia, 20 ago. 2005.

Vídeo

BELKISS Spenzieri. Produção do MIS-GO. Goiânia: TV Brasil Central, 1998. 1 DVD.

Sites consultados

ACADEMIA Brasileira de Música. Disponível em: <<http://www.abmusica.org.br>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

ACADEMIA Goianiense de Letras. Artigos. Venerando de Freitas Borges. Disponível em: <<http://www.academiagoianiense.org.br/index.php/component/content/article/89-biografias-patronos-titulares/258-venerando-de-freitas-borges>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

ACADEMIA Nacional de Música. Disponível em: <<http://www.academianacionaldemusica.com.br/#>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

AGÊNCIA Brasília. Orquestra Sinfônica presta homenagem a Guerra Vicente. Disponível em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2012/04/16/orquestra-sinfonica-presta-homenagem-a-guerra-vicente>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

BIBLIOTECA da Presidência da República. Ex- presidentes. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

BITT-MONTEIRO, Mário. Aspectos introdutórios às viragens fotográficas. Núcleo de fotografia da UFRGS. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fotografia/port/09_projetos/gef-viragens.htm>. Acesso em: 06 jun. 2017.

BRASIL. Casa Civil da Presidência da República. Decreto-lei n. 465, de 11 de fevereiro de 1969. Estabelece normas complementares à Lei nº 5.539, de 27 de novembro de 1968 e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0465.htm>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BRASIL. Casa Civil da Presidência da República. Lei n. 5.802, de 11 de setembro de 1972. Dispõe sobre a inscrição em prova de habilitação à livre-docência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L5802.htm>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BRASIL. Casa Civil da Presidência da República. Lei n. 6.096, de 5 de setembro de 1974. Prorroga o prazo estabelecido no parágrafo único do artigo 1º, da Lei nº 5.802, de 11 de setembro de 1972, que dispõe sobre a inscrição em prova de habilitação à livre-docência e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6096.htm>. Acesso em: 20 nov. 2017.

CAETANO Veloso 70. Biografia. Disponível em: <<http://www.caetanoveloso.com.br/biografia>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

CARLOS Drummond de Andrade. Cronologia. Disponível em: <<http://www.carlosdrummond.com.br/conteudos/visualizar/Cronologia>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

CHICO Buarque. Vida. Disponível em: <<http://www.chicobuarque.com.br/vida/vida.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

CORPO a corpo. Os cabelos das famosas dos anos 40, 50, 60, 70 e 80. Disponível em: <<http://corpoacopo.uol.com.br/famosas/segre-do-das-famosas/os-cabelos-das-famosas-dos-anos-40-50-60-70-e-80/2193#foto=2193-2>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br>>. Acesso em: 29 de Jan. 2018.

ESCOLA de Música da UFRJ. Disponível em: <<http://www.musica.ufrj.br>>. Acesso em: 25 set. 2017.

GOVESA Consórcio. Grupo Govesa. Disponível em: <<http://m.consorciogovesa.com.br/institucional/grupo-govesa>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

INSTITUTO Cultural Sérgio Magnani. O maestro. Disponível em: <<http://www.institutosergiomagnani.org.br/site/paginas/O-Maestro>>. Acesso em: 25 set. 2017.

MEDEIROS, Jotabê. Farofafá. Disponível em: <<http://farofafa.cartacapital.com.br/2015/05/21/a-grande-biografia-que-ninguem-vai-ler/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

MEMÓRIAS da Ditadura. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/index.html>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

MEMÓRIA Globo. Concertos para a Juventude. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/concertos-para-a-juventude/formato.htm>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

OPUS Dissonus. Disponível em: <http://www.opusdissonus.com.br/en_0011.htm>. Acesso em: 29 jan. 2018.

O VILABOENSE. Disponível em: <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/04/jose-alencastro-veiga-zeca-alencastro.html>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

PORTAL da Legislação. Atos institucionais. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/legislacao/portal-legis/legislacao-historica/atos-institucionais>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

PREFEITURA de Goiânia. Galeria de ex-prefeitos. Disponível em: <<http://www4.goiania.go.gov.br/portal/goiania.asp?s=2&tt=con&cd=1705>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

PREFEITURA do Recife. Notícias. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/18/06/2012/orquestra-sinfonica-do-recife-apresenta-repertorio-de-mozart-e-tchaikovsky-nesta>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

PREFEITURA do Rio de Janeiro. Bens tomados. Disponível em: <<http://prefeitura.rio/web/irph/bens-tombados>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

PULS, Maurício. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/radar/cor-ou-pb>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

RECANTO das Letras. Biografias. Disponível em:
<<https://www.recantodasletras.com.br/biografias/4819529>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

SECRETARIA da Casa Civil do Estado de Goiás. Notícias. Disponível em:
<<http://www.casacivil.go.gov.br/post/ver/203794/tomam-posse-os-novos-conselheiros-de-cultura>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SROPTIMIST. Quem somos. Disponível em:
<<http://www.sroptimistbrasil.org.br/pt/quem-somos>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

UFG. Galeria de ex-reitores. Disponível em:
<<https://www.ufg.br/p/6406-ex-reitores>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

ANEXOS

- ANEXO 1** – Parecer consubstanciado do CEP
- ANEXO 2** – Certidão de nascimento da Belkiss
- ANEXO 3** – Crônica publicada no jornal O Popular em 24 de outubro de 1999
- ANEXO 4** – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 155-157
- ANEXO 5** – Convite para o 1º recital da Belkiss
- ANEXO 6** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 16 de outubro de 2003
- ANEXO 7** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 31 de outubro de 1998
- ANEXO 8** – Programa do Festival Pró-vítimas da inundação do Rio Grande do Sul
- ANEXO 9** – Entrevista realizada pelo MIS-GO, em 15 de maio de 2001
- ANEXO 10** – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 85-87
- ANEXO 11** – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 253-255
- ANEXO 12** – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 184-186
- ANEXO 13** – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 191-194
- ANEXO 14** – Programa da 3ª audição de alunos da Escola de Música da Universidade de Música
- ANEXO 15** – Programa-convite do recital das diplomandas da Escola de Música
- ANEXO 16** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 7 de novembro de 2002
- ANEXO 17** – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 109-111
- ANEXO 18** - Programa-convite do recital da Belkiss
- ANEXO 19** - Programa do recital de piano e canto da Belkiss
- ANEXO 20** - Programa-convite do recital da Belkiss
- ANEXO 21** – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 74-77
- ANEXO 22** – Certidão de casamento de Belkiss e Simão
- ANEXO 23** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 19 de dezembro de 2003
- ANEXO 24** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 24 de fevereiro de 2000
- ANEXO 25** – Convite e programa do concerto da Belkiss
- ANEXO 26** – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 78-81
- ANEXO 27** – Programa-convite do recital da Belkiss
- ANEXO 28** – Crônica publicada no jornal Diário da Manhã, em 24 de novembro de 2004
- ANEXO 29** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 16 de junho de 1998
- ANEXO 30** – Programa do 31º Concerto da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais
- ANEXO 31** – Convite para concerto de piano realizado pela Belkiss

- ANEXO 32** – Matéria publicada na Revista O Cruzeiro, em 11 de junho de 1960
- ANEXO 33** – Programa do Quarteto do Rio de Janeiro, acompanhado por Belkiss
- ANEXO 34** – Programa do recital da Belkiss, durante o “XV Congresso de Gastreterologia”
- ANEXO 35** – Programa do recital de piano da Belkiss
- ANEXO 36** – Convite-família do Concerto de Intercâmbio dado pela Belkiss, em 1964
- ANEXO 37** – Convite-família do Concerto de Intercâmbio dado pela Belkiss, em 1965
- ANEXO 38** – Programa do recital feito pela Belkiss durante o “II Congresso Nacional de Medicina Tropical”
- ANEXO 39** – Material de divulgação do concerto sinfônico, dado pela Belkiss e regido por Guarnieri
- ANEXO 40** – Carta de Camargo Guarnieri à Belkiss, de 26 de fevereiro de 1966
- ANEXO 41** – Programação oficial da “Noite de Goiás”
- ANEXO 42** – Programa do concerto em Lisboa
- ANEXO 43** – Programa do concerto em Madrid
- ANEXO 44** – Programa do “I Festival de Música Erudita”
- ANEXO 45** – Programação do concerto na Rádio MEC
- ANEXO 46** – Programa-convite do recital a dois pianos no Rio de Janeiro
- ANEXO 47** – Programa-convite do recital a dois pianos em Goiânia
- ANEXO 48** – Programa-convite da posse na Academia Nacional de Música
- ANEXO 49** – Programa do recital durante “VIII Conferência Nacional de Jornalistas Profissionais”
- ANEXO 50** – Carta de Marlos Nobre à Belkiss, de 7 de junho de 1971
- ANEXO 51** – Programa do recital em Brasília
- ANEXO 52** – Convite para a posse da Belkiss no Instituto de Artes da UFG
- ANEXO 53** – Material de divulgação do “Concurso Nacional de Piano Maria Luíza Priolli”
- ANEXO 54** – Programa-convite do concerto da Belkiss em Paris
- ANEXO 55** – Programa do recital da Belkiss na Holanda
- ANEXO 56** – Carta de Osvaldo Lacerda à Belkiss, de 28 de junho de 1976
- ANEXO 57** – Carta de Francisco Mignone à Belkiss, de 16 de abril de 1977
- ANEXO 58** – Carta de Marlos Nobre à Belkiss, de 3 de maio de 1977
- ANEXO 59** – Carta de Cláudio Santoro à Belkiss, de 13 de maio de 1977
- ANEXO 60** – Carta de Osvaldo Lacerda à Belkiss, de 16 de maio de 1977
- ANEXO 61** – Carta de Almeida Prado à Belkiss, de 21 de junho de 1977
- ANEXO 62** – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 62-64

- ANEXO 63** – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 205-207
- ANEXO 64** – Programa do concerto em duo com Guerra Vicente, no Suriname
- ANEXO 65** – Programa do concerto em duo com Guerra Vicente, em Honduras
- ANEXO 66** – Carta de Bruno Kiefer à Belkiss, de 15 de fevereiro de 1982
- ANEXO 67** – Transcrição das faixas gravadas nos LPs “Música Brasileira” 1 e 2
- ANEXO 68** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 4 de maio de 2000
- ANEXO 69** – Carta de Carlos Drummond de Andrade à Belkiss, de 9 de setembro de 1984
- ANEXO 70** – Carta de Luiz Cláudio de Castro à Belkiss, de 10 de setembro de 1984
- ANEXO 71** – Carta de Eudóxia de Barros e Osvaldo Lacerda à Belkiss, de 16 de setembro de 1984
- ANEXO 72** – Carta de Lina Pires de Campos à Belkiss, de 6 de fevereiro de 1988
- ANEXO 73** – Carta de Waldemar Henrique à Belkiss, de 9 de fevereiro de 1988
- ANEXO 74** – Carta de Amaral Vieira à Belkiss, de 20 de março de 1988
- ANEXO 75** – Carta de Eudóxia de Barros e Osvaldo Lacerda à Belkiss, de 31 de março de 1988
- ANEXO 76** – Carta de Marlos Nobre, de 1994 (atribuída em função da idade da filha do compositor)
- ANEXO 77** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 2 de setembro de 2004
- ANEXO 78** – Fotografia do lançamento da coluna “Crônicas e outras histórias”
- ANEXO 79** – Programa do lançamento do CD “Panorama da Música Brasileira”
- ANEXO 80** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 5 de julho de 1998
- ANEXO 81** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 18 de agosto de 2000
- ANEXO 82** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 2 de janeiro de 2001
- ANEXO 83** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 4 de julho de 2001
- ANEXO 84** – Lista da AGL dos trabalhos realizados pela Belkiss em 2002
- ANEXO 85** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 20 de junho de 2002
- ANEXO 86** – Crônica publicada no jornal O Popular, em 30 de julho de 2004

ANEXO 1 – Parecer consubstanciado do CEP


PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FOTOBIOGRAFIA DA BELKISS SPENZIERI

Pesquisador: LUCIANA BUENO DE ALVARENGA FREIRE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 62832916.8.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de História

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.939.595

Apresentação do Projeto:

O protocolo refere-se a uma pesquisa de mestrado desenvolvida na Faculdade de História da UFG sob a orientação da Profa. Maria Elizia Borges.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Narrar a vida da musicista Belkiss Spenzieri tendo a fotografia como suporte principal, contextualizando e discutindo as relações entre a produção fotográfica e a os aspectos culturais e sociais que permearam a trajetória da artista.

Objetivos Secundários:

- Levantar as fotografias existentes e disponíveis da Belkiss e identificar quais as características das fotos que revelam ou ocultam questões pertinentes às intenções performáticas da musicista;
- Compreender os aspectos de produção fotográfica a partir dos anos 1940, considerando a história da fotografia em Goiás, a partir de seus autores;
- Refletir sobre as imbricações que as imagens fotográficas podem trazer na reconstrução da história do sujeito fotografado.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Nas Informações Básicas do Projeto, a proponente afirma que os riscos a que os entrevistados estão expostos são os de não conseguirem, por falha a que toda memória humana está sujeita,

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131
 Bairro: Campus Samambaia CEP: 74.001-970
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-1163 E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.939.595

retratar mais fielmente a história da Belkiss, ou, pelo contrário, de a exaltarem por demais e, ao final da pesquisa, perceberem que o resultado não foi tão próximo do real. Entretanto, não é esse tipo de risco que importa ao CEP, e sim aquele que pode causar algum dano à integridade física ou mental dos participantes, tais como possíveis desconfortos e constrangimentos relacionados às perguntas que lhes serão feitas durante as entrevistas. No TCLE, a pesquisadora menciona algo nesse sentido, reconhecendo que os participantes podem ter algum desconforto ao fornecer informações pessoais, e lhes garante a confidencialidade e o sigilo para proteger suas identidades no tocante ao que for dito nas entrevistas, bem como lhes avisa sobre o direito de pleitear indenização por danos decorrentes da pesquisa.

Como benefício da pesquisa, a proponente aponta a preservação da história da vida e da obra de Belkiss Spenzieri, no contexto da cultura brasileira e goiana, a qual poderá se tornar acessível através de fotografias.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo propõe a investigação da trajetória de vida da musicista e educadora goiana Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça, a partir de fotos que serão analisadas segundo as perspectivas social, formal e semântica. Além do trabalho com imagens, a pesquisadora também pretende realizar entrevistas com quarenta pessoas (vinte familiares e vinte amigos de Belkiss Spenzieri). O período previsto para as entrevistas é de 01/03 a 28/04 de 2017.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos:

- Folha de Rosto
- Projeto Detalhado
- Informações Básicas do Projeto
- Termo de compromisso da pesquisadora e de sua orientadora
- Questões norteadoras das entrevistas
- TCLE

De um modo geral, os documentos anexados ao protocolo atendem aos requisitos do CEP. Porém, as informações sobre a pesquisa apresentadas no TCLE são bastante sucintas e não mencionam qual será, exatamente, a forma de coleta de dados que a proponente realizará junto aos participantes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131
 Bairro: Campus Samambaia CEP: 74.001-970
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-1163 E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.939.595

Devem ser acrescentadas ao TCLE mais informações sobre como serão realizadas as entrevistas com os participantes.

Considerando a documentação apresentada no protocolo de pesquisa, sou favorável à aprovação do protocolo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, prevista para fevereiro de 2018.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|-----------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_837923.pdf | 07/12/2016 18:45:03 | | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaDeRostoassinada.pdf | 07/12/2016 18:40:03 | LUCIANA BUENO DE ALVARENGA | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | TermoCompromissoassinado.JPG | 07/12/2016 17:02:29 | LUCIANA BUENO DE ALVARENGA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_mestrado.doc | 06/12/2016 18:04:14 | LUCIANA BUENO DE ALVARENGA FREIRE | Aceito |
| Outros | Questionarios.docx | 06/12/2016 18:01:16 | LUCIANA BUENO DE ALVARENGA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_Humanas.doc | 05/12/2016 20:17:44 | LUCIANA BUENO DE ALVARENGA FREIRE | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131
 Bairro: Campus Samambaia CEP: 74.001-970
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-1163 E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.939.595

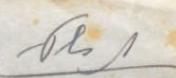
GOIANIA, 23 de Fevereiro de 2017

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador)

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.001-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com

ANEXO 2 – Certidão de nascimento da Belkiss

República dos Estados Unidos do Brasil
 Estado de Goiás  Comarca de Goiás




Certidão de Nascimento

Eládio Ferreira da Silva, Escrivão de Paz e Oficial do Registro Civil
 desta Comarca de Goiás etc.

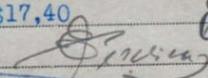
CERTIFICO que sob n. 505, a fls. 139 v. do livro n. 11 de registro de
 nascimentos, encontra-se o assento de BELKISS ORSINI SPENZIERI
 nascida aos 15 de Fevereiro de 1928, às - horas e - minutos,
 neste distrito, (cidade de Goiás)
 do sexo feminino, de côr - -, filha legítima
 de Belmiro Spenziari
 e de Dona Dianna Luiza do Couto Brandão Spenziari
 sendo avós paternos Genaro Spenziari
 e Dona Cecilia Orsini Spenziari
 e maternos Manoel Luiz do Couto Brandão
 e Dona Maria Angelica do Couto Brandão
 tendo sido declarante O pae
 e testemunhas Antonio Feliciano Lopes e Domingos Ferraz.

Observações : Registro feito em 24/3/1.931, de acordo com o Dec.
nº 19.710, de 18/2/1.931.

O referido é verdade e dou fé.

Goiás, 14 de Maio de 1946.

 Eládio Ferreira da Silva
 Oficial do Registro Civil

B. C. e Ss: Cr\$17,40
 Rec. de: 



Tipart - Mod. 221

O Popular

GOIÂNIA, domingo, 24 de outubro de 1999

Crônicas & outras histórias

Goiânia, fruto de uma decisão acertada

BELKISS S.C. DE MENDONÇA

Na cidade de Goiás fervilhavam os comentários: "Dr. Pedro Ludovico quer mudar a capital". Eu, menina, ouvia as apaixonadas opiniões, sem poder aquilatar ou mesmo compreender o porquê de tanta emoção. "Ele não dá conta de fazer isso", diziam uns; "Ora, isso é só conversa" diziam muitos. As preocupações aumentaram, porém, quando providências começaram a ser tomadas e reuniões noturnas masculinas foram realizadas, quase às escondidas, em residências de pessoas gradas da cidade. Fortaleciam-se as reações contrárias após esses encontros. Vozes abalizadas expunham os obstáculos, considerados intransponíveis e que garantiam a permanência do Governo na cidade de Goiás, imprimindo alma nova aos anti-mudancistas.

Apesar da afinidade e bom convívio existente entre meus avós (de cuja privacidade eu partilhava, com eles residindo), nesse momento divergiram em suas idéias. Vozinho, apegado às tradições goianas da família, posicionou-se de imediato contra a mudança da capital e Mãezinha (minha avó), que havia presenciado o surgimento de Belo Horizonte e o progresso que ao Estado de Minas tal medida acarretara, manifestava-se inteiramente a favor. As opiniões emitidas em família –



com a gentileza e o respeito mútuo habituais – eram, portanto, diametralmente opostas.

Notícias espalhavam-se com grande rapidez: uma comissão estava sendo designada para a escolha do local destinado à construção de uma nova cidade e falava-se na possibilidade de ser a região às margens do rio Uru. Uma de minhas tias-avós tão apaixonada se sentia com as várias informações, que eu, boquiaberta, a ouvi, arrebatadamente e num profundo sentimento, dizer a meu avô: "Meu irmão, se a capital mudar, eu morro!" Era um grito de paixão arrancado do fundo de sua alma.

Contra esse emotivo estado de espírito teve Dr. Pedro que lutar para dar prosseguimento aos planos traçados. Os ânimos permaneciam exaltados, alimentados pelas notícias transmitidas de porta em porta. Muita coisa estava em jogo: o amor à cidade, a proximidade

das decisões governamentais, os prejuízos com a desvalorização dos patrimônios, a separação de familiares. E mesmo quando a escolha do local se firmara numa paisagem bonita, de extensas terras planas, com bons mananciais de água, não houve qualquer movimento popular de aprovação.

A venda dos terrenos da futura capital iniciava-se a preços módicos, com pagamentos parcelados, sendo ainda mais facilitada sua aquisição aos funcionários do governo. Muitos deixaram de comprá-los na firme convicção de que a mudança não se efetuariá. E quando, lavrado o Decreto, se consumou a transferência, ainda se ouviam emocionadas vozes afirmando que a capital aqui não permaneceria.

Era motivo de grande comovção a saída das Secretarias administrativas e de todos os seus funcionários, do Lyceu e Escola Normal com seus inúmeros professores, a Faculdade de Direito, de Farmácia e Odontologia e outras mais, desfalcando a cidade de Goiás de muitos importantes elementos, vindo a temer-se seu declínio.

Os pioneiros que, pelas funções exercidas, tiveram que aceitar a vida nova, adaptaram-se com espírito esportivo às deficiências e desconforto aqui encontrados. Vêem hoje, orgulhosos, a grande Goiânia, pujante e altaneira, mostrando aos outros Estados brasileiros o poder do trabalho e a força da nossa gente. E a cidade de Goiás, com seus encantos naturais, permanece querida e lembrada por todos nós. Lá encontramos as emoções do passado, o avoengo berço que nos agasalha, as raízes que nos fazem sentir mais goianos, sendo-lhes mais que justo o título de "Patrimônio da Humanidade" que almejamos lhe seja concedido.

RETRATO À LUZ DO MERECIMENTO

“O jornal Correio Goianiense, após ouvir a comunidade, resolveu conceder o presente Diploma de Honra ao Mérito ao Sr. Jaime Câmara, pelos relevantes serviços prestados à comunidade, pois:

- Olhou para o ser humano.
 - Contribuiu para harmonizar o relacionamento entre pessoas.
 - Demonstrou amor e carinho para com os seus semelhantes.
- Goânia, dezembro de 1985”

Dentre inúmeros diplomas de “Honra ao Mérito” outorgados a Jaime Câmara, este sintetiza e ressalta a forma como pautou sua vida, a linha de conduta que para ela traçou. As qualidades, aí evidenciadas, são facilmente comprovadas por pessoas que com ele conviveram. Eu mesma, ainda bem jovem, tive oportunidade de constatá-las. No início de 1940, minha avó trouxe-me a Goiânia para a realização de meu primeiro recital – que, imagino, talvez tenha sido o primeiro realizado na cidade-menina – e, aconselhada por amigos, procurei falar com Jaime Câmara na redação de O POPULAR, situada na Avenida Anhangüera. Ele atendeu-me com solicitude, aconselhando-me como deveria proceder para a organização do evento, oferecendo-me, inclusive, sua colaboração jornalística.

Só com o passar dos anos, pude compreender que, ao interromper suas atividades para dedicar seu precioso tempo ao atendimento a uma

menina, em sua aspiração artística, demonstrara uma inequívoca benevolência interior.

Assim, tendo a bondade e o amor ao próximo como companheiros, em sua caminhada sempre ascendente, obteve o sucesso com muito trabalho, iniciativas e realizações. Paralelamente a todo esse esforço empresarial, seguia uma luminosa trilha de altruísmo: educou meninos no Colégio de Bonfim; batizou crianças e ajudou casais a se unirem em matrimônio, servindo-lhes de padrinho; imprimiu livros sem ônus para o autor; auxiliou iniciantes no campo do jornalismo; dedicou-se à manutenção do Instituto Artesanal dos Cegos; manteve creche e uma instituição, na Cidade de Goiás, destinada a orientar jovens, filhas de casais sem recursos financeiros.

E aqueles que a ele recorriam, sempre obtinham seu apoio financeiro, ou mesmo um aconselhamento ou carta de apresentação. Usava para isso seu prestígio político (como Prefeito da cidade ou Deputado Federal), administrativo (como Secretário de Estado da Agricultura ou da Viação e Obras Públicas, Diretor do Banco de Goiás, Presidente da Caixa Econômica do Estado) ou o respeito que sua pessoa impunha.

Católico por família e tradição, possuía profunda convicção religiosa, que o amparava nos embates da vida. E, ao ver que um incêndio destruíra, em horas, o resultado de anos de seus esforços, conformado, assim se manifestou: "Seja tudo o que Deus quiser! Se Ele assim quis, assim será. Vamos continuar para frente!" E das cinzas houve como um renascer, movido pela fé e união de forças.

Um de seus amigos mais chegados, falando-me sobre seu pronunciado senso de justiça, contou-me o seguinte fato, por ele presenciado: Jaime Câmara foi procurado, em seu gabinete, por um indivíduo que lhe narrou uma história muito convincente das dificuldades pelas quais estava passando. Apelou para seu magnânimo coração. Condoído, preencheu-lhe um cheque de cinco mil cruzeiros, importância grande para aquele tempo! No mesmo dia, recebeu um telefonema do gerente do

Banco de Crédito Real, solicitando sua autorização para o pagamento de um cheque muito alto, por ele emitido. Por sua numeração, constatou ser o que havia doado ao lamuriento sofredor. Este o havia adulterado e apresentado ao Banco, com o valor de cinqüenta mil cruzeiros.

Assim surpreendido, Jaime Câmara solicitou ao gerente que o conduzisse à sua presença, no que foi atendido, inclusive com o acompanhamento de um policial. Chorando, pediu que não o prendessem, sendo, então, o policial dispensado. Depois de um sermão caprichado, que o faltoso ouviu com humildade e de cabeça baixa, Jaime Câmara deu o caso por encerrado.

Aí é que aconteceu o inesperado, pois o falsificador apelou para o seu senso de justiça. "Mas como? É certo que errei. Não tenho o direito ao cheque de cinqüenta mil, mas os cinco mil o senhor me havia dado! Esses cinco mil são direito adquirido...".

E, por incrível que pareça, Jaime Câmara, com a grandeza de seu coração e como que considerando justo, mandou que lhe entregassem, em dinheiro, os cinco mil cruzeiros por ele reclamados.

Deixo aqui confirmados os itens do Diploma de Honra ao Mérito a ele conferido. Retratam o emblema da Bondade, esculpido por fatos e atitudes de uma vida exemplar.

1º DE OUTUBRO DE 1993

ANEXO 5 – Convite para o 1º recital da Belkiss

Exmo. Sr.

A abaixo assinada, desejando realizar,
hoje, domingo, às 8 horas da noite, no Salão
de Honra do Liceu de Gotar, a sua 1ª. audi-
ção musical, vem convidar V. Excia. e Exma.
Familia para abrilhantarem aquele concerto.

E, desde já, agradece o comparecimento.

Belkiss Spenziere

07-05-1940

6 | **Magazine** | GOIÂNIA, quinta-feira, 16 de outubro de 2003 | **O Popular**

> CRÔNICAS & OUTRAS HISTÓRIAS



Belkiss S. Carneiro de Mendonça

Uma data sempre lembrada

Goiania está completando seu 70º aniversário. Com que orgulho a vemos, altaneira e bela, classificar-se entre as melhores cidades do País! Parece tão próxima a época em que ela se limitava apenas a um traçado de ruas abertas numa extensa planície, com casas em agrupamentos isolados. Surgiu pelo ideal e forte determinação do dr. Pedro Ludovico Teixeira e a colaboração de denodados pioneiros que, com ele, compartilhavam de idêntico sentir. Para cá se deslocaram, instalando-se em pequenas habitações provisórias, numa escassez das mini-

mas necessidades do cotidiano. Não se queixavam das carências e desconfortos, enquanto Goiânia se desenvolvia num clima de entusiasmo. Sua construção era a grande meta, em torno da qual se uniam diligentes, funcionários, operários e demais membros da comunidade, num congregarmento que suplantara o carente modo de viver e as precárias condições de trabalho. Como prova ali estão, resgatados pelo Instituto Histórico e Geográfico, dois rolos compressores que compactavam as ruas, puxados por parrelhas de bois.

Festejos populares sempre marca-

ram os aniversários da nova capital, primeiramente com as corridas a pé, de bicicleta ou de moto, tendo à frente o prefeito Venerando de Freitas Borges. A largada era dada na praçinha da Rua 4 (hoje Cro Lisita), torcidas formando-se para incentivar. Azeitona ou Guilherme Hochstatter a pedalarem com mais força, ou exigindo maior potência da moto do campeão Moacyr Guimarães. Mais tarde, desfiles estudantis com bandeirolas, fanfarras, bailes e muitas bandeiras comemoravam o 24 de outubro. Se me detenho a pensar, revejo muitas cenas alusivas à Goiânia-menina, entre elas a da visita que nos fez o presidente Getúlio Vargas, em 1940, cumprindo seu programa da Marcha

para o Oeste. Alturos do Lyceu (eu entre eles) foram escalados para, com bandeirinhas, recepcioná-lo no aeroporto. A natureza, com inveja da alegria reinante, manifestou-se desejosa de participar da festa. O vento incumbiu-se de rodopiar com força, formando três grandes redemoinhos de terra vermelha, entre os quais deveria passar o avião presidencial. Olhá-vamos todos para o céu, com justa apreensão.

O Batismo Cultural de Goiânia proporcionou-nos momentos de alegre convivência. A grande movimentação popular concentrava-se na Escola Técnica Federal, que, além de exibir ilustrativa Feira de Amostras (vegetal, mineral e de costumes goianos), exposições de mapas geográficos e estatísticas do País e outras programações educativas, construiu tabuleados onde artistas e acrobatas se exibiam, montan-

do ainda um grande parque de diversões com muitos brinquedos. Para a juventude, no entanto, o que mais agradou foi a construção de um parquinho para danças. Muito se dançava naquela época e a especial novidade era a presença dos representantes do Centro Acadêmico 11 de Maio, da Faculdade de Direito de São Paulo e que aqui se encontravam para fazer à cidade a doação da estátua do Bandeirante, conseguida através de campanhas por eles realizadas.

Goiânia expandiu-se celeremente. Foi tão rápido seu desenvolvimento, que quase me passou despercebido. Apesar desse crescimento desmedido, louvo nossa cidade por ainda conservar os traços originais que a marcam nestas sete décadas, entre elas o impulso criador e a presença aativa e solitária de seus moradores.

ANEXO 7 – Crônica publicada no jornal O Popular, em 31 de outubro de 1998

O Popular 31-10-98

Crônicas & outras histórias

Uma noite filantrópica

BELKISS S.C. DE MENDONÇA

Comunicações jornalísticas e transmissões radiofônicas noticiavam freqüentes relatórios sobre as enchentes que assolavam o Sul do País. As inquietantes informações sobre as chuvas ininterruptas eram recebidas sob grande emoção. Seu prosseguimento insistente e forte avolumava os rios, que inundavam plantações, invadiam ruas e casas.

Milhares de pessoas viam-se repentinamente privadas de seus objetos pessoais, móveis e utensílios domésticos, muitos deles adquiridos com extrema dificuldade. Dramáticos apelos eram dirigidos às populações de outros Estados para que viessem em socorro dos desabrigados, enviando-lhes remédios, roupas ou calçados. Tudo era benvido e útil, em tão grave circunstância.

Condoeu-se d. Gercina Borges Teixeira, primeira dama do Estado, com o sofrimento dos gaúchos, assim tão intensamente atingidos. Procurou um meio de prestar-lhes auxílio, decidindo-se, enfim, pela promoção de um grande evento, que pudesse atrair elementos dispostos a uma colaboração pessoal e financeira. Para tanto, convidou Nhanhá do Couto, dinâmica e dedicada artista, para planejar e realizar uma apresentação lítero-musical, e designou comissões entre suas amigas – por ela própria lideradas –, incumbidas da venda de ingressos e organização de um grandioso baile, que encerraria o benemérito acontecimento.

Tenho em mãos, neste momento, o programa intitulado *Festival Pró-Vítimas da Inundação do Rio Grande do Sul*. Infelizmente, data e local nele estão omissos. Muitos dos protagonistas dessa noite de arte e graça ainda podem



relembrar o salão do Automóvel Club de Goiás (atual Jóquei), engalanado para recepcionar as mais destacadas personalidades da comunidade goianiense, que, naquele ano de 1941, se movimentavam, dispostas a contribuir com seu apoio para o sucesso de tão meritório empreendimento.

A Grande Orquestra de Goiânia, conduzida pelo compositor Joaquim Édison de Camargo, executou o Hino Nacional Brasileiro, assim dando início à parte artística. Constituída pelos instrumentistas da cidade, o conjunto pioneiro, com grande entusiasmo da platéia, ainda se fez ouvir em diversos números de seu repertório, encerrando a programação com um trecho da *Cavalaria Rusticana*, de Mascagni.

Calorosas palmas acolheram também a doce voz de d. Eurípedes Natal e Silva, figura mimosa e suave, com luminosos cabelos brancos; João Berquó, possante tenor operístico; Sílvio Berto, ardoroso intérprete de canções napolitanas; Mônica Balduino de Souza, meio-soprano delicado e bem-modulado; a visão romântica de Virgínia Pereira e o talento e juventude de Telca Leão Teixeira, todos eles destaques vocais unidos pelo desejo de bem desempenhar tão bela missão de solidariedade. Além da execução de um número solo, coube-me a tarefa de acompanhá-los ao piano, assim como o brilhante trompetista Afonso Gordo.

Os poetas Sílvio Moreaux, Guilherme de Almeida, Judas Isgorogota e Maria Eugênia Celso encontraram intérpretes conscientes e emotivas nas bonitas e sensíveis jovens de nossa sociedade: Marilda Fleury de Godoy, Theodolina Natal e Silva, Hermengarda Balduino e Delzuita Hermano.

A platéia não regateou aplausos aos participantes da memorável noite artística e, mais tarde, enquanto os elegantes pares rodopiavam pelo salão, d. Gercina externava seu contentamento pelo bom êxito alcançado por sua festa, cujo resultado financeiro ajudaria a proporcionar lenitivo às infelicitadas vítimas das inclementes chuvas.

ANEXO 8 – Programa do Festival Pró-vítimas da inundação do Rio Grande do Sul



PROGRAMA

1a. parte - RECITAL

Ato unico

- | | |
|---|---|
| <p>1 — Francisco M. da Silva — “Hino Nacional Brasileiro”. A. Adam — “Si j'étais Roi” — Ouverture — “Grande Orquestra de Goiania”, dirigida pelo prof. Joaquim Edison de Camargo.</p> <p>2 — E. de Curtis — “Torna a surriente” — e Tosti — “Ideal”, por Silvio Berto.</p> <p>3 — “Uma lagrima, uma dor e uma saudade” (samba canção), por Afonso N. Gordo.</p> <p>4 — Francisco Canaro — “Madriselva”, pela srta. Maria Monica Balduino de Souza.</p> <p>5 — Recitativo — “Caboclo Feliz, de Silvio Moreaux, pela srta. Teodolina Ntaal e Silva.</p> <p>6 — Bixio — “La cancion del Amor” pela srta. Maria Monica B. de Souza.</p> <p>7 — Recitativo — “Musica Eterna”, de Guilherme de Almeida, pela srta. Hermengarda B. de Souza.</p> <p>8 — Interpretação da opereta “Viuva Alegre”, por da. Euridice Natal e Silva.</p> <p>9 — F. Schubert — “La sérénad”, pela “Grande Orquestra de Goiania”.</p> <p>10 — Donizetti — “Uma furtiva lagrima”, por João Berquó.</p> <p>11 — Recitativo — “Recomenda-</p> | <p>ções”, de Judas Isgorogota, pela srta. Marilda Fleuri Godoi.</p> <p>12 — “Vereda Tropical” (bolero), por Afonso N. Gordo.</p> <p>13 — E. Waldteufel — “Pomone”, da Grande Valsa, pela “Grande Orquestra de Goiania”.</p> <p>14 — Recitativo — “Rasteira, de Maria Eugenia Celso, pela sta. Delzuita Hermano.</p> <p>15 — Pedro Vargas — “Marimba” e “Quero aos teus pés te adorar”, (valsa), pela sta. Virginia Pereira.</p> <p>16 — Carlos Gomes — “Quem sabe ?”, por João Berquó.</p> <p>17 — J. Strauss — “An der schonen blauen Danau”, da Grande Valsa, pela “Grande Orquestra de Goiania”.</p> <p>18 — “Deusa da minha rua” (valsa), pela pequena Telca Leão Teixeira.</p> <p>19 — “11ª Rapsodia de Liszt”, solo de piano pela srta. Belkiss Spenzi- zieri.</p> <p>20 — P. Macagne — “Cavaleria Rusticana” (Intermezzo), pela “Grande Orquestra de Goiania”.</p> <p>NOTA: Todos os numeros de canto terão acompanhamento de piano pela jovem pianista Belkiss Spenzi- zieri.</p> |
|---|---|

2a. parte - BAILE

ANEXO 9 – Entrevista realizada pelo MIS-GO, em 15 de maio de 2001

Projeto Pioneiros da Fotografia em Goiânia - Museu da Imagem e do Som de Goiás

Depoente: Belkiss Spenziari

Entrevistadora: Stela Horta

Transcrição: Keith Tito

Local e data da gravação: Goiânia, 15 de Maio 2001

Data da Transcrição: Maio/2001

Stela: Dia 15 de maio de 2001, residência da professora Belkiss, vamos falar um pouquinho sobre fotografia e música.

Stela: Professora, como e quando a senhora conheceu Haroutium Berberian? Que lembranças a senhora poderia nos contar de HB?

Belkiss: Eu conheci Haroutium quando a família veio para cá, eu não posso precisar, mas foi antes de ir pro Rio de Janeiro, então foi antes de 42. Ou foi antes de 42. Dezembro de 42, mais ou menos. E ele se dispôs a ensinar inglês, ele, tava com a vida desajustada, chegando assim, né. Então, ele não tinha... Ele me contou que ele tocava violoncelo, mas ele não tinha (....).

Falha na gravação.

Stela: voltando a conversar sobre Haroutium Berberian.

Belkiss: conheci HB mais ou menos eu suponho em 42, 1941-42. Eles chegaram de viagem, moravam na avenida Paranaíba, e eu morava na rua 58, portanto, era menos de um quarteirão de distância e a gente fez amizade, inclusive eu tomei umas aulas de inglês com ele; que ele chegou oferecendo como trabalho inicial aqui, o ensino de inglês. E, em conversa, ele me contou que tocava violoncelo, mas não tinha o instrumento, então, como eu tinha o violino eu emprestei o meu para ele e ele tocava o violino na posição que tocava o violoncelo, então era muito interessante (risos).

Depois o HB conseguiu adquirir o violoncelo ou pegou emprestado, eu sei lá, e foi uma pessoa importante no cenário da música daquela época, porque ele se fazia presente em todos os movimentos de música que nós fizemos, ele estava sempre disposto a integrar, tocar, estudar a obra que ia ser tocada, sempre, sempre pontual e cumpridor daquele compromisso que tinha assumido e foi elemento fantástico. E depois ele mostrou também seus dotes como fotógrafo né? (risos) marcando muita coisa e deixando muito documento da época do início de Goiânia.

Stela: Conversei muito com a Dona Sirarpi, mulher dele...

Belkiss: Dona Sirarpi quando chegou era uma mulher muito bonita, ela chamava atenção assim pela elegância. (risos).

Stela: Ela fala com muita saudade dos encontros musicais que vocês promoviam. A senhora podia falar um pouquinho.

Belkiss: Era uma época diferente demais da de hoje, hoje a pessoa vive sempre muito corrida, muito estressada, muito cansada e quando quer se distrair, se isola em frente de uma televisão né?. Naquele tempo não, era um encontro para fazer música e fazia parte da vida, fazia parte da vida. Eu tive oportunidade de tocar para o Haroutium, ele tinha prazer de tocar para ouvir, era uma troca de fazer música, era um intercâmbio, era o prazer de ouvir e o prazer de tocar; então esses encontros eram muitos bons! Em 45, que criou-se aqui, justamente embasado nessa reunião, nessa amizade, nesse encontro, foi criado aqui, a Pró- Arte. A Pró-Arte, o líder da

Pró-Arte era o José Nederneyer. Porque ele unia em si, uma série de artes, ele era arquiteto muito afamado aqui em Goiânia, ele tava construindo o Teatro Goiânia, até 42, e outras obras importantes, ele era escultor, músico, ele tinha muitas composições, eu tocava muita coisa dele nesses encontros, então, ele pôde justamente por gostar e ter várias faces de artes, ele pôde liderar esse movimento, que foi um movimento muito bonito, pena que durou pouco. Então, quando eu cheguei do Rio de Janeiro, em 45, eu cheguei formada, poucos dias depois eu recebi uma homenagem muito bonita da Pró-Arte. Porque eles estavam preparando (.....) fizeram um concerto no teatro Goiânia, nesse concerto tocou um conjunto de música que era chefiado pelo pianista Érico Piper, e que também já tinha convidado outros músicos para integrar esse conjunto, Orquestra da Pró-Arte se chamou na ocasião, ela não tocava obras de muito fôlego, tocava obras bonitas, valsas, as grandes valsas de Strauss, de operetas, então, era um programa leve, mas muito agradável, né. E faziam parte também muitas pessoas ligadas à literatura, então, nesse dia, a saudação foi feita por Amália Hermano, que depois, veio a se tornar amiga minha e vizinha muito querida. E esse movimento continuou por muito tempo e reuníamos muitas vezes, no Hotel Santo Antoninho, tava tocando, tava explorando, esse hotel, aqui na rua 68. Então, eu passo ali de vez em quando, ainda com saudades, é quase esquina com Av. Paranaíba. Passo ali com saudade. Tinha uma sala de entrada muito grande e ali, nós nos reuníamos para fazer música. Fora isso, havia os saraus das casas de família, na minha casa e nas outras casas que a gente ia para tocar.

Stela: No festival de 45, eu vi o programa. Consta, Sílvio Berto cantando. Ele cantou música italiana e também, apresentou fotografias, uma exposição de fotografias. A senhora lembra de Sílvio Berto?

Belkiss: Lembro, muito, muito. Porquê no princípio, de Goiânia, eu era a pianista que apesar de muito jovem, eu era muito novinha. Quando eu fui para o Rio de Janeiro, tinha 14 anos. Quer dizer então, fazia isso quase menina, né? Mais eu era o quebra galho que ajudava na parte musical para todo mundo. Eu tocava na Igreja Católica, tocava nas Igrejas Protestantes quando precisava, acompanhava cantores, fazia fundos, tocava as (...) para as pessoas declamarem, né? Eu acompanhava os instrumentistas todos. Depois de 42, quando a Rádio Clube de Goiânia, o Venerando então me chamou para ajudar. E eu tocava (...), tocava no programa de calouro, tocava no programa infantil. Quer dizer, então, eu era o quebra galho para todas as ocasiões aqui. Eu corria de um lado para outro. E dois cantores muito, muito comuns no meu dia-a-dia, era o Berto, o Sílvio Berto e o João Bercó. Eram os dois cantores que eram os mais atuantes e que tinham um repertório muito grande, e que cantavam em muitas festas. Então, precisavam de um acompanhador e os ensaios eram feitos lá em casa, para a hora que eles chamassem, estivesse todo mundo pronto, preparado. Então, desde muito jovem, eu acompanhei Sílvio Berto. Sempre com um prazer muito grande. Ele era uma pessoa muito querida.

Stela: E como fotógrafo, como a senhora o vê?

Belkiss: Como fotógrafo ele era o faz tudo, né? Porque, ele tinha um estúdio na Av. Araguaia, e tudo que você precisava documentar, era com o Berto. Então, no dia do meu casamento, antes de ir para a igreja, eu passei lá no estúdio do Sílvio Berto, para tirar um retrato, e as damas, os meninos, as crianças que acompanhavam o cortejo. Quer dizer, tudo era feito antes, porque não tinha esse serviço de fotografia no local. Então, era no estúdio. Quando a gente queria ir a um baile, que a gente queria documentar aquele momento, aquele vestido, a gente passava tarde da noite no Sílvio Berto, toda emperiquitada, pra poder ser fotografada.

Stela: É como se todo acontecimento acontecesse primeiro...

Belkiss: Primeiro lá no estúdio dele. E qualquer hora, a gente falava para ele: Sílvio, Berto, a gente vai ao baile 10 horas. Naquele tempo, a gente não ia tão tarde como hoje, que as pessoas vão meia-noite, né? Então, 10 horas agente passa aí pra tirar retratos, já tinha outras pessoas passando também.

Stela: A fotografia era comentada na época? As pessoas comentavam as fotografias que Berto tirava, que Haroutium tirava, ou só havia preocupação em serem retratadas, falavam sobre fotografia?

Belkiss: Eu não me lembro. Deve ter havido exposições de fotografia, deve ter havido trabalho sobre fotografia, mas eu não me recordo. Eu me lembro em Goiás, de trabalho do fotógrafo de Goiás como: José de Alencastro Veiga e outros assim, que fotografavam e guardavam todas aquelas fotografias como documento e podiam até expor também, mas eu não me recordo.

Stela: Nesses encontros musicais que Berto participava como cantor e Haroutium Berberian, tocando instrumento, eles não aproveitavam e registravam esse momento com a fotografia?

Belkiss: Eu não me lembro deles fazendo isso não. Eu lembro sempre deles como artistas, né? Não lembro deles assim, unindo uma coisa à outra não. Eu acho que não devem ter feito, porque senão, nós teríamos muita fotografia daquela época, que nós não temos, né?

Stela: O Foto Henrique. Vamos falar um pouquinho sobre ele então? Ele chega a Goiás...

Belkiss: Foto Henrique também teve um papel importante como fotógrafo. Ele tinha um estúdio na Av. Goiás, no prédio da Eletromecânica Importadora de Goiás e de propriedade de Inacy Goldfeld. Então, a gente tirava muito retrato lá, o foto Henrique. Ele era um bom fotógrafo e quando ele chegou aqui em Goiânia em 47, ele inclusive fez parte de um coral, que eu organizei para uma festa no palácio. Ele tinha uma voz dar baixo bonita. Depois ele teve problemas de ordem familiar. Ele perdeu a filha que ele queria muito bem. Então, ele se afastou deste movimento de música, ele ficou muito recluso. A gente chegava a, precisava tirar um retrato, ele estava ali, mas quase não freqüentava mais. Muitos retratos bonitos que eu tenho, e que a sociedade tinha na época, foram tirados pelo Foto Henrique.

Stela: A clientela do Sílvio Berto, qual era?

Belkiss: Em que sentido?

Stela: Ele fotografava mais políticos?

Belkiss: Isso eu não posso saber. Eu me lembro de nós moços, querendo tirar retratos lá. Quando meu filho nasceu, eu o levei para tirar foto. Quando eu casei foi lá. Quando eu fui rainha dos estudantes, foi lá que eu tirei o retrato. Quando eu toquei pela primeira vez um Concerto e que eu vesti o primeiro vestido comprido foi lá.

Stela: A senhora foi ser fotografada antes do Concerto, lá?

Belkiss: É. Tinha essa procura pelo documento, né?

Stela: Na época da senhora então, a senhora tem lembrança mais marcantes dos nomes de Berto e Henrique?

Belkiss: É, só os dois que eu tive mais contato, né?

Stela: Sílvio Berto, ele freqüentava muito os eventos sociais da cidade?

Belkiss: Dos movimentos, dos eventos musicais, eu me lembro dele sempre, todos. Quando havia música, Sílvio Berto era convidado para cantar, para participar. Então, ele cantava canções italianas com muito gosto. E ao passo que João (...) cantava trechos de ópera, então eram dois cantores com estilo diferentes.

Stela: E Sílvio tinha um relacionamento bom com os colegas e a sociedade?

Belkiss: Devia ter, ele era muito querido.

Stela: A senhora acha que o envolvimento de Sílvio Berto com a música ajudou-o profissionalmente como fotógrafo. A senhora concordaria?

Belkiss: Não sei. Agora Hb ele aqui (...) todas as orquestras que fora criadas, todos os movimentos que se fez tentando (...) uma orquestra para Goiânia; contava-se sempre com o HB.

Stela: A senhora conheceu Carmen Gomes?

Belkiss: A professora?

Stela: Neta de Carlos Gomes, que passou por aqui em 43.

Belkiss: Sim, inclusive eu fui aluna dela. Quando a Carmen esteve aqui com Reis e Silva, que era o marido dela, eu não estava aqui em 43, eu estava no Rio de Janeiro e ela era professora de arte dramática, na Escola de Música. E por muito tempo, com essa minha prática de acompanhar todo mundo aqui, eu pude prestar uma grande ajuda a Carmen Gomes no Rio, porque ela ficou sem acompanhador para aula dela, porque o Mário de Azevedo que era acompanhador, tinha feito um concurso para acadêmicos (...). Primeira vista, transporte e acompanhamento. E ela estava sem poder dar aula. Aí, alguém se lembrou que eu era hábil acompanhadora. Por causa desse treino, eu sabia o que se tirava no momento. Aí ela me chamou, eu estava em aula até. E eu disse “pois não, estava às ordens”. Por mais de um ano, eu acompanhei as aulas de Carmen Gomes. Ela era muito bonita, muito elegante, tinha um brilho no olhar que até hoje, eu não entendo como é que um par de olhos podia brilhar tanto. E a gente aprendia ali junto. No horário de aula dela, a gente estava aprendendo porque, porque ela tinha um (...) muito grande de arte cênica, porque ela tinha trabalhado muito no teatro Municipal. Agora o que eu não sabia era do relacionamento dela com Carlos Gomes. Não sabia que tinha qualquer parentesco com ele.

Stela: Isto eu vi no jornal. A nota de um jornal, que Carmen Gomes estava em Goiânia. Neta de Carlos Gomes. Eu queria confirmar com a senhora.

Belkiss: Eu vou olhar. Porque Carlos Gomes praticamente só deixou uma filha, Ítala Gomes (...) de Carvalho. Eu não creio que ela fosse filha de Ítala. Eu vou procurar.

Stela: É uma nota de jornal que trata da passagem dela aqui em Goiânia em 43. Dela e do marido Reis e Silva.

Belkiss: Reis e Silva era um tenor fantástico. Era um casal maravilhoso.

Stela: Eles foram fotografados por Sílvio Berto, deixaram mensagem no livro de Sílvio Berto. Ela apreciou a voz dele, elogiou?

Belkiss: Pois é, esses convites que foram feitos de pessoas de fora nesses três anos que eu não estava em Goiânia, geralmente partiu do prefeito Venerando de Freitas. Ele era muito entusiasmado com música. Ele deve ter feito esses convites a ela.

Stela: Esse evento foi uma homenagem a Pedro Ludovico.

Belkiss: Então, foi ela que deve ter programado. Mas eu não sabia de nenhum relacionamento com Carlos Gomes. Ela já era uma senhora. Bom, eu era uma menina, de modo que não posso julgar muito idade, mas eu julgava ela velha.

Stela: É, as crianças sempre acham as pessoas mais velhas. É uma nota no jornal, eu até vou mostrar para a senhora na segunda-feira. (telefone toca).

Belkiss: Agora eles dois tiveram uma fase no Brasil, muito importante como intérprete de ópera, na atuação deles no Teatro Municipal, foi muito marcante. E ela, era professora justamente de (...) lírica.

Stela: Professora, a senhora me disse que Sílvio Berto fotografou o primeiro concerto da senhora aqui em Goiânia?

Belkiss: Primeiro, meu vestido comprido. Porque o conserto não saía de casa, né? Mas eu fui ao estúdio tirar o retrato antes de dar o concerto, com o primeiro vestido longo que vesti para tocar.

Stela: Quem fez o vestido?

Belkiss: Acho que foi minha tia (...). Acho não, tenho certeza.

Stela: Onde foi o conserto?

Belkiss: No Lyceu.

Stela: Quando foi?

Belkiss: 1940. Eu tinha 12 anos de idade. Mas como eu já era alta, eu era grandona, menina. Nesta idade todo mundo já me tinha como mocinha já. E não como uma menina de 12 anos. Então, acharam por bem, botar um longo, e eu fiquei encantada.

Stela: Obrigada professora!

Fim da entrevista

O MUNDO DE HOJE E A NOVA MULHER

Quando se deu a inauguração do Cine Teatro Goiânia, em 1942, uma das peças apresentadas pela Companhia de Eva Todor foi “Colégio Interno”. Nela, os pais, vindos do interior, levam a filha para um internato. São abastados, mas incultos. Têm, porém, a visão necessária para compreender a necessidade de dar-lhe outras oportunidades na vida. Assustam-se com a elevada importância desembolsada para quitar o primeiro semestre do curso e, ao se despedirem, dão à mocinha, que lá fica chorosa, o conselho: “Minha filha, come e drome bastante, qui pagamo munto caro”.

O tempo vai passando e a jovem adaptando-se à vida de estudante, suspirando, porém, pelo namoradinho, que ficara em sua cidade. Certo dia, ele, com esforço, consegue ir visitá-la. Já mais evoluída e traquejada, espanta-se com o atraso do rapaz, o modo simples dele se vestir e se expressar. Vê que não tinham mais nada em comum e o faz ciente disso. Então, ao se retirar, volta-se revoltado para o edifício que guardava seu amor, exclamando: “Colégio excumungado!”

Lembrando-me da cena, pus-me a meditar sobre quanto o conceito da educação feminina vem-se transformando com a evolução social da mulher, sua equiparação no trabalho aos níveis masculinos.

Antigamente, ela deveria estar preparada apenas para ser agradável, gentil, constituir-se num ornamento do lar, ao qual se dedicaria, dirigindo-o com sabedoria e eficiência.

A instrução não constituía uma obrigatoriedade. Era mais que su-

ficiente saber ler, escrever, bordar, tocar um instrumento, cantar ou declamar com graça, podendo mostrar, nas reuniões ou saraus, sua finura e "fidalguia", conforme documentam os viajantes europeus que registraram suas impressões.

Alguns pais chegavam mesmo a manifestar-se contrários à instrução feminina: "Saber ler, para que? É um hábito prejudicial à boa formação moral das moças. As leituras só lhes põem idéias perniciosas na cabeça". Consideravam, também, perigosas as facilidades que teriam para a manutenção de correspondências pouco recomendáveis.

Conta a nossa história que, só após a vinda de D. João VI, a mulher brasileira desinibiu-se, passando a receber com classe e a expressar-se em outra língua. Até então, mantinha-se num papel secundário, exigido pela boa educação e recato.

A cultura feminina foi desenvolvendo-se e, há bem pouco tempo ainda, minha avó dizia que a moça, para ser considerada bem educada, deveria interromper uma Sonata de Beethoven para temperar o caldo.

Quão distante da atualidade está tudo isso! Em primeiro lugar, a música deixou de ser um "complemento da educação" para transformar-se numa profissão, como outra qualquer. Dificilmente vêem-se, hoje em dia, pessoas fazendo música amadoristicamente. Já não se programam, com normalidade, reuniões com a finalidade específica de tocar uns para os outros ou em conjunto. Reúnem-se para um papo agradável em torno de uma carne assada, de uma feijoada, um peixe fígado pelo dono da casa ou para um joguinho de cartas, vindo, muitas vezes, a seguir "um som".

A música chamada "erudita" confinou-se às salas de concerto ou aos grandes eventos populares, em praças e jardins. No "caldo" não se pensa mais, pois foi substituído pelos sanduíches, pizzas e outros alimentos improvisados.

A moça, atualmente, é preparada para enfrentar a concorrência, lutando, ombro a ombro, com seus colegas do sexo forte. Para isso,

desde pequena, é direcionada para estudos profissionalizantes, desenvolvendo seu espírito competitivo, além de procurar, através da ginástica, dança ou natação, obter uma aparência bonita e saudável, exigência contida em quase todos os anúncios de empregos.

Ficou para trás, fora de moda, a figura da "dondoca", expressão destinada a designar mulheres elegantes, porém fúteis, que se vangloriavam de ignorar qualquer tipo de trabalho, considerando-o um desdouro à sua refulgente pessoa. Hoje, a mulher procura ser um elemento valorizado na sociedade em que vive.

É bonito comprovar o companheirismo que se estabelece entre casais jovens, quando dividem, entre si, as tarefas e responsabilidades com a casa e os filhos, de modo a poderem, os dois, seguir seus cursos, desenvolver e triunfar juntos. Isto, porém, só é possível quando o ideal e o grau de cultura se irmanam. Um não pode elevar-se a "oficial", mantendo-se o outro como "praça". Extingue-se o diálogo e, com ele, o amor e a boa convivência.

12 DE SETEMBRO DE 1992

AS ALEGRES TARDES DA COLOMBO

Quando menina, na cidade de Goiás, minha avó (Nhanhá do Couto) fazia-me ler em voz alta o suplemento de domingo d' "O Correio da Manhã", enquanto suas incansáveis mãos crochetavam ou cerziam.

E entre artigos que, muitas vezes, não me despertavam o interesse, deliciava-me com as publicações, em fascículos, de obras de Luiz Edmundo. Conheci, através de suas bem humoradas exposições, hábitos originais mantidos no princípio do século e pontos pitorescos descritos em "O Rio de Janeiro de Meu Tempo".

Nele, o autor retrata o centro da cidade, suas ruas estreitas e malcuidadas, bem como o corajoso plano de urbanização implantado pelo prefeito Pereira Passos. Destinado a embelezá-lo, culminou com a abertura da avenida Central (hoje Rio Branco), que, traçada em linha reta de mar a mar pelo engenheiro Paulo de Frontin, deu amplitude e desafogo à região.

Relata como a expansão desse espaço proporcionou a formação de um hábito novo: o de "fazer a avenida". Consistia ele no desfilar despreocupado do mundo elegante da cidade, como usualmente era feito na avenida Champs Elysées, em Paris. Até então, somente as ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias, possuidoras de bem decoradas lojas de artigos finos, atraíam a presença de clientela chique de tão alta distinção.

E o escritor oferece uma clara visão dos cafés existentes, de seus "habitués" no final do século. Refere-se à instalação da Confeitaria

Colombo, em 1894, e ao relevante papel por ela desempenhado como ponto de reunião dos intelectuais de maior prestígio e renome. Estes ali encontravam ambiente propício ao lazer, confraternizando-se em alegres bate-papos e caçadas.

Assim, quando, na década de 40, fomos para o Rio, tinha eu grande vontade de conhecer o modo de viver dos frequentadores do coração da cidade. E foi com alegria que me dispus a participar de um "five o'clock tea" na Colombo, oferecido por amigos como boas-vindas pela nossa chegada à cidade maravilhosa.

Pude, então, ver e não só imaginar a beleza dos tão comentados oito espelhos vindos da Bélgica e que recobriam as paredes laterais do salão. Do mais puro cristal, imensos, medindo cada um deles 3, 40 de largura por 4 metros de altura, despertaram, quando instalados, enorme curiosidade. Aqui foram emoldurados em jacarandá esculpido à mão, obedecendo ao mesmo estilo (Luiz XVI) das mesinhas de pés de ferro, com tampo de opalina azul e cadeiras também de jacarandá entalhado, com assento e encosto de palhinha trançada.

O chá, magnificamente servido em fina porcelana sobre toalha de linho, com talheres e bules de cristofle, apresentava delícias da pasteleria francesa. Desdobrei respeitosamente os guardanapos de linho adamacado, procedentes da Ilha da Madeira. Brilhando de tão engomados, fizeram-me lembrar haver lido, numa biografia de Villa-Lobos, que sua mãe, após a morte do marido, mantinha a casa lavando e passando os guardanapos da Colombo.

Acabo de ler o livro de Lazineira Luis Carlos – "A Colombo na vida do Rio" – motivo das lembranças aqui transcritas. Ao escrevê-lo, em 1970, comemorava 75 anos de funcionamento a famosa confeitaria – centro de episódios sociais, políticos e literários do Rio de Janeiro. Centenária, orgulha-se de seu passado, quando Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Coelho Netto, Guimarães Passos, José do Patrocínio, Bastos Tigre, João do Rio, Luís Murat e tantos outros poetas e escritores, entre

risos e galhofas "ali improvisavam, diariamente, um tipo de jornal-falado, ou melhor, de jornal-conversado, o pseudo órgão da Academia Brasileira de Letras..." curiosa amostra não escrita, infelizmente votada a perder-se no ar das memoráveis tardes da Colombo.

23 DE MARÇO DE 1999

O ONTEM DOS ESTUDANTES – II

Continuo hoje narrando algumas recordações da nossa vida, em busca de uma formação profissional no Rio de Janeiro.

Muitos goianos hospedavam-se na Casa do Estudante, entidade criada e dirigida pela poetisa Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça. A grande maioria, porém, alojava-se no Catete, bairro de velhas casas de cômodos, pensões e hotéis baratos e que ofereciam a grande vantagem de localizar-se próximo às “Escolas Nacionais”, sonho ou já realidade de todos eles.

Era um bairro alegre, com muita gente jovem perambulando pelas ruas ou se concentrando no Largo do Machado, onde dois cinemas e algumas casas de lanches constituíam os maiores atrativos.

Para o Catete também fomos, minha avó e eu, tendo sido recepcionadas por Jaime Medeiros, um dos veteranos de Goiás, benquisto e muito bem relacionado. Passamos, então, a participar do convívio de um agradável e animado grupo, transformado, hoje, em brilhantes advogados, médicos distinguidos, um arquiteto vitorioso além de renomado artista plástico e professores de Educação Física.

Morávamos no Hotel Inglês, localizado bem em frente ao Palácio do Catete. A chegada pela manhã e a saída à noitinha do Presidente Getúlio Vargas, feita em carro aberto, acenando sorridente para o povo, era sempre um motivo justificado para se chegar às grandes e baixas janelas de arcadas.

Ali, após o jantar, antes do início de terceiro período de estudos do

dia, muitos goianos reuniam-se para um descansozinho revitalizador, atualizando-se, ainda, com as notícias de Goiânia ou transmitindo as recebidas de casa.

A conversa girava sobre o dia a dia, os professores, as provas, a matéria acumulada, finalizando, quase sempre, com os últimos apuros financeiros vividos por todos, entre muitas pilhérias e risos.

Nós compreendíamos muito bem aqueles problemas monetários do meio estudantil. Apesar de aumentarmos nossa renda ministrando aulas de música, lá estávamos, também, contando e tentando espichar os tostões.

Certo dia, uma de nossas alunas disse-nos que a Rádio Nacional – a maior força da rádio-difusão daquele tempo – estava levando ao ar um novo programa com a participação do auditório, intitulado "Calouros com Orquestra". Ali, os solistas vitoriosos recebiam a tentadora quantia de um conto de réis!

Fiquei deveras seduzida pela idéia de concorrer. Minha avó, porém, mais ponderada, temia a reação de meus professores na Escola Nacional de Música, àquela época absolutamente fechada a qualquer outro tipo de manifestação musical a não ser a dos grandes clássicos. Bastava lembrar que, poucos anos antes, Luciano Gallet, desejoso de fazer uma demonstração das raízes populares de nossa música e sua importância para a formação de uma expressão própria, convidou Ernesto Nazareth para, na Escola, executar seus Tangos Brasileiros e Valsas. A reação a tal atitude fora tão violenta, que se tornou um caso de polícia, sendo nosso compositor impedido de lá apresentar sua obra. Pois bem, saber que eu, aluna destacada, estava tocando música popular, em programa de calouros, talvez não fosse bom para o relacionamento com os velhos Mestres da Casa. Minha avó confessou-se vencida, entretanto, quando surgiu a idéia de que se adotasse outro nome para a minha inscrição no programa. Tudo mudou: optei por Sílvia, com o acréscimo do Orsini, um de meus próprios sobrenomes.

Assim, na véspera da grande noite, ensaiei os "Pintinhos no terreiro" de Zequinha de Abreu, sob a regência de Radamés Gnattali, responsável, também, pelo arranjo orquestral. Passei, daí em diante a viver momentos de deslumbramento – que se prolongaram até a apresentação pública – pela riqueza instrumental do arranjo e a aventura primeira de ser a solista de uma orquestra.

Dois candidatos posicionaram-se até o fim: um ótimo violinista e eu. Paulo Gracindo era o apresentador do programa e conduzia as manifestações da platéia, prolongando a expectativa em torno da definição do resultado. Perguntava ao público: "É ele?... é ela?" e era-me sempre favorável a torcida maior, mas ele não se deixava convencer. Finalmente, interferindo, disse: "Será que vocês não estão se deixando influenciar pelas cachinhos da moça?" "Não!" respondiam os ouvintes. "Ele é o vencedor?... é ela?" insistia o apresentador. Afinal, quando a tensão já se avolumava em demasia e a assistência se manifestava o mais ruidosamente possível, ele deu por finda a torturante votação. Debaixo de muitos aplausos, fez-me a entrega do tão esperado conto de réis.

E, assim, entre dificuldades e momentos felizes, prosseguiram os estudantes em sua caminhada. Os obstáculos não nos deixaram marcas. Perduram em nossas mentes, isto sim, a amizade fraterna e o fascínio das deslumbrantes cores com as quais nossa juventude revestia todos os momentos vividos.

16 DE ABRIL DE 1994

UM VULTO NA MULTIDÃO

Chamava-se Maria. Como, porém, o nome Maria quase nunca se mantém sozinho, ao dele aliou-se o de sua mãe: Lucinda, negra liberta, remanescente dos inúmeros escravos da fazenda Paraíso, dos Couto Brandão, em Goiás.

Não sei porque ou com quem ela se mudou para o Rio de Janeiro. Lembro-me apenas de que, certo dia, nos apareceu no Hotel Inglês, para uma visita. Era alta, forte sem ser gorda e já pintados de branco os cabelos crespos, que mantinha rigidamente presos para trás, em múltiplas trancinhas. Festivamente recebida por minha avó, passou a procurar-nos com assiduidade.

Era um ponto de ligação entre os goianos, que lá residiam. Fazia sua visita social, ajudava onde fosse necessária, almoçava e ia-se embora, levando consigo, quase sempre, algum agrado. Nunca se queixava ou demonstrava que algo lhe estivesse faltando e era evidente o seu prazer em ser útil. Chegava alegre, inesperadamente, surgindo qual fada benfazeja e fornecia notícias das famílias goianas do Rio, sem espírito de bisbilhotice ou malquerença e voltava sorrindo para sua morada, que ninguém sabia onde se situava.

Pois bem, o furor da Segunda Guerra crescia assustadoramente em 1943, rondando o Brasil com suas tenebrosas garras. Navios brasileiros estavam sendo destruídos em nossas próprias águas. E, certo dia, por uma dessas coincidências inexplicáveis ou por força do destino, um de meus grandes amigos de infância, oficial em princípio de carreira, no “Minas

Gerais”, foi desaconselhado a embarcar por ordem médica. Estava com início de pneumonia. Deitado, com o rádio ligado, ouviu, estarrecido, a notícia do torpedeamento de seu navio. Nada o fazia consolar-se por não estar a bordo e ao lado de seus companheiros. Com incontrolável crise de choro, recebia assistência dos pais (na certa bem aliviados) e de inúmeros amigos, que, à sua casa, acorreram para apoiá-lo e dar-lhe ânimo.

Maria também ouvira a notícia. Imaginou que, de alguma forma, deveriam estar precisando de ajuda. Lá apareceu, sem nada dizer, assumindo o controle da cozinha, providenciando logo um café com biscoitos para as visitas, proporcionando à dona da casa salutar desafogo.

O anúncio da participação do Brasil na guerra não se fez esperar, assustando os mais velhos e experientes e entusiasmando a juventude. O porteiro de nosso hotel dizia, com desprezo: “Eu num vô lá, ela num evém cá, intão num m'importo!” Não foi, porém, assim tão fácil, mesmo ela se encontrando a tão grande distância! Desconfortos foram surgindo de diversas formas, iniciados pelo racionamento de alimentos. Todos os habitantes do Rio de Janeiro, se quisessem ter direito a coupons para alimentação, tinham que se cadastrar. E filas intermináveis (sistema inaugurado àquela época) formaram-se, nos diversos bairros, para cumprir tal formalidade.

Maria de Lucinda ofereceu-se para substituir amigos goianos, inclusive nós, no preenchimento de lugar nas filas, até que se tornasse imprescindível a presença pessoal do cadastrante. Lá permanecia durante dias e noites – transportando no braço uma cadeira de praia, que armava quando sentia necessidade de uma soneca – espargindo, a seu redor, doses de bom humor e alegria. Vencida uma, aguardava-a outra fila em setor diferente. Os tickets assim obtidos proporcionavam o direito à compra diária de 100 gramas de carne e de açúcar, além de um quarto de litro de leite, por pessoa. O pão comprava-se livremente, transformado, porém, em massa dura, pesada e escura e que, dos antigos, só conservava o formato.

A cidade perdeu seu brilho com a diminuição do consumo de eletricidade. As luzes do Pão de Açúcar, do Corcovado e de outros pontos marcantes foram apagadas e os treinamentos para os "black-outs" processavam-se constantemente. Ao som de uma sirene, as lâmpadas deveriam ser apagadas ou cortinas pesadas deveriam vedar sua claridade. A gasolina, racionadíssima, trouxe inúmeros problemas para o setor dos transportes, vendo-se muitos proprietários de automóveis forçados a adaptar-lhes o gasogênio. E, finalmente, com angústia e tristeza, tivemos que assistir à partida, para um destino incerto e perigoso, de muitos de nossos amigos queridos, que vinham despedir-se, cheios de orgulho por ostentarem, na manga, o emblema da cobra fumando.

Apesar de tudo isso, notava-se um clima de euforia nos cassinos, principalmente no da Urca, no Atlântico e no Icaraí, em Niterói, proporcionado pelos luxuosos shows montados para atrair os jovens marinheiros americanos, aqui aportados, que tudo pagavam fartamente, em dólares. Alguns possuíam grandes respaldos financeiros familiares, que lhes permitiam vultosas perdas na roleta e no bacarat.

As ruas, os bares e jardins enchiam-se desses combatentes, vestidos com brancos e engomados uniformes, com calças de boca de sino. Apesar de disciplinados e não causarem distúrbios, eram vistos, pelas famílias, com uma certa reserva e desconfiança. Por isso, indo para minhas aulas habituais, por diversas vezes entrevi, no meio da multidão, o vulto de Maria, procurando não se fazer notada, mas mantendo, de longe, uma protetora vigilância.

E assim, com seu passo miúdo e saltitante, que lhe valera o epíteto de Maria Tico-Tico (felizmente desconhecido no Rio de Janeiro), continuou Maria de Lucinda percorrendo léguas de bonde ou a pé, para ir ao encontro das casas goianas, que lhe proporcionavam uma atenção amistosa e acolhedora. Com seu benevolente coração, sentia-se, dessa forma, como se estivesse ainda em sua querida Goiás.

Plantou bondade na terra e deve estar colhendo os frutos dessa sementeira, onde quer que se encontre neste momento, em que, saudosamente, relembro sua imagem.

8 DE AGOSTO DE 1994

ANEXO 14 – Programa da 3ª audição de alunos da Escola de Música da Universidade de
Música

UNIVERSIDADE DO BRASIL
ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA

salão "Leopoldo Miguéz"

3ª AUDIÇÃO DE ALUNOS
(Exercício escolar)

- SÉRIE DE 1944 -

Terça-feira, 24 de outubro, às 16 horas

Tomarão parte alunos dos cursos geral e superior das classes dos grs.

PROFESSORES:

- 1) ELIZIRA POLONIA AMABILE - piano
- 2) M^{te} LUIZA Q.A. DOS SANTOS - piano
- 3) YARA COUTINHO CARMINHA - piano
- 4) MARLI CAMPELO BARROZO - canto
- 5) YOLANDA DE V. FERREIRA - piano
- 6) ANA CAROLINA - piano
- 7) PAULINO CHAVES - piano
- 8) FR. CHIAFFITELLI - violino
- 9) PAULINA D'AMBROSIO - violino
- 10) ZILAH MOURA BRITO - piano
- 11) OSCAR BORGERTH - violino
- 12) ANTONIETA DE SOUZA - canto

MINISTERIO DA EDUCACAO E SAUDE

| | |
|--|---|
| I - DEBUSSY - 1ª Arabesque SARA ZELTZER - piano, 1º geral (1) | X - MENDELSSOHN - concerto (piano) HÉLIO BLOCH - violino, 1º sup. (9) |
| II - LUIZ LEVY - Rapsodia Brasileira LEUZI FABIANO SOARES - piano, 2º geral (2) | XI - a) MIGNONE - A sombra b) SCHUMANN - Ohi toi, mon ame GUIOMAR MARTINS - canto, 2º sup. (4) |
| III - RAFF - La Fileuse SIZETE LIMA CASTELO BRANCO - piano, 2º geral (3) | XII - MENDELSSOHN - Capricho NEUSA TANGERINI D'ARCANHY - piano, 2º sup. (5) |
| IV - a) ALBERTO CORDE - Canto da Saudade b) JUCCINI - Gianni Schicchi (O' mio bambino caro) GIOCONDA BRUNO - canto, 2º geral (4) | XIII - a) CARLOS GOMES - quem sabe b) CHOPIN - pour toi seul NILZA XAVIER - canto, 2º sup. (4) |
| V - RAMEAU-GODOWSKI - Tambourin IRENE NUNES RODRIGUES - piano, 1º sup. (5) | XIV - LISZT - venezia e Napoles RITA DE CASTILHA SANTOS - piano, 2º sup. (10) |
| VI - CHOPIN - Estudo, opus 10, nº 5 REGINA CHAM. - piano, 1º sup. (6) | XV - WIENIAWSKI - polonaise ADOLFO PESSARENKO - violino, 2º sup. (11) |
| VII - CHOPIN - Estudo, op. 10, nº 12 BELKISS O. SPENCIERI - piano, 1º sup. (7) | XVI - a) MIGNONE - quando uma flor desabrocha b) ROSSINI - Tarantela (La danza) LINA DE VERNEY LINDENBERG - canto, 2º sup. (12) |
| VIII - Vieuxtemps - 4º concerto (1º tempo) FANNY FINKELCHTEIN - violino, 1º sup. (8) | XVII - CHOPIN - scherzo em dó sust. menor LIA AUGUSTA NOBRE - piano, 2º sup. (3) |
| IX - DEBUSSY - Prelúdio MARILIA GEM. MONTEIRO - piano, 1º sup. (1) | |

AVISO

4º EXERCÍCIO PRÁTICO: Terça-feira, 31 de outubro
às 16 horas

ANEXO 15 – Programa-convite do recital das diplomandas da Escola de Música



P R O G R A M A

1.ª PARTE

- J. S. BACH — Concerto Italiano
ALCÍDIA PEREZ PIA
(Classe do Prof. Guilherme Fontalinha).
- J. S. BACH — Chaconne
NEUZA HENRIQUES FONSECA
(Classe da Prof.ª Elzira Amabile).
- DUFRICHE — A Felicidade
CARLOS GOMES — Lo Schiavo - (Come sorenamento)
MARIA DE LOURDES CAMPELO RIBEIRO
(Classe da Prof.ª Elza Barroço Murtinho).

★

2.ª PARTE

- DEBUSSY — Jardins sous la pluie
SCRIABIN — Estudo Patético
MARIA DE LOURDES B. AZEVEDO MARQUES
(Classe da Prof.ª Dulce de Saules).
- F. MIGNONE — Quando uma flor desabrocha
G. VERDI — Traviata - (Ah! sors e lui)
YVONNE ZITA ESTEVES LIMA
(Classe da Prof.ª Elza Barroço Murtinho).
- F. LISZT — Rapsodia n.º XII
MENNA GOTTLIEB
(Classe da Prof.ª Elzira Amabile).

3.ª PARTE

- CHOPIN — Polonaise
ANNITA STORINO
(Classe do Prof. C. Góes).
- CHOPIN — 2 Estudos
NORMA TEREZA MARQUES VELLOSO
(Classe da Prof.ª Dulce de Saules).
- MOZART — Marcha Turca
OFFENBACH — Cantos de O'HOFFMAN - (Aria da boneca)
NILZA FERREIRA XAVIER
(Classe da Prof.ª Antonieta de Souza).
- CHOPIN — Balada n.º I
BELKISS ORSINI SPENZIERE
(Classe do Prof. Paulino Chaves)

5 | **Magazine** > **CRÔNICAS & OUTRAS HISTÓRIAS** GOIÂNIA, quinta-feira, 7 de novembro de 2002 **O Popular**



Belkiss S. Carneiro de Mendonça

Cadernos de Fotografia

Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira acaba de lançar o terceiro número da série *Cadernos de Fotografia*, prosseguindo com a meta de divulgar as pesquisas realizadas pelo Museu da Imagem e do Som sobre os pioneiros da arte fotográfica em Goiânia. Importante trabalho daqueles que se tornaram responsáveis pela preservação das imagens que constituem a história de nossa cidade.

Dentre os fotógrafos enfocados na publicação, três dedicaram-se também à música: Henrique Barancowski (o foto Henrique), que, com possante voz de baixo, contribuiu, em 1947, para o bom desempenho de um coral

por mim organizado; o aplaudido tenor Silvio Berto, intérprete de canções italianas e o violoncelista Harotian Berberian, presença indispensável na música de conjunto goianense. Tânia Mendonça e Stela Horta, promotoras do projeto, propuseram-se a ressaltar-lhes a colaboração no setor musical, destacando a atuação dos dois últimos na Pró-Arte de Goiás, primeira sociedade cultural autônoma, devidamente organizada da nova capital.

Originou-se a Pró-Arte do entusiasmo do arquiteto José Amaral Neddermeyer, que, ao seu redor, aglutinou intelectuais e artistas interessados na promoção e impulso da cultura. Possuidor de talento multifacetado, foi ele o projetista do então Cine Tea-

tro Goiânia, além de dedicar-se à escultura e à composição. De suas obras faz parte a música do Hino do Congresso Eucarístico de Goiânia, baseada nos inspirados versos de José Lopes Rodrigues.

No dia 22 de outubro de 1945, justamente há 57 anos, com grande expectativa foi realizada a primeira programação pública da sociedade, dela constando uma exposição de esculturas de Brasil Grassini e José Neddermeyer, pinturas de Péclair de Chavanesse, fotografias artísticas de Silvio Berto. Números musicais e declarações constituíram a segunda parte, dela participando eternos da sociedade, a Orquestra da Pró-Arte (sob a direção de Erico Pieper) e

destacada atuação dos dois fotógrafos profissionais.

Dois arquivos do MIS, consta um exemplar do programa inaugural, onde se vêem assinaturas de muitos dos presentes ao acontecimento, assim registrando sua participação. Guardam ainda, entre outros, o programa do concerto que me foi dedicado pela referida entidade ao retornar a Goiânia, após estudos no Rio de Janeiro.

Em 1948, extinguiu-se a Pró-Arte, permanecendo em atividade apenas os músicos reunidos inicialmente no Hotel Santo Antoninho e, depois, no restaurante Bamboo (de inesquecível memória), ambos pertencentes ao casal Edith-Erico Pieper.

Com essa promoção do MIS,

mais evidente se torna o interesse do presidente da Agetel, pela preservação da memória goiana. Sendo historiador e conceituado professor e pesquisador, Nans Chaul sabe que a evolução cultural se processa sob os silos alicerces do passado. Não tem, pois, poupado esforços no sentido de reconstituir, documentar e preservar fatores indispensáveis em se tratando da composição e manutenção de um acervo histórico. Apoiado pelo governador Marconi Perillo, procura assim, com muita dedicação, impedir que a ação implacável do tempo destrua os cuminhos abertos da arte e do saber, para que possam ser nublados com facilidade e segurança pelos possuidores do mesmo ideal.

ANEXO 17 – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 109-111

ENTRE O ENCANTO DA ROSA E A PERÍCIA DA TÉCNICA

Em minhas andanças pelos caminhos da memória, imagens brotam, sucedem-se e apagam-se sobrepujadas por outras, como uma imensa espuma de sabão, onde as bolhas crescem, estouram e outras acomodam-se em seus lugares, iniciando novas e diferentes seqüências. Esse caleidoscópio turbilhonante e vívido estacionou numa forma: a de uma rosa colocada sobre o teclado de um piano.

A cena passava-se em princípios de 1946. Eu acabara de chegar, recém-formada, do Rio de Janeiro, sem ter ainda recebido o meu instrumento, que vinha vindo devagar, transportado por trem de ferro, com demoradas baldeações ocasionadas pelas mudanças de companhias. Assim, despachado pela Central do Brasil, ficou em São Paulo, aguardando novo embarque no trecho servido pela Estrada de Ferro Paulista. A seguir, outro traslado para a Mogiana, transferido, então, para os vagões da Goiás, e, finalmente, colocado sobre um caminhão para aqui chegar, bem sacolejado, após o difícil trecho Anápolis-Goiânia.

D. Sinhá, esposa do Gal. Felipe Xavier de Barros, Interventor do Estado, e grande apreciadora de música, sabendo que eu estava sem o instrumento para estudar, ofereceu-me a utilização do Bechstein do Palácio. Inativo, corria o risco de estragar-se. Aceitei, feliz, sua gentil proposta e para lá me dirigi, numa determinada manhã, a fim de fazer meus exercícios diários de manutenção.

O piano, colocado em frente a uma ampla porta de vidro, proporcionava-me bonita visão dos jardins, ainda não confinados pelo prédio

do Centro Administrativo. Pavões andavam, majestosos, por entre os arbustos, exibindo as belas caudas que ostentavam múltiplas e cambiantes cores. E, cuidando do bem-estar deles e das plantas, uma figura humana: chamava-se Alberto Skafer, mais conhecido como Alberto alemão.

Enquanto eu repetia, laboriosamente, trechos de Mozart, Beethoven, Schumann e Brahms, seus compatriotas e velhos conhecidos, ele escutava, com atenção, mantendo as mãos operosas em ativos trabalhos com a terra, transplante de novas mudas, ou poda de folhas já fenecidas.

No dia seguinte e nos subseqüentes, ao chegar para o estudo, encontrava o piano aberto e uma rosa colocada sobre o teclado. Ela simbolizava a deferência especial de uma pessoa simples mas sensível, a quem, através da música, eu proporcionava reminiscências da infância e da juventude.

Muitos anos mais tarde, soube fatos da vida do Sr. Alberto. Contaram-me que ele, fugindo da guerra, tentou fixar-se nos Estados Unidos, sonho de enriquecimento fácil e de grandeza, alimentado por muitos jovens europeus. Em sua ficha, porém, uma nota desabonadora: era perito em abrir qualquer modelo ou tipo de cofres. O serviço de imigração, considerando tal aptidão como perigosa, negou-lhe o pedido de entrada.

Sua aspiração, assim indeferida, levou-o a vir para o Brasil. Aqui chegando, entusiasmou-se com as notícias de que uma nova e moderna capital estava sendo construída no centro do País. Para cá, dirigiu-se, empregando-se como tratorista para a compressão do asfalto. Daí, por sua destreza e perícia, foi requisitado para trabalhar no Palácio, onde se transformou num "faz de tudo", tendo sob sua responsabilidade, também, a manutenção do elevador e do gerador de eletricidade.

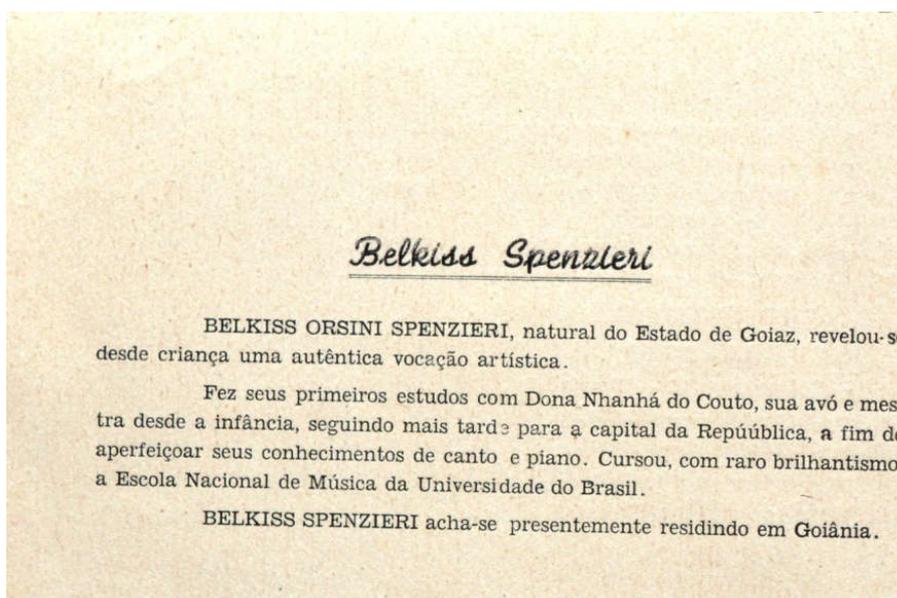
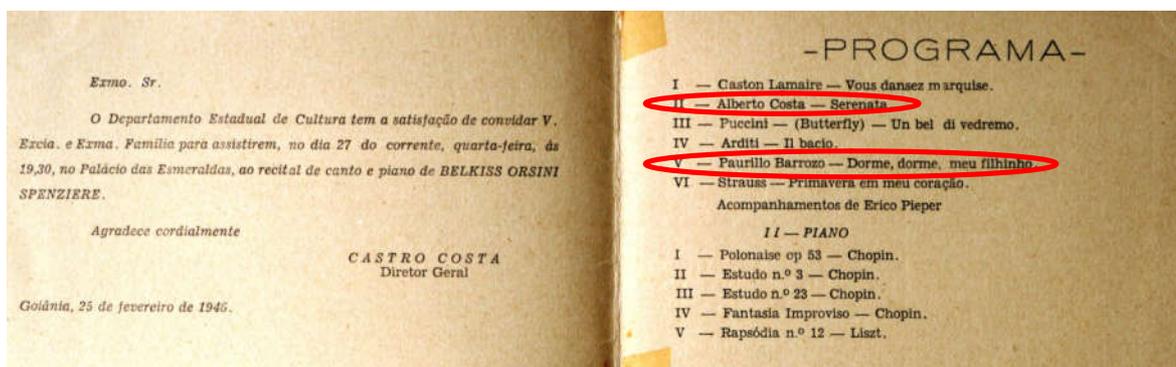
Certo dia, alguém, inadvertidamente, fechou a porta do cofre do Banco de Goiás, com as chaves dentro. Foi um tumulto! O Banco não

podia parar com sua movimentação, nem faltar com o atendimento ao público. Difíceis e demoradas ligações telefônicas foram feitas, procurando, através dos representantes da firma construtora do cofre, em São Paulo, solucionar o problema à distância. Pensou-se até na possível vinda de um técnico a Goiânia. Nisso, uma pessoa lembrou-se da famosa e, certa vez, indesejável habilidade de Alberto alemão.

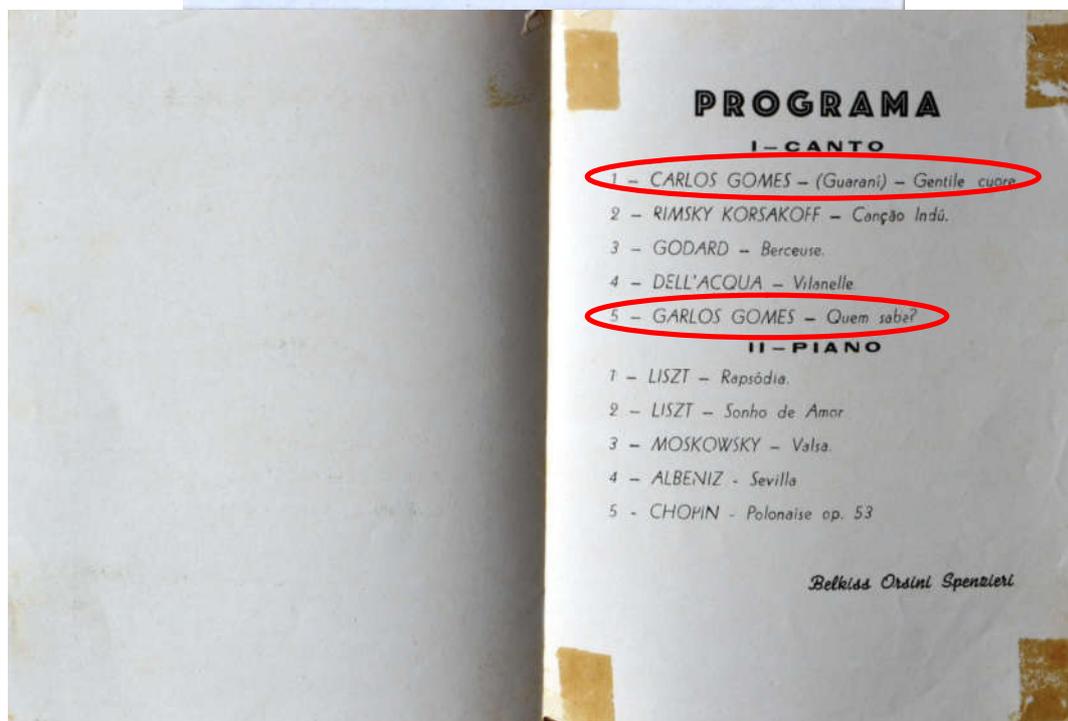
Chamado, às pressas, lá veio ele com seu passo cadenciado e tranqüilo estudar o "caso". Olhou o "paciente", encostou o ouvido em seu peito e, rapidamente, sem titubear, deu voltas no dial, abrindo-o com um gesto teatral, saudado por gritos e hurras! Passada a euforia, o problema resolvido e sob controle, perguntaram-lhe o preço do serviço realizado. "Um conto de réis", respondeu. "O que? Tão caro assim?! Mas você não demorou nem cinco minutos para abrir o cofre! Isso é demasiado!" Ele, sem manifestar nenhum descontentamento, simplesmente deu um pequeno empurrão na porta do cofre que, ao bater, trancou-se novamente. Ante a surpresa de todos, despediu-se delicadamente, dispondo-se a retornar a seus misteres. "O que é isso?! Volte! Você tem que deixar o cofre aberto!" E ele, com tranqüillidade, disse: "Agora, só por dois contos de réis!"

31 DE JANEIRO DE 1993

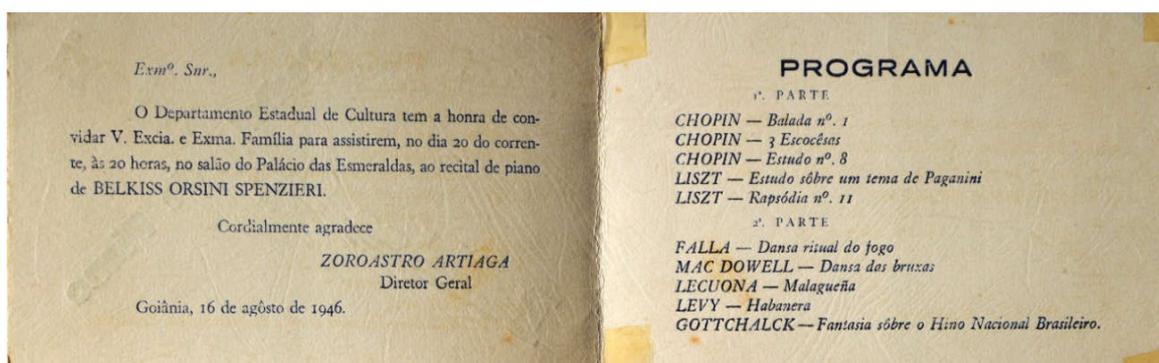
ANEXO 18 - Programa-convite do recital da Belkiss



ANEXO 19 - Programa do recital de piano e canto da Belkiss



ANEXO 20 - Programa-convite do recital da Belkiss



CAMINHANDO ENTRE LEMBRANÇAS

*T*emos ido a vários casamentos de filhos de amigos ultimamente. A cada dia que passa, verifica-se o aumento de detalhes para sua perfeitíssima realização. Os pais esmeram-se para que nada seja esquecido, empanando o brilho e a felicidade de seus filhos, na grande data. Os cuidados evidenciam-se, primeiramente, com a atenção dispensada aos convites: a escolha do papel, do tipo e cor da letra, que devem estar em perfeita sintonia, harmoniosamente combinados, também com o estilo do subscrito, feito por pessoa especializada. Monogramas em alto relevo – geralmente a primeira letra dos nomes dos noivos, entrelaçadas – ornamentam o envelope, que vem fechado com lacre e envolvido em plástico. Neles não constam os endereços, porque, num gesto de gentileza, são entregues pessoalmente pelos noivos ou seus familiares.

O “chá de panela”, hoje mais comumente chamado “chá de cozinha” e que precede, em alguns dias, à data do casamento, prima por minuciosa busca de atrações, brincadeiras, sorteios e prendas, além de deliciosa seleção de guloseimas e brindes delicados, ofertados aos participantes. Procuram seus promotores manter, com tudo isso, um amistoso e agradável ambiente.

Mas a maior observação dos pormenores culmina com a preparação da cerimônia religiosa. Há os grupos musicais, organizados especialmente para o maior brilhantismo da solenidade; constam de coro, instrumentistas e vozes solistas. Executam, na ocasião, o repertório

escolhido pela noiva e selecionado entre suas peças favoritas, buscando salientar as diferentes entradas: dos pagens, das damas, do noivo, pais e padrinhos, e, finalmente, em grande apoteose, a da noiva.

São convocados os melhores técnicos de sonorização, fotógrafos e filmadores, que tudo registram. A decoração da igreja é cuidadosamente planejada por artistas especiais, que se esmeram na variedade dos materiais empregados e na combinação das cores que produzem maior realce. Os Mestres de Cerimônia, com sua equipe, ficam atentos, evitando imprevistos que possam prejudicar o esquema planejado. E as toaletes da noiva, das mães e damas mostram requintada preocupação em dar relevo à cerimônia. Os votos de felicidade, os noivos os recebem na igreja ou durante uma recepção. Se esta for programada, redobram-se as minúcias e o cuidado para a perfeição dos serviços do bufê, da decoração dos salões, a finura dos doces, lindamente revestidos de glacês e envolvidos em primorosos enfeites, dispostos artisticamente em mesas e bandejas.

Enfim, tudo apurado com excessivo esmero é realizado com muito amor, procurando dar aos noivos o ambiente de sonho que o grande dia merece.

Focalizamos tudo isso procurando mostrar como Goiânia está hoje equipada com estruturas específicas, que permitem promoções suntuosas ou detalhistas e, ao mesmo tempo, lembrar a simplicidade da vida da cidade, em 1946. Foi quando se realizou o nosso casamento, na matriz provisória de N. Sra. Auxiliadora, já demolida, e que se localizava onde hoje se ergue o edifício D. Abel. Era muito pequenina e Padre Jacinto, seu vigário, foi o celebrante.

Foram improvisadas todas as etapas do casamento, que, à época, não se realizava à noite, somente até às 17 horas. Os convites foram feitos pelo telefone ou "de boca", quando os parentes e amigos eram encontrados. Joaquim Édison de Camargo (violino), Érico Pieper (harmônio) e ainda alguns músicos por eles convidados, abrilhantaram a cerimônia.

Antes da chegada à igreja, tivemos que passar – parada obrigatória de todos os noivos – no estúdio de Sílvio Berto, para as fotografias. Eram poses laboriosamente estudadas, para garantirem a conservação daquele momento.

Tânia Póvoa reuniu amigas de seu grupo da Rua 20, selecionadas dentre as que possuíam vestidos brancos, formando, com seus pares, o cortejo, assim constituído: Damas – Maria Luiza Leal Póvoa, Maria José Nascimento Monteiro, Zairita Brandão Perillo e Mirza Perotto. Cavalheiros – Sebastião Alberto Vilella, Luiz Nascimento Monteiro, Jesus do Rosário Roriz, Antônio Fiuza. Abria o desfile um parzinho muito querido e lindo, formado por Jan Cunha Goldfeld e Magali Torres.

Nosso avô, Manuel Luiz do Couto Brandão, visivelmente emocionado, mas ereto e elegante, conduziu-nos ao altar. Usávamos, trabalhado pelas habilidosas mãos de tia Ceres, um vestido de cetim duchese, completado por um chale de renda sustentado por bonito toucado de flores de laranjeira, símbolo da felicidade conjugal.

Antes do início da cerimônia, Padre Jacinto pediu as alianças para colocar numa salva. Um susto! Não nos havíamos lembrado delas, e o amigo José Tobias, ali presente, correu à sua joalheria e trouxe, triunfante, um par que, abençoado naquele momento, nos acompanhou desde então.

As primeiras casas de Goiânia eram muito pequenas, mesmo assim, nelas era realizado o ato civil. Tia Hebe incumbiu-se de organizar o nosso, bem como uma pequena recepção aos convidados. Doces de frutas cristalizadas, vindos de Goiás e trazidos por tia Bárbara e tia Vitalina, que os faziam de forma impecável, foram muito apreciados. O bolo, no formato de um castelo, constituiu uma surpresa preparada por Edith e Érico Pieper.

Enquanto a festa corria animada, Simão dirigiu-se à Secretaria de Educação e Saúde, da qual era titular, para ultimar providências, indo, a seguir, percorrer os leitos dos doentes da Santa Casa e fazer

os curativos necessários, para viajar mais despreocupado no dia seguinte.

Terminada a reunião e como ele tardava, retido por suas obrigações, tio Alvarenga, com dificuldade, conseguiu um táxi e, colocando-nos nele, ainda vestida de branco, forneceu o endereço de nosso avô, causando o maior espanto ao motorista, quando se saiu com esta:

"- Hoje deu-se um fato que nunca se viu: a noiva ficou e o noivo fugiu!"

22 DE JULHO DE 1992

ANEXO 22 – Certidão de casamento de Belkiss e Simão

República Federativa do Brasil

ESTADO DE GOIÁS  COMARCA DE GOIÂNIA
MUNICÍPIO DE GOIÂNIA DISTRITO DE GOIÂNIA

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Mário Rodrigues de Oliveira *Innes Maria R. de Oliveira*
Oficial do Registro Civil Oficial Substituta

CERTIFICO que, do livro de registro de casamentos sob o n.º B- 7 existente neste cartório, à fls. 131, sob n.º 1.110, consta o termo de casamento do Sr. Simão Carneiro de Mendonça e Belkiss Orcini Spenziere que passa a se chamar Belkiss Spenziere Carneiro de Mendonça, realizado aos 9 de dezembro de 1946 sob regime da comunhão de bens.

| O NUBENTE | A NUBENTE |
|--|---|
| Estado Civil <u>solteiro</u> , | Estado Civil <u>solteira</u> , |
| Naturalidade <u>Luziânia-Go.</u> | Naturalidade <u>Cid. de Goiás-Go.</u> |
| Profissão <u>médico</u> , | Profissão <u>professora</u> , |
| Nascido aos <u>5 de janeiro de 1909</u> | Nascida aos <u>15 de fevereiro de 1928</u> , |
| Filho de <u>Sebastião Carneiro de Mendonça e de Da. Florentina Alves de Mendonça</u> , | Filha de <u>Belmiro Spenziere e de Da. Diana Luisa do Couto Spenziere</u> , |
| Residente <u>nesta Capital</u> . | Residente <u>nesta Capital</u> . |

OBSERVAÇÕES:

O referido é verdade e dou fe.

Goiânia, 5 de junho de 1970.

[Assinatura]
Oficial do Registro Civil

2a. Tab. Substituta
Clotilde

Isenta de selos, ex-vi da alteração 58 da Lei n.º 3.519 de 30/12/1958.

REGISTRO CIVIL DA 1a. 2011
MÁRIO RODRIGUES DE OLIVEIRA
INNES MARIA R. DE OLIVEIRA
RUA 7, nº 38 - Goiânia-GO

> CRÔNICAS & OUTRAS HISTÓRIAS

Saudosos tempos (1)



Belkiss S. Carneiro de Mendonça

Em dezembro de 1946, casei-me na capela dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira desta cidade. Pequena e cian, foi lamentavelmente demolida para, em seu lugar, erguer-se o edifício que, circundando o fundo da Catedral, homenageia Dom Abel, estimado bispo auxiliar de Goiânia. O noivo, Simão Carneiro de Mendonça, já com 38 anos de idade, dizia-se "incansável", sempre jactando-se de sua "solteirice". Vencido pelo amor, no entanto, submeteu-se à cerimônia do casamento e até ouviu, cunspicuo, as palavras de profunda fé impregnadas de ternura, profen-

das pelo padre Jacinto. Sendo este seu cliente de longa data, era-lhe grato ao coração celebrar-lhe as núpcias. Casava-lhe na vel-o longe de sua família e preocupava-se ao imaginá-lo em seu Chevrolet "sua e blusa" grená e bege, percorrendo estradas mal cuidadas para atender doentes. Sendo sua presença solicitada, não media esforços para, a qualquer hora, aliviar sofrimentos ou acalmar aflições. Por tudo isso, padre Jacinto pedia a Deus que abençoasse o casal.

Com muita atividade em seu trabalho, Simão procurava ter-me a seu lado em situação singulares. Uma de-

las era proporcionada pelo atendimento aos "chamados". Partisse do corpo de enfermagem de um hospital, de alguma residência ou clientes monitores em chácaras os baixos distantes, tornava-se hábito acompanhá-lo. Com paciência aguardava-o no carro, mesmo que alguns exames exigissem maior espaço de tempo. Tais procedimentos seriam inúteis nos dias atuais por motivo da extrema violência sofrida pelas pessoas.

Mesmo à noite, não nos acometia qualquer sensação de perigo e o trajeto proporcionava-nos agradável convivência. Outra ocasião em que partia, era quando, logo após o almoço, ia ao Correio buscar a correspondência depositada em sua caixa postal. Pode testemunhar e participar

de sua alegria quando, entre jornais e cartas, encontrava um livro escomentado no estrangeiro e entiosamente aguardado. Ao recebê-lo, mantinha-o por algum tempo acondicionado ao peito, numa evidente satisfação.

Morávamos, assim felizes, na Rua 24, logo abaixo da Av. Anhanguera, tornando-nos vizinhos de Dirquinha (proprietária da casa) e de seu pai, Ardeino de Moraes, um dos beneméritos doadores de terras para a construção de Goiânia. A nossa frente ficava o Cine Santa Maria, do benquista português Alípio Mendes. Naquela época, possuir uma geladeira era algo de grande importância. Não existiam ainda as fábricas brasileiras e havíamos encomendado uma no Rio de Janeiro e que deveria vir dos Estados Unidos. Aguardando sua importação, com fre-

quência tive que me valer da boa vontade da família Mendes, levando creches e pudim para serem gelados no baldo figurativo da sorveteria por ela mantida ao lado do cinema.

O goianiense tinha três opções de escolha para assistir aos filmes o Cine Teatro Goiânia, o Cine Goiás (na Anhanguera, entre as Ruas 20 e 24) e o "cinema do Alípio", como era habitualmente chamado o Santa Maria. Para frequentá-los, porém, tornava-se necessária uma certa aproximação, exigindo-se dos homens o uso do paletó e gravata. Não havia, no entanto, uma garantia de que a programação anunciada fosse cumprida. Muitas vezes éramos avisados – depois de muito esperar – que o filme, transportado em nossas estradas precárias, não havia chegado à capital.

O Popular GOIÂNIA, quinta-feira, 24 de fevereiro de 2000

Crônicas & outras histórias

Relembrando imagens

**BELKISS S.C.
DE MENDONÇA**

Passaram-se mais de 60 anos entre a colocação do quadrilátero Cruls no mapa do Brasil, demarcando o futuro Distrito Federal, e as audaciosas ações do presidente Juscelino Kubitschek, dando início à construção de Brasília. Nesse longo período, as cidades do Planalto, desprovidas do ouro que lhes dera origem e sem qualquer perspectiva de progresso, viram-se limitadas a uma agricultura de subsistência e à pecuária. Cercadas pela imensidão do vazio, cavalos e bois eram conduzidos a centros de venda por seus donos e pedões, em cansativas jornadas.

Conheci Santa Luzia em 1946, já com a denominação de Luziânia. Recém-casada, lá fui a fim de conhecer a família de Simão. Germano Roriz, parente e amigo querido, foi nosso companheiro de viagem. Senti sabor de aventura e mesmo um certo receio quando ele disse, a certa altura do percurso: "Vamos comprar água, porque daqui em diante não mais encontraremos nenhum morador". E, nas longas horas de estrada deserta que se seguiram, foi contando-me coisas do Planalto. Entre elas, narrou-me que o trajeto que percorríamos era feito, até 1922, em carro de bois. E que Evangelino Meireles, abrindo a estra-



da de rodagem enfrentou tantas dificuldades para construí-las no prazo estabelecido pelo contrato de concessão do governo, que sua saúde se ressentira, vindo a falecer. Daí ter meu sogro, Sebastião Carneiro de Mendonça, adquirido a estrada, iniciando um sistema semanal de transporte de cargas.

À medida que falava sobre aquelas paragens com tanto amor, meu interesse ia aumentando. Chegamos, finalmente, às margens do caudaloso rio Corumbá, que, em fins de dezembro, já se encontrava com água bem acima de seu curso normal. A precária ponte de madeira existente rodara em uma das enchentes anteriores, forçando-nos a atravessá-lo numa balsa. Foram a esta fixados, ligando-a à margem, dois pranchões sobre os quais Simão embicou seu Chevrolet "saia e blusa" grená e bege. Imprimindo-lhe força (eu de fora assistindo, com o coração aos saltos), subiu cuidadosamente até a embarcação.

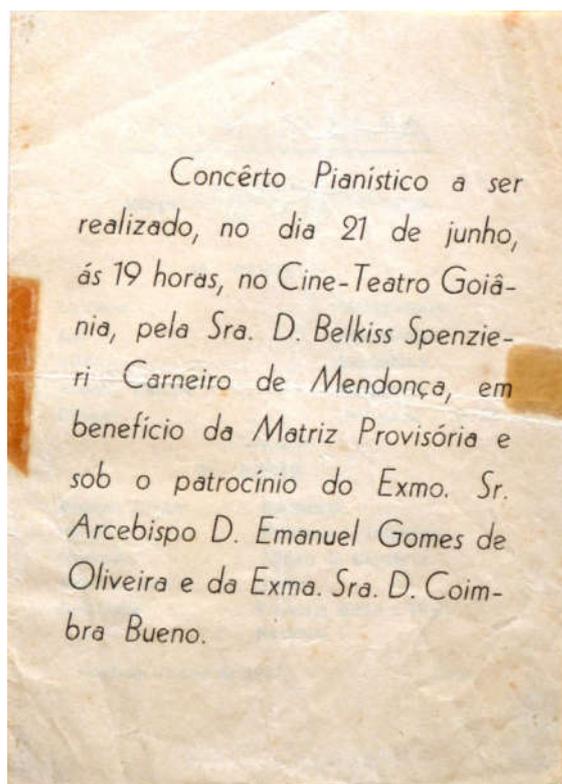
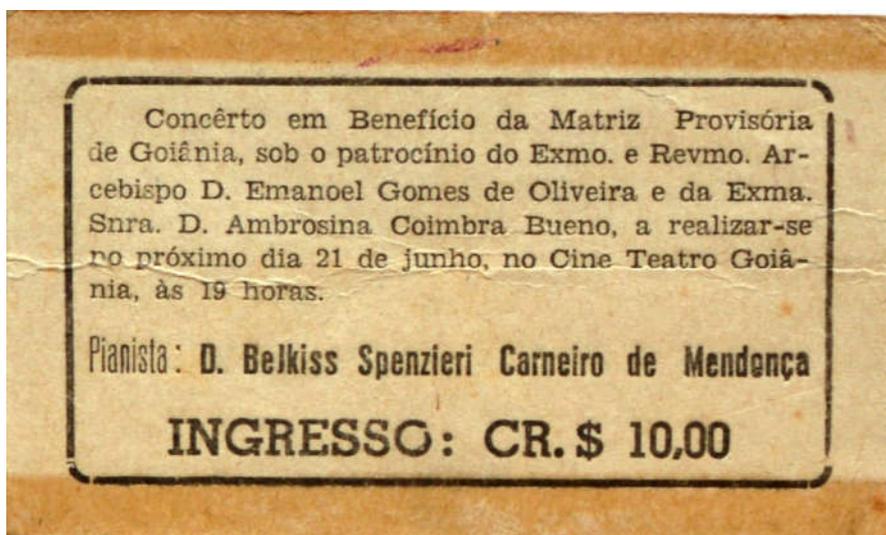
Prosseguindo o percurso,

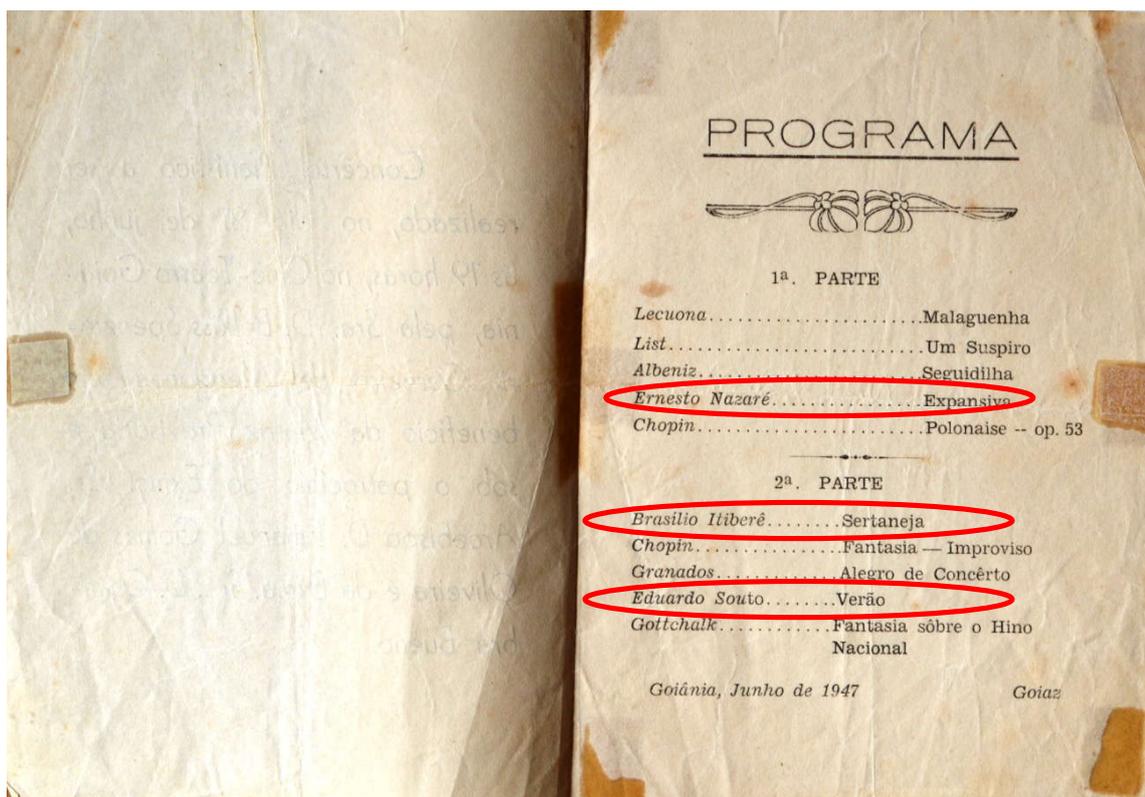
um foguete espocou no céu. Era um sinal destinado a avisar que visitantes se aproximavam. E, dentro em pouco, alcançávamos nossa meta, percorrendo a cidade. Sentia-me preparada para apreciar os bicentenários casarões; a praça central onde, na parte mais alta, se erguia a matriz; o secular jambeiro, árvore frondosa em cuja sombra, durante o dia, se reunia a mocidade e, à noite, abrigava os seresteiros. Pessoas assomavam às janelas desejando identificar os chegantes. Com alegres acenos de reconhecimento, meus cicerones iam nomeando os habitantes como se me fosse possível gravar tantas fisionomias novas. Designados por apelidos, estes, pela originalidade, foram por mim memorizados. Assim, vi de relance Gato, Funcho, Botão, Rato, Dona Bage, Dubão, Juca da Ponte, Ducó, Coelho, Chatinho e outros mais, todos queridos e saudadados com efusão.

Meu sogro, alto e magro, com um terno marron em cujo colete trançava grossa corrente que sustinha o relógio, já notificado por telegrama, aguardava-nos sentado, ereto, em sua poltroniha de verga austríaca, colocada junto à janela. Era seu lugar predileto, onde permanecia grande parte do dia lendo ou conversando com amigos e correligionários políticos.

Mal entramos, muitos parentes e amigos mais chegados surgiram não só para cumprimentar o médico que, fixando-se em Goiânia, se sentara de sua cidade, mas ainda para conhecer sua esposa. Continuo depois...

ANEXO 25 – Convite e programa do concerto da Belkiss





REVIVENDO UM ENCONTRO COM DEUS

De 3 a 6 de junho de 1948, nossa capital sediou um Congresso Eucarístico Nacional. Padre Serra, escrevendo na Folha de Goiãz, àquela época, diz: “– O Congresso Eucarístico não é mais do que o despertar daquela Vida no seio dos homens e por meio de suas sessões de estudo e de seu contato mais íntimo com estes problemas, fornecer aos homens ao menos isso: um momento em que ele possa duvidar de sua dúvida”.

O Congresso Eucarístico de Goiânia foi muito mais! O fervor religioso, a busca da paz através do conhecimento e da oração fizeram, desse encontro, um manancial de fê, que perdurou nos corações dos que tiveram a ventura de a ele assistir e dele participar.

Com antecedência, iniciaram-se os preparativos necessários, dificultados, em parte, pela precariedade de alojamentos para os visitantes que aqui não dispunham de amigos e parentes. Assim, Comissões foram criadas e que se tornaram responsáveis pelos diversos setores.

Contribuindo com a Comissão de Finanças – talvez a de mais difícil execução – a vereadora Ana Braga apresentou um projeto de lei pedindo ao Poder Executivo concedesse a importância de Cr\$ 60.000, 00, destinada às providências para sua realização. Como, na Sessão Plenária, a votação não transcorreu unânime, Dom Abel, Bispo Auxiliar, endereçou à vereadora um ofício, expressando-lhe seus agradecimentos e propondo o arquivamento do projeto por ela apresentado.

Enquanto isso, inúmeras outras disposições estavam sendo toma-

das para angariar os fundos necessários. Também nós, atendendo a convite formulado por Germano Roriz, em nome da Comissão Executiva, participamos com um recital realizado no dia 1^o de junho.

Dentre as primeiras iniciativas, constava a criação de um emblema comemorativo, que, presente em estandartes e bandeiras, servisse, também, como um logotipo. Nele, representou-se, simbolicamente – na parte central de uma flor-de-lis, estilizada, lembrando um sino – a mensagem cristã, expandindo-se entre vales e montanhas.

Na praça Cívica, foi erigido um "Altar-Monumento" para a celebração não só das cerimônias do Congresso Eucarístico, mas, também, das do Jubileu Episcopal de Dom Emanuel Gomes de Oliveira. O projeto, criado por Dr. José Amaral Neddermeyer, era imponente, majestoso, como convinha às solenidades para ali programadas. E um edital foi expedido, convocando poetas e musicistas de todo o Brasil para criarem o Hino do Congresso. Deveria ser um hino clássico, rimado e metrificado, que obedecesse aos princípios dos já consolidados pela Igreja e constantes dos "Anais da Liturgia". Todas estas exigências viriam contribuir para uma melhor conotação prosódica, ao ser feita a criação da parte musical.

Dos dezesseis candidatos inscritos, onze eram de Goiás e cinco de outras localidades brasileiras. José Lopes Rodrigues, poeta e professor goiano, obteve importante vitória, ao destacar-se dentre os expressivos nomes que compunham a plêiade dos participantes. E coube ao arquiteto, escultor e musicista, José Neddermeyer, compor a música que deveria ser justaposta aos inspirados versos selecionados. E o Hino, assim criado, tomou vida através da bela voz de Paulo dos Reis Gonçalves, que o gravou no Rio de Janeiro. Os discos ostentavam, na capa, o emblema do Congresso e foram importante veículo de divulgação do evento, auxiliando, também, sua aprendizagem nas escolas e agremiações.

Grupos voluntários formaram-se para a ornamentação das ruas e avenidas constantes do roteiro da procissão. E uma alegre rivalidade

estabeleceu-se, cada qual procurando suplantar os demais em criatividade e beleza. Guirlandas de folhagens foram tecidas entremeadas de flores, às quais bandeiras, plantas e outros materiais decorativos se uniam com originalidade e bom gosto.

A abertura e o encerramento foram marcados com Missa Campal, solenemente celebrada pelo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara e grande número de Bispos de outros Estados. E, na procissão, Dom Jaime, de joelhos, mantinha-se orando, como um guardião respeitoso do ostensório, que continha a Hóstia consagrada, precedido por coroinhas e padres, reverentemente dispostos, num tocante espetáculo de religiosidade.

Completando o emocionante momento de exaltação, milhares de vozes adultas e infantis, cheias de unção, entoavam os inspirados versos de José Lopes Rodrigues:

De Goiânia na verde campina,
Sob os céus de Goiás sempre anil,
Vêm curvar-se ante a hóstia divina
Brasileiros de todo o Brasil.

Estrilho:

Hóstia pura, Hóstia santa, bendita,
És das almas divino manjar
Que de Cristo a bondade infinita
Nos deixou como graça sem par.

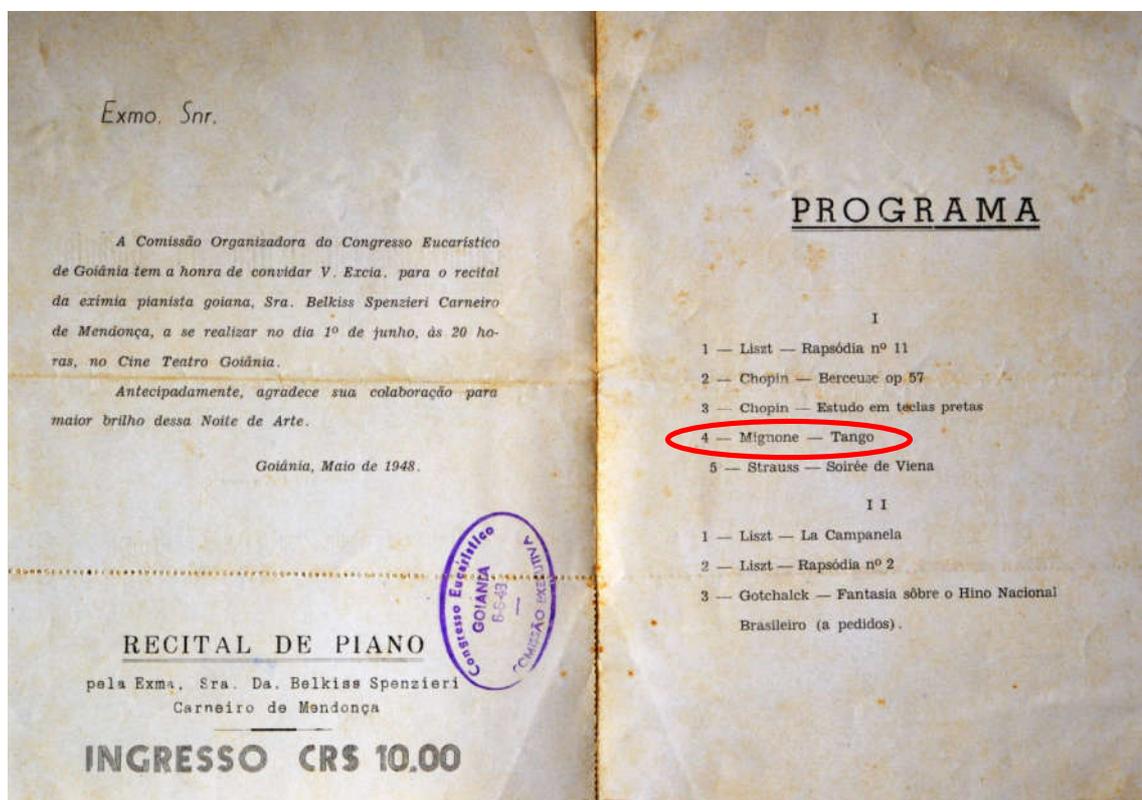
Goiás, pátria do índio bravio,
Que as bandeiras trouxeram à luz,
Ontem, terra buscada ao gentio;
Hoje, altar onde reina Jesus.
Bandeirantes da nova cruzada,

Já não vindes à cata do ouro,
Mas em busca da hóstia sagrada,
Imortal e mais rico tesouro!

No milagre do pão e do vinho,
Estás sempre conosco, ó Jesus!
Como Vida, Verdade e Caminho
Que à morada do Céu nos conduz.

16 DE AGOSTO DE 1992

ANEXO 27 – Programa-convite do recital da Belkiss



ANEXO 28 – Crônica publicada no jornal Diário da Manhã, em 24 de novembro de 2004

Diário da Manhã Goiânia, domingo, 28 de novembro de 2004



Belkiss Spenciére

Goiânia em outros tempos

Foi-me solicitado lembrar o Centro de Goiânia. Para mim é tarefa prazerosa, já que o passado se impõe, ocupando insistentemente espaços e pensamentos.

O "Centro", como é denominado um dos setores de nossa capital, constituía, originalmente, toda a cidade de Goiânia. E em fotos antigas que reproduzem seus primeiros anos, é bem visível o descampado da Praça Cívica abrigando o Palácio do Governo, circundado pelos prédios da administração pública. Como raios divergentes, ali tinham início as principais avenidas: a Goiás descendo reta e soberba até alcançar a Estação Ferroviária, e, ladeando-a, a Tocantins e a Araguaia abrindo-se em leque, para terminarem na circundante Avenida Paranaíba.

Duas versões, à época, eram conhecidas, justificando o traçado da cidade. Diziam uns que a planta obedecia à posição geográfica dos principais rios do Estado de Goiás. Afirmavam outros que foi inspirada nas linhas diretrizes do manto de N. Sra. Aparecida, assim caracterizando a religiosidade da população. O certo é que atrás do Palácio nada existia. O Centro, isto é, a cidade de Goiânia de então, ali tinha seu término.

Foi-me permitido presenciar seu desenvolvimento desde quando, abertas as ruas, foram os pedestres e ciclistas criando trilheiros próprios nos quarteirões vazios. Encurtavam sensivelmente as distâncias e, bem pisoteadas entre a vegetação rasteira, amenizavam o desconforto da terra foja e solta das vias públicas menos transitadas.

Caminhava-se sem pressa pelas ruas de uma Goiânia tranqüila, sem violência e cujo trânsito ainda a conservava humanizada. E as casas foram-se erguendo paulatinamente. De muros bem baixos, em sua acolhedora simplicidade, fariam, atualmente, um chocante contraste com os

espigões que se levantam em muitos bairros. Algumas em pequenos conjuntos, outras isoladas na vastidão da planície, atestavam a força e o idealismo dos pioneiros, confiantes no futuro da nova capital e em seu idealizador: Pedro Ludovico Teixeira.

Assim, também, após meu casamento, construímos nossa residência na Avenida Tocantins, onde moro há 55 anos. Assisti à formação da avenida e acompanhei-lhe o asfaltamento. Vi seu apogeu com os flamboyants

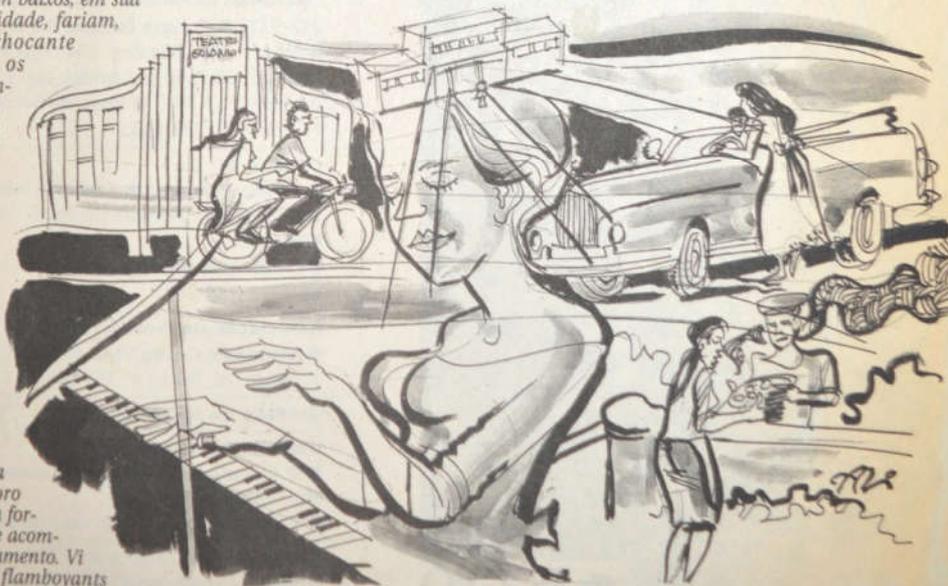
vermelhos enfeitando-a garridamente em toda a sua extensão, onde famílias criavam seus filhos num aconchego de amizades e cuidados partilhados.

Foi a Tocantins um ponto de interesse e reunião de mocidade alegre e descontraída. Por ela trafegavam os poucos automóveis existentes, alguns dirigindo-se apressadamente ao aeroporto (localizado na confluência com a Av. Paranaíba), dispostos a socorrer e iluminar com seus faróis a pista de pouso de algum avião retardatário.

Em frente à nossa casa, próxima à Santa Casa de Misericórdia, uma pracinha aglutinava meninos e seus patins e bicicletas. Hoje, no local anteriormente tão pitoresco, vê-se, partindo de um quiosque destinado à vacinação, um feio prédio ao qual foram agregados novos cômodos conforme as necessidades de funcionamento do Centro de Saúde Juarez Barbosa, ali instalado.

A avenida, com intenso trânsito, deixou de ser apenas uma agradável zona residencial. Transformou-se num misto de locais destinados a escritórios, clínicas, restaurantes. Muitas casas antigas, que poderiam contar a história da cidade e dos vultos significativos de uma época, foram destruídas e, lamentavelmente, dando lugar a estacionamentos de carros. Até os lindos flamboyants já não mais existem: o tempo, que em tudo deixa suas marcas, os levou também.

A Tocantins, como todo o Centro, aguarda a planejada revitalização (iniciada pela Av. Goiás), que lhe restituirá um pouco do fascínio e brilho de outrora, desaparecidos em consequência do vertiginoso progresso da cidade, expandida em novos e promissores bairros. Mesmo reconhecendo os problemas e deficiências características do Centro, prefiro nele residir, dando asas às recordações e acalentando minhas saudades.



■ Belkiss Spenciére Carneiro de Mendonça é musicista e moradora do Centro há 55 anos

4 Goiânia, terça-feira, 16 de junho de 1998 O Popular

Crônicas & outras histórias

O 'Pelicano'

BELKISS S.C. DE MENDONÇA

As imagens percebidas na infância não se apagam. Acompanham-nos ao longo da vida e sempre vêm à tona no momento propício, surgindo em nossa mente como um flash, súbito e instantâneo. Pessoas e situações julgadas esquecidas tornam-se vivas naquela fração de segundo que a vontade pode deter e prolongar.

Nos dias que precederam a linda homenagem que, promovida pelo Grande Oriente do Estado de Goiás, nos foi dedicada (ao escritor José Mendonça Teles e a mim), inúmeras dessas breves cenas volveram-me rápidas e fugazes. Traziam consigo cenas infantis e o calor do afeto existente na casa de meus avós maternos, onde fui criada e educada, podendo ver, com os olhos da saudade, a presença sempre em movimento de minha avó, calma e autoritária e a elegante figura de meu avô.

Nos freqüentes serões de então, conversava-se muito na presença das crianças, sem que estas opinassem sobre o assunto. Assim, pude saber sobre os trabalhos filantrópicos maçônicos realizados anonimamente, quando famílias, em críticas situações financeiras, recebiam, inexplicavelmente, substancial ajuda e, ainda, oprimidos e aflitos encontravam inesperado consolo.

Meu avô, Manoel Luiz do Couto Brandão, era um maçom convicto e, por muitos anos, Venerável da "Loja Asilo da Razão", criada na cidade de Goiás, sendo ela uma das mais antigas do Brasil e filiada ao Grande Oriente. Ao mudar-se para Goiânia e já idoso, foi-lhe conferido o título de Venerável de Honra.

Quando, em 1953, ficou gravemente enfermo, nunca passamos,



tia Ceres e eu, as noites sozinhas com ele. Sentado em uma poltrona da sala, sempre se encontrava um irmão maçônico, a postos para qualquer emergência. Essa presença amiga e protetora proporcionava a nós duas uma sensação de segurança e, ao doente — tenho certeza — a confirmação de seus ideais, expressos naquele atento apoio, de absoluta confiança. Guardo essas lembranças, tornadas inesquecíveis, de dias atribulados, quando, por entre as trevas do angustiado momento, brilhava a luz da solidariedade humana.

A maçonaria volta a agitar meus sentimentos. Cumprindo metas, seu Conselho de Educação e Cultura, sob a presidência do eminente médico Dr. Hélio Moreira — um cientista também voltado para o convívio das letras — decidiu criar o troféu "Pelicano", imagem permanente de uma honraria que se destina ao incentivo à

cultura e a seus promotores. A idéia foi encampada pelo Grão Mestre do Grande Oriente, Dr. José Ricardo Roquette, que, para a concretização do projeto, emprestou a força de seu dinamismo frente à instituição.

Assim, em solene e festiva noite, sob forte emoção provocada também pela programação musical que o maestro Sérgio Kuhlmann preparou para a ocasião, Mendonça e eu recebemos o troféu representado pelo pelicano, ave de forte simbologia maçônica, por caracterizar o espírito de doação, numa delicada criação em bronze do artista Ângelo Ktenas.

Outras premiações serão atribuídas após consultas prévias e outros serão os agraciados. As fortes imagens, porém, permanecerão indelévels em minha mente, comprovando que não só as infantis perduram mas ainda as recebidas em qualquer época no decorrer da vida.

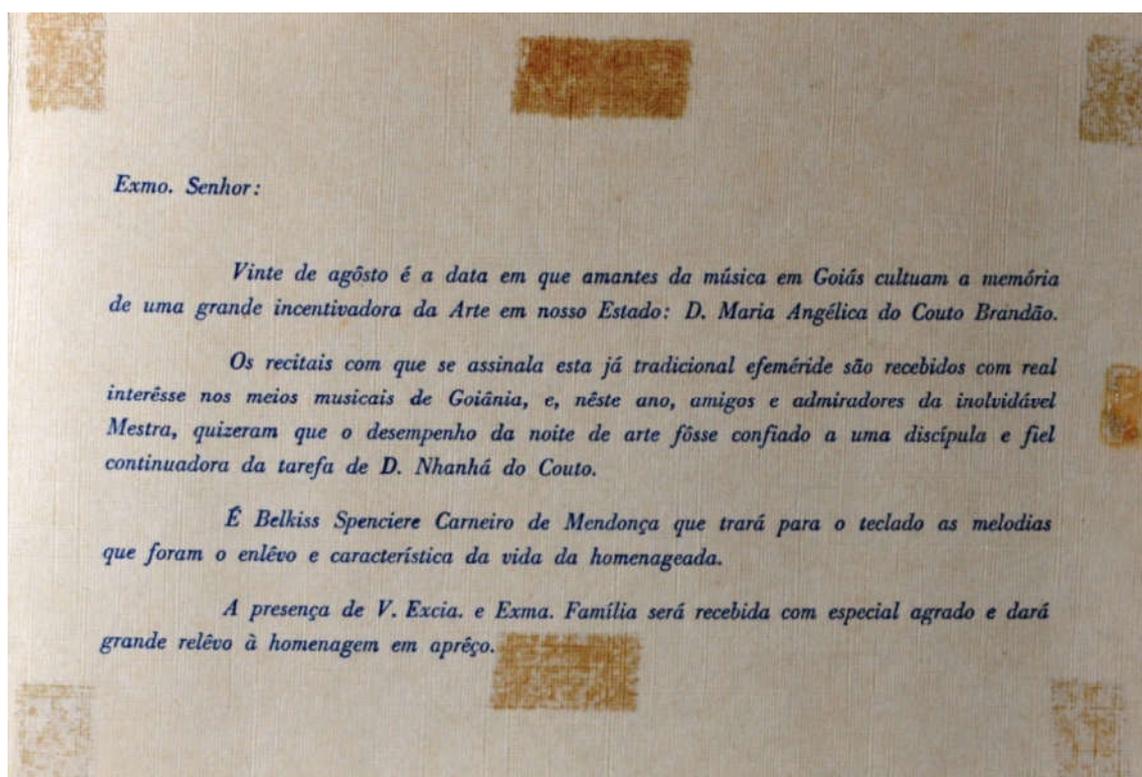
ANEXO 30 – Programa do 31º Concerto da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais



COMPONENTES DA ORQUESTRA DA SOCIEDADE MINEIRA DE CONCERTOS SINFÔNICOS

| | | |
|--|---|---|
| <p>1.ª Violinos</p> <p><i>Dicente Barraca</i> <i>José Matos</i> <i>Célia Flores Nava</i> <i>José Torres</i> <i>Concezinha Martins da Silva</i> <i>Julia Dreoler</i> <i>Mozart Cavalcanti</i> <i>Geraldo Geulart</i></p> <p>2.ª Violinos</p> <p><i>Gabor Buzs</i> <i>Fernanda Z. Schroeder</i> <i>Frederico Bups</i> <i>Tereza Cavalcante</i> <i>Maria Isaura Sant'And</i> <i>Dulce James</i> <i>Horácio Silva</i></p> <p>Violas</p> <p><i>Elzair Martins de Lima</i> <i>Leone Cicaglia</i> <i>Ibairis Miranda Junior</i> <i>Juene Cavalcante</i></p> <p>Violoncelos</p> <p><i>Olga Zechina de Castro</i> <i>Antonio Sanábio</i> <i>Dulce Cavalcante</i></p> <p>Contra-Baixos</p> <p><i>Francisco Mello</i> <i>Mário Diegas</i> <i>Raldemar Alares Pereira</i> <i>Aljorne Costa e Silva</i></p> | <p>Flautas</p> <p><i>Juvenal Dias da Silva</i> <i>Cláudio de Paula Xavier</i></p> <p>Oboes</p> <p><i>José Francisco Pinto</i> <i>David Ferreira dos Santos</i></p> <p>Clarinetes</p> <p><i>Salvador Vilas</i> <i>Raimundo Angelo Vieira</i></p> <p>Fagotes</p> <p><i>Racal Cavani</i> <i>Silvio Felipe</i></p> <p>Pistons</p> <p><i>Ruy Durso</i> <i>Djalma Carvalho Aguiar</i></p> <p>Trompas</p> <p><i>Edson de Brito Neri</i> <i>José Nunes Filho</i> <i>João Cavalcante</i> <i>Sebastião Ramos</i></p> <p>Trombones</p> <p><i>Sebastião Bonifácio</i> <i>José Maciel</i> <i>Oscalino Pereira Rocha</i></p> <p>Tuba</p> <p><i>Jesuino Taiton</i></p> <p>Timpano</p> <p><i>Francisco Onofre</i></p> <p>Bateria</p> <p><i>Dulmino Cordeiro</i></p> | <p style="text-align: center;">PROGRAMA</p> <p>PRIMEIRA PARTE</p> <p>MOZART — <i>Concerto em mi bemol maior K. 482 para piano e orquestra</i> a) <i>Allegro</i> b) <i>Andante</i> c) <i>Allegro - Andantino Cantabile - Allegro</i></p> <p style="text-align: right;">Solista: <i>Maria Regina Luponi</i></p> <p>SEGUNDA PARTE</p> <p>LISZT — <i>Concerto n.º 1 em mi bemol maior para piano e orquestra</i> a) <i>Allegro maestoso</i> b) <i>Quasi adagio</i> c) <i>Allegretto Vivace - Allegro maestoso</i> d) <i>Allegro marziale - Alla breve - Presto</i></p> <p style="text-align: right;">Solista: BELKIS SPENSIERI CARNEIRO DE MENDOZA Regente: <i>SERGIO MAGNANI</i></p> |
|--|---|---|

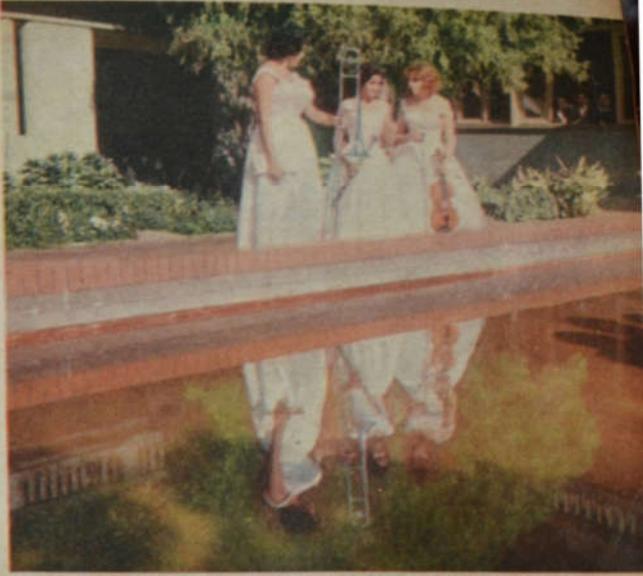
ANEXO 31 – Convite para concerto de piano realizado pela Belkiss



ANEXO 32 – Matéria publicada na Revista O Cruzeiro, em 11 de junho de 1960



52 SAIAS E BOA MÚSICA



UM TRIO REUNINDO BELEZA E ARTE REPETE, POR ACASO, A LENDA ANTIGA DE NARCISO.

Texto de JOSÉ FRANCO

Fotos de LUIZ ALFREDO

NO acanhado salão do Conservatório Goiano de Música só o maestro não usa saias. Está de casaca e camisa engomada, no mais puro rigor. Seu traje preto contrasta com os vestidos brancos de cinquenta e duas moças bonitas. Todas elas gesticulam e falam ao mesmo tempo, enquanto afinam seus instrumentos para o ensaio de sexta-feira. Sons agudos e graves formam uma latomia desafinada, que deixa sair pelas janelas abertas da apertada sala pedaços de notas musicais. A desarmonia encontra explicação: "Maestro, este pistão está de morte!" "Meu violoncelo está desafinado, maestro". O maestro, aparentemente nervoso, auxilia uma e outra, procurando colocar nos eixos a orquestra pandemônica. Depois, já agora de batuta em punho, ordena:

— Meninas, nem mais um pio!

CONTINUA

BOA MÚSICA

FEZ-SE silêncio, até que o maestro, compenetrado em sua casaca preta, dita, sério, uma outra ordem: — Saquem o "Mercado Persa", vamos!

Os pistões, as clarinetas, os oboés, os fagotes, as trompas, os violoncelos, violinos e trombones-de- vara aí então fizeram ritmo. As professoras do Conservatório, Sras. Marua Lucy Veiga Teixeira, Maria das Dores Aquino, Tânia Póvoa Cruz e Dalva Maria Pires Bragança, enquanto o "Mercado Persa" é executado, explicam como começou a história da Sinfônica Feminina de Goiânia:

— Estou feliz de regressar ao Brasil, porque aqui se faz boa música — dissera o Maestro Jean Douliet, em agosto, após chegar de uma "tourné" que empreendeu à Europa. Foi quando D. Belkiss Spenzi Carneiro de Mendonça lhe sugeriu: "Vamos formar aqui em Goiânia, maestro, uma orquestra feminina?" A idéia foi aceita e, no mês seguinte, o instrumental era adquirido em São Paulo, com pouquíssimo dinheiro, mas a prestações de longo prazo. Alunas de piano e violino do Conservatório Goiano de Música, pouco tempo depois, estresavam instrumentos que nunca antes haviam usado. O entusiasmo venceu todos os obstáculos. E assim surgiu a primeira Sinfônica Feminina da América do Sul e a segunda do Mundo.

Clarisse chegou tarde para o ensaio e perdeu, naquela sexta-feira, o maior "show" artístico já realizado em Goiânia. Enquanto promovia, no curral de uma fazenda de Anápolis, um concerto de clarineta para bovinos e caprinos — disse que a roça é o lugar mais apropriado para os ensaios — suas companheiras da Sinfônica saíam à rua, pela primeira vez, para uma exibição em Dó Maior. Com seus lindos vestidos compridos, como de noivas, carregando cada qual seu instrumento, essas moças fizeram parar o tráfego. Houve até cordão de isolamento. Na Praça Cívica, onde se localiza o Palácio do Governo, promoveram um concerto e tanto. Isto fez quebrar, por algumas horas, a burocracia palaciana e interromper os serviços postais, pois fica próximo o edifício dos Correios. Todo mundo veio para a rua, a fim de admirar e aplaudir o notável conjunto, em que só o maestro não usa saias. Entre os assistentes estava o governador, que pediu bis.

40



MAESTRO Jean Douliet conseguiu o quase impossível: unir moças bonitas a instrumentos difíceis. Nasceu o Sinfônica.



UMA PAUSA que não estava marcada na partitura. Com um certo ar de "nonchalance", ela retoca a sua maquiagem.



criação da Orquestra exigiu inúmeros sacrifícios. Moça que estudava piano empunha hoje um trombone boêmio.



LABIOS PINTADOS de batom sopram flautas e oboés. Embaixo: "Mercado Persa" tem presença japonesa ao violino.



Goiás tem Brasília



"PIZZICATTO": A MÔÇA DO VIOLONCELO.

O CRUZEIRO, 5-4-58

e tem segunda Orquestra Sinfônica Feminina do Mundo

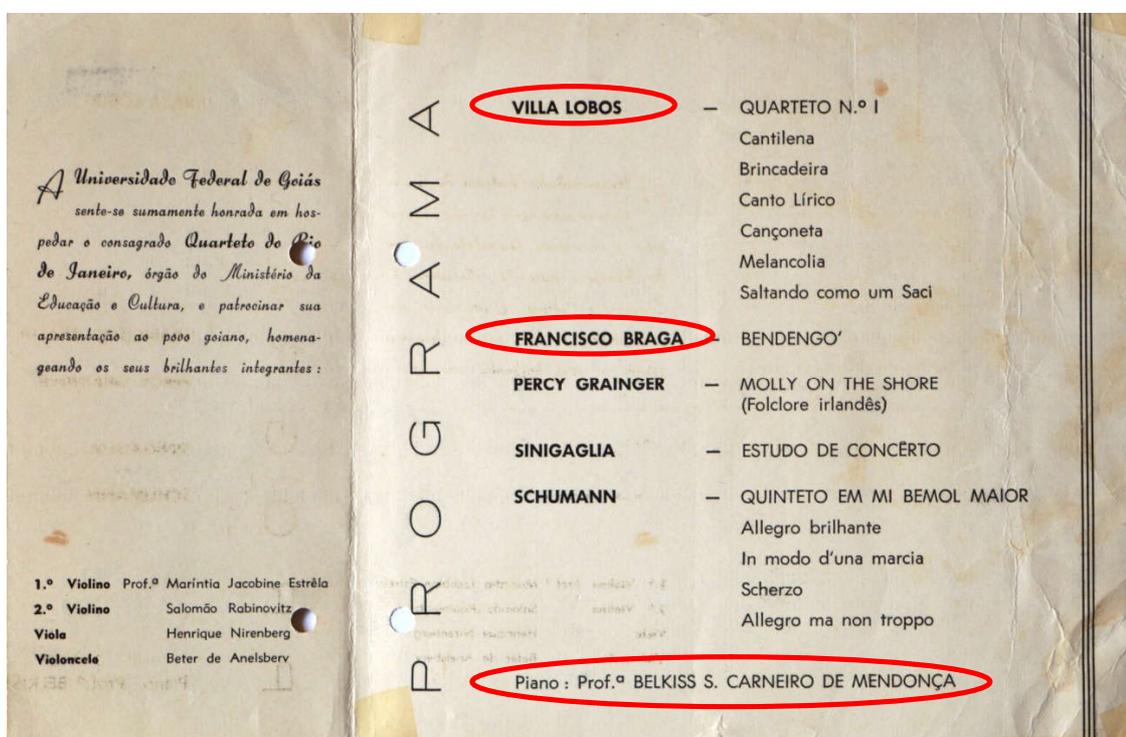
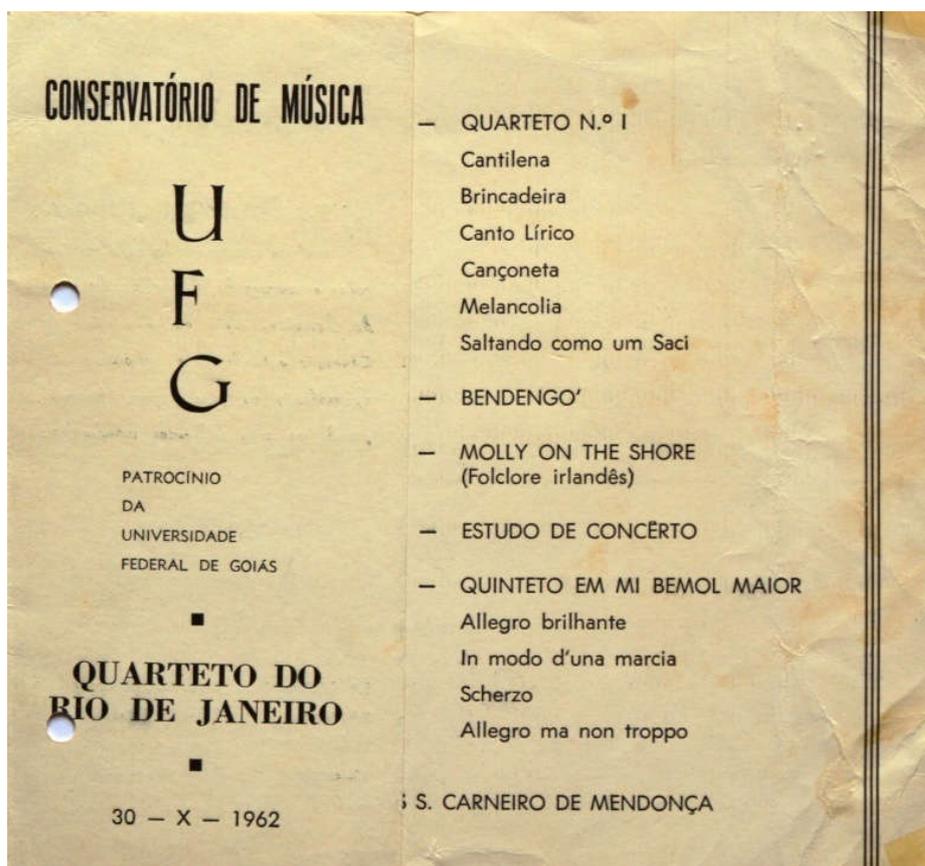


SOM DOS ACORDES DE KATELBY, SE ENTERNECE. O POVO TAMBÉM. FOI, ANTES DE TUDO, UM BELO ESPETÁCULO. PARA OS OLHOS E PARA OS OUVIDOS.

O CRUZEIRO, 11 - 8 - 1960

41

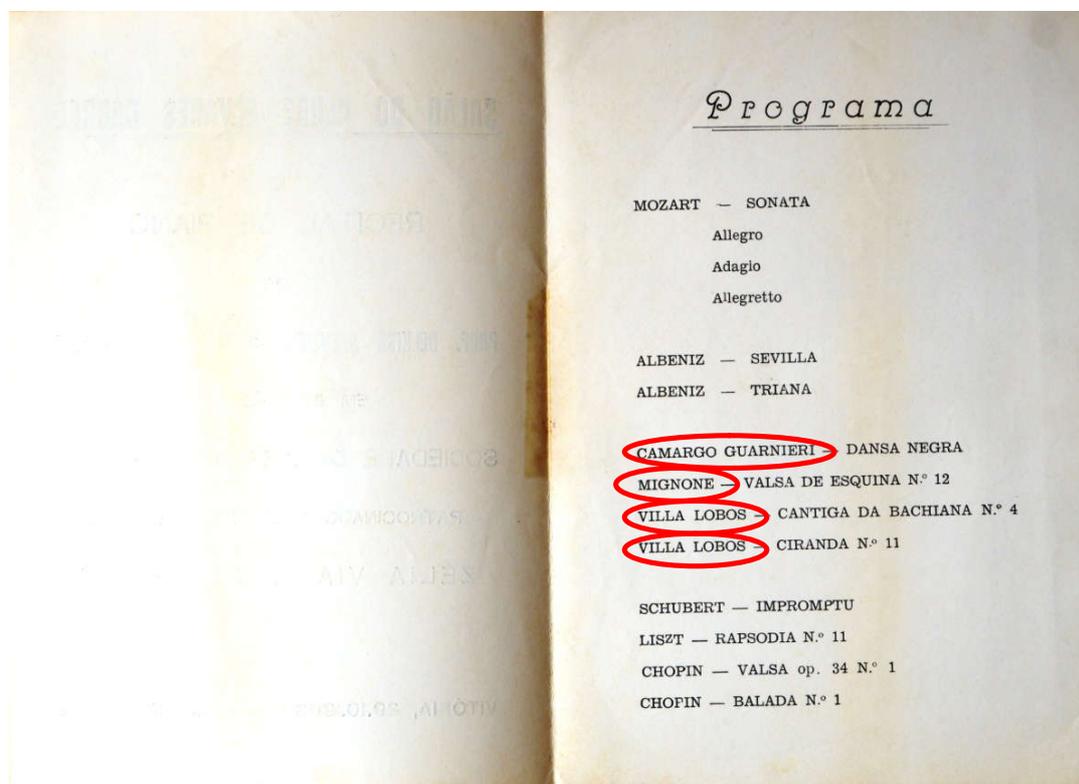
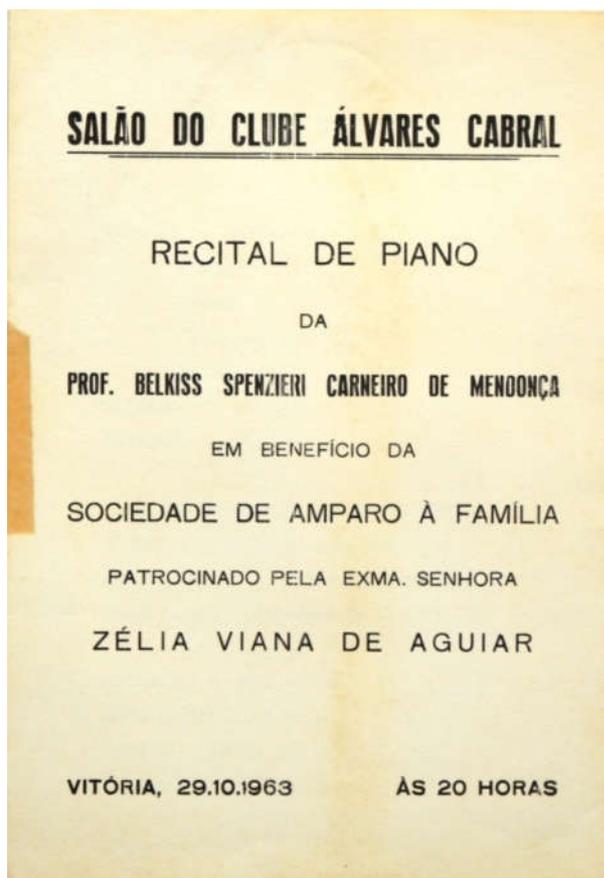
ANEXO 33 – Programa do Quarteto do Rio de Janeiro, acompanhado por Belkiss



ANEXO 34 – Programa do recital da Belkiss, durante o “XV Congresso de Gastreterologia”



ANEXO 35 – Programa do recital de piano da Belkiss



ANEXO 36 – Convite-família do Concerto de Intercâmbio dado pela Belkiss, em 1964

ESCOLA NACIONAL
DE
MÚSICA
DA
UNIVERSIDADE DO BRASIL



—III—

Concerto de Intercâmbio
29.º da Série Oficial de 1964

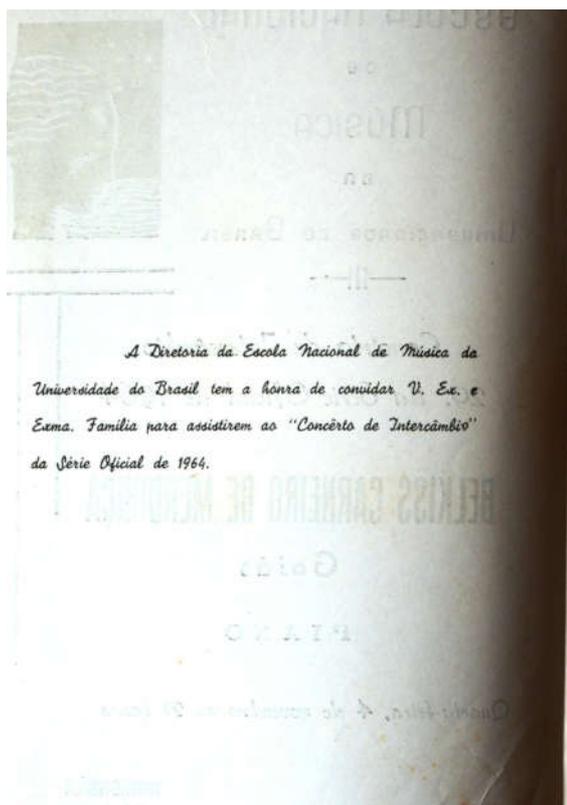
BELKISS CARNEIRO DE MENDONÇA

Goiás

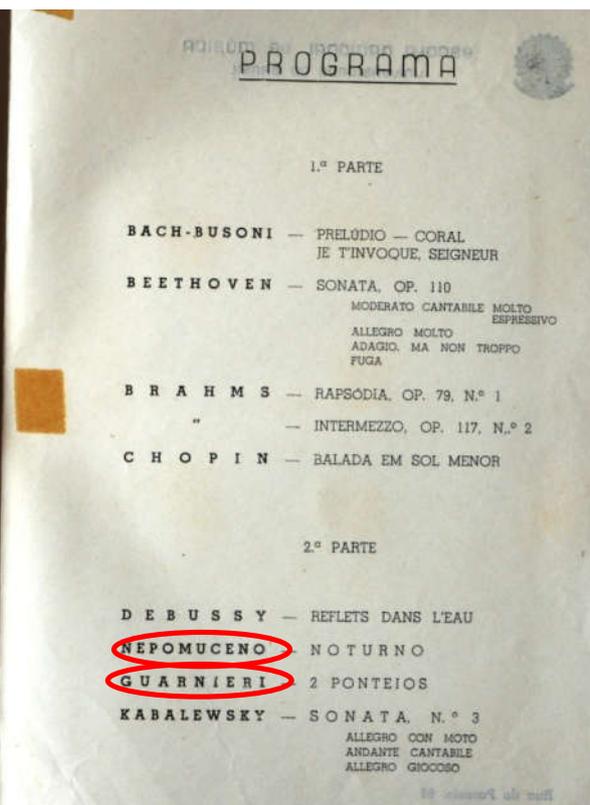
PIANO

Quarta-feira, 4 de novembro às 21 horas

CONVITE-FAMÍLIA
Traje- Passeio



A Diretoria da Escola Nacional de Música da
Universidade do Brasil tem a honra de convidar V. Ex. e
Exma. Família para assistirem ao "Concerto de Intercâmbio"
da Série Oficial de 1964.



ANEXO 37 – Convite-família do Concerto de Intercâmbio dado pela Belkiss, em 1965

ESCOLA NACIONAL
DE
MÚSICA
DA
UNIVERSIDADE DO BRASIL

—III—

Concerto de Intercâmbio
34.º da Série Oficial de 1965

COMEMORAÇÕES DO
IV CENTENÁRIO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

BELKISS CARNEIRO DE MENDONÇA

Goiás

PIANO

Terça-feira, 9 de novembro, às 21 horas

CONVITE-FAMÍLIA
Traje : Passeio



A Diretoria da Escola Nacional de Música da
Universidade do Brasil tem a honra de convidar V. Ex. e
Esm. Família para assistirem ao "Concerto de Intercâmbio"
da Série Oficial de 1965.

PROGRAMA

I

Cravistas portugueses e espanhóis

- SOUZA CARVALHO — TOCATA EM SOL MENOR
(1708)
CARLOS SEIXAS — TOCATA EM MI MENOR
(1704)
BLAS SERRANO — SONATA EM SI BEMOL
(1770)
PADRE ANTONIO SOLER — SONATA EM RE BEMOL
(1729)
BACH-LISZT — PRELÓDIO E FUGA
EM LA MENOR

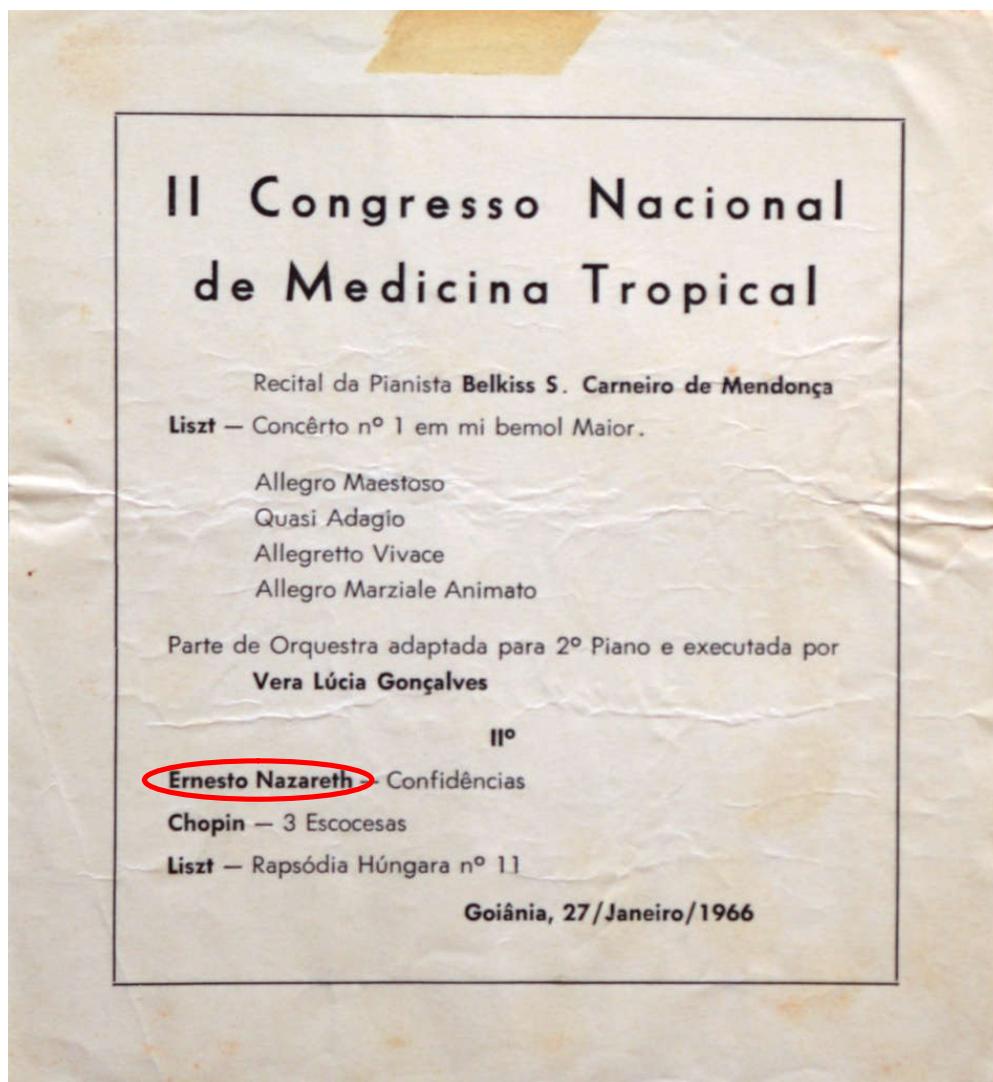
II

Dedicada aos autores cariocas

- CARLOS ANES — AQUÁRIO DOURADO
LORENZO FERNANDEZ — 2.ª SUITE BRASILEIRA
PONTEIO
MODA
CATEHETE
MARIA LUIZA PRIOLLI — SONATA OP. 21, N.º 1
ALLEGRETTO
ADAMO (andante)
ALLEGRO VIVACE
JOAQUINA DE ARAUJO
CAMPONESE — CAIXINHA DE MÚSICA
VILLA-LOBOS —
a) EANKES (balsa africana n.º 3)
b) UMA CAMPONEZA CANTADORA
c) ALLEGRIA NA HORTA

CHOPIN — 4.ª BALADA

ANEXO 38 – Programa do recital feito pela Belkiss durante o “II Congresso Nacional de Medicina Tropical”



ANEXO 39 – Material de divulgação do concerto sinfônico, dado pela Belkiss e regido por Guarnieri

TEMPORADA — 1966



PREFEITURA DE SÃO PAULO



Teatro Municipal

DISTRIBUIÇÃO GRATIS

Carrinhos berços e de lonas

Caracemcke

TEM TUDO PARA O BEBÊ

Exclusivos completos

S. PAULO: R. 24 de Maio, 228 - Fone: 35.773 - L. 94

SANTOS: Rua Riachuelo, 49 - Centro - Tel.: 2.214/7

(Continuação)

e Orquestras. Em 1959 foi eleito (1959-1960) presidente da Academia Brasileira de Música. Nesse mesmo ano obteve o título honorífico de cidadão em Roma e em Paris de suas cidades de origem e suas «Patrias», para piano. Em 1958 a Orquestra Sinfônica Nacional de Washington estreou a sua «Ópera para Clarineta e Orquestra», escrito por encomenda da Casa Internacional de Nova Orleans. A sua ópera cômica «Pedro Malancharde, único filho de Mito de Andrade, considerada marco inicial do governo no Brasil, foi dada em primeiro audição mundial em 1952, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Em dezembro de 1965, ao deixar a presidência da Academia Brasileira de Música é eleito seu presidente honorário em sua cidade de Vila-Lobos.

Foi fundador de Carol Poudiatou e é regente supervisor da Orquestra Sinfônica do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. É Oficial da Academia de Prêmios, professor honorário da Conservatório de Belas-Artes do Instituto de Belas-Artes do Rio Grande do Sul e do Conservatório Carlos Gomes de São Paulo. Foi secretário-geral de música do Ministério da Educação e Cultura no período de 1956-1960 tendo sido também fundador da cátedra da Academia Brasileira de Música, que tem por título Leopoldo Muzer.

Foi membro do júri do Concurso Internacional de Música da S.O.L.I.E. de 1953, em Montevideo; membro do júri do Concurso Internacional de Música de Câmara da Sociedade de Música Contemporânea de Buenos Aires; membro do júri do Concurso Internacional de Música de Câmara da Sociedade de Música Contemporânea de Belgrado; membro do júri do Concurso Internacional de Piano «Tchaltalowski», em Moscú; do Concurso Internacional «Dimitri Mitropoulos» para regentes de Orquestra de New York e do recente 2.º Concurso Internacional «Ysaie de Motta», promovido por Siqueira Costa, Dirigente, e regente do Conservatório Cubano, a Orquestra Sinfônica Nacional de Havana, obtendo distinções de ouro.

Foi emdecorado pelo Governo do Estado com a medalha «Vitor Chaves» e Funcionário Emérito da Prefeitura Municipal de São Paulo tendo ganhado este ano o grande prêmio «Mônica Santista».

Obras principais de Camargo Guarnieri as quais se aproximam de 450 números: Para Orquestra: «Encantamentos»; «Abertura Concertante»; Sinfonias nos 1, 2, 3 e 4; «Brahmsiana»; Sinfonia «IV Centenário»; Sinfonia «Vila Rica»; Para Orquestra de Câmara: «Fonda à moda paulista»; «Jô de Tremembé»; Para Solista e Orquestra: Concertos para Piano e Orquestra nos 1 e 2; Concertos para Violino e Orquestra nos 1 e 2; «Chôro para Violino e Orquestra»; «Chôro para Clarinete e Orquestra»; as incluídas «Variações sobre um tema nordestino», para Piano e Orquestra; Para Canto e Orquestra: «Pedro Malancharde, ópera cômica»; «Idas», cantata para solista, coro misto e orquestra e a tragédia lírica «Os homens são»; Para canto e conjunto lírico: «Foncia de chuva», texto de Mário de Andrade; lírica para flauta, oboé, clarinete, fagote, duas trompas, berra e percussão; Para Canto e Piano: mais de cinquenta canções, um conjunto de canções românticas da música contemporânea. Para Órgão Misto: mais de vinte obras. Para Instrumentos Sólitos: obras para flauta, viola, trompete e trompa. Para Violino e Piano: Sinfonias nos 1, 2, 3, 4, 5 e 6; Para Viola e Piano e Violoncelo; Quartetos de Cordas nos 1, 2 e 3; Quinteto para instrumentos de sopro. Para Piano: Início de «Três» (Primeira, Segunda, Terceira, Quarta, Quinta e Sexta posições); «Chôro Torturador»; «Órgão Sem-teto»; «Londre Truista»; «Fonda Triste»; «Janga Negra»; 19 Valsas; 10 Etapas e sobretudo, culminando toda a produção do compositor brasileiro no Brasil, os 5 Concertos de Poésias 1927-1958 abrangendo 50 Poemas de extraordinária e variada interpretação.



Belkiss Spenzleri Carneiro de Mendonça

Nascida na cidade de Goiás, iniciou seus estudos de piano com sua avó, Sra. Maria Angélica da Costa Erasmão, grande incentivadora da música infantil no Estado de Goiás.

Concluiu com brilhantismo o curso de professora de piano na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, na classe do Prof. Paulino Chaves, fazendo, posteriormente, os cursos de Didática de Piano com o Prof. Arnaldo Estrela e de Virtuozidade e Interpretação com o Prof. José Klajn.

Apresentou-se em recitais por inúmeras cidades do interior do Estado de Goiás e várias vezes em Goiânia, inclusive durante a realização do Congresso Médico, I Congresso Brasileiro de Intelectuais e ainda por ocasião da visita do Embaixador da Polónia Aguiar capital.

Atuou como solista em concerto para piano e orquestra sob a regência do Maestro Sérgio Magagnoli, em Belo Horizonte.

Convidada pelo Governo do Espírito Santo, apresentou-se em recitais em Vitória.

Com o Quarteto do Rio de Janeiro, órgão oficial do Ministério da Educação e Cultura, participou da execução do «Quinteto de Schumann», em Goiânia.

No Rio de Janeiro apresentou-se em programas de televisão e em diversos recitais na Escola Nacional de Música, tendo o último integrado a série oficial de 1965, dentro do programa de comemorações do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro.

Exerce, desde a criação da Universidade Federal de Goiás, o cargo de Diretora e de Professora da Cátedra de Piano do Conservatório de Música, do qual é uma das fundadoras, sendo ainda membro do Conselho Universitário da referida Universidade.

Acaba de integrar a Comissão Julgadora do Concurso para Livre Docência de Piano na Escola Nacional de Música, devendo ainda participar do Júri do I Concurso Nacional de Piano em Belo Horizonte, a ser realizado em abril próximo.

No setor musical, seu nome integra a relação «Os 12 mais de Goiás», tendo ainda recebido o «Troféu Piauíense», sendo ambas as distinções conferidas aos elementos que mais têm concorrido para o progresso cultural de Goiás.

SANDÁLIAS

Grande variedade em couros e modais, nas cores da moda.

Calas BRISTOL

Rua Barão de Itapetinga, 50
Avenida Fagel Federal, 158

Beizelas Talheres

fracaZanza

Um presente... sempre presente!



UMA PEÇA EM 4 CORTES

O homem de negócios precisa estar sempre bem vestido. A qualidade faz toda a diferença. E ele nunca pode estar desconfortável. Precisa saber bem, se um terno "corta". E sempre com a qualidade que é melhor do mundo.

O jovem vai sair com sua mulher. Quer impressioná-la. Quer deixar dela sua impressão. O seu terno precisa estar impecável. Como a você, para ser bem sucedido, agradável.

E uma mulher de alta sociedade brasileira, elegante, agradável, sempre impecável. E sabe que só produzimos terno de categoria internacional, preferindo pelas melhores distâncias. Aquela mulher que nunca sua presença em todas as reuniões.

É isto a fim de peça Sawaya-Pexton e a moda. Com fio de marta, agulha, polímero, ou seda natural, nos tecidos britânicos, alemães, portugueses, espanhóis, cambrés de França, no momento de sair para fazer um jantar, em cores harmoniosas, sempre com o melhor do mundo.

SAWAYA, PEXTON S.A.

1 300

São Paulo, 16 de Fevereiro de 1965 — às 21 horas

Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria de Educação e Cultura
Departamento de Cultura

CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

Solista:

Belkiss Spenzi Carneiro de Mendonça

Regente:

CAMARGO GUARNIERI

PROGRAMA

1ª Parte

- BEETHOVEN «EGMONT» — ABERTURA.
- LISZT CONCERTO N.º 1 — em Mi Bemol Maior — para Piano e Orquestra — Allegro maestoso — Quase adagio — Allegretto vivace — Allegro marziale — Animato

Solista: **Belkiss Spenzi Carneiro de Mendonça**

2ª Parte

- CESAR FRANCK SINFONIA EM RE MENOR — Lento — Allegro non troppo — Allegretto — Allegro non troppo

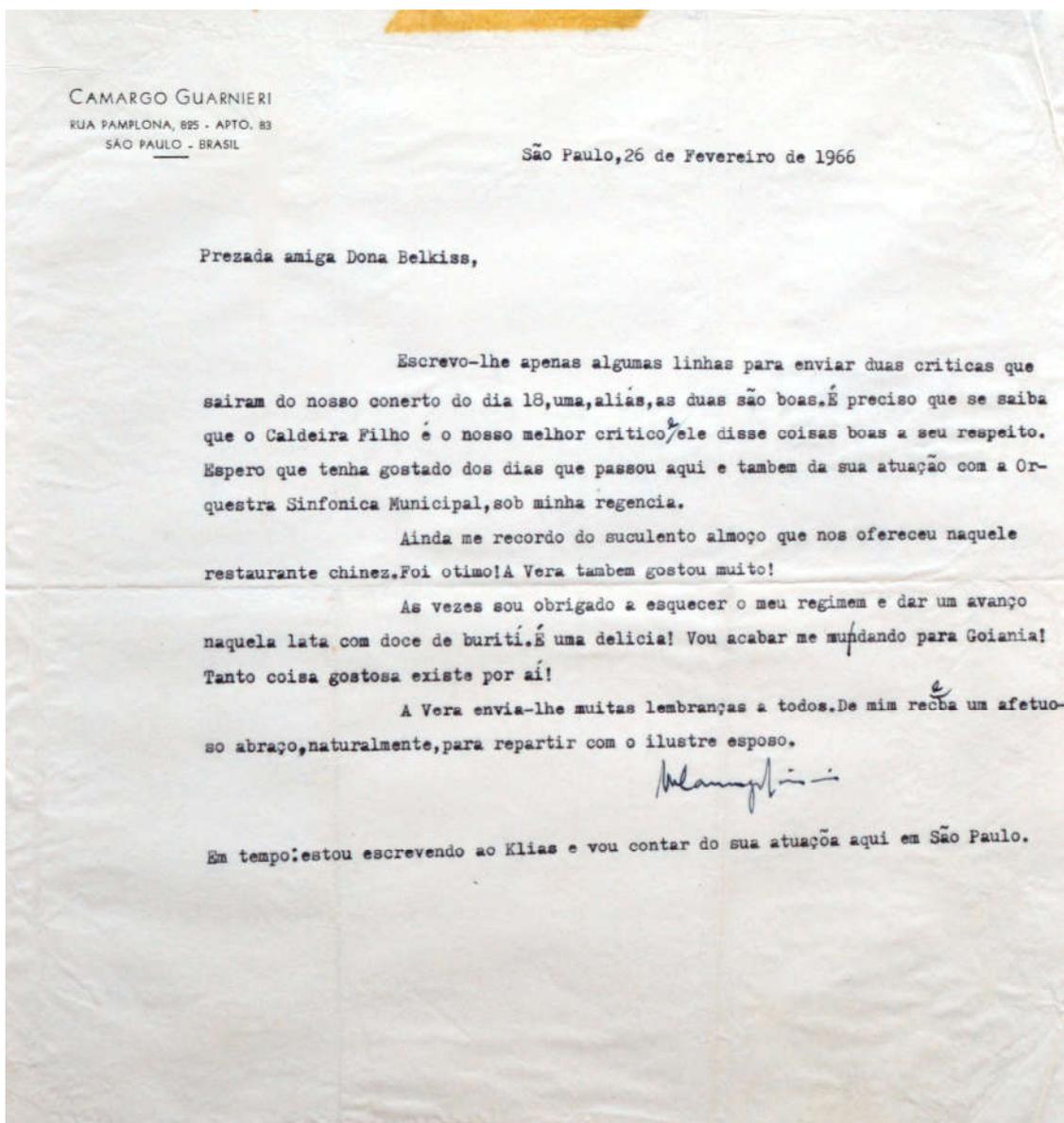
ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

Regente:

CAMARGO GUARNIERI



ANEXO 40 – Carta de Camargo Guarnieri à Belkiss, de 26 de fevereiro de 1966



ANEXO 41 – Programação oficial da “Noite de Goiás”

Teatro Municipal do Rio de Janeiro

PROGRAMAÇÃO OFICIAL
(Temporada de 1967)

Noite de Goiás



Segunda-feira, dia 17 de Abril de 1967, às 20,45 horas.

Programa

I - Schumann Sonata op. 22 - *Sol menor*
Presto
Andantino
Scherzo
Rondo - Presto
Glacy Antunes de Oliveira

II - Donizelli - *O Mio Fernando* - ópera "La Fanciulla"
Waldemar Henrique - Senhora Dona Saucha
Mezzo Soprano - Norina Barra
Acompanhamento ao Piano - Heloisa Barra Jardim

III - Chopin - *Scherzo op 31*
Wanda Fleury Amorim

INTERVALO

IV - Camargo Guarnieri - Dança Brasileira
Dança Negra
Dança Selvagem
Vânia Marise Pereira de Campos

V - Verdi - *Ernani* (Ana de Leiva - Ernani, Ernani Involami)
Geraldo Vale e J. Vinicius Salles - Araguaia
Joaquim Edson Camargo - Lembrança de Goiás
Soprano - Graciema Felix de Souza
Acompanhamento ao Piano - Roberto Schläepfer

VI - Kabalevsky - *Sonata n.º 3*
Allegro con moto
Andante contabile
Allegro giocoso
Belkiss Carneiro de Mendonça

Patronesses:

Sma Negrião de Lima
Primeira Dama do Estado de Pernambuco

Marcilda Bonfante Siqueira
Primeira Dama do Estado de Goiás

cia para Prof. de História Geral, realizado na Faculdade de Direito de Goiânia—Goiás (1948).

Fêz parte da delegação do Brasil em dois Congressos da "Juventude Musical", em 1958 e 1959, respectivamente realizados em Bruxelas e Paris.

Cantou na Exposição Internacional de Bruxelas, em 1958.

Nos diversos recitais que apresentou na Europa dedicou sempre a última parte à divulgação da música brasileira.

Pronunciamentos da crítica especializada sobre Graciema Felix de Souza: admiramos sinceramente o esplendor de sua voz e a nobreza com a qual Graciema canta Verdi, Debussy ou Wagner... Le Monde — Paris.

Graciema Felix de Souza é uma cantora inteligente e sensível que sabe variar as suas expressões de finesse, de nuances distintas. Ela é terna, sedutora, envolvente, espiritual... Le Bel — Bruxelas.

Sua voz límpida, extensa, vigorosa, tem incomum plasticidade e densidade de matéria; demonstra, quer em Wagner, quer em Verdi, ser uma voz conduzida sob superiores critérios musicais estilísticos... Eurico Nogueira França — Correio da Manhã — Rio de Janeiro.

A 19 de novembro de 1958, estreou no papel título da ópera "Aida" de Verdi. Devido ao sucesso apresentaram outro espetáculo a 27 de novembro de 1958.

**BELKISS CARNEIRO DE MENDONÇA**

Iniciou seus estudos com sua avó, Maria Angélica da Costa Brandão, grande batalhadora pela música erudita no Estado de Goiás.

Concluiu o curso de Professor de Piano na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil na classe do Prof. Paulino Chaves, fazendo posteriormente o curso de Didática do Piano com o Prof. Arnaldo Estrela e Virgínia e interpretação com o Prof. José Klüss.

Apresentou-se inúmeras vezes em



Goiânia e em várias cidades do Estado de Goiás.

Convidada pelo Governo do Espírito Santo, apresentou-se em recitais em Vitória.

Com o Quarteto do Rio de Janeiro, participou da execução do "Quinteto de Schumann".

Tocou com o Maestro Sérgio Magnani e participou do concerto de abertura da Temporada Oficial do Teatro Municipal de São Paulo, sob a regência do Maestro Camargo Guarnieri.

No Rio de Janeiro já se apresentou em programas de Televisão e em diversos recitais fazendo parte, o último, das festividades comemorativas do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro com peças de autores cariocas.

Exerce, desde a criação da Universidade Federal de Goiás, o cargo de Diretora e de Professor da Cadeira de Piano do Conservatório de Música, do qual é um dos fundadores.

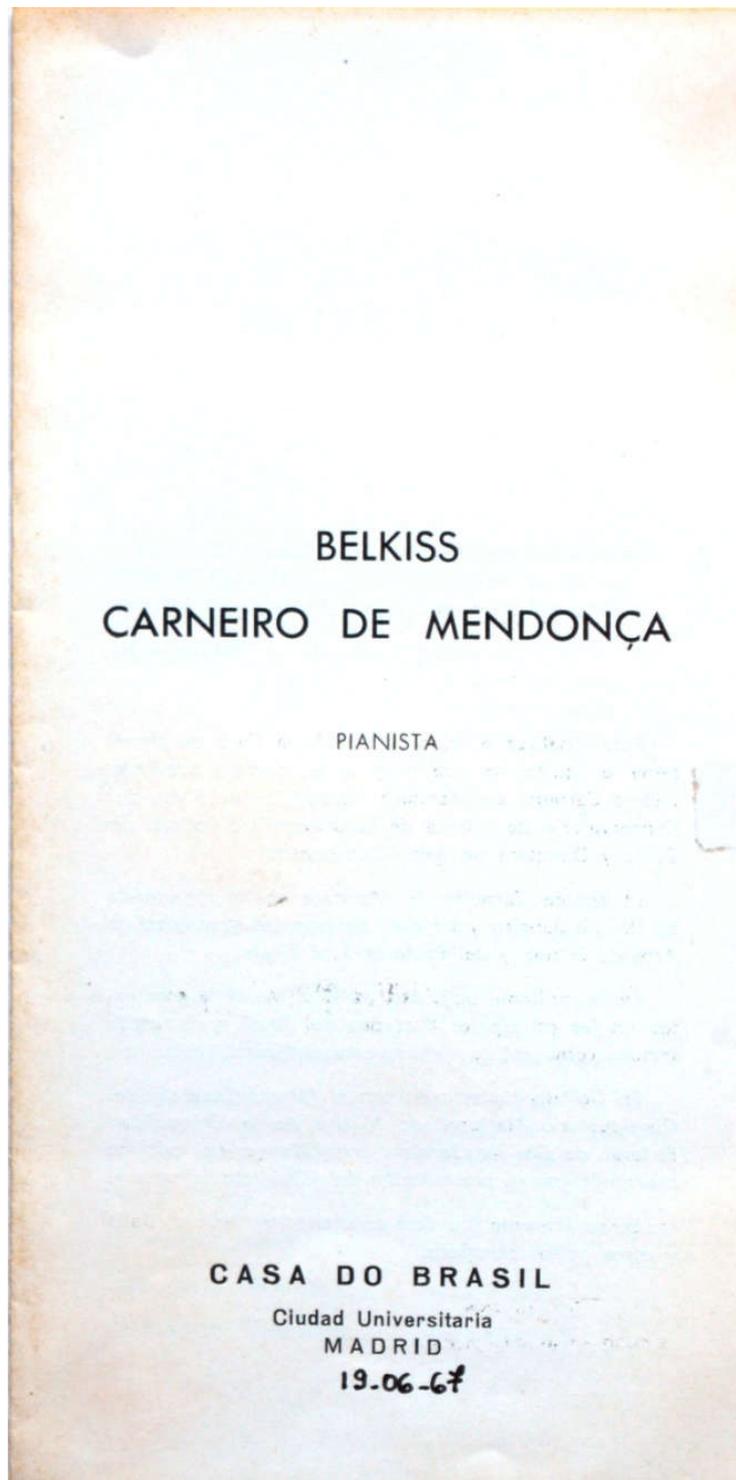
Tem integrado por várias vezes bancas de Concursos Nacionais de Piano e de Concurso à Docência e à Cátedra da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ANEXO 42 – Programa do concerto em Lisboa



| SALA DE CONCERTOS DO CONSERVATÓRIO NACIONAL | | BELKISS CARNEIRO DE MENDONÇA | |
|---|---------------------|--|--|
| Sexta-feira, 2 de Junho de 1967 às 21.45 horas | | | |
| Tocata em Sol menor | SOUZA CARVALHO | <p>Nascida na cidade de Goiás (Brasil), concluiu com brilhantismo o curso de Professora de Piano na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, na classe do Professor Paulino Chaves, fazendo, posteriormente, os cursos de Didática do Piano com o Prof. Arnaldo Estrela e de Virtuosidade e Interpretação com a Professor José Klüss.</p> <p>Exerce, desde a criação da Universidade Federal de Goiás, o cargo de Directora e de Professora da Cadeira de Piano do Conservatório de Música, do qual é uma das fundadoras, sendo ainda membro do Conselho Universitário da referida Universidade.</p> <p>Apresentou-se em recitais por inúmeras cidades do interior do Estado de Goiás e várias vezes em Goiânia, inclusive durante a realização de Congressos Médicos, I Congresso Brasileiro de Intelectuais e Convenção do Rotary Club Internacional.</p> <p>Apresentou-se como solista em concerto para piano e orquestra sob a regência do Maestro Sérgio Magnani, em Belo Horizonte.</p> <p>Convidada pelo Governo do Espírito Santo, apresentou-se em recitais em Vitória.</p> <p>Com o Quarteto do Rio de Janeiro, órgão oficial do Ministério da Educação e Cultura, participou na execução do "Quinteto de Schumann", em Goiânia.</p> <p>No Rio de Janeiro apresentou-se em programas de televisão, em diversos recitais no Teatro Municipal e na Escola Municipal de Música da Universidade do Brasil, tendo também colaborado na série oficial de 1965, dentro do programa de comemorações do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro.</p> <p>Sob a regência do Maestro Camargo Guarnieri, apresentou-se como solista da Orquestra Sinfónica no concerto de abertura da Temporada Oficial do Teatro Municipal de S. Paulo, em 1966.</p> <p>Foi membro do júri do VII Concurso Nacional de Piano, realizado no Rio de Janeiro, em 1965, e de outros concursos em várias cidades.</p> | |
| Tocata em Mi menor | CARLOS SEIXAS | | |
| Sonata em Ré bemol | PADRE ANTÔNIO SOLER | | |
| Prelúdio e fuga em Fá Maior | J. S. BACH | | |
| Prelúdio e fuga em Si b Maior | | | |
| 2.ª Suite Brasileira | LORENZO FERNANDEZ | | |
| a) Pontelo | | | |
| b) Moda | | | |
| c) Catereté | | | |
| 2.ª Valsa de esquina | FRANCISCO MIGNONE | | |
| 2 Cirandas | | | |
| a) Nesta rua... nesta rua | VILLA-LOBOS | | |
| b) Pobre cega | | | |
| Alegria na horta | | | |
| Dança selvagem | | | |
| Dança negra | CAMARGO GUARNIERI | | |
| Dança brasileira | | | |
| Caem miosótiis | IVO CRUZ | | |
| Sonata n.º 3 | KABALEVSKI | | |
| Allegro con moto | | | |
| Andante cantabile | | | |
| Allegro giocoso | | | |
| Prof.ª BELKISS CARNEIRO DE MENDONÇA (Piano) | | | |

ANEXO 43 – Programa do concerto em Madrid



PROGRAMA

I

| | |
|--------------------------------|---------------------|
| SOUSA CARVALHO | Tocata en Sol menor |
| CARLOS SEIXAS | Tocata en Mi menor |
| PE. ANTONIO SOLER | Sonata en Re bemo! |
| KABALEVSKY | Sonata n.º 3 |
| | Allegro con moto |
| | Andante catabile |
| | Allegro giocoso |

II

| | |
|--------------------------------|-------------------------|
| LORENZO FERNANDEZ | 2.ª Suite Brasileña |
| | Ponteio |
| | Moda |
| | Catêretê |
| FRANCISCO MIGNONE | 2.ª Valsa de esquina |
| VILLA LOBOS | Dos Cirandas: |
| | Nesta rua..., nesta rua |
| | Pobre cêga |
| VILLA LOBOS | Alegria na horta |
| CAMARGO GUARNIERI | Danza Selvage |
| CAMARGO GUARNIERI | Danza Negra |
| CAMARGO GUARNIERI | Danza Brasileña |

Para finalizar el curso 1966-67, la Casa do Brasil tiene el gusto de presentar a la pianista brasileña Belkiss Carneiro de Mendonça, Catedrático de Piano del Conservatorio de Música de la Universidad Federal de Goiás y Directora de dicho Conservatorio.

La señora Carneiro de Mendonça se ha diplomado en Río de Janeiro y ha sido alumna del gran pianista Arnaldo Estrela y del Profesor José Klüss.

En su brillante actividad artística ha dado conciertos en las principales ciudades del Brasil y Portugal, incluso como solista de orquesta sinfónica.

En Goiânia ha actuado con el famoso Cuarteto del Conservatorio Nacional de Música de la Universidad Federal de Río de Janeiro, conocido ya del público madrileño por su presentación del «Quinteto Schuman».

En su presente gira dará conciertos en Francia, Italia y otros países europeos.

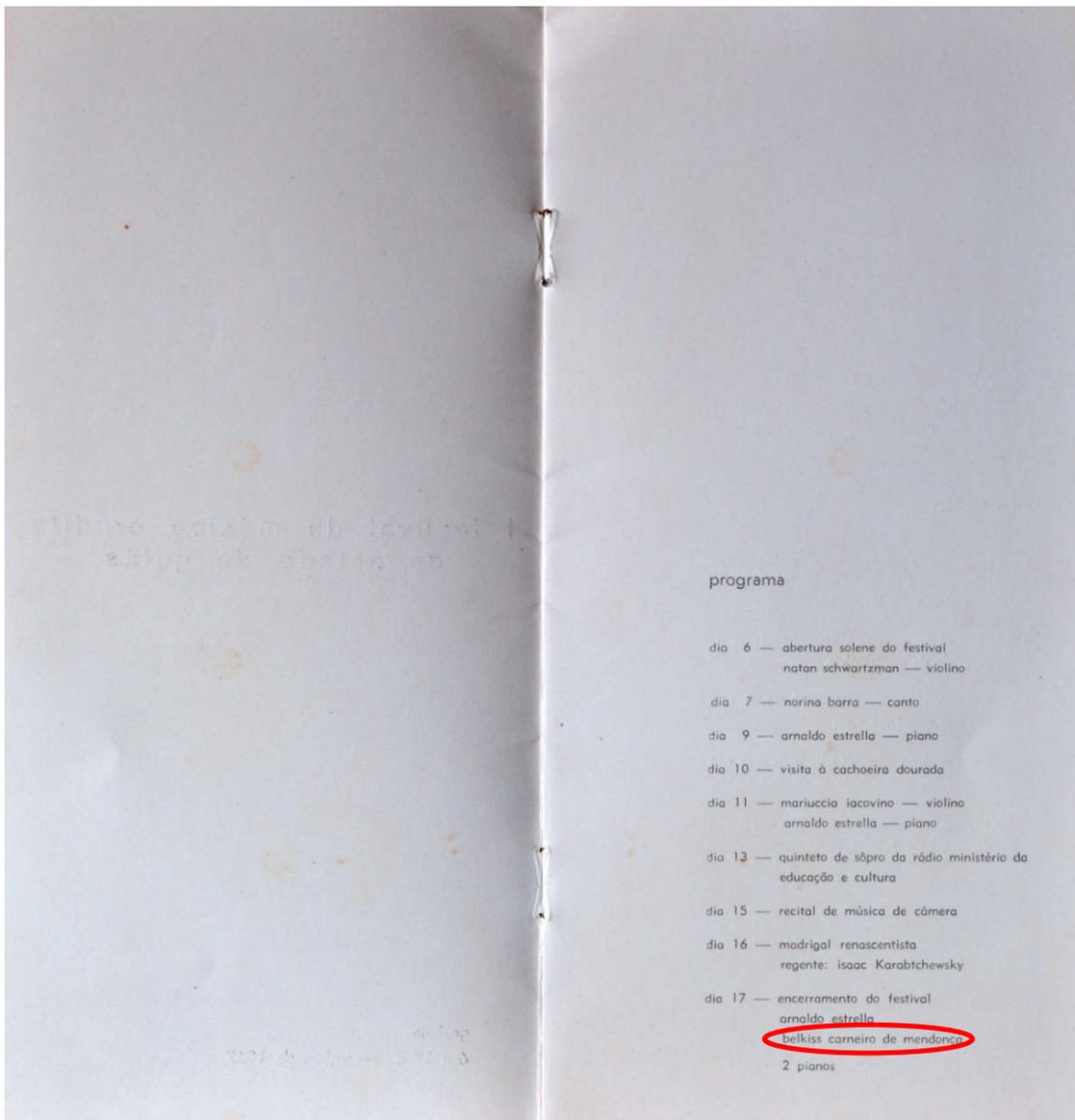
ANEXO 44 – Programa do “I Festival de Música Erudita”



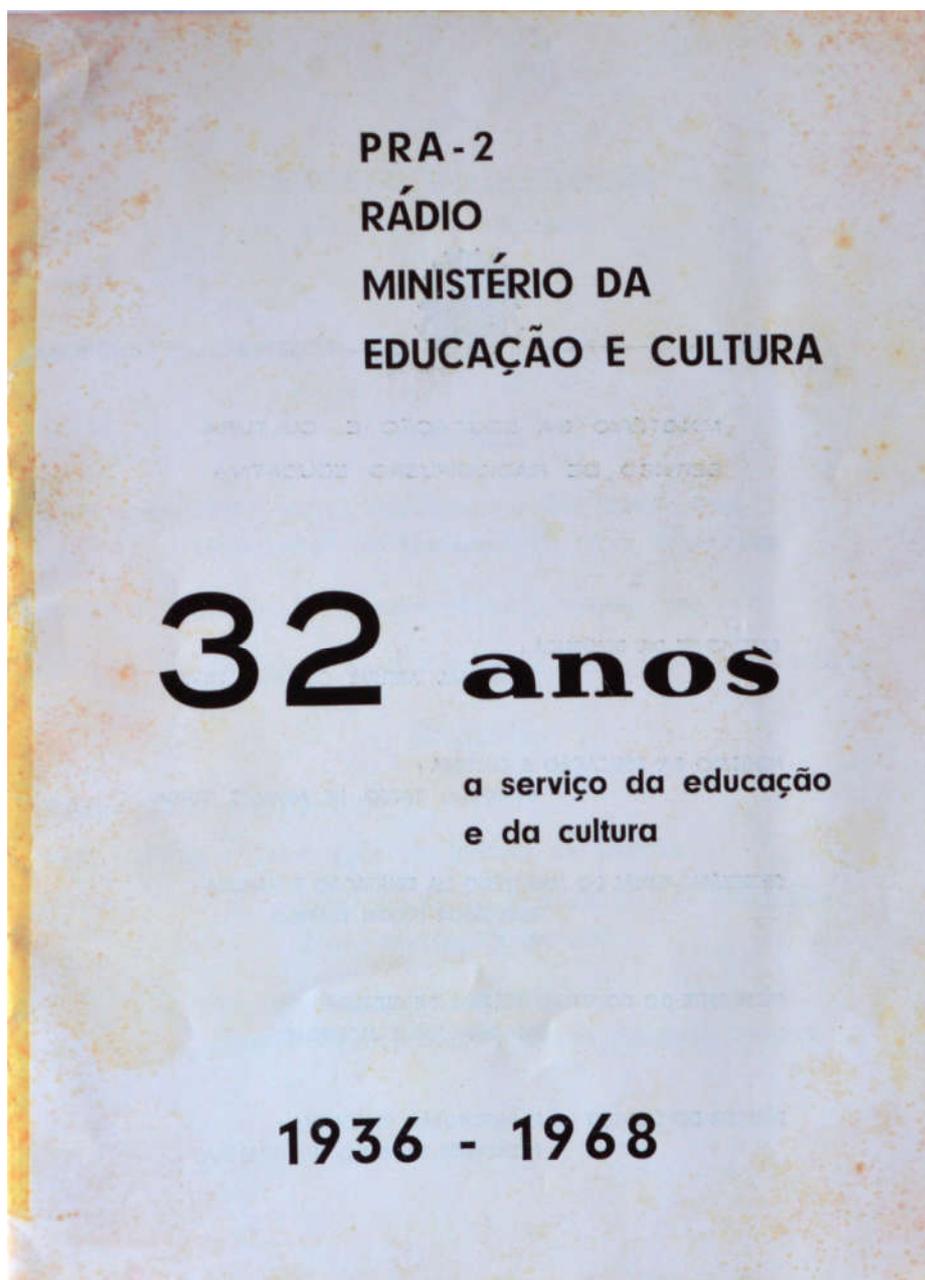
I festival
de música
erudita

I festival de música erudita
do estado de goiás

goiânia
6 a 17 de setembro de 1967



ANEXO 45 – Programação do concerto na Rádio MEC





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SERVIÇO DE RÁDIODIFUSÃO EDUCATIVA

PRESIDENTE DA REPÚBLICA :
MARECHAL ARTHUR COSTA E SILVA

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA :
DEPUTADO TARSO DE MORAES DUTRA

SECRETÁRIO-GERAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA :
PROFESSOR EDSON FRANCO

PRESIDENTE DO CONSELHO FEDERAL DE CULTURA :
DOUTOR JOSUÉ MONTELO

DIRETOR DO SERVIÇO DE RÁDIODIFUSÃO EDUCATIVA :
PROFESSOR EREMILDO LUIZ VIANNA

CONCERTOS PARA A JUVENTUDE
RÁDIO MEC - TV GLOBO
8/9/68

CONCERTO DA ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL DA RÁDIO MEC

1ª parte

BACH - Prelúdio em mi bemol menor do "Cravo tem-
perado" em transcrição para orquestra

LISZT - Concerto nº 1 para piano e orquestra

Solista: Prof. Oséias Carneiro de Mendonça

2ª parte

VILLA LOSOS - Hinos nº 6

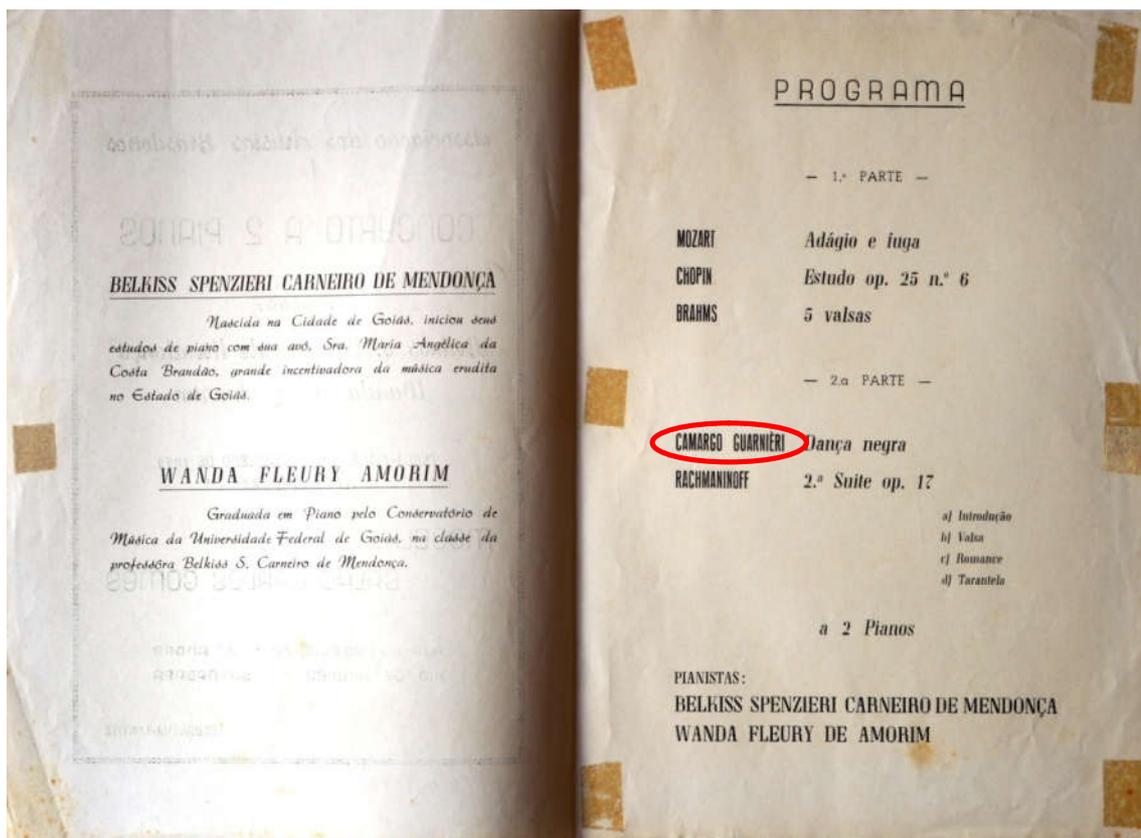
VILLA LOSOS - Invocação em defesa da Pátria

Côro da Rádio Ministério da Educação
Solista: Lúcia Rachid

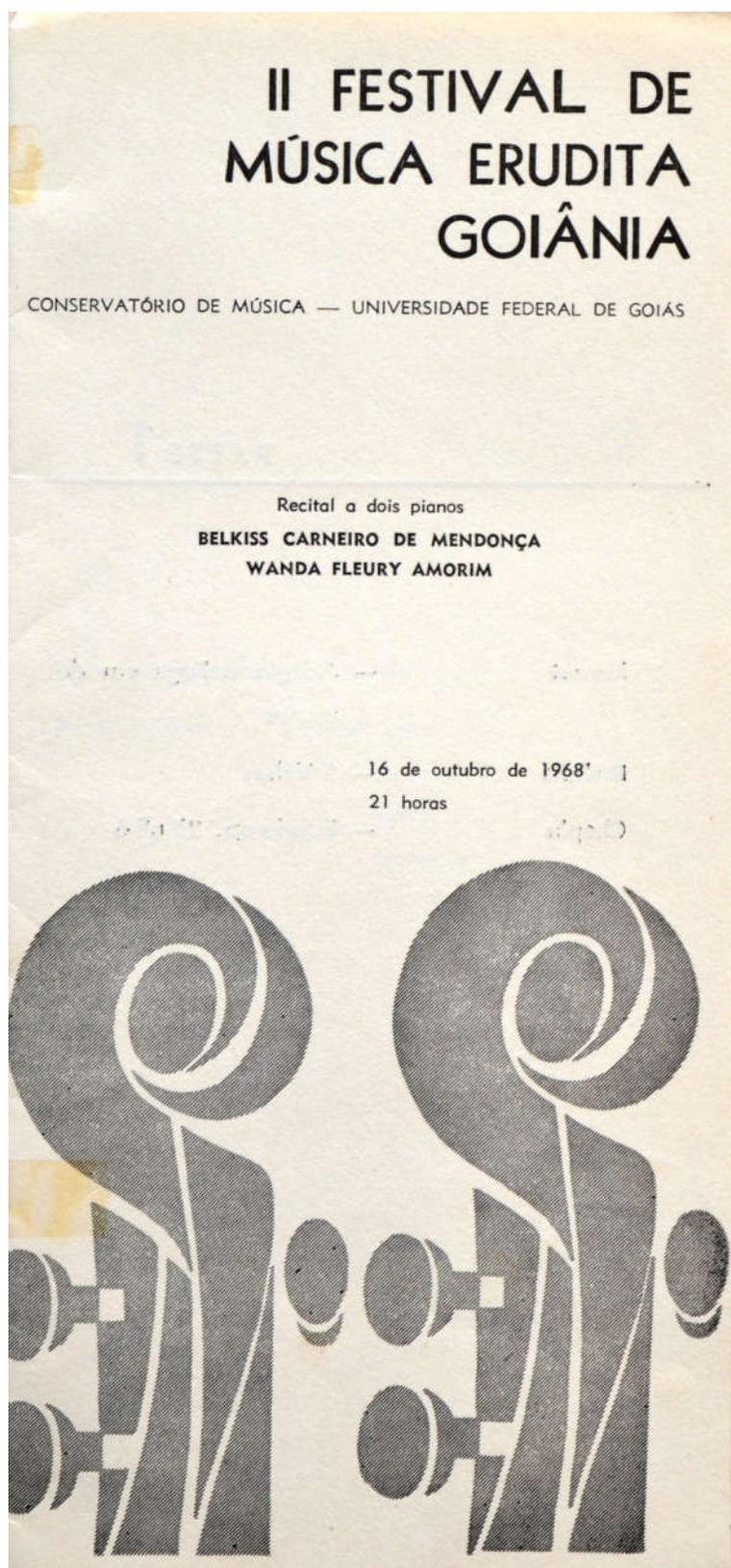
Regente: ALCEO BOCCHIHO
Prof.ª Assistente do Côro: Julieta Strutt

ANEXO 46 – Programa-convite do recital a dois pianos no Rio de Janeiro





ANEXO 47 – Programa-convite do recital a dois pianos em Goiânia



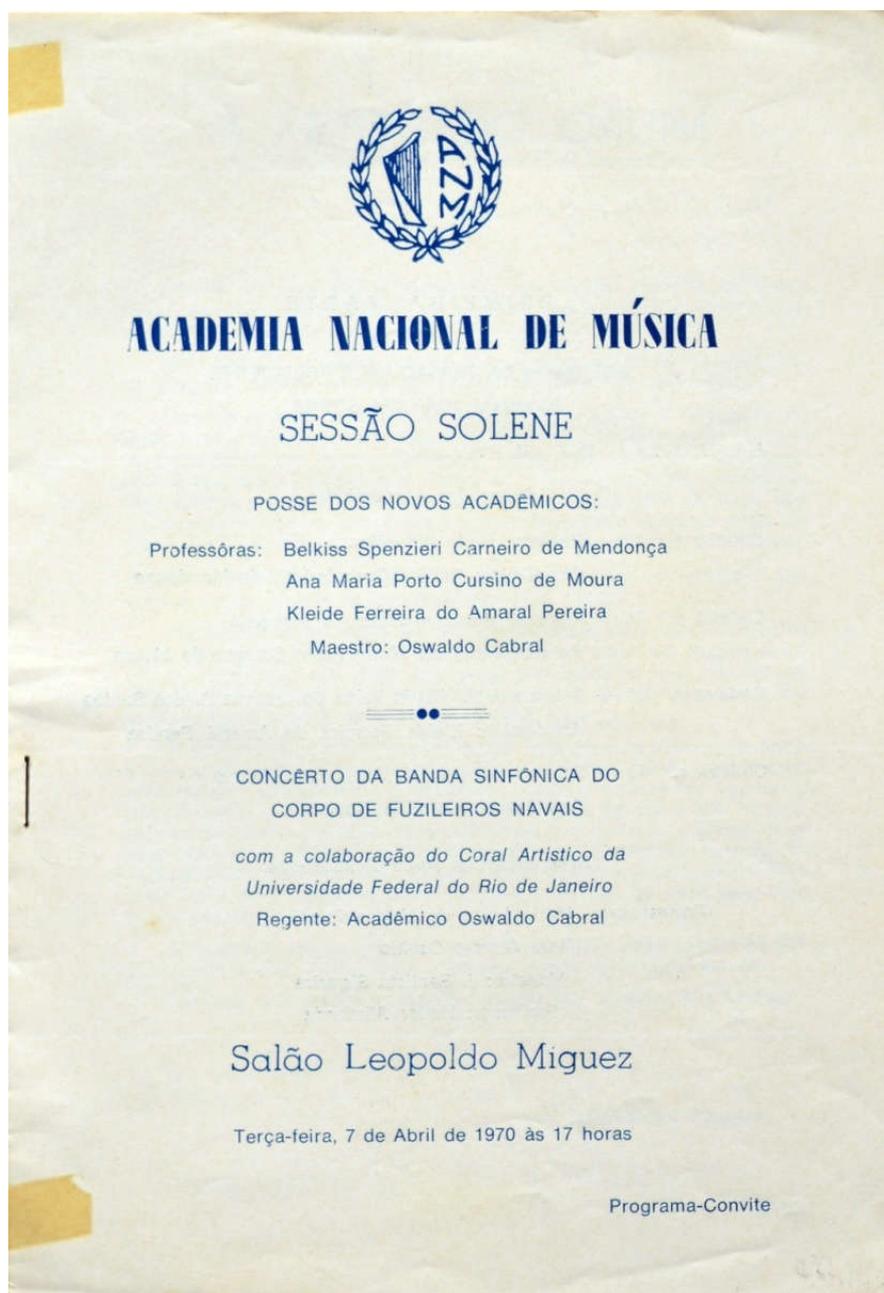
PARTE 1

- Mozart** — Adágio e Fuga em dó menor
- Brahms** — 5 Valsas
- Chopin** — Estudo op. 25 nº 6

PARTE 2

- Camargo Guarnieri** — Dança Negra
- Rachmaninoff** — 2ª Suite:
Introdução
Valsa
Romance
Tarantela

ANEXO 48 – Programa-convite da posse na Academia Nacional de Música



PRIMEIRA PARTE

ABERTURA DA SESSÃO PELA PRESIDENTE
Maestrina JOANIDIA SODRÉ

LEITURA DA ATA.

Posse dos Acadêmicos:

- Cadeira n.º 40 — Patrono: Prof. João Nunes
Acadêmica: Belkiss Spenziari C. de Mendonça
- Cadeira n.º 41 — Patrono: Henrique Alves de Mesquita
Acadêmica: Anna Maria Porto Cursino de Moura
- Cadeira n.º 42 — Patrono Prof.ª Maria Luiza de Queiroz A. dos Santos
Acadêmica: Kleide Ferreira do Amaral Pereira
- Cadeira n.º 43 — Patrono: Maestro A. Assis Republicano
Acadêmico: Oswaldo Cabral

Recepcionados pelos Acadêmicos:

Professôras: Maria Luiza de Mattos Priolli
Yara Alvares Coelho
Maestro: J. Baptista Siqueira
Professor: Heitor Alimonda

A FESTA DO CAUIM

CAUIM era uma bebida preparada, com líquido extraído de certas raízes de frutas, especialmente do caju, da mandioca, ou mesmo com a mistura de raízes de ervas.

Este líquido era pôsto em um grande vaso chamado CAUABA. Ficava alguns dias de infusão até chegar ao estado de fermentação.

Quando o Pagé achava-a em condições, ordenava a realização da festa. Esta era iniciada com música instrumental, predominando, ora com os zumbidores, ora com os tambores, sendo que os tocadores revestidos de aparatosa indumentária. Todos os presentes obrigatoriamente bebiam CAUIM e, a cerimônia prolongava-se por toda a noite. Os tupias, não diferem de mudanças das demais tribos, mas, é um continuo bater de pés estando quédos, ou fazendo roda e movendo o corpo e a cabeça.

Sômente na festa do CAUIM ou quando imitavam os Tapuios é que a coreografia variava, movimentando-se com rapidez.

Sendo uma dança mista, os dançarinos podem estar separados pelos sexos (em modo concêntricos independentes ou ainda em grupos opostos) ou misturados uns atrás dos outros segurando-se pela cintura; uns ao lado dos outros com os braços entrelaçados. Sendo uma dança báquica termina sempre tomando um caráter orgiaco.

A composição começa com o tambor que anuncia o início da festa. É uma invocação a Tupã, Deus dos Céus e da Terra — é o tema entoado pelo cacique. Em uníssono e fortíssimo o côro e a orquestra repetem o mesmo tema, porém, em outra tonalidade. Iracé faz ouvir sua canção, palpitando cêlere por uma paixão amorosa. É a filha do Cacique, princesa da tribo, — figura de mulher encantadora; fisionomia atraente, irradiando simpatia e exibindo afeição no seu semblante melancólico. Num corál, com nova harmonização é repetida a Canção de Iracé pelo côro e por um *tuti* orquestral.

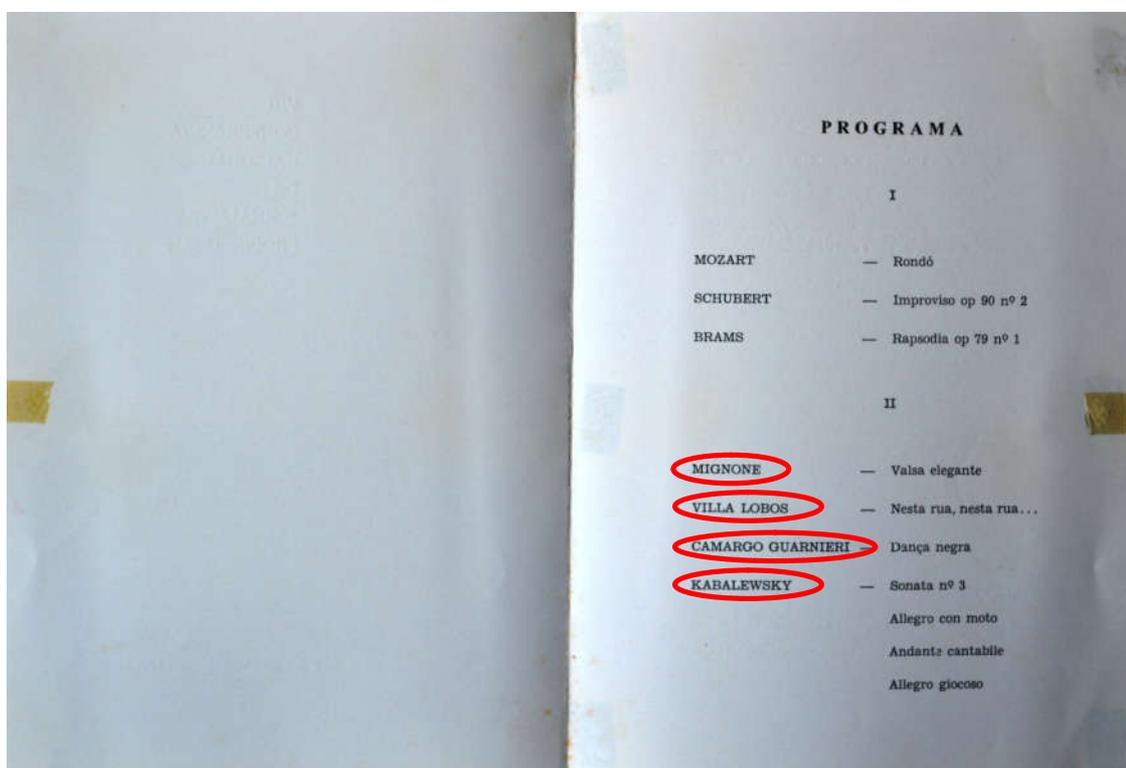
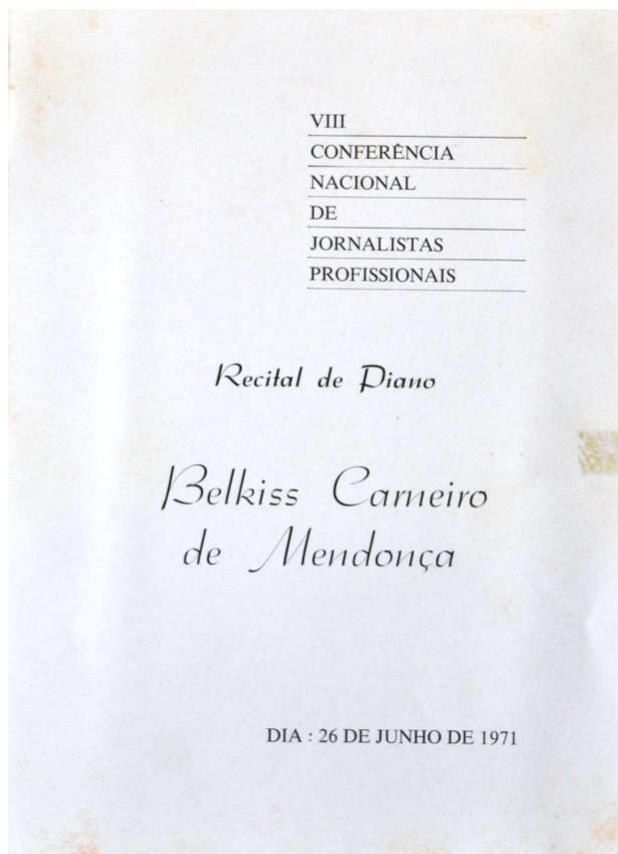
A Dança é escrita em estilo e ritmo indígena, empregando-se instrumentos típicos — tambores, maracás, guisos e zumbidores, etc.

Termina num frenesi crescente, exuberante, alucinante e sexual.

OSWALDO CABRAL

7-4-1970

ANEXO 49 – Programa do recital durante “VIII Conferência Nacional de Jornalistas Profissionais”



Nascida na cidade de Goiás, BELKISS CARNEIRO DE MENDONÇA iniciou seus estudos de piano com sua avó, Sra. Maria Angélica da Costa Brandão, grande incentivadora da música erudita no Estado de Goiás.

Concluiu com brilhantismo o curso de professora de piano na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, na classe do Prof. Paulino Chaves, fazendo, posteriormente, os cursos de Didática do Piano com o Prof. Arnaldo Estrella e de Virtuosidade e Interpretação com o Prof. Joseph Kliass.

Exerce, desde a criação da Universidade Federal de Goiás, o cargo de Diretora e de Professora Titular de Piano no Conservatório de Música, do qual é uma das fundadoras.

Realizou recitais em várias cidades de Goiás; em Goiânia, por ocasião de Congressos Médicos, do I Congresso Brasileiro de Intelectuais, da Conferência Distrital do Rotary Internacional; a convite do Magnífico Reitor da Universidade Federal de Goiás inaugurando o Piano "Steinway & Sons" do Conservatório de Música; com o professor Arnaldo Estrella, a 2 piano, no encerramento do I Festival de Música Erudita do Estado de Goiás; com o quarteto do Rio de Janeiro, órgão oficial do Ministério da Educação e Cultura, na execução do "Quinteto de Schumann".

Apresentou-se como solista em concertos para piano e orquestra, sob a regência dos Maestros Sérgio Magnani, Alceo Bocchino e Camargo Guarnieri. Fez-se ouvir como recitalista em vários Estados brasileiros; no Rio de Janeiro em programas de televisão e na Escola Nacional de Música, tendo um de seus recitais integrado a série oficial de 1965, em comemoração ao IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro; no encerramento d' "A Noite de Goiás", no Teatro Municipal do Rio de Janeiro; em Paris, Madrid e Lisboa, em missão cultural do Itamarati.

Integrou, na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, Comissões Julgadoras de vários Concursos para Livre-Docência e Cátedra.

Participou, como membro do Júri, do I Concurso Nacional de Piano de Belo Horizonte e do Concurso Nacional de Piano realizado no Rio de Janeiro.

É membro titular efetivo da Academia Nacional de Música e da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.

Fez minucioso trabalho de pesquisa intitulado "A Música em Goiás".

Em LP gravou "Panorama da Música Brasileira para Piano", seleção de obras de renomados compositores, merecendo da crítica especializada as mais elogiosas referências.

No setor musical seu nome integra a relação d' "Os 13 mais de Goiás", tendo ainda recebido o "Troféu Planalto", distinções conferidas aos elementos que mais têm concorrido para o progresso cultural de Goiás.

ANEXO 50 – Carta de Marlos Nobre à Belkiss, de 7 de junho de 1971

Rio, 7 de julho, 1971

Prezada Sra. Belkiss Carneiro de Mendonça:

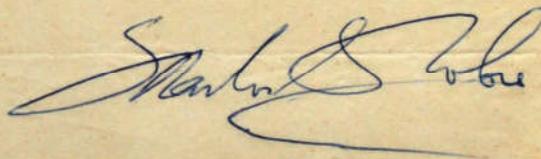
Acabo de ouvir sua excelente gravação da minha "Tocatina, Ponteio e Final" que a Sra, teve a gentileza de me enviar. Eu acabo de chegar de uma viagem de 1 mês aos Estados Unidos e Europa e por êsse motivo só agora encontro tempo de ~~x~~ escutar seu disco e escrever-lhe.

Em Washington tive executado o meu "Concôrto Breve" pela National Symphony Orchestra dirigida por Izler Solomon, e tendo como solista o João Carlos Martins. Foi uma apresentação excelente que alcançou grande êxito felizmente.

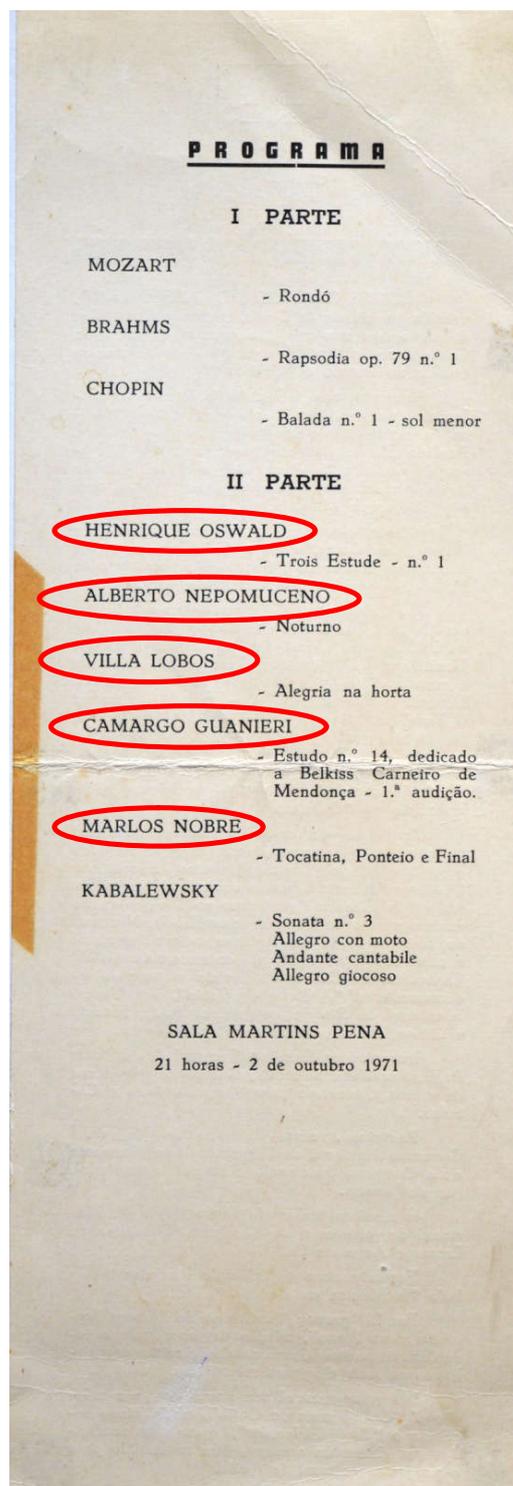
Achei sua ~~exceção~~ execução da "Tocatina, Ponteio e Final", muito bôa. Bastante clara, com linda sonoridade e levando bem aos pontos culminantes com muita musicalidade. Parabéns sinceros e que alcance cada vez mais êxito que sua arte merece. Eu pensei o primeiro número, a "Tocatina", um pouquinho mais rápido mas, mesmo fazendo mais lento ^{do} que eu penso, achei sua ~~exceção~~ realização excelente, torno a dizer.

Agradeço-lhe mais uma vez a gentileza do envio do disco, e quero desejar-lhe cada vez mais crescente êxito, seu admirador,

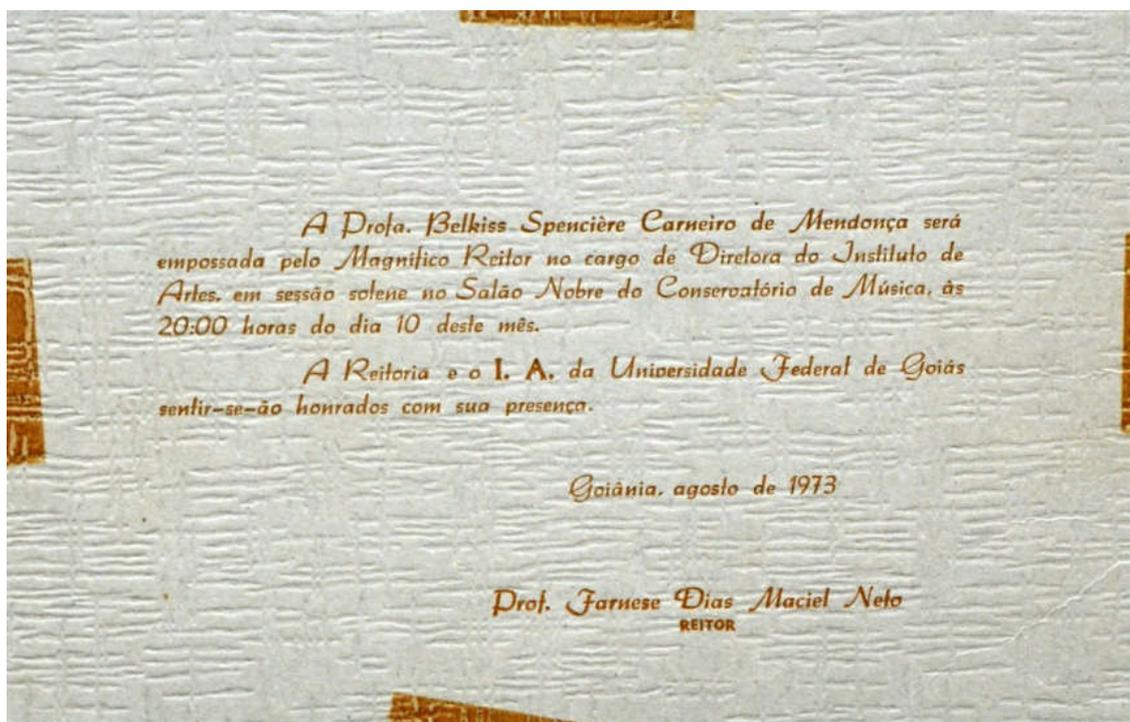
Marlos Nobre
Inhangá 11/601
ZC-07, Rio,



ANEXO 51 – Programa do recital em Brasília



ANEXO 52 – Convite para a posse da Belkiss no Instituto de Artes da UFG

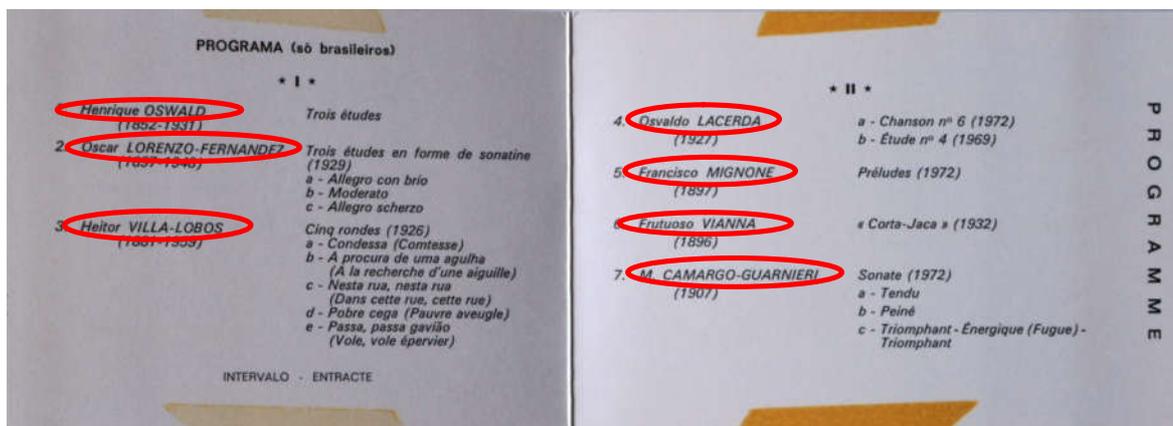
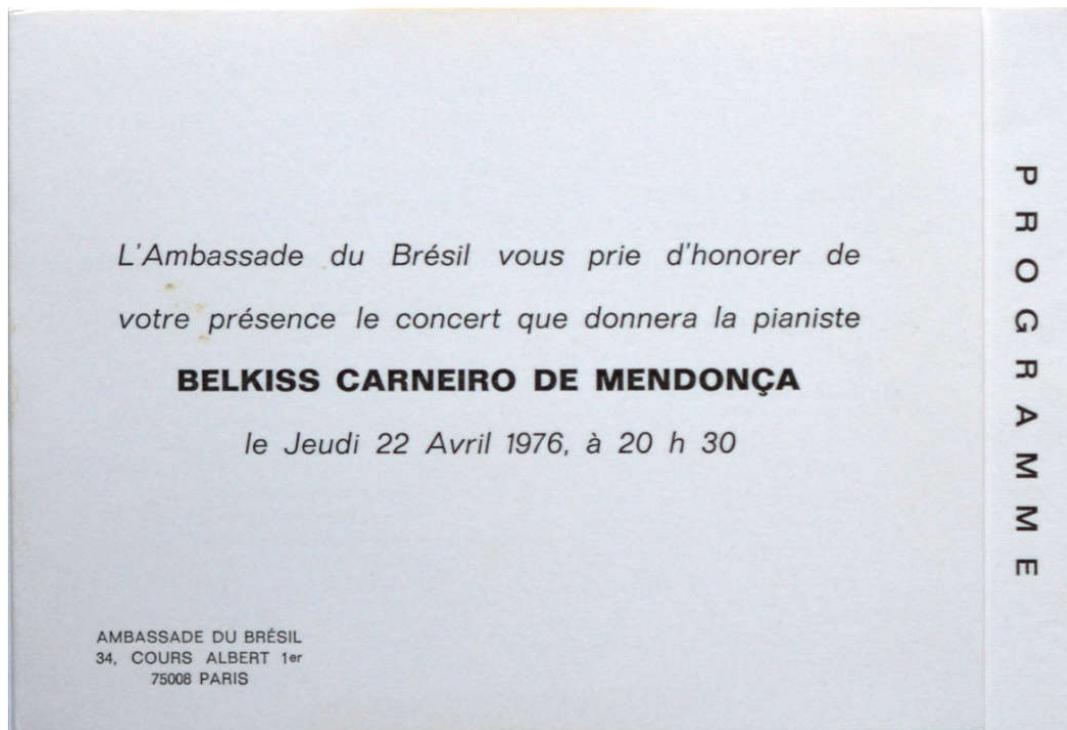


ANEXO 53 – Material de divulgação do “Concurso Nacional de Piano Maria Luíza Priolli”



| | |
|---|---|
| <p style="text-align: center;">CONCURSO NACIONAL DE PIANO.</p> <p style="text-align: center;">"MARIA LUIZA PRIOLLI"</p> <p style="text-align: center;">PROGRAMA GERAL E REGULAMENTO</p> <p>DATA: 9 a 14 de setembro de 1974.</p> <p>LOCAL: Salão Leopoldo Miguez — Escola de Música.</p> <p>DIA: 9-09-74 — a) Apresentação dos Membros do Júri e dos candidatos.</p> <p style="padding-left: 40px;">b) Recital "Maria Luíza Priolli" pela pianista Esther Nalberger.</p> <p>DIAS: 10 à 13 Provas — Início às 13 horas.</p> <p>DIA: 14-09-74 Entrega dos prêmios e recital dos quatro colocados em primeiro lugar, 18 hs.</p> <p>INSCRIÇÃO: Até o dia 10 de agosto de 1974, na Academia de Musica Lorenzo Fernandez, das 10 às 17 horas — Rua da Lapa n.º 120 — 17.º andar — Rio de Janeiro — Estado da Guanabara.</p> <p>DOCUMENTOS: 2 retratos 3x4, certidão de idade e curriculum vitae.</p> <p>TAXA: Cr\$ 100,00</p> <p>NOTA: A idade máxima será considerada até a realização do concurso.</p> <p style="text-align: center;">JÚRI</p> <p style="text-align: center;">P R E S I D E N T E</p> <p style="text-align: center;">Maestro Henrique Morelenbaum (Guanabara)</p> <p style="text-align: center;">M E M B R O S</p> <p style="text-align: center;">Acácia Brasil de Melo (Estado do Rio de Janeiro) Belkis Carneiro Mendonça (Goiás) Iris Bianchi (São Paulo) Maria Dulce Calmon (Bahia) Maria da Penha (Guanabara) Yonne Borcinhão (Guanabara)</p> <hr/> <p style="text-align: center;">Casa Milton Pianos A maior loja de pianos da Guanabara</p> | <p style="text-align: center;">P R E M I O S</p> <p>1.º NÍVEL 1.º PRÊMIO — Mto. João Baptista Siqueira Cr\$ 500,00 — Meio Recital promovido pela AMLF. — Diploma e medalha da AMLF.</p> <p>2.º PRÊMIO — Conselho Estadual de Cultura Cr\$ 300,00 — "Meio Recital promovido pela AMLF." — Diploma e medalha da AMLF.</p> <p>3.º PRÊMIO — Conselho Estadual de Cultura Cr\$ 200,00 — Meio Recital promovido pela AMLF. — Diploma e Medalha da AMLF.</p> <p>4.º e 5.º PRÊMIOS — Diploma e Medalha da AMLF.</p> <p>2.º NÍVEL 1.º PRÊMIO — Conselho Federal de Cultura Cr\$ 1.000,00 — Meio Recital promovido pela AMLF — Diploma e Medalha AMLF.</p> <p>2.º PRÊMIO — Mto. João Batista Siqueira Sr\$ 800,00 — Diploma e Medalha AMLF.</p> <p>3.º PRÊMIO — Escola de Música da UFRJ Cr\$ 500,00 — Pro. Enilda Araujo (Placa de Prata)</p> <p>4.º e 5.º Prêmios — Diploma e Medalha AMLF.</p> <p>3.º NÍVEL 1.º PRÊMIO — Instituto de Música da Universidade Católica de Salvador Cr\$ 2.000,00. — Meio Recital na Escola de Música da UFRJ. — Diploma e Medalha da AMLF.</p> <p>2.º PRÊMIO — Conselho Estadual de Cultura Cr\$ 1.000,00 3.º PRÊMIO — Conselho Estadual de Cultura Cr\$ 800,00 4.º e 5.º PRÊMIO — Diploma e Medalha da AMLF.</p> <p>4.º NÍVEL 1.º PRÊMIO — "Maria Luíza Priolli" Cr\$ 3.000,00 — Recital promovido pelo Instituto de Artes da UFGO — Concerto com orquestra da Escola de Música de UFRJ. — Diploma e Medalha da AMLF.</p> <p>2.º PRÊMIO — Conselho Federal de Cultura Cr\$ 2.000,00 — Recital promovido pela Escola de Música da UFRJ. — Diploma e Medalha da AMLF.</p> <hr/> <p style="text-align: center;">Casa Milton Pianos Melhores instrumentos. Menores preços</p> |
|---|---|

ANEXO 54 – Programa-convite do concerto da Belkiss em Paris



ANEXO 55 – Programa do recital da Belkiss na Holanda

woensdag
28
april 1976
20.15 uur

DILIGENTIA
Lange Voorhout 5, Den Haag
★
PIANORECITAL
eerste optreden in ons land
van de gevierde Braziliaanse
pianiste

**Belkiss
Carneiro
de Mendonça**

Programma: werken van
J. S. Bach (Concert in Italiaanse Stijl),
Kabalewsky (Sonate no. 3); na de pauze
Henrique Oswald, Oscar Lorenzo
Fernandez, Heitor Villa Lobos en
Camargo Guarnieri.

Het werk van Belkiss is geweldig (Bruno Seideldorf, dirigent)
Grootse pianiste van zeldzame gevoeligheid en grote cultuur
(Camargo Guarnieri, componist)
Emotionele vertolkingen, vol van muzikaliteit
(Caldeira Filho, muziekcriticus)


Kaarten f 5.- a.i.
CJP, 65+ en stud. f 1.-
Kaartverkoop aan de zaal van
10-13 uur, telef. bespreking van
10-15 uur 464308.
Maandags gesloten.

Intern. Concert Administratie, tel. 020-428714

ANEXO 56 – Carta de Osvaldo Lacerda à Belkiss, de 28 de junho de 1976

S. Paulo, 28 de junho de 1976.

Prezada H. Belkiss:

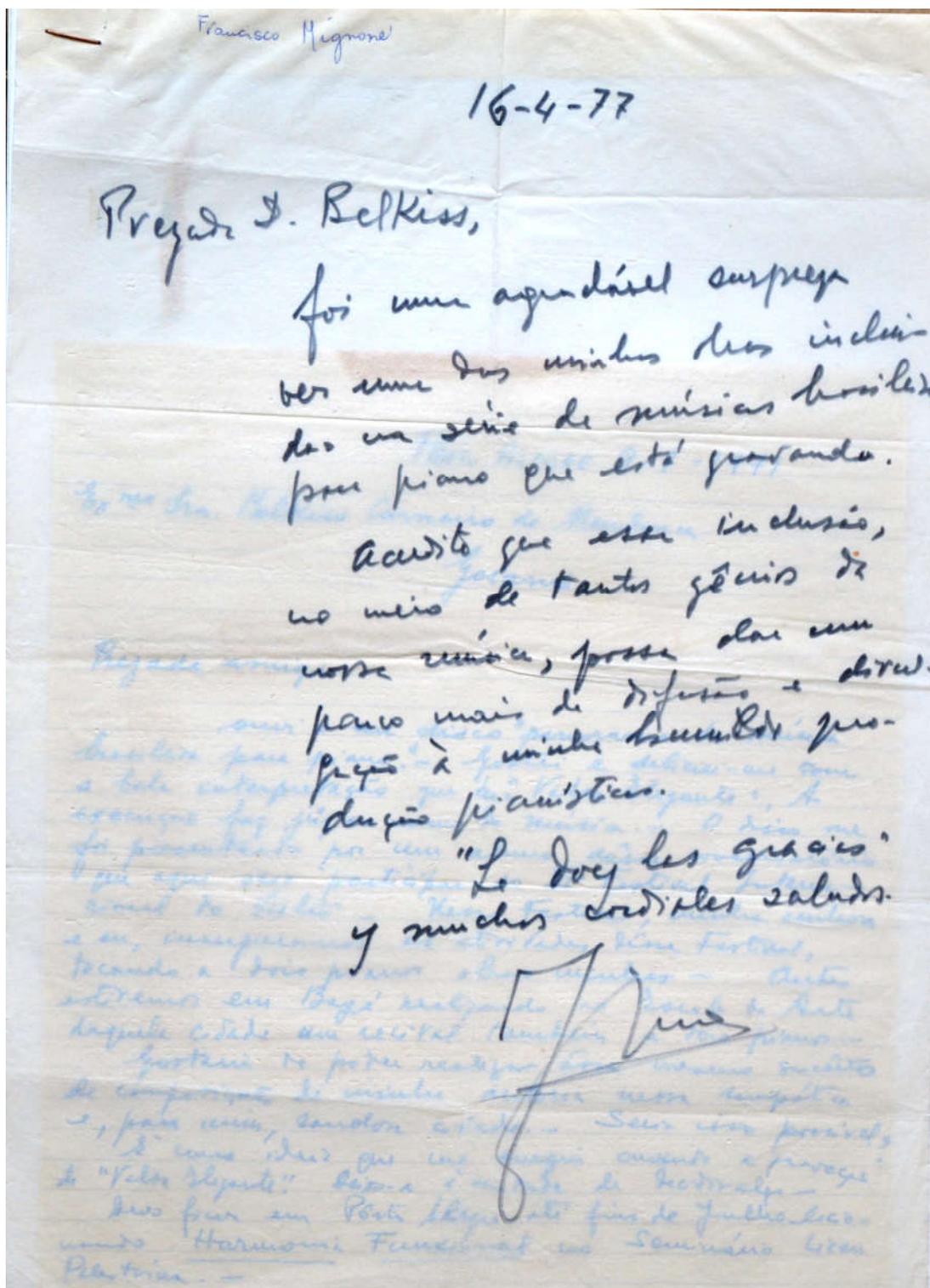
Muito lhe agradeço a inclusão da "Loda n. 6" e do "Estudo n. 4" no repertório que tocou no exterior. Ficou-lhe grato, também, por ter-me enviado os programas.

Aceite meus sinceros parabéns por essa sua tournée. Espero que sempre lhe apareçam oportunidades, como essa, de dar à música brasileira tão valiosas divulgações.

Formulando votos de contínuos e crescentes êxitos, cumprimento-cordialmente,

Osvaldo Lacerda

ANEXO 57 – Carta de Francisco Mignone à Belkiss, de 16 de abril de 1977



ANEXO 58 – Carta de Marlos Nobre à Belkiss, de 3 de maio de 1977

MEC - FUNARTE

Rio de Janeiro, 03 de maio de 1977

Belkiss Carneiro de Mendonça
Caixa Postal 168
GOIÂNIA - GOIÁS

Minha cara Belkiss:

Muito grato pela sua carta de 27.4.77 com a boa notícia do êxito das realizações nossas em conjunto com vocês na UFGO. Fiquei feliz ao saber do êxito do meu Trio com os excelentes músicos do Trio Brasileiro.

Apesar de escrito há 17 anos não deixo de gostar desta obra, fruto de uma época muito espontânea em minha criação musical.

Creio que a idéia da Rede poderá vingar realmente e dinamizar profundamente nossa vida musical.

E finalmente quero expressar a você meus melhores cumprimentos pela excelente gravação de minha "Homenagem a Rubinstein". Você compreendeu perfeitamente o espírito da obra e a realizou com impecável técnica pianística. Muito obrigado, Belkiss pela excelente divulgação que tem feito de minha obra.

Parabéns também pelo seu trabalho imprescindível de dinamização musical em Goiás.

O forte abraço e toda amizade do



ANEXO 59 – Carta de Cláudio Santoro à Belkiss, de 13 de maio de 1977

Sábado 13-5-77

Querida Belkiss!

Peguei hoje um disco com a minha Tocata gravada, com excelente interpretação. gostei muito do disco e fiquei contente em ouvir a obra do Edino, que você, creio eu, ouviu muito bem. Além do Villa naturalmente, já é mais conhecido a Sonata do Casary e bem ter uma gravação para mostrar por aqui outra face de nossa música.

Um abraço ao seu marido e um grande abraço amigo com o quanto pelo talento de seu

Cláudio Santoro

P.S. É festival q va ao Brasil em julho, quem sabe poderia fazer uma conferência na sua Escola de Música?

ANEXO 60 – Carta de Osvaldo Lacerda à Belkiss, de 16 de maio de 1977

São Paulo, 16 de maio de 1977.

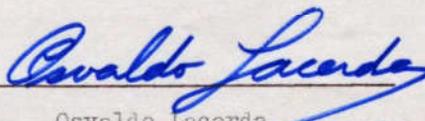
Prezada Da.Belkiss:

Muito lhe agradeço o disco, que teve a gentileza de me enviar.

Ouví-o com a atenção que merece. Cumprimento-a pela sonoridade bela, pela interpretação efusiva, pelo fraseio sempre interessante, e pelo repertório valioso que escolheu.

As Antologias de música brasileira têm o mau hábito de não passar do Iº volume. A sra., felizmente, já nos presenteou com um IIº volume, e espero, para bem de nossa música, que muitos mais se lhe sucedam!

Cordiais Saudações do


Osvaldo Lacerda

ANEXO 61 – Carta de Almeida Prado à Belkiss, de 21 de junho de 1977

Campinas: 21 de junho de 1977

ALMEIDA PRADO
 COMPOSITOR - PROFESSOR DE COMPOSIÇÃO
 DEPARTAMENTO DE MÚSICA DO INSTITUTO
 DE ARTES DA UNICAMP.

END. PARTICULAR:
 RUA MARIA MONTEIRO, 312 - TEL. 51-4828
 CAMBÚ - 13.100 CAMPINAS - SP - BRASIL

Querida Sra Belkiss,
 Queria fazer-lhe um
 fonograma de cumprimentos - lá pelo belíssimo
 disco recém-lançado sobre a música
 brasileira!

Realmente, sua interpretação
 realça o contorno mais importantes
 de cada obra, dando uma vida
 e vigor extraordinários.

A música brasileira ganha
 assim maior importância
 com seu disco.

Queria fazer parte
 do muito admiradores de
 sua arte pianística.

Um trabalho sensível
 que merece todo apoio seja
 no Brasil e no exterior.

ALMEIDA PRADO

COMPOSITOR - PROFESSOR DE COMPOSIÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÚSICA DO INSTITUTO
DE ARTES DA UNICAMP.

END. PARTICULAR:

RUA MARIA MONTEIRO, 312 - TEL. 51-4328
CAMBUÍ - 13.100 CAMPINAS - SP - BRASIL

Vou para a Finlândia em
Outubro, como parte do júri do
Festival Internacional de Música
Contemporânea, e faria muitas de
levar alguns exemplares do
seu valioso disco para dar a
personalidades de música local.

Queria aceitar o meu
sincero voto de pleno êxito
pel carreira do seu disco!

Almeida Prado

ANEXO 62 – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 62-64

RICA PRESENÇA NA HISTÓRIA DA CIDADE

Cinqüenta anos são passados quando, a convite de Dr. Pedro Ludovico Teixeira, com uma semana de peças variadas, “Eva e seus artistas” inauguraram, festivamente, o Cine Teatro Goiânia.

Era julho de 1942. Usufruindo, com prazer, da nova e imponente casa de espetáculos, o público goiano aplaudiu, calorosamente, tão notável artista, que, com brejeirice e charme, interpretava peças leves, cheias de humor e situações imprevistas.

Projetada pelo arquiteto José Amaral Nedermeyer, a obra teve como calculista, acompanhador da construção e responsável técnico o engenheiro austríaco Anderup. Guarda, em suas linhas, o reflexo do movimento “art-déco”.

Suas paredes internas eram revestidas de plastex azul e dourado e, além das platéias inferior e superior, possuía dois balcões laterais, num plano pouco mais elevado, destinados às autoridades constituídas. Enfrentou todas as dificuldades passadas pela jovem Goiânia, em suas fases de construção e desenvolvimento, nele tendo sido instalado um grupo gerador de eletricidade, para possibilitar seu funcionamento nas fases de carência de energia elétrica.

Proporcionou, à nossa capital, a vinda de grandes artistas, como Procópio Ferreira, Margarida Lopes de Almeida, Maria Della Costa, Dulcina e Odilon, Tônia Carrero, Bibi Ferreira, Fernanda Montenegro, Paulo Autran, Sérgio Cardoso, Cacilda Becker, Rodolfo Mayer e tantos outros. Lá, aplaudimos peças programadas e ensaiadas por Otavinho

Arantes, com a Associação Goiana de Teatro, anteriores à construção do Teatro Inacabado e vibramos com a arte de João Bênnio, antes da improvisação do Teatro de Emergência. O Cine Teatro Goiânia era o espaço que possibilitava a mostragem do trabalho desses dois incansáveis lutadores pelo progresso da Arte Cênica em Goiás.

Mas não foi importante só para a arte de representar: abrigou, também, grande parte do movimento musical da cidade. A seqüência dos filmes era interrompida e suas instalações cedidas, com boa vontade, cada vez que eram solicitadas ao Sr. Alfredo Feresin, um de seus gerentes, para uma programação artística.

Quantas vezes para lá transportamos cadeiras, estantes e instrumentos de orquestra, cenários e tabladros para corais! Certa vez, com o apoio do Comando do Exército, chegamos a colocar, em seu palco, cinco pianos, que deveriam ser usados por dez pianistas, laboriosamente ensaiados.

Cumprindo um ciclo, ele teve, infelizmente, uma fase de decadência. Arrendado para uma empresa cinematográfica, transformouse, paulatinamente, apenas num cinema e de categoria inferior. Todo o material ou dependência, que se ia danificando, não recebia a reparação necessária, e a população dele foi-se afastando, à procura de maior conforto.

O governador Irapuan Costa Jr. e sua esposa, Lúcia Vânia, atendendo a inúmeros pedidos da classe cultural, decidiram reabilitá-lo. Iniciaram obras que procuravam (sem prejudicar sua aparência externa, que já se constituía num marco histórico da cidade) dar-lhe as condições funcionais necessárias à realização de grandes eventos.

Com essa meta, apesar das dificuldades financeiras existentes, ele foi sendo remodelado, quase reconstruído, além de dotado de maquinária apropriada para seu perfeito funcionamento.

Finalmente, chegou o dia de sua reinauguração: 15 de março de 1978. Desejou o Governo marcar a data com uma programação ines-

quecível. Para tanto, foi então convidada Margot Fonteyn, primeira bailarina do "Royal Ballet" de Londres, agraciada com o título de "Dame" pela rainha Elizabeth II, trazendo consigo seu "partner" David Wall, secundados pelo Corpo de Baile da Associação de Ballet do Rio de Janeiro. Em quatro noites memoráveis e de deslumbramento, pudemos aproximar-nos da grandiosa arte da magnífica estrela da dança clássica!

"Maria, Maria" de Fernando Brandt, com o Grupo Corpo; "Feliz Aniversário" de Harold Pinter, com a equipe do Teatro Laboratório, sob a direção de Carlos Fernando Magalhães; "A ópera através dos tempos", com alunos e professores do Instituto de Artes, sob a pesquisa e orientação de Edmar Ferretti; "As Mãos de Eurídice", monólogo de Pedro Bloch, na interpretação de João Bênnio; nós, ao piano. A referida programação foi apresentada durante a quinzena comemorativa do retorno do Teatro à sua função cultural, agora já desligado da atividade exibidora de filmes.

Pelas manhãs, tentava eu amaciar o novíssimo Steinway & Sons, adquirido para completar, com superlativos, o equipamento da nova Casa de Artes. O horário coincidia com o do meticuloso e paciente trabalho desenvolvido por Margot Fonteyn, na barra ali colocada especialmente para seus exercícios. Ela, por gentileza, me agradecia por fornecer um agradável fundo musical a seu treinamento, enquanto eu me deliciava presenciando a metódica preparação de uma arte transcendente.

Neste ano, o Teatro Goiânia completa meio século de existência. Espero poder, ainda, aos poucos, continuar contando sua história, já que assisti à sua construção e muito trabalhei entre suas acolhedoras paredes.

21 DE MAIO DE 1992

ANEXO 63 – Crônica publicada no livro “Andanças no Tempo”, p. 205-207

VOLTA NO TEMPO: RECORDAÇÃO E SAUDADE

O artista que tem, realmente, um compromisso com sua arte, sofre por ela. A busca da melhor forma possível de expressão é constante. Também, ininterrupto é o caminhar, olhos fixos na meta a ser atingida, coração posto em cada gesto, sem desanimar com as dificuldades e os sofrimentos que lhe são pertinentes.

Certa vez, o maestro e compositor Cláudio Santoro disse, em nossa casa, referindo-se à profissão da esposa, que uma bailarina dedicada chegava a ser masoquista. Julgava ele serem excessivas suas privações alimentares, o sofrimento com os pés e a repetição diária, incessante e monótona dos exercícios na barra.

Os artistas presentes apartearam-no, afirmando que a exaltação sentida, no momento da performance pública, compensava qualquer sacrifício anterior.

Lembrei-me disso porque, dos bons propósitos assumidos para o novo ano, constava a organização de velhas caixas de fotografias. Disciplinadamente, iniciei o serviço, que, no entanto, pouco rendimento apresentava. Detinha-me, saudosamente, contemplando cada retrato. Cada um deles trazia, consigo, recordações de pessoas e situações vividas no decorrer dos anos. Assim, deparei comigo mesma a devanear perante a foto de uma bailarina em ponta, numa delicada e suave pose clássica e na qual se estampava afetuosa dedicatória a mim dirigida.

Voltei no tempo, no início dos anos 50. Revi, mentalmente, Dr. José Cândido da Silva, ilustre médico da cidade de São Paulo, que, man-

tendo relações amistosas com vários de nossos amigos, visitou Goiânia por diversas vezes.

Gostava daqui e, certa ocasião, em agradecimento às inúmeras homenagens recebidas, prometeu pedir à sua filha – uma das mais des-tacadas bailarinas do Teatro Municipal de São Paulo – que dedicasse uma récita aos goianienses. E Lili (Lia Silva) prontificou-se a vir a Goiânia. Ignacy Goldfeld, Oscar Breitbart, Alfredo Durlacher e outros admiradores de seu pai movimentaram-se para preparar-lhe uma bonita recepção e bem organizada apresentação: seria a primeira de uma bailarina profissional, aqui realizada.

O Cine-Teatro Goiânia, que era utilizado quase somente para exibição de filmes, estava, à época, com o palco em péssimo estado. O piso de cimento, descascado em vários pontos, mostrava-se tão irregular, que se tornou necessário recobri-lo com lonas de caminhão bem esticadas, para minimizar sua perigosa deficiência.

Linda e delicada como um “biscuit”, tez levemente dourada, cabelos negros, Lili iniciou sua apresentação com grande público, cheio de expectativa, encantando a todos com sua leveza silfídica, refinada técnica e surpreendente beleza física. Seu sorriso não deixava transparecer as dificuldades que estaria enfrentando com as imperfeições encontradas, até que novo transtorno a elas se veio somar: um prenúncio de forte chuva fez com que a energia elétrica fosse interrompida por duas vezes, durante o mesmo número artístico. E, finalmente, a água desceu sobre a cidade, fazendo com que as inúmeras goteiras alagassem o palco.

Lili continuava a dançar bravamente, empenhando-se na realização de um bonito espetáculo e mostrando sua arte da melhor forma possível. Infelizmente, o pior aconteceu: escorregou na lona molhada, caindo lamentavelmente. Levantou-se, rápida, com graça e arte, finalizando, debaixo dos mais calorosos aplausos, a acidentada e difícil execução de seu programa.

Fomos cumprimentá-la no camarim e, aí, pudemos avaliar sua gran-

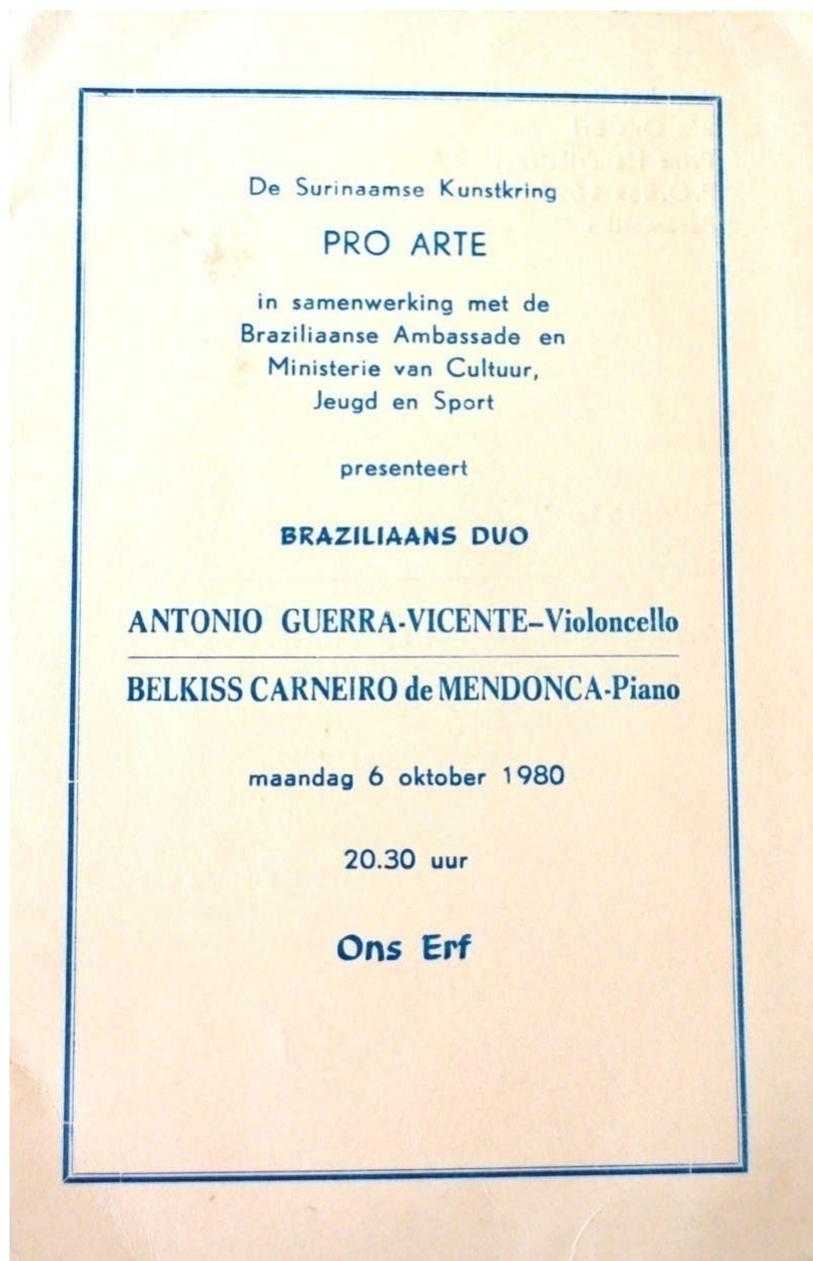
diosa força interior, vinda das obrigações assumidas com sua arte. Estava bem machucada, com hematomas nos quadris e na coxa, mas, apesar de tudo, conseguiu realizar, com sucesso, seu propósito artístico.

Poucos meses depois, Lili, já com o acréscimo do sobrenome Pudles, mudou-se para Paris e eu, devido a inúmeros afazeres, lamentavelmente perdi o contato com ela. Não sei se continuou a dedicar-se à carreira para a qual era tão fortemente dotada. Penso, porém, que deve manter inolvidada sua vinda a Goiânia, não só pelas condições que a jovem cidade não lhe pôde oferecer e pelos percalços surgidos, mas, ainda, pelo carinho que o público lhe externou, naquela memorável noite.

Após lembrar tudo isso, ao olhar a imagem de Lili, refletida no papel brilhante de sua foto, continuei a pôr em ordem a caixa de retratos, evocando tempos felizes e pessoas queridas, muitas das quais já não fazem parte de nosso convívio, mas da nossa saudade.

12 DE JANEIRO DE 1995

ANEXO 64 – Programa do concerto em duo com Guerra Vicente, no Suriname



Aan het Bestuur van PRO ARTE
 p/a Ons Erf
 Prins Hendrikstraat 17A
 P. O. Box 1693
 Paramaribo

Ondergetekende _____

Adres _____

Verzoekt toezending van het Bulletin voor
 Vrienden van Pro Arte.

Paramaribo,

Handtekening

PROGRAMMA

ANTONIO VIVALDI - Sonata no. 5
 Largo
 Allegro
 Largo
 Allegro

JOHANNES BRAHMS - Sonata Op. 38
 Allegro non troppo
 Allegretto quasi Minuetto
 Allegro

Pauze

HENRIQUE OSWALD - Elegia

HEITOR VILLA LOBOS - Deuxième Sonate

Allegro moderato

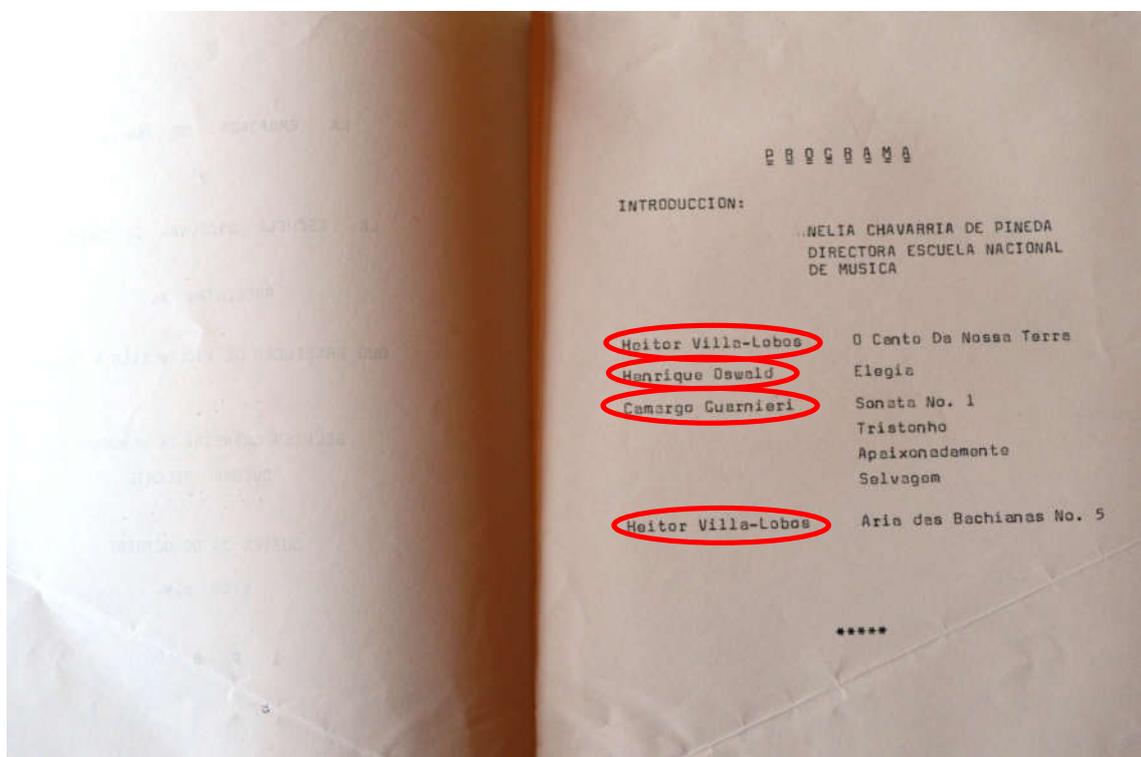
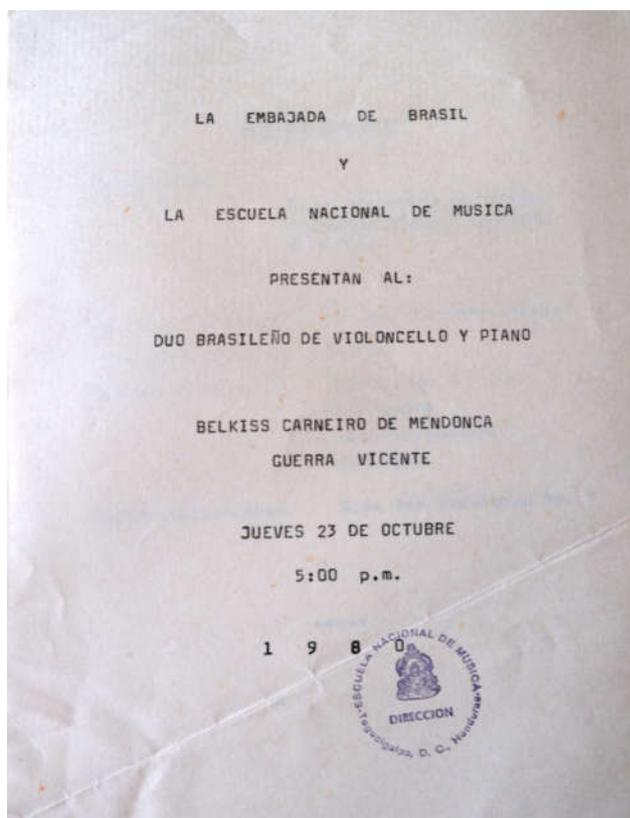
Andante cantabile

Allegro scherzando

Allegro vivace sostenuto

HEITOR VILLA LOBOS - Aria das Bachianas no. 5

ANEXO 65 – Programa do concerto em duo com Guerra Vicente, em Honduras



ANEXO 66 – Carta de Bruno Kiefer à Belkiss, de 15 de fevereiro de 1982

Porto Alegre, 15 de fevereiro 1982

Ilma. Sra.
Profª Belkiss S. Carneiro de Mendonça
caixa postal, 168
74.000 Goiania GO

Prezada Professora

Recebi, há poucos dias, a 2ª edição de sua obra A Música em Goiás, integrando a coleção Documentos Goianos.

Sei de experiência própria o quanto é difícil e demorada a elaboração de um trabalho desta natureza, numa terra em ^{que} não há praticamente nada plantado, numa terra em que a gente tem de se armar de picareta, enxada, foice e outros instrumentos para cavar a terra, abrir caminhos, recolher o que está disperso e, por fim, ordenar o que se conseguiu recolher.

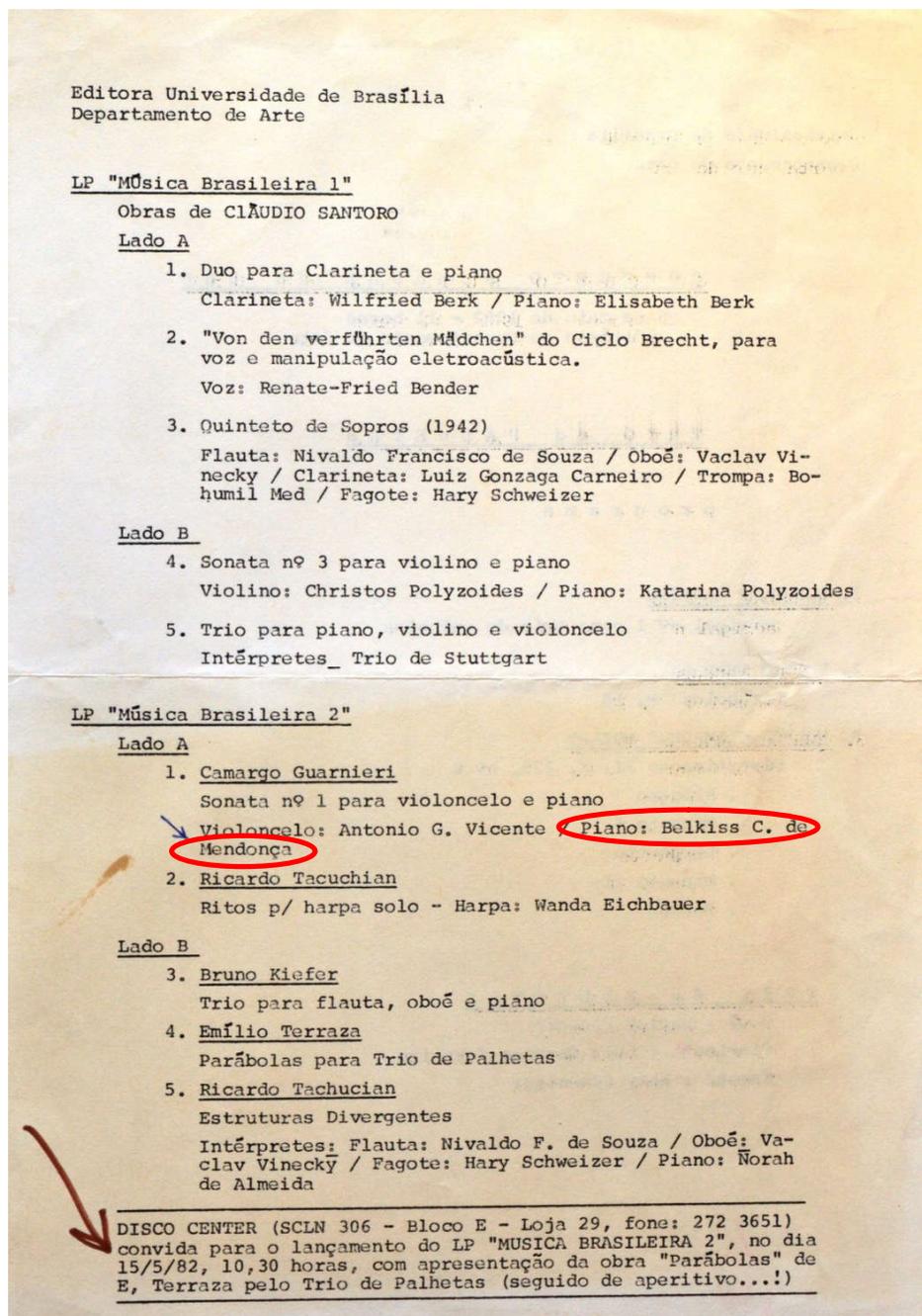
Pelo que já li e pelo que vi por alto, a obra será de consulta obrigatória para quantos lutam aqui na área da musicologia brasileira.

Meus parabens!

Saudações cordiais do


Bruno Kiefer

ANEXO 67 – Transcrição das faixas gravadas nos LPs “Música Brasileira” 1 e 2



ANEXO 68 – Crônica publicada no jornal O Popular, em 4 de maio de 2000

O Popular GOIÂNIA, quinta-feira, 4 de maio de 2000

Crônicas & outras histórias

“Árvore do papel”

BELKISS S.C. DE MENDONÇA

Visitando o Museu de Arte de São Paulo, em 1982, deparei com uma exposição que fugia aos moldes habituais. Vi, ali, Otávio Roth fabricar papel manualmente, com retalhos de algodão. Não era a primeira vez que se utilizava o local de forma tão pouco rotineira. Pietro Maria Bardi já proporcionara ao público a visão de tecelãs criando tapeçaria e de como se processava a fundição de uma escultura. No currículo do jovem e entusiasta Otávio Roth, que tínhamos o prazer de ver em atividade, constava ser ele Membro da Associação Internacional dos Historiadores do Papel, da Basileia, com tal agremiação mostrando o valor conferido ao produto considerado suporte do progresso da humanidade.

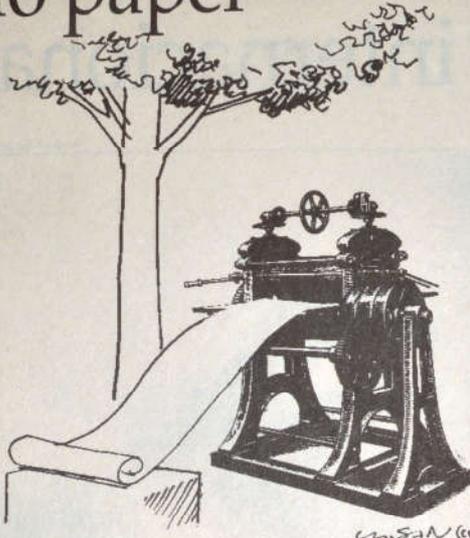
Manifestando meu interesse pelo assunto, fui apresentada com uma publicação intitulada *Criando Papéis – A Processo Artesanal como Linguagem*. Ali se encontram relacionados as pinturas rupestres, os hieróglifos egípcios entalhados nas pedras e diferentes materiais utilizados no registro da escrita e que precederam o papel, como as lajotas de argila usadas na Babilônia e as lâminas de madeira e placas de metal. Ilustrações mostram tiras de bambus amarradas e intercaladas por folhas de palmeiras recobertas por caracteres chineses, fotos exibem cascas de árvore prensadas, usadas pelos aztecas e maias. Ressal-

tando a importância do pergaminho, retirado da parte interna da pele de carneiro, o autor salienta sua durabilidade, motivo de haver suplantado o papiro, superfície lisa e polida obtida pela prensagem dos caules entrelaçados da planta do mesmo nome.

Por extensão, também era chamado papiro o arbusto que cresce na Serra Dourada, entre canelas-de-ema, arnicas, sucupiras, mangabeiras e outras vegetações adaptadas à altitude e ao terreno. Destaca-se pela alvura do caule, como se estivesse recoberto por finíssimas camadas de seda branca e, na época da floração, veste-se de roxo, como as quaresmeiras. Amália Hermano dizia que botânicos e naturalistas estrangeiros (Pohl, Saint Hilaire, Castelnau, Weddel, Buschell), em viagens a Goiás, registraram sua presença, denominando-a *Tiboushina Papyrus*.

Goianos aventuravam-se, em grupos, a subir a Serra Dourada, motivados pelo panorama ali descortinado. De lá avistavam toda a cidade de Goiás e de Mossâmedes e, à distância, os contornos dos Picos dos Pireneus, em Pirenópolis. Desfrutando do ar puro da montanha, conheciam as rochas que o vento incansável esculpia em diferentes formas e deixavam-se fotografar sobre a mais bela e original delas, a *Pedra Goiana*, que, apoiada em duas menores, balançava em admirável equilíbrio. Ao descer, cansados mas felizes, traziam amostras de muitas das quase 600 tonalidades diferentes das areias muito finas, que motivaram a arte de Goiandira do Couto e galhos de nosso papiro ou *árvore de papel*, que nós, meninos, comprazíamos em descamar, procurando retirar as lâminas maiores possíveis.

A visão da Serra Dourada, faiscando ao sol, sempre inspirou músicos e poetas e nosso querido e saudoso Manuel Amorim Felix de Souza, na *Balada Goiana*, ressalta que “Lá ao longe, ao sol poente, / brilha a serra a ofuscar, / se é bela ao sol caindo, / - mais formosa é ao luar...”



Luisian (ou)

ANEXO 69 – Carta de Carlos Drummond de Andrade à Belkiss, de 9 de setembro de 1984

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio de Janeiro, 9 de setembro, 1984

Cara Belkiss Carneiro de Mendonça:

Tocar-me a sua gentileza de oferecer-me o seu LP de valsas de Camargo Guarnieri. O disco tem proporcionado grandes alegrias aqui em casa, seja pela beleza da obra original, seja pela sua primorosa interpretação, de alta sensibilidade e apuro técnico impecável.

Com um abraço indelével, o agradecimento e admiração de

Carlos Drummond de Andrade

ANEXO 70 – Carta de Luiz Cláudio de Castro à Belkiss, de 10 de setembro de 1984

Rio, 10/9/84

Luiz Cláudio de Castro

Minha prezada Belkiss Carneiro de Mendonça.

Recebi com alegria o seu disco, contendo também um
 canção do nosso querido amigo José Eduardo de Moraes.
 Ouvei com emoção a sua perfeita execução dos valsas
 do compositor Camargo Guarnieri. A sua arte já está consi-
 -sagrada, e com justa razão, por nomes importantes da
 crítica nacional e internacional, portanto eu só gos-
 -taria de dizer que sou um simples tocador de violão
 e "cantador" dessas coisas nossas, menos importantes
 e que nascem apenas de nossa intuição e do amor pe-
 -la música. Receba um grande abraço e o meu mai-
 -or muito obrigado pelo envio desta sua obra maravilha-
 -sa. Dê também um abraço ao Zé Eduardo, e disponha
 deste amigo e admirador

LUIZ CLÁUDIO

ANEXO 71 – Carta de Eudóxia de Barros e Osvaldo Lacerda à Belkiss, de 16 de setembro de 1984

S. Paulo, 16 de setembro de 1984.

Cara Belkiss:

Muito obrigado pelo disco de "Valsas" de Carmargo Guarnieri, que teve a gentileza de nos mandar.

Gostamos muito. Você está de parabéns pela beleza do som, e pela sensibilidade e fidelidade da interpretação !

Não menos importante é o valor documentário do disco, que revela, aos que desconhecem essas "Valsas", a beleza das mesmas. Esperamos, sinceramente, que muitas outras boas gravações se sucedam a essa.

Dos outros três exemplares que mandou, um foi entregue pessoalmente ao Nilson, e os outros dois foram encaminhados a Armando Belardi e Ascendino Nogueira, via João Antonio, filho deste último.

Abraços amigos de

Eudóxia e Osvaldo.

ANEXO 72 – Carta de Lina Pires de Campos à Belkiss, de 6 de fevereiro de 1988

Lina Pires de Campos

São Paulo 6 de Fevereiro 1988

Minha boa amiga Belkiss

Recebi com imensa satisfação seu long play
"O Piano Brasileiro sec. XIX." É um disco
precioso, tanto pela execução primorosa, quanto
pela importância da divulgação de obras tão
interessantes e tão pouco conhecidas.

Parabéns Belkiss por mais este seu lindo
trabalho em prol da nossa música e dos
nossos compositores.

Gostaria de ser informada se esses discos
poderão ser encontrados à venda aqui em São
Paulo ou diretamente em Goiânia.

Por favor me escreva informando, pois
tenho certeza que muitos estudantes se inte-
ressarão por ele.

Deixe meu abraço muito
carinhoso.

Lina

Eu e Yukie agradecemos os parabéns pelo Eldorado.
Foi uma linda e merecida vitória. Muito grata
pelo apoio.

Rua Teixeira de Souza, 220
05003 São Paulo - SP - Brasil

ANEXO 73 – Carta de Waldemar Henrique à Belkiss, de 9 de fevereiro de 1988

Belém, 9-2-88
 Waldemar Henrique
 CAIXA POSTAL, 804
 Belém (66.000) Pará

Delicadíssima e genial
 amiga Belkiss Carneiro de Mendonça.

Demorei a agradecer a remessa dos seus discos. A vitrola estava com defeito e aguardei ouvi-los para comunicar-lhe a minha sincera impressão. Incluiu a de Abelardo Santos. Todavia, a insigne intérprete, cujo virtuosismo nos recompensa e a coloca entre os mais admirados mestres do divino instrumento, na verdade pode dispensar elogios ou críticas convencionais, pois em cada faixa

TEL.: 223-1734

coz atingem a bem dizer o raro milagre de nos deixar suspensos na filigrana das sonoridades no fascínio eloquente dos acordes, no poder recriador da sensibilidade.

Foi, é claro, o maior presente de aniversário que recebi. Deus a abençoe, retribuindo em dobro o que o mundo musical brasileiro ~~brasileiro~~ ganha de tua maior interpretação. Obrigado, Belkiss. Obrigado, Goiânia!

Deixo-lhe as mãos.

Waldemar Henrique

ANEXO 74 – Carta de Amaral Vieira à Belkiss, de 20 de março de 1988

AMARAL VIEIRA

São Paulo, 20 de março de 1988

Caríssima Belkiss,

desculpe-me o atraso com que apodeço o magnífico presente com que você me honrou, nos nos últimos semanas estive às voltas com problemas de saúde na família, felizmente já todos resolvidos agora, mas que me deixaram em grande atraso com a correspondência.

Seria de todo impossível descrever em poucas palavras o quanto apreciei a altíssima qualidade de seus presentes! Foi um prazer indescritível a aproximação com o nosso repertório do passado, infelizmente esquecido de todos e que você de forma tão feliz soube chamar de volta à vida.

Você presta à música brasileira um serviço inestimável e tenho certeza que ao obter as nossas ouvidos as composições da música de nosso passado, você terá resgatado de especificamente obras primas que seriam o orgulho de qualquer nação que zelasse melhor por seu passado cultural.

Pego encarecidamente a você que dê sequência a esta série única em nosso país. As expectativas são muito grandes e não tenho dúvidas que seu trabalho já está inscrito em nossa história como uma das mais importantes contribuições.

Neste seu último trabalho, revela-se de forma inequívoca a enorme força de sua arte pianística, que ao imprimir às polifonias gravadas a mesma seriedade que se dedica aos grandes maestros, valorizou sobremaneira a importância deste repertório.

Acerte, cara Belkiss, o sincero aplauso e a profunda admiração do amigo apodeçado

Amaral Vieira

ANEXO 75 – Carta de Eudóxia de Barros e Osvaldo Lacerda à Belkiss, de 31 de março de 1988

São Paulo, 31 de março de 1988.

Prezada Belkiss:

Ficamos realmente encantados com "O Piano Brasileiro / Sec.XIX", que você teve a gentileza de nos mandar. Muito gratos pela lembrança!

As interpretações estão muito musicais, muito precisas, deliciosas mesmo!

O repertório está bem escolhido e variado, e tem também a virtude de nos dar a conhecer algumas obras e autores pouco divulgados. Vou me valer desses discos pra enriquecer minhas aulas de História da Música Brasileira na Faculdade Santa Marcelina, cá em São Paulo.

Esperamos que você continue gravando muitos e muitos discos, não só pela beleza do toque e da interpretação, como também da necessidade urgente que temos de fixar e difundir a boa música brasileira.

Parabens, abraços amigos, e votos de muito sucesso, de

Eudóxia

e

Osvaldo

ANEXO 76 – Carta de Marlos Nobre, de 1994 (atribuída em função da idade da filha do compositor)

MARLOS NOBRE
Rua Pres. Carlos de Campos, 115 Bl. 2 ant 90
(22231) Laranjeiras - Rio de Janeiro, Brasil

Profa. Belkiss Carneiro de Mendonça
Avenida Tocantins 776
74015-010
Goiânia, GO

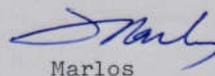
Querida Belkiss,

Fiquei muito contente de saber de sua eleição para Presidente Da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, uma escolha felicíssima. Ninguém melhor do que você, admirável intérprete e verdadeira lutadora pela divulgação da nossa música, para dirigir uma entidade dessas. Queria lhe escrever antes, mas meu tempo está muito escasso, agora que temos nossa filhinha, agora com 1 ano e sete meses. É uma graça, um encanto em nossa vida, revolucionou totalmente nossos hábitos. Mas ela não gosta de nos ver fazendo nada que não seja do interesse dela... Gosta de puxar nossas mãos do piano e adora subir em minha mesa para mexer nos lápis. Parece que adora música, canta e toca o que pode. Por mim ela não seria musicista, pois sabemos o que isso traz de problemas. Entretanto se tiver de ser, será.

Espero que você encontre tempo para seguir seu piano e suas gravações. Este ano sai sua execução do "Concertante"? Espero que sim. Estou totalmente dedicado à minha família e minha obra, compondo intensamente. Acabo de terminar uma obra para marimba solo por encomenda.

Quem sabe você conseguirá promover uma mais harmoniosa relação entre os compositores e que ninguém sinta que deve atacar nem denegrir o outro para tentar subir...

Minha cara, conte comigo no que achar necessário e receba nosso afetuoso e amigo abraço de sempre,


Marlos

6 | **Magazine** | GOIÂNIA, quinta-feira, 2 de setembro de 2004 | **O Popular**

> **CRÔNICAS & OUTRAS HISTÓRIAS**

Vã esperança

Belkiss S. Carneiro de Mendonça

No dia 2 de setembro, há nove anos, meu filho Leonel, acometido repentinamente de uma leucemia mieloide aguda, diagnosticada em Goiânia, submeteu-se no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, a um transplante de células retiradas de cordão umbilical.

Acondicionadas em recipiente especial a muitos graus negativos, as células vieram do New York Blood Center, trazidas pelo próprio diretor do estabelecimento, o pesquisador chileno Pablo Rubenstein. O método, pela importância e ousadia à época, despertou a atenção do País, sendo amplamente divulgado em entrevistas e noticiários. Dois foram os pacientes beneficiados: Leonel e uma portadora de anemia de Fanconi, de 12 anos de idade.

A equipe médica paulista, no caso de meu filho, viu-se compelida a tomar tal iniciativa por não encontrar, nos membros da família, a compatibilidade requerida para um transplante da medula óssea e as chances de se obter um doador ideal seriam quase inexistentes, na porcentagem de um em um milhão.

Outra proposta aventada – a de um transplante autogênico com utiliza-

ção de suas próprias células – foi frustrada, após doloroso preparo, pela recidiva da doença.

Assim sendo, a única opção viável encontrada foi a de acionar o banco americano que armazenava células sanguíneas da placenta e do cordão umbilical e preparar o paciente para recebê-las. Para isso, doses maciças de quimioterapia e aplicações de rádio em todo o corpo procuraram destruir-lhe as células leucêmicas.

2 de setembro foi, para Leonel, um dia de muita esperança. Sentia-se literalmente renascido, já que as células transplantadas lhe proporcionariam um novo DNA. Dar em diante, a referida data seria o seu aniversário e já pensava em comemorá-lo condi-

ionalmente. Muitos dias tranquilos e felizes se seguiram no isolamento, a espera da recuperação da medula e o surgimento dos primeiros leucócitos.

Estes, destinados à defesa do organismo, foram-se tornando fortes e agora, com nova memória, passaram a reconhecer e estranhar alguns dos órgãos. E, como num filme de ficção científica, combates travaram-se num processo – em alguns casos fatal – conhecido como “enxerto contra o hospedeiro.”

Dotado de uma força interior excepcional, nunca ouvi de Leonel uma queixa ou um gemido sequer, apesar de ser visível seu incrível sofrimento durante os oito meses de acirrada luta contra o câncer. Em todas as etapas, meu coração se

frangia de dor, mas crendo sempre, pela força de ânimo por ele demonstrada, ser impossível a perda da batalha final.

Muito divulgados têm sido, como recente procedimento médico, os transplantes executados com células do cordão umbilical, quando não se torna possível a descoberta de um doador com por cento compatível. Muitas vidas têm sido salvas, algumas pela geração proposital de uma criança ou pelo precavido armazenamento das células sanguíneas de um material até então considerado descartável. Vivi, no entanto, em 1995, todos os lances felizes e trágicos dessa notável descoberta que, no entanto, não pôde impedir o fim de nossa grande esperança.

ANEXO 78 – Fotografia do lançamento da coluna “Crônicas e outras histórias”

**0032-1998-4.11- Fundação Jaime Câmara-
Lançamento de CRÔNICAS & HISTÓRIAS: Tássio
Câmara - Mário Morais - Maria (esposa do Carmo
Bernardes)-Brasigóis Felício – Bariani - José
Mendonça Teles-Célia Câmara - Jaime Câmara Jr -
Belkiss Spenciere-Ursulino Leão - Tadeu Câmara -
Domiciano de Faria**

Autor não identificado, 4 de novembro de 1998, Goiânia. Fonte: acervo do Instituto Cultural Bariani Ortêncio.

ANEXO 79 – Programa do lançamento do CD “Panorama da Música Brasileira”

HOMENAGEM

da

ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

e

FUNDAÇÃO JAIME CÂMARA

à

BELKISS S. CARNEIRO DE MENDONÇA

Lançamento do Cd

“Panorama da Música Brasileira para Piano”

e do Vídeo

“Belkiss Spenziere - A Essência da Harmonia”

PROGRAMA:

Frescobaldi - Toccata
Trombone: Prof. Alciomar O. dos Santos
Piano: Profª Consuelo Quireze Rosa

Bach - Erbahrme dich
Canto: Profª Joana Cristina B. de Azevedo
Piano: Profª Silvana Andrade

Spartaco Rossi- G.Dias. - Y- Juca Pirama
Canto: Prof. Zuinglio Faustini
Piano: Profª Maria Lucia Roriz

Rossini - Duetto Buffo di Due Gatti
Canto: Profª Joana Cristina B. de Azevedo
Canto: Prof. Zuinglio Faustini
Piano: Profª Maria Lucia Roriz

Local: Fundação Jaime Câmara
Data: 04 de maio de 1998
Horário: 20:00hs

Coordenação do Recital: Profª Consuelo Q. Rosa e Profª Maria Lucia Roriz

ANEXO 80 – Crônica publicada no jornal O Popular, em 5 de julho de 1998

4 GOIÂNIA, domingo, 5 de julho de 1998

Crônicas & outras histórias

Importante intercâmbio luso-brasileiro

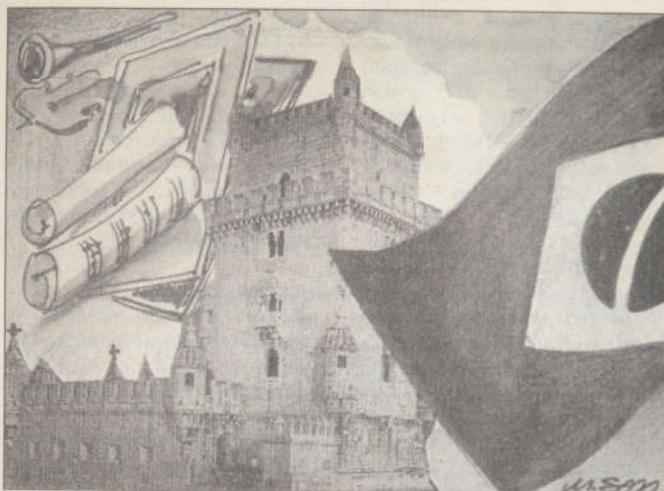
BELKISS S. CARNEIRO DE MENDONÇA

Portugal está comemorando, desde 1988, os 500 anos das grandes viagens que lhe proporcionaram soberania marítima e expansões territoriais e comerciais. Para tal finalidade, uma "Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses" foi organizada, encarregando-se de bem celebrar os feitos que motivaram a ampliação de Novos Mundos.

Vasco da Gama, alcançando as Índias em ousadas navegações por mares desconhecidos, tem sido alvo de muitos e detalhados estudos, amplamente divulgados. As atenções concentram-se atualmente na viagem de Pedro Álvares Cabral e formou-se uma "Comissão Bilateral Luso-Brasileira", composta de altos expoentes do universo histórico-cultural dos dois países, a fim de planejar conjuntamente atividades que marquem indelevelmente o 5º Centenário da chegada dos portugueses ao nosso território.

Encontros dos membros que a integram estão sendo periodicamente levados a efeito desde 1991, tendo sido a penúltima reunião realizada em Ouro Preto, no final do ano passado e agora, de 14 a 17 de junho, em Évora, capital do Alentejo. São seus presidentes: pelo lado brasileiro, o ministro Lauro Moreira e pelo lado português, o Professor Doutor António Manuel Hespanha.

Tive o prazer de assistir, como musicóloga convidada, à última das reuniões e constatar a impor-



tância e abrangência dos projetos em pauta ali discutidos, alguns já em andamento. Estendem-se da microfilmagem dos documentos que interessam ao nosso país e constantes do Arquivo Histórico Ultramarino à revitalização dos centros de cidades que mantêm basicamente a arquitetura colonial luso-brasileira, implantação do Museu do Descobrimento e diferentes ações concentradas em Porto Seguro, Cabralia e na área da Coroa Vermelha. Além de tais atividades, muitas outras esboçam-se em pesquisas, divulgações, gravações, exposições itinerantes, programas educativos, congregando instituições, envolvendo personalidades e permitindo a formalização de um novo olhar sobre o mundo, envolto nas teias de significados e memórias.

Évora encantou-me à primeira vista. Situada na planície alentejana e transformada pelos romanos em vasto trigal, recebeu o nome de *Évora Cerealis*, confirmando assim, para a posteridade, a importância da região na produção de grãos. Luminosa e encantadora, a cidade mostra-se comprimida entre dois círculos concêntricos de

muralhas, que a protegeram ao longo dos tempos.

Um círculo interno, construído pelos romanos no século 1º DC, com adições mouriscas e medievais (das quais só restam fragmentos), acrescido por novas muralhas, ostentando 40 torres e 10 portões, construídas no século 14, tornadas necessárias pela expansão da cidade. E, quando D. João IV foi declarado rei, em 1640, temendo-se o ataque dos espanhóis, foram erguidas as do círculo externo e que, em 1663, bem resistiram às previstas balas de canhões. São as mais evidentes, impressionando logo à chegada. Cercam as riquezas arquitetônicas e culturais, que amiúde se revelam em escavações, quando visíveis se tornam ruínas romanas ou mouriscas. Agasalham bibliotecas, arquivos, museus e, ainda, mosteiros e igrejas (dentre estas a "Capela dos Ossos"), destacando-se, a meu ver, a mais delicada de todas: a pequena "Capela dos Loias", ainda pertencente à família.

As reuniões da "Comissão Executiva Bilateral" foram realizadas na Universidade de Évora, sobre a qual falarei oportunamente.

Crônicas & outras histórias

‘Um dia ainda chego lá!’

**BELKISS S. CARNEIRO
DE MENDONÇA**

As aptidões diferem em cada pessoa. O que, para uns, é tranqüilo e de fácil execução, para outros apresenta barreiras, dificultando-lhes o caminho. Em vista disso, idiomas, prendas domésticas, habilidades manuais, artísticas ou mesmo desportivas são aprendidos e feitos com naturalidade ou conseguidos graças à persistência e força de vontade. Nestes últimos, a sensação real ou imaginária da dificuldade a vencer inibe. A espontaneidade restringe-se e músculos são contraídos desnecessariamente, tornando-se os gestos duros ou canhestros.

Nunca tive fácil convivência com máquinas e seus acessórios. Para lidar com o gravador e aparelho de som (material utilizado em meu trabalho), eficientes roteiros, que não deixam de ser um pouco críticos, foram elaborados por meus familiares. Num deles, vê-se: 1 – apertar o botão Power (canto esquerdo superior); 2 – pressionar Phono – acende uma luz verde sob a palavra (centro); 3 – abrir a tampa do aparelho; 4 – colocar o disco e assim por diante. O mundo moderno está exigindo, cada vez mais, novas atitudes em relação à tecnologia. Os endereços são fornecidos em e-mail, mensagens vêm pela internet e como ficam, neste panorama,



os inaptos como eu?

Em 1998, Lilian, minha nora, presenteou-me com um Notebook. Lá ficou ele, bonitinho em sua caixa, enquanto me preparava mentalmente para enfrentá-lo, alegando não haver quem me ensinasse seu manejo. Uma prima, enviando-me um professor, no mês passado, conseguiu que fosse por água abaixo minha confortável desculpa. Para não decepcioná-lo, esforço-me bastante, até organizando um caderninho (motivo de riso para os netos) com a seqüência dos movimentos a cumprir, cheio de desenhos elucidativos. O professor encerra a aula deixando-me confiante, convicta de tudo saber.

Para não esquecer seus ensinamentos, inicio a cópia de um texto, indo relativamente bem, até que, sem saber como e nem por que, palavras que acabei de digitar não aparecem transcritas. Vou encontrá-las, felizes e trocistas, inseridas muito acima, numa frase já grafada, deturpando-lhe completamente o sentido. Aí começam as confusões para removê-las do ni-

nho por elas escolhido. O caderno entra em cena e começo a agir. Aperto daqui, várias linhas descem. Assusto-me. Pressiono dali, palavras começam a desaparecer, separar-se ou mudar de posição. Penso não haver entendido as anotações. Torno a ler. Enfim, já de cabeça quente, ouço o computador emitindo sons que supponho de alerta ou de repreensão. Então espero um pouco e vou jogar a recém-aprendida Paciência. Como nunca dispus de tempo para brincar com baralho, divirto-me bastante. Se perco, repito o jogo como castigo, para não mais me distrair; se ganho, a eufórica sensação da vitória dá-me vontade de iniciar nova partida.

Disciplinadamente, porém, retorno à minha briga com o cursor, que teima em posicionar-se fora do lugar em que desejo mantê-lo. Entre Tool box, View, Back Space, Shift e outras expressões novas, lá vou indo. Um dia (oh! esbarrei no Caps Lock, eu o veeeencerei (Céus! o dedo demorou mais que o necessário na letra e), mas... “um dia chego lá!”

4 GOIÂNIA, terça-feira, 2 de janeiro de 2001

O Popular**Crônicas & outras histórias****Nosso embaixador em Marrocos****BELKISS S. CARNEIRO
DE MENDONÇA**

Uma visita ao Reino do Marrocos jamais esteve em minhas cogitações até a designação, como embaixador do Brasil naquele país, de meu especial amigo Lauro Moreira. O desejo de revê-lo e a sua adorável esposa Liana impulsionou-me à realização da viagem, que, a cada momento, me reservava uma surpresa e se fazia mais interessante e agradável. Assim sendo, em terras marroquinas permaneci 41 dias intensamente aproveitados: no conhecimento do país, na convivência afetuosa de tão caros amigos e — atendendo à solicitação de nosso representante diplomático — ainda me foi possível, graças à sua perfeita organização, plantar em Rabat (capital do país) uma sementinha da produção musical brasileira.

Sei que ela frutificará, em vista da avidez de conhecimentos sobre nossas formas de expressão artística demonstrada pelos marroquinos. Do futebol são citados nominalmente, até pelos feirantes mais humildes, os jogadores da seleção brasileira, conhecendo ainda o samba e os desfiles carnavalescos. Nosso embaixador, porém, quer que a visão de nosso País se amplie e que todas as



camadas sociais possam sentir sua pujança em diferentes setores. Para isso, com o entusiasmo que lhe é peculiar, não mede esforços, dispensando a cada realização meticoloso dinamismo.

Há apenas quatro meses no Marrocos, já possui Lauro Moreira amplo conhecimento sobre o país. Beneficiado por prodigiosa memória, discorre com fluência sobre sua história, riquezas, miscigenação étnica e cultural. Livros e livros sobre o país espalham-se pela casa, com belas fotos das cidades, mesquitas, jardins e objetos artesanais, que revelam a habilidade artística manual e milenar de diferentes tribos.

É um estudioso incansável, além de inveterado *workaholic*. Exige demais de si próprio e dos que o cercam, planejando intercâmbio de visitas de autoridades que possam manter um fluxo comercial bilateral, organização de seminários de caráter empresarial, além de incentivos à troca de missões na área comercial. Programas de cooperação técnica em vários seto-

res de interesse comum, acordos de colaboração mútua na área do turismo e o estabelecimento de vínculos estáveis no setor cultural (intercâmbio acadêmico ou programações regulares de atividades) constam de sua relação prioritária de ações.

Foi o Marrocos o primeiro Estado da África com que o Brasil estabeleceu, em 1906, relações diplomáticas e tem ele tradicionalmente apoiado, nos organismos internacionais, a maioria de nossas posições e pleitos. Em 1963, foi instalada embaixada residente em Rabat, sendo designado, para chefiá-la, o prestigiado escritor e cronista Rubem Braga. Outros sucederam-no, ocupando Lauro Moreira o 10º lugar na relação dos embaixadores brasileiros ali sediados.

Com seu tipo físico moreno, é comumente confundido com os marroquinos e, em ocasiões diversas, interpelado em árabe, o que muito o diverte. Integrou-se rapidamente no grupo de diplomatas latino-americanos. Com estes participou, durante minha estada, de um programa promovido pelo Departamento de Cultura Hispânica da Universidade de Tétouan (cidade localizada nas montanhas, ao norte), onde sete embaixadores apresentaram, com muito sucesso, poemas de seus países com textos elucidativos elaborados pelo representante brasileiro.

Nos finais de semana proporcionavam-me a feliz oportunidade de tê-lo como cicerone. O Reino do Marrocos histórico, cultural e artístico era-me então apresentado com tal vigor e contagiante entusiasmo, que pude compreender, assimilar e apreciar de forma especial esse "país frio de sol quente", que tanto me encantou!

ANEXO 83 – Crônica publicada no jornal O Popular, em 4 de julho de 2001

4 GOIÂNIA, quarta-feira, 4 de julho de 2001

"O Popular"

2

Crônicas & outras histórias

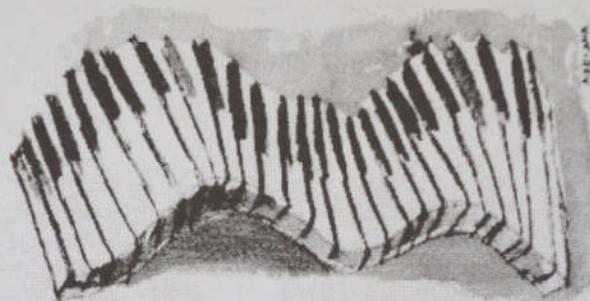
Uma experiência diferente

BELKISS S. CARNEIRO
DI MENDONÇA

Confesso que não me agrada muito integrar comissões julgadoras de concursos de piano. Neles julga-se um determinado momento de realização musical, que pode vir a ser prejudicado por alterações de saúde, descontrole emocional e outros fatores, impedindo um desempenho que revele a verdadeira capacitação artística do candidato.

Gostei, no entanto, de pertencer ao júri do concurso nacional *Talentos do Piano Amador*, realizado de 20 a 24 de junho, em Brasília. Foi uma experiência nova, vivida num ambiente descontraído, sem estrelismos. Candidatos de diferentes profissões ali se encontravam, mais pelo prazer de tocar do que propriamente de competir. Promovido pelo Clube Internacional de Brasília, nasceu de uma idéia trazida de Paris pela pianista Luly Oswald e já adotada também em Nova York. Visa incentivar aqueles que, por motivos diversos, não conduziram suas vidas para o profissionalismo artístico, mas conferem à música ardor e entusiasmo.

Assim, concorreram nas provas eliminatórias, semifinais e finais: psicóloga, militar, comerciante, duas professoras de música, estudantes e um afinador de pianos que, durante o concurso, deixou por instantes de ser um candidato, aguardando o momento de mostrar sua performance, para resolver um problema técnico apresentado pelo piano de cauda da Casa Thomas



Jefferson, onde se realizava o certame.

O programa a ser cumprido era de livre escolha do concorrente. Nada o cerceava, afirmando a presidente do Clube, Maria Lúcia Moriconi, em sua apresentação, que "toca melhor quem toca o que gosta". A única condição imposta e que influenciava no julgamento era a apresentação de obras românticas e modernas, incluindo-se uma peça de Bach de qualquer nível de dificuldade. Foram executadas, então, a grandiosa transcrição de Tausing da *Tocata e Fuga em Ré Menor*, *Prelúdios e Fugas do Cravo Bem Temperado*, a par de Minuetos das *23 Peças Fáceis ou Invenções a Duas Vozes*. Bonitos arranjos de Gershwin, Tom Jobim, Johnny Alf e Luiz Gonzaga situavam-se entre peças brilhantes de Chopin e Liszt, que requeriam uma técnica bem mais apurada. E, sendo um dos candidatos compositor, fez-nos conhecer algumas de suas criações, aliás de muito bom gosto.

Não foi fácil para o júri classificar intérpretes tão diversificados. Os critérios tradicionais tiveram que ser revistos. Cada candidato foi apreciado pelo resultado artístico obtido, sem comparações com os demais. O primeiro lugar coube a uma japonesa, Yuka Shinizu, ficando em segundo Walkyria dos

Passos Claro, que retornara ao piano após os 70 anos, por insistência dos filhos. Disse-nos um deles que não imaginaram que tal gesto os faria envolver-se emocionalmente com temores próprios de uma adolescente, ingressa numa competição.

Além da já citada Luly Oswald, neta do grande compositor Henrique Oswald e presidente da banca examinadora, ainda a compunham: Maria Josephina Mignone, viúva de Francisco Mignone, dedicada atualmente a gravar e divulgar a extraordinária produção do marido; a virtuose Regina Martins, mulher do afamado intérprete e professor José Eduardo Martins; a incansável pioneira de Brasília e autora do hino da cidade, Neusa França; o dinâmico diretor do departamento de música da UnB, Vadim Arsky Filho.

A organização do evento esteve a cargo da diretora cultural Cibele Hauch de Castro, diligente programadora que, além da premiação anunciada, obteve das embaixatrizes da Polônia, França, Rússia e Líbano – membros do Clube – prêmios especiais conferidos à melhor intérprete de músicas de seus países.

O objetivo foi alcançado. O concurso revelou talentos, proporcionou retornos ao instrumento e, ainda, alegria aos candidatos e a todos nós.

ANEXO 84 – Lista da AGL dos trabalhos realizados pela Belkiss em 2002TRABALHOS REALIZADOS EM 2002

- Prefácio do livro "*A música para violoncelo e piano de Camargo Guarnieri*" - Editora da UFG - autor: Paulo Cesar Martins Rabello
- Palestra "*A música em Goiás*" - Projeto "*Música na Escola de Música*" - Escola de Música e Artes Cênicas da UFG - 16 de janeiro
- Gravação de um CD - produção Master Class em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo - 18 e 19 de fevereiro
10 Improvisos e 10 Momentos de Camargo Guarnieri
- Palestra na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás - "O pioneirismo da mulher na música em Goiânia nos idos da fundação da capital" - 8 de março
- Patronesse da Colação de Grau dos Concluintes dos Cursos de Educação Artística (Habilitação em Música) e Bacharelado em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG - 9 de abril
Presidente da Comissão de Formatura: Lúcia Rosa Lima
- Palestra "*A música de Villa-Lobos*" pronunciada dentro do projeto "*Semana de 22 - oitenta anos depois*" - promovida pelo Departamento de Artes do Colégio Dinâmico - 11 de abril
- Citações no livro "*A memória musical de Goiânia*", de Braz Wilson Pompeu de Pina Filho - Editora Kelps
- Artigo publicado na Revista "*Brasiliãna*" da Academia Brasileira de Música nº 11 - "*Quando Mário salvou Guarnieri do fogo*" - maio
- Palestra na Academia Nacional de Música - Rio de Janeiro - dentro do programa "*Presença de Goiás*" - promoção da ANM e apoio da Agepel. Salão da Congregação da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro - 9 de maio

- Apresentação no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás do livro "*Dom Emanuel Gomes de Oliveira - Arcebispo da Instrução*", em seu lançamento - 12 de maio
Autora: Irmã Áurea Cordeiro Menezes
- Posse como Membro Efetivo da Assessoria do Conselho de Cultura do Grande Oriente do Estado de Goiás - Salão Nobre do Palácio Maçônico "*Nasseri Gabriel*" - 17 de maio
- Posse como Conselheira da União Brasileira de Escritores - Seção de Goiás - Porto do Escritor - 26 de junho
- Entrevista concedida ao jornal "*O sucesso*" - Vip 2 - "*Belkiss - os sons da mulher, cuja tradução é música e cuja biografia é a história da Arte em Goiás*" - outubro
- Eleita como Membro da Academia Brasileira de Música - cadeira 17 - em primeiro escrutínio. Cientificada e cumprimentada, pelo telefone, por toda a Diretoria da entidade, maestros: José Maria Neves, Edino Krieger, Ricardo Tacuchian, Vasco Mariz, Roberto Duarte, Mercedes Reis Pequeno - 25 de julho
- Recebimento do título de "*Sócio Emérito*" do IHGG - 20 de agosto
- Posse na Academia Brasileira de Música em Sessão Solene na sede da entidade - sendo saudada, em nome da Academia, pelo maestro Ricardo Tacuchian. - 26 de setembro
- Apresentação, no Projeto "*Pioneiros da Fotografia em Goiânia*" do Museu da Imagem e do Som, dos fotógrafos-músicos: Silvio Berto, Harotean Berberian e Henrique Baranowski. - 21 de outubro
Salão do Museu Zoroastro Artiaga
- Coordenação das Comunicações dos Presidentes dos Institutos Históricos e Geográficos dos Estados de Alagoas, Amazonas, Bahia e Ceará no Encontro dos Institutos Históricos do Brasil, em Goiânia, promoção comemorativa do 70º aniversário do IHGG (1932-2002) - 7 de novembro

Presidente: escritor José Mendonça Teles

- Publicação do elogio acadêmico "*Belkiss Carneiro de Mendonça na Academia Brasileira de Música*" do maestro Ricardo Tacuchian na posse da nova acadêmica - revista "*Brasiliana*" nº 13 - dezembro
- Recebimento do título de "*Professor Emérito da UFG*", em Assembléia Universitária presidida pela Magnífica Reitora Milca Severino Pereira. Saudada pela proponente do título, Dr^a Glacy Antunes de Oliveira, Diretora da EMAC - 4 de dezembro
- Convite da Direção da Escola de Música e Belas Artes do Paraná para integrar a Comissão Julgadora do 1º Concurso de Piano "*Prof^a Edna Habith*" - Auditório Bento Mussurunga - 12 e 13 de dezembro

6 | **Magazine**

> CRÔNICAS & OUTRAS HISTÓRIAS

O Popular

GOIÂNIA, quinta-feira, 20 de junho de 2002

Presença de Goiás

Belkiss S. Carneiro de Mendonça



Uma delicada carta a mim dirigida no início do ano, o recém-empossado presidente da Academia Nacional de Música, professor Heitor Almeida, manifestava um desejo que lhe era muito caro: marcar com um grande evento o início de sua gestão. Viera-lhe à mente fazê-lo através da representação goiana (a mais numerosa, composta de 18 membros) no quadro de sócios da academia, mostrando nossa cultura musical, pouco divulgada nas plagas guanabari- nas e cuja mostragem despertava grande interesse. Propunha, portanto, que fosse estudada a possi-

bilidade da sua realização em maio, para a abertura da Programação Artística de 2002.

O convite encontrou ressonância positiva entre as associadas que, reunidas, se mostraram empenhadas em atendê-lo. Programas foram então elaborados e apresentados ao dinâmico presidente da Agepel, professor Nats Chaul, que lhe deu todo o apoio, tornando-se a referência da entidade co-participante da academia, na promoção do evento. Assim, nas noites de 9 e 10 de maio, o lindo salão da congregação do histórico prédio da Escola de Música da UFRJ, construído em 1922, tornou-se pequeno para abrigar o grande

número de acadêmicos, professores, músicos, autoridades convidadas, pesquisadores e pessoas interessadas, algumas atraídas pelos charmativos cartazes afixados na fachada do edifício.

A Organização Jaime Câmara cedeu-nos belíssimo vídeo, revelador do desenvolvimento do Estado e das expansões financeiras e culturais de sua capital e o Museu da Imagem e do Som, da Agepel, contribuiu com slides de seu bem-montado arquivo. Coube-me a missão de, como "testemunha ocular", relatar a formação musical de nossa cidade. Num bonito programa brasileiro, a quatro mãos, Maria Lúcia Roriz e Consuelo Quireze angariaram calorosas palmas, sucesso continuado pela bela voz e brilhante interpretação de Ângela Barra, tendo ao piano Heloísa Barra Jardim.

O videoclipe da canção *Você Sabe Onde Fica Goiás?*, com letra de Nats Chaul e música de João Caetano, deu o clima de afetividade que marcaria a segunda noite, voltada exclusivamente para a cidade de Goiás, mostrando-a merecedora do título de Patrimônio da Humanidade, recentemente obtido. Ressaltaram-se seus valores culturais, assim como o artesanato, através de doces e licores que, habitualmente oferecidos nos antigos saraus, foram servidos aos presentes. Anna Rita Ludovico, acompanhada por Maria Ludovico de Almeida, apresentou canções de compositores goianos, sob intensos aplausos.

Lygia de Moura Rassi mostrou o talento de Cora Coralina em seu poema *Tôdas as Vidas e Amurziata* de Oliveira Campos, retrocedendo

ao romantismo literário, declamou o poema *Sá de Félix de Bulhões*. Serviu este de ponto de ligação para Maria Augusta Calado discorrer sobre a Mocinha Goiana, suas características e cultores mais significativos, apontando Marcelo Barra – que nos brindou com algumas de suas belas composições – como inspirado modinheiro goiano, comprovado por *Serenata*, com poesia de Cora Coralina.

Deu-se o encerramento com um pequeno coral constituído pelas acadêmicas de Goiás, ouvindo-se um pot-pourri arranjado e ensaiado por Maria Lucy Veiga Teixeira. Vários "bravos!" foram ouvidos nas duas noites, em espontânea e incontida manifestação de entusiasmo da plateia. Creio que a presença de Goiás foi ardorosamente entusiasmada, cantada e sentida por todos!

Magazine | GOIÂNIA, sexta-feira, 30 de julho de 2004 | **O Popular**

ESPECIAL FIM DE SEMANA

> CRÔNICAS & OUTRAS HISTÓRIAS

Justa premiação

Belkiss S. Carneiro de Mendonça



Nos últimos dias, recebi telefonemas de amigos que desejavam saber a que premiação estaria eu concorrendo. Agradeço a longa história do Prêmio Nacional Jorge Armando de Literatura & Arte e como nele me vi inscrita. O Governo da Bahia criou-o em 2001 para homenagear o escritor e incentivar talentos especiais. A cada ano, o prêmio é destinado a um dos seguintes setores: literatura, cinema e vídeo, dança, teatro, música e artes plásticas. Foi 2004 dedicado à música erudita, cabendo ao vencedor a maior premiação do Brasil no setor cultural: R\$ 100.000,00.

Meu amigo José Mendonça Teles, que conserva o entusiasmo e as ilusões da juventude, achou que meu nome deveria ser indicado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, do qual é presidente. Tentei dissuadi-lo do intento, mas tal não se deu. No quatriênio assessorado por sua dinâmica chefe de gabinete, Elizabeth Caldeira Brito, foi arnealhando adesões de instituições culturais em torno de minha indicação e somente por acaso me interrei do processo. Dias depois, recebi correspondência da secretaria do certame comunicando-me que, dos 60 nomes inicialmente aprovados, foram selecionados 10, sendo o meu um deles.

Avisarasil! Realmente foi uma grande notícia, pois já me senti premiada por integrar uma lista de compositores, mestres, regentes e pianistas, da mais alta representatividade do cenário musical brasileiro: Edino Krieger, Gilberto Mendes, Iza Nogueira, Isaac Karbachewsky, Joachim Koellreutter, Jocy de Oliveira, John Neschling, Martos Nobre e Nelson Freire. Sem qualquer pretensão, dediquei-me à agradável tarefa de agradecer a José Mendonça a surpresa que me fez e aqueles que a ele se uniram para proporcionar-me esta alegria. No dia 5 de julho, nova comissão julgadora enfrentou a difícil missão de premiar um dos nomes.

A escolha recaiu sobre o maestro Edino Krieger, a quem assim se refere Vasco Mariz, em seu livro *História da Música no Brasil*: "Tornou-se uma das

personalidades da música brasileira, graças à sua obra como compositor e também pela autoridade e eficiência com que exerceu os mais altos cargos administrativos da música no Brasil".

Mostrou-se amigo de Goiânia desde quando aqui comparecia para integrar comissões julgadoras dos Concursos Nacionais de Música. Sendo crítico credenciado do *Jornal do Brasil*, teceu, na década de 70, elogiosos comentários sobre o Coral da UFG e o esplêndido e caloroso público de nossa cidade. Quando exerceu o cargo de diretor do Instituto de Música da Funarte e, depois, de presidente da mesma Fundação, dedicou especial atenção aos assuntos de interesse do Instituto de Artes da UFG, por mim a ele levados.

Ao lado do maestro Alceu Bocchitto, dedicou-se à organização da Orquestra Sinfônica Nelsonist e, na Rádio MEC, angariou muito amigos. Promoveu Bienais Brasileiras de Música Contemporânea no Rio e responsabilizou-se hoje pela preservação do Museu da Imagem e do Som: direção da Sala Cecília Menezes. Nessa amizade prossegue na Academia Brasileira de Música, da qual foi eleito presidente por unanimidade. Ali esteve gestões tranquilas e profícuas, sendo presidido a sessão em que, em 2002, foi empossado na cadeira 17 daquele sobalibô.

No dia 10 de agosto, data do nascimento do escritor Jorge Armando, realizou-se a conferência a premiação no Teatro Castro Alves. Os convites estão sendo expedidos em nome do governador do Estado de Paulo Sabá, para que o laureado receba, além do prêmio, a homenagem do povo da Bahia.